

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

GÉLSAMA MARA FERREIRA DOS SANTOS

MORFOLOGIA KUIKURO:

GERANDO NOMES E VERBOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

2007

GÉLSAMA MARA FERREIRA DOS SANTOS

**MORFOLOGIA KUIKURO:
GERANDO NOMES E VERBOS**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Doutorado em lingüística

**Orientador:
Prof^a Dr^a Bruna Franchetto**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS**

2007

Gélsama Mara Ferreira dos Santos

MORFOLOGIA KUIKURO: Gerando Nomes e Verbos

Tese submetida ao corpo docente do Departamento do curso de Língua da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutora em Linguística.

Aprovada por:

Prof.^a. Dr.^a. Bruna Franchetto (MN / UFRJ) - Orientador

Prof.^a. Dr.^a Miriam Lemle (UFRJ)

Prof.^a. Dr.^a. Márcia Damaso Vieira (MN / UFRJ)

Prof.^a Dr.^a Luciana Raccanello Storto (USP)

Prof. Dr. Angel Corbera Mori (UNICAMP)

Prof. Dr. Marcus Antônio Rezende Maia (MN / UFRJ) - suplente

Prof.^a Dr.^a Cilene Rodrigues (UNICAMP) - suplente

Em: / / 2007

Conceito:

Rio de Janeiro

2007

Santos, Gélsama Mara Ferreira dos

Morfologia Kuikuro: Gerando Nomes e Verbos. / Gélsama Mara Ferreira dos Santos.

Rio de Janeiro: UFRJ / FL, 2007.

13, 303p.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro - FL, 2007.

1. Línguas Indígenas Brasileiras. 2. Teoria Morfológica. 3. Lingüística - Tese. I.

Morfologia Kuikuro: Gerando Nomes e Verbos. II. Tese (Doutorado - UFRJ / FL, Departamento de Lingüística).

Dedico esta Tese ao meu pai.

**ama tundagü uheke einhani
eimagükoingo ihatagü uheke einhani**

“eu estou dando os caminhos para vocês
eu estou mostrando os futuros caminhos para vocês”

Jahilá – Aldeia Kuikuro de Ipatse - 10/08/2004

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível com o suporte financeiro, logístico e, principalmente, emocional, dado por Bruna, que me orientou, me deu sua amizade e companherismo.

Aos meus amigos:

Rosana, conselheira, companheira, que sempre me incetivou nos momentos difíceis, te agradeço por tudo.

Betty e Edílson, meus mais novos irmãos.

À minha família, as minhas queridas irmãs, sempre muito prestativas e cheias de carinho. À minha querida mãe e ao meu querido pai.

Aos Kuikuro, em especial ao professor Mutuá e sua família, ao professor Sepé e a Jamaluí, por me ensinarem sua língua.

À Miriam Lemle por me franquear suas preciosas aulas.

À Luciana Storto pela sua amizade, carinho e o seu incentivo no trabalho de pesquisa na Lingüística, sobretudo, com as línguas indígenas.

A Glauber e Carol, pelos bons momentos na ‘Fundação Bruna Franchetto’.

A todos os professores do Curso de Doutorado em Lingüística da UFRJ.

À CAPES, pela bolsa concedida durante o período do curso de Doutorado.

RESUMO

Santos, Gélsama Mara Ferreira dos. MORFOLOGIA KUIKURO: Gerando Nomes e Verbos. Orientador: Prof^a Dr^a Bruna Franchetto. Rio de Janeiro, 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2007

Esta Tese tem como objetivos : (i) descrever a formação da Palavra em Kuikuro, a sua estrutura interna, identificando, nela, morfemas lexicais e funcionais, como as Raízes e os categorizadores que geram Nomes e Verbos; (ii) descrever e analisar os processos de nominalização e de verbalização, enfocando, como fio condutor, o comportamento das Classes Morfológicas que atravessam diversos processos flexionais e derivacionais totalmente produtivos, determinando a alomorfia da flexão dos Aspectos do Modo Descritivo, dos Modos Performativos e do Particípio, e a alomorfia de nominalizadores; (iii) aprofundar o estudo do jogo das Classes Morfológicas, diferenciando os processos de condicionamento fonológico dos de condicionamento morfológico; (iv) aprofundar a análise do Particípio (com a estrutura **tü-/ t- Verbo -i/-ti/-si/-acento**) - forma Aspectual identificada por Franchetto (1986) e questão proeminente para os que investigam línguas da família karib - descrevendo a sua morfologia e a sua organização nas Classes morfológicas; (v) retomar a análise da alomorfia dos prefixos detransitivizadores; (vi) abordar a morfologia e a semântica do Tempo no Nome, mesmo se de modo inicial; (vii) entrando na morfologia nominal, apresentar um quadro mais completo dos alomorfes dos prefixos de pessoa, dos prefixos reflexivos e dos sufixos de relação ou dependência ('posse'), estes últimos também moldados pela lógica das Classes Morfológicas. A língua Kuikuro é falada por cerca de 510 pessoas divididas em 3 aldeias situadas na "Terra Indígena do Xingu", estado do Mato Grosso-Brasil. O Kuikuro compartilha com as outras línguas Karib uma enorme produtividade de processos derivacionais, marcados através de formas afixais, em particular as mudanças de valência, nominalizações e verbalizações. A nossa análise se baseia nos princípios da teoria Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993; Harley & Noyer, 1999), por nos permitir descrever a geração de palavras em Kuikuro integrando os fatos morfológicos à sintaxe, com uma relação mais transparente com a fonologia.

ABSTRACT

Santos, Gélsama Mara Ferreira dos. KUIKURO MORPHOLOGY: Generating Nouns and Verbs. Advisor: Dr. Bruna Franchetto. Rio de Janeiro, 2007. Dissertation (Doctorate in Linguistics) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2007

This thesis has as its objectives: (i) to describe the formation and internal structure of the Kuikuro Word, identifying the lexical and functional morphemes, such as Roots and the categorizing morphemes used to generate Nouns and Verbs; (ii) to describe and analyze nominalization and verbalization processes, focusing, as a common thread, on the behavior of the Morphological Classes that permeate diverse and extremely productive inflectional and derivational processes, determining the inflectional allomorphy marking different Aspects of the Descriptive, Performative and Participative Moods, as well as the allomorphy of the nominalizers; (iii) to broaden our understanding of the ‘game’ of the Morphological Classes, differentiating between phonological and morphological conditioning processes; (iv) to extend the analysis of the Participle (having the structure **tü- / t- Verb -i/-ti/-si/-accent**) – an Aspectual form identified in Franchetto (1986) and a preeminent question for those who investigate languages in the Karib family – describing its morphology and organization in the Morphological Classes; (v) to revisit the analysis of the allomorphy of the detransitivizing prefixes; (vi) to offer a preliminary analysis of the morphology and semantics of Tense on Nouns; (vii) within nominal morphology, to present a more complete view of the allomorphy of the person prefixes, of the reflexive prefixes, and of the suffixes marking relationship or dependency (‘possession’), these latter also molded by the logic of the Morphological Classes. The Kuikuro language is spoken by approximately 510 people living in three villages located in the "Xingu Indigenous Park", in the state of Mato Grosso, Brazil. Kuikuro shares with other Karib languages extremely productive derivational processes marked by affixes, in particular those indicating changes in valency, nominalizations, and verbalizations. This analysis is based on the theoretical principles of Distributed Morphology (Halle & Marantz, 1993; Harley & Noyer, 1999), which allows for an in-depth description of word formation in Kuikuro integrating the morphological and syntactic facts with a more transparent relation to phonology.

LISTA DE ABREVIATURAS

1	primeira pessoa	Q	interrogativa
12	primeira pessoa dual inclusiva	N	nasal
13	primeira pessoa plural exclusiva	n	nomezinho
2	segunda pessoa	NEG	negação
3	terceira pessoa	NMLZG	nominalizador genérico
3D	terceira pessoa deítica	PATNR	nominalização de argumento interno
ANA	anafórico	PL	plural
AFF	afirmativo	PTP	particípio
AGNR	nominalização de argumento externo	PNCT	pontual
AL	allativo (-na) (movimento para)	RFL	reflexivo
ASP	aspecto	REL	relacional
BEN	benefactivo	SUBS	substantivizador
C	consoante	TEMP	marcador temporal
CL	classe morfológica	TR	transitivizador
CONT	continuativo	v	verbinho
COP	cópula	V	vogal
CMPL	completude	VBLZ	verbalizador
DES	desinderativo	VP	sintagma verbal
D	dêitico	NP	sintagma nominal
DDIST	dêitico de distância do falante	DIACRÍTICOS	
DPROX	dêitico de proximidade	~ alterna	
DTR	detransitivizador	> ortografia com representação de output fonético	
ENF	enfático	* construção agramatical	
ERG	ergativo	√R – raiz	
ex	sufixo nominal/negação existencial	√RN – raiz nasal	
FIN	finalidade	R - radical	
FUT	futuro		
LOC	locativo		
MO	modificador de objeto		
HAB	habitual		
HIP	hipotético		
HORT	hortativo		
INTL	intencional		
INST	instrumental		
INSTNR	Nomz. instrumental		
IMP	imperativo		

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	Objetivos e Estrutura da Tese	13
1.2	Os Kuikuro: Aspectos Geográficos, Sócio-culturais e Históricos do Sistema Alto-xinguano	18
1.3	A Língua Kuikuro e seus Falantes	20
1.4	A Pesquisa: metodologia, pesquisa de campo, apresentação dos dados	23
1.5	Estudos sobre a língua Karib do Alto Xingu e o Kuikuro	26
1.6	Perfil fonológico e sintático da língua Kuikuro	29
1.6.1	Fonologia e Sistema de Transcrição Ortográfica	29
1.6.2	Sintaxe de uma língua ergativa	31
	CADERNO DE IMAGENS	34

MORFOLOGIA KUIKURO

CAPÍTULO I

	A NOÇÃO DE “PALAVRA”	41
1.1.	As teorias lingüísticas e a formação da PALAVRA	41
1.2.	A Morfologia Distribuída e a formação da Palavra	42

CAPÍTULO II

	AS CATEGORIAS LEXICAIS	48
2.1.	As Categorias Lexicais e as Teorias Lingüística	48
2.2.	A formação da Palavra em Kuikuro	53
2.2.1	A Pessoa	55
2.2.1.1	Os Pronomes Livres	55
2.2.1.2	Os prefixos marcadores de Pessoa e seus paradigmas	59
2.2.1.2.1	A alomorfia dos prefixos marcadores de Pessoa em Nomes, Verbos e Posposições	63
2.2.1.2.2	Quando o prefixo pessoal é ZERO: estratégias paradigmáticas e uma proposta de análise	79
2.2.1.2.3	Prefixos marcadores de Pessoa Genérica	84
2.2.1.2.4	A pessoa reflexiva	88

CAPÍTULO III

	GERANDO VERBOS EM KUIKURO	93
3.1	O Verbo: natureza e estruturas	93
3.2	As Classes Morfológicas	101
3.2.1	As Classes Morfológicas e a Flexão Aspectual	101

3.2.2	As Classes Morfológicas e as outras formas Flexionais.....	114
3.2.2.1	O Modo Habitual.....	115
3.2.2.2	Os Modos Interativos ou Performativos.....	116
3.2.2.2.1	O Modo Imperativo.....	116
3.2.2.2.2	O Modo Hortativo.....	121
3.2.2.2.3	O Modo Intencional.....	125
3.2.3	Outras Formas Verbais no jogo das Classes Morfológicas.....	127
3.2.4	Síntese.....	129
3.3	Categorizadores Verbais.....	130
3.3.1	Verbos Produzidos por $\sqrt{\text{Raiz}}$ +Categorizador Verbal Fonologicamente Nulo e suas Classes Flexionais.....	130
3.3.2	Verbos Formados por NOME + Categorizadores Verbais Fonologicamente Realizados.....	132
3.3.2.1	Formação de Verbos Intransitivos.....	135
3.3.2.1.1	Os verbalizadores tuN (tsuN), nguN (nhuN).....	135
3.3.2.1.2	O verbalizador ti (ⁿdi).....	140
3.3.2.1.3	O verbalizador hege	141
3.3.3.2	Formação de Verbos Transitivos.....	141
3.3.3.2.1	Os verbalizadores te (tse) (ⁿde).....	141
3.3.3.2.2	Os verbalizadores gi e tsi	145
3.3.3.2.3	O verbalizador ha (^mba).....	145
3.3.3.2.4	Os verbalizadores ki (> tsi) e ke	146
3.3.3.3	Alternâncias de Verbalizadores Transitivo/Intransitivo com o mesmo radical nominal.....	149
3.3.4	Síntese.....	151
3.4	A Morfologia da Transitivity e da Detransitivização.....	151
3.4.1	A Transitivity.....	152
3.4.1.1	A alomorfia do morfema transitivityzador ne	155
3.4.1.2	O Processo de Transitivity e pelo afixo ki	157
3.4.1.3	O Processo de Transitivity com o morfema le	158
3.4.1.4	Síntese.....	158
3.4.2	A Detransitivização.....	160
3.4.2.1	A ‘pessoa’ e o ‘reflexivo’ nos prefixos de detransitivity.....	160
3.4.2.2	Uma análise do processo de detransitivity.....	167
3.5	O DILEMA DO Particípio: o sistema *t-V-ce das línguas Karib e o Kuikuro.....	175
3.5.1	O Particípio Kuikuro.....	178
3.5.1.1	O argumento anafórico no Particípio Kuikuro.....	185
3.6	Síntese.....	188

CAPÍTULO IV

	GERANDO NOMES EM KUIKURO	190
4.1.	A Formação do Nome.....	190
4.1.1	Nomes Primitivos ou Não-Derivados.....	196
4.1.1.1	Nomes Produzidos por $\sqrt{\text{Raiz}}$ +Categorizador Nominal Fonologicamente Nulo.....	196
4.1.2	A Organização do Nome em Classes Morfológicas.....	202
4.1.3	Nomes derivados ou Recategorizados.....	205
4.1.3.1	O sufixo -ne e a formação de Nomes de ‘Evento’.....	208
4.1.3.2	Nominalizações com o sufixo -toho	228

4.1.3.3 Nominalização de Argumento Interno (S, O).....	243
4.1.3.4 A Nominalização Agentiva.....	255
4.1.3.5 Os prefixos de Pessoa nas nominalizações de Argumento Externo e de Argumento Interno.....	261
4.1.3.6 Síntese.....	263
4.1.3.7 Derivando Nomes com -ngo	264
4.1.4 Alguns sufixos Modificadores de Nomes.....	269
4.1.5 Síntese.....	273

CAPÍTULO V

	MORFOLOGIA DE TEMPO	275
5.1	O sufixo -pe : Tempo Passado?.....	276
	5.1.1 -pe nos Nomes.....	276
	5.1.2 -pe com Argumentos sentenciais.....	283
5.2	Um lugar no Passado.....	284
5.3	O sufixo -ingo : Tempo Futuro?.....	286
5.4	Síntese.....	290
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	291
7	BIBLIOGRAFIA	295

1 INTRODUÇÃO

1.1 Objetivos e Estrutura da Tese

A elaboração desta Tese enfrentou dois desafios maiores. O primeiro foi identificar e recortar as peças do verdadeiro ‘quebra-cabeça’ que é a morfologia Kuikuro, que, como veremos, se caracteriza por um imbricado jogo de justaposições de diferentes morfemas nos processos e estruturas de formação de palavras. Este fenômeno é sublinhado por vários dos que estudam línguas da família karib. O segundo desafio foi trabalhar sobre o mesmo objeto de pesquisa – a língua Kuikuro - do orientador, o que pode ser visto e vivido ou como uma vantagem ou como uma séria dificuldade. Assim, passamos momentos angustiantes, em que orientando e orientador se confrontaram diante de análises minuciosas, em que o orientador exibia um claro conhecimentos dos fatos ou descobria desconhecimento jamais suspeitado, em que a exigência de comprovação de fatos ia além dos limites de ambos. Por outro lado, ‘no fim do dia’, ficaram evidentes os ganhos em termos de descobertas e de infindáveis discussões, com um interlocutor que, embora falante não-nativo, possui um certo grau de ‘competência lingüística’, suficiente, por exemplo, para emitir julgamentos de agramaticalidade.

Procuramos articular, sempre que possível, uma descrição cuidadosa dos fatos, generosamente exemplificada, com representações formais ancoradas teoricamente. O leitor pode achar cansativo, se não aborrecedor, ter que gastar tempo no exame de muitos exemplos; consideramos, com convicção, que qualidade e quantidade de dados apresentados é fundamental para oferecer as famosas evidências empíricas e permitir análises alternativas por parte de outros pesquisadores. Os objetivos desta Tese são: (i) descrever a formação da Palavra em Kuikuro, a sua estrutura interna, identificando, nela, morfemas lexicais e funcionais, como as Raízes e os categorizadores que geram

Nomes e Verbos; (ii) descrever e analisar os processos de nominalização e de verbalização, enfocando, como fio condutor, o comportamento das Classes Morfológicas que atravessam diversos processos flexionais e derivacionais totalmente produtivos, determinando a alomorfia da flexão dos Aspectos do Modo Descritivo, dos Modos Performativos e do Particípio, e a alomorfia de nominalizadores; (iii) aprofundar o estudo do jogo das Classes Morfológicas, diferenciando os processos de condicionamento fonológico dos de condicionamento morfológico; (iv) aprofundar a análise do Particípio (com a estrutura **tü-/ t- Verbo -i/-ti/-si/-acento**) - forma Aspectual identificada por Franchetto (1986) e questão proeminente para os que investigam línguas da família karib - descrevendo a sua morfologia e a sua organização nas Classes morfológicas; (v) retomar a análise da alomorfia dos prefixos detransitivizadores; (vi) abordar a morfologia e a semântica do Tempo no Nome, mesmo se de modo inicial; (vii) entrando na morfologia nominal, apresentar um quadro mais completo dos alomorfes dos prefixos de pessoa, dos prefixos reflexivos e dos sufixos de relação ou dependência ('posse'), estes últimos também moldados pela lógica das Classes Morfológicas.

Sabemos que a homofonia de Raízes, presente em Kuikuro, e o fenômeno das Classes Morfológicas são os resultados de processos diacrônicos, como queda de vogais instáveis, redução silábica e assimilação (espraiamento dos traços coronal, labial, harmonia vocálica, fenômenos ainda produtivos em Kuikuro em outros contextos). A análise das Classes Morfológica em Kuikuro nos coloca, contudo, uma questão sincrônica, onde processos morfofonológicos não são mais ativos.

Esta Tese é um desenvolvimento do trabalho iniciado em nossa dissertação de mestrado, intitulada "Morfologia Kuikuro: As categorias "nome" e "verbo" e os processos de transitivização e intransitivização" (Santos, 2002). São retomados, aqui, os

processos de formação dos Verbos, ampliando a sua descrição com a descoberta de novos verbalizadores. Os processos de mudança de valência a partir de morfologia explícita e da alternância de verbalizadores, tópico da dissertação, são agora melhor sistematizados e aprofundados. Nesta Tese, contudo, o leitor encontrará novos tópicos, como veremos ao apresentar a sua estrutura.

Os fatos da língua Kuikuro são interpretados teoricamente, aqui, como na dissertação, à luz das propostas da Morfologia Distribuída (de agora em diante, MD), idealizada por Halle 1990, Halle & Marantz, 1993, 1994; Harley & Noyer, (1999). Estes autores propõem uma arquitetura da gramática em que um único sistema gerativo é responsável tanto pela estrutura da Palavra quanto pela estrutura da Sentença. Adotar este modelo de gramática, na qual a Morfologia interpreta o *output* da derivação sintática, onde a Palavra é o resultado de operações de movimento e concatenação de raízes com feixes de traços morfossintáticos que ocorrem no módulo da Sintaxe, nos proporcionou um melhor entendimento dos próprios fatos. A Hipótese da Inserção Tardia (*Late Insertion*) nos permitiu uma análise ao nosso ver satisfatória da complexa alomorfia existente em Kuikuro, onde há um grande número de morfemas sensíveis aos seus contextos de inserção. Por outro lado, a hipótese da Alomorfia Contextual, para a qual há evidências em Kuikuro, corrobora a Hipótese da Inserção Tardia, reforçando a idéia de que a Morfologia tem o importante papel de interpretar as estruturas sintáticas, não sendo, apenas, um componente pré-sintático que alimenta a Sintaxe. Esta nova arquitetura da gramática nos permitiu uma melhor visão da rica estrutura das palavras Kuikuro e uma maior integração dos fatos morfológicos à sintaxe, permitindo uma relação mais interessante com a fonologia.

Assumimos que em Kuikuro as partes do discurso chamadas de Verbo, Nome e Advérbio são assim identificadas a partir do contexto sintático no qual se encontram. A

Palavra em Kuikuro é resultado da combinação de uma Raiz (\sqrt{R}) com um núcleo funcional definidor de categoria. A palavra verbal consiste de concatenação de \sqrt{R} com um morfema verbalizador, podendo o verbalizador ser fonologicamente nulo ou realizado explicitamente. A palavra nominal também consiste da concatenação de \sqrt{R} com um morfema nominalizador, que pode ser fonologicamente nulo ou realizado.

Estruturamos o trabalho em sete capítulos. O primeiro capítulo é introdutório (e já estamos nele), trazendo, além da explicitação dos objetivos da Tese, informações sobre quem são e onde vivem os povos Karib do Alto Xingu e, em particular, os Kuikuro. No mesmo capítulo, apresentamos em linhas gerais as características da língua Kuikuro no que diz respeito à fonologia, incluindo o sistema ortográfico, e à tipologia sintática, com base nos estudos realizados por Franchetto, desde sua Tese de Doutorado, defendida em 1986, até o presente. O restante dos capítulos constituem o que seria a segunda parte da Tese, a parte central, obviamente: Morfologia Kuikuro. Entre a primeira e a segunda parte, inserimos um caderno de imagens, contendo mapas, fotos e exemplos das bases de dados do Projeto de Documentação da Língua Kuikuro.

No segundo capítulo, imergimos na noção de ‘Palavra’, passando por diferentes visões teóricas, em Lingüística, desse ‘objeto’. Fizemos o mesmo com o o conceito de ‘Categorias Lexicais’. Em seguida, selecionamos os trabalhos de alguns pesquisadores em línguas indígenas da famílias karib, com objetivo de comparar as definições e análises, dadas por esses pesquisadores, às Categorias Lexicais. Neste mesmo capítulo, na seção 2.2, definimos, então, o que consideramos Palavra em Kuikuro dentro do quadro teórico da MD. Destinamos uma seção, com seis sub-seções, para falarmos da ‘Pessoa’. Veremos que, as extremidades, direita e esquerda, da Palavra são ambientes de alta ocorrência de processos morfofonológicos, e, para começarmos a falar da Palavra, consideramos a extremidade esquerda, pela ordem linear da segmentação, a primeira a

ser descrita, apresentando o conjunto de alomorfes dos prefixos marcadores de Pessoa em Nomes, Verbos e Posposições, bem como o conjunto de alomorfes dos prefixos marcadores de Pessoa Genérica.

No capítulo 3, intitulado ‘Gerando Verbos em Kuikuro’, entramos na estrutura da morfologia verbal, identificando o conjunto finito de verbalizadores e as diferentes formas de gerar Verbos. Como já dissemos, este capítulo é o resultado da revisão da nossa dissertação de mestrado (Santos, 2002), cujo tema central foram os processos de transitivização e intransitivização em Kuikuro. Incluimos, agora, novos dados e novos fatos. Optamos por apresentar, em primeiro lugar, a morfologia verbal pelo fato da língua estar organizada em Classes Morfológicas Lexicais, fenômeno que atravessa a maioria dos processos de flexão e de derivação.

O Capítulo 4 discute a estrutura morfológica dos Nomes, o conjunto de nominalizadores e as diferentes formas de gerar Nomes, podendo ser classificados em Nomes ‘primitivos’, que nomeiam entidades do mundo e Nomes derivados, que expressam processo/evento ou resultado. Identificamos, até o momento, cinco morfemas nominalizadores que selecionam radicais nominais ou radicais verbais, produzindo nomes derivados com diferentes significados. Os Nomes primitivos recebem flexão nominal, tradicionalmente chamada de sufixação de marcas de posse ou de relação ou dependência. Esses sufixos são distribuídos em Classes Flexionais Morfológicas, nominais, não sendo possível definir condicionamentos semânticos ou fonológicos, exatamente como acontece com as Classes Flexionais Morfológicas verbais.

No quinto e último breve capítulo desta Tese, intitulado ‘Morfologia de Tempo’, iniciamos uma descrição e uma análise da morfologia de Tempo no sintagma nominal, realizada por dois morfemas que chamamos de “Passado” e de “Futuro”. Chegamos à

conclusão que, de fato, existe, morfológicamente, um modificador do Nome, cujo sentido é, mais propriamente, a de uma negação de existência atual. Diante dos dados kuikuro, propomos que, acima do sintagma nominal podem ser adicionados núcleos funcionais, como Tempo (TP), Número (NumP), Aspecto (AspP), e Relacional (RelP ou AgrP), de modo a dar conta da rica morfologia flexional nominal.

O leitor deve se perguntar, certamente, acerca de duas ausências relevantes: a morfologia de Número e de Negação. A decisão de não incluir estes dois tópicos fundamentais foi tomada com muita relutância e exige uma justificativa. É simples: o tempo foi curto e não nos deixou margem para concluir o tratamento dos dois tipos de Negação (com escopo sentencial e com escopo na palavra), codificados por diversas formas. O tempo foi curto, também, para concluir descrição e análise da complexa expressão da ‘pluralidade’ e da ‘grupalidade’ em Kuikuro, em Nomes e em Verbos, bem como em Posposições. Diante da seara morfossintática kuikuro, definimos um foco e ele delimitou o alcance da Tese, que, como todos sabem, é o ponto final de uma fase, avançada, mas não o ponto final para o conhecimento de uma língua. A morfologia de Tempo e Número nos aguarda, com dois rascunhos prontos para serem desenvolvidos.

1.2 Os Kuikuro: Aspectos Geográficos, Sócio-culturais e Históricos do Sistema Alto-xinguano¹

Os Kuikuro vivem na porção sudeste de uma região conhecida como Alto Xingu. O rio Xingu é afluente do rio Amazonas; desde 1968, seu alto curso faz parte da "Terra Indígena do Xingu" (TIX), com uma área de 22.000 km², situada ao norte do estado do Mato Grosso. A TIX foi demarcada no final dos anos 70 e homologada no início dos anos 90 (ver mapas 2 e 3, no caderno de imagens).

¹ Informações mais detalhadas estão na página do Projeto de Documentação da Língua Karib do Alto Xingu ou Kuikuro, Programa DOBES, em www.mpi.nl/dobes, bem como no verbete ‘Kuikuro’ que consta da Enciclopédia dos Povos Indígenas, em www.socioambiental.org. Os conteúdos das duas páginas de Internet foram elaborados por Bruna Franchetto.

O Alto Xingu é uma espécie de língua de floresta que avança na savana do Brasil central. É uma região de transição entre a floresta das terras baixas amazônicas e a floresta tropical do Brasil central, uma planície circundada por relevos topográficos (Heckenberger, 1996). O Alto Xingu é um universo de águas, percorrido por rios, igarapés e córregos, pontuado por lagoas grandes e pequenas, com terras parcialmente inundadas nos meses da chuva (de dezembro a abril).

Segundo Heckenberger (2001, p. 43), "as ocupações da bacia do Alto Xingu de que se tem notícia se iniciaram por volta de 800-900 d.C". Esse primeiro povoamento, atestado através de pesquisa arqueológica, teria sido de grupos aruák. O etnólogo alemão Karl von den Steinen adentrou a bacia do Alto Xingu no final do século XIX e constatou a existência de vários grupos pertencentes a troncos ou famílias lingüísticas diferentes: quatro etnias de língua Aruak (Mehinaku, Waurá, Kustenau e Yawalapiti), várias aldeias ocupadas por grupos de língua Karib, dois grupos Tupi (Kamayurá e Aweti) e uma etnia falante de uma língua isolada, o Trumai (Steinen, 1888, 1940). Na segunda metade da década de 50 do século passado, alguns grupos tinham desaparecido, como os Kustenau, por causa das epidemias que assolaram o Alto Xingu, e o restante da população tinha sido reduzida a menos da metade daquela calculada por Steinen mais de meio século antes. Nessa região vivem, hoje, etnias ainda representantes dos agrupamentos lingüísticos originais.

Existem, hoje, no Alto Xingu, 10 diferentes grupos étnicos, distribuídos em 14 aldeias. Esses grupos formam uma unidade ecológica, política e cultural, resultado de um longo processo de adaptação de diferentes ondas de migrações a um sistema intertribal e multilíngüe (ver Franchetto, 2001b, para uma visão geral e exaustiva da história lingüística dos povos do Alto Xingu). Tais grupos, que, como dissemos, pertencem aos principais agrupamentos genéticos das Terras baixas da América do Sul

(Karib, Tupi e Aruak), totalizam, hoje, uma população de cerca de 2.442 habitantes (Ricardo & Ricardo, 2006). Existe uma relação dinâmica de trocas e encontros entre os grupos, bem como de conflitos políticos faccionais, mantendo-se as identidades lingüísticas, políticas e territoriais de cada um. A respeito da unidade social xinguana, Dole (2001, p. 65) afirmou: "Se, por um lado, os povos do Alto Xingu interagem como uma unidade social máxima, por outro, nem a interação social, nem as semelhanças culturais implicam necessariamente uma cultura homogênea. Ao contrário, as culturas alto-xinguanas diferenciam-se umas das outras em muitos aspectos materiais, sociais e ideológicos e os próprios participantes atribuem grande valor a essas diferenças." A identidade lingüística, incluindo aquela baseada nas variantes dialetais, é fundamental para demarcar a identidade dos grupos ou etnias membros da sociedade alto-xinguana.

1.3 A Língua Kuikuro e seus Falantes

Meira e Franchetto (2005) propuseram recentemente uma nova classificação das línguas Karib meridionais (Kuikuro-Kalapalo-Nahukwá/Matipú, Arara-Ikpeng, Bakairi), consideradas, até o trabalho dos dois autores, como formando um único ramo. Graças à cuidadosa reconstrução histórico-comparativa, pode-se afirmar, hoje, que existem dois ramos meridionais: de um lado, as línguas Arara-Ikpeng e Bakairi; do outro, a língua Karib do Alto Xingu, com suas variantes (Kuikuro, Kalapalo, Matipú e Nahukwá). As línguas do primeiro ramo são, sem dúvida, mais próximas das línguas karib setentrionais, enquanto a assim chamada 'língua karib alto-xinguana' se distingue por características fonológicas e morfossintáticas únicas.

Os falantes da língua karib alto-xinguana, com suas variantes, constituem um sub-sistema no Alto Xingu. As variantes são: a falada pelos Kuikúro, com uma sub-

variante falada pelos velhos Matipú, e a falada pelos Kalapálo, Nahukwá e as jovens gerações Matipú. O primeiro a classificá-las como pertencentes à família Karib foi Karl von den Steinen (Steinen, 1940), no final do século XIX, com base na comparação de listas de palavras. A fonologia karib alto-xinguana, quando comparada a outras línguas da família, mostra evidência de uma dorsalização articulatória e uma total dissolução de grupos consonantais (Franchetto, 1995A). Tais variantes se distinguem por diferenças lexicais e por diferentes estruturas rítmicas, possuindo a mesma sintaxe. O jogo contrastivo das identidades sócio-políticas dos grupos locais karib se faz com base nas diferentes estruturas rítmicas (prosódicas) que contrastam variantes dialetais: na fala de cada um as palavras dançam com uma música distinta, como dizem os índios (Franchetto, 2001).

A totalidade da população Karib do Alto Xingu, hoje, é em torno de 1000 indivíduos, todos falantes de suas línguas maternas. A existência de falantes de outras línguas - resultado de casamentos intertribais - se limitam à 10%. Os falantes de Português somam 30% da população com vários graus de fluência, sendo que, a maioria de falantes do Português são homens adultos até os 40 anos e jovens; são ainda poucas as mulheres que falam o Português. Diz Franchetto (2001:133):

dada a existência de casamentos intertribais, numa mesma aldeia se encontram indivíduos falantes de línguas distintas; afins “estrangeiros” manifestam um tipo de bilingüismo passivo, já que entendem a língua da aldeia em que estão morando, mas não a utilizam, já que “não se fala a língua do outro”. O português tem sido a língua de contato com o branco ou, mais recentemente, com indivíduos de outras aldeias não-falantes de Karib. O português é falado com um domínio incipiente ou inicial, em graus diferentes de fluência, por indivíduos homens, sobretudo na faixa etária entre 15 e 40 anos. Raras são as mulheres que dominam o português. As crianças não falam português.

De acordo com os dados fornecidos pelos agentes de saúde indígenas, em fevereiro de 2007, a população Kuikuro é de 510 indivíduos, distribuídos em 3 aldeias:

310 na aldeia Ipatse (foto 1); 111 em Ahukugí; 79 vivendo no sítio da antiga aldeia de Lahatuá. Por motivos de casamento, cerca de 50 Kuikuro vivem na aldeia Yawalapiti (Aruak), que se localiza perto da boca do rio Tuatuari.

Nas aldeias Kuikuro existem escolas (foto 4), gerenciadas pelos próprios índios e com professores locais, em que são usadas tanto a língua indígena como o português. Os materiais didáticos são produzidos pelos próprios professores indígenas, com a assessoria de especialistas na área de Antropologia, Lingüística, Ciências, etc. A partir do início dos anos 90, foi sendo elaborada uma ortografia da língua karib alto-xinguana, hoje de uso corriqueiro dentro e fora das escolas. Essa ortografia é o resultado de uma longa fase de discussão entre o lingüista (Bruna Franchetto) e os professores indígenas, a partir da descrição do sistema fonológico, sendo que os próprios índios escolheram os símbolos (grafemas ou letras) para representar não somente elementos fonológicos, como também elementos sub-fonêmicos (por exemplo, os *ouputs* de certos processos morfofonológicos). Utilizamos esta ortografia como base para a transcrição dos dados apresentados nesta Tese.

De acordo com outros dados, repassados pelos responsáveis pela educação escolar, em fevereiro de 2007, a população de estudantes Kuikuro é de 153 indivíduos divididos nas escolas das 3 aldeias: 96 na aldeia Ipatse; 30 em Ahukugí, e 27 na aldeia de Lahatuá. Em 2006, dois jovens Kuikuro concluíram o 3º grau Indígena da Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT), no campus de Barra do Bugres, a 170km de Cuiabá: Mutuá Kuikuro e Sepé Kuikuro. O primeiro optou por uma monografia de conclusão de curso na área de lingüística, especificamente sobre a morfologia do ‘plural’; Sepé Kuikuro, quis analisar os cantos kuikuro, tema entre a lingüística e a antropologia. Em 2005, mais dois jovens kuikuro ingressaram na universidade.

Hoje, a escola está bem integrada ao espaço físico e cultural do povo Kuikuro. Os professores indígenas têm tido um papel muito ativo na política interna e externa de suas comunidades, desempenhando um papel importante na formação da consciência de seus co-aldeões visando autonomia, defesa e gerência de seu território e de suas tradições. Os professores se tornaram, junto com outros Kuikuro, jovens e velhos, os principais consultores do Projeto de Documentação da língua Kuikuro, do qual falaremos logo a seguir.

1.4 A Pesquisa: metodologia, trabalho de campo, apresentação dos dados

A Dra. Bruna Franchetto, minha orientadora, se dedica desde 1976 ao estudo do Kuikuro, abordando e tratando aspectos da fonologia, da morfossintaxe, das tradições orais, dos gêneros de discurso e da arte verbal. Desta experiência resultou uma Tese de Doutorado (1986), diversos trabalhos publicados e inéditos. Franchetto é detentora de um considerável material coletado em campo entre 1976 e 2000 (cadernos de campo com dados elicitados e etnografias, gravações em áudio de elicitación, narrativas e cantos).

No segundo semestre de 1999, a autora desta Tese começou a trabalhar como assistente de pesquisa da que se tornaria sua orientadora nos cursos de mestrado e de doutorado. Iniciei alimentando um banco de dados lexicais utilizando o programa Shoebox 4.0. Em 2001 fui convidada para ser assistente de pesquisa do Projeto "Documentação Lingüística, Histórica e Etnográfica da língua karib alto-xinguana ou Kuikuro" coordenado por Bruna Franchetto, no âmbito do Programa DOBES (Documentação de Línguas em Perigo), apoiado pela Fundação Volkswagen e pelo Instituto Max Planck de Psicolingüística (Nijmegen), responsável, este, pelo

desenvolvimento de programas para o armazenamento e o processamento de dados lingüísticos. O citado Projeto se encerrou, oficialmente, no início do ano de 2007, resultando numa base de dados multimídia e multidisciplinar, chamado de ‘Arquivo Kuikuro’, acessível na web pelo endereço eletrônico www.mpi.nl/dobes. Continuamos, contudo, a alimentar o Arquivo Kuikuro, atividade que, na prática, não tem prazos ou limites. Nossas atividades se concentram no tratamento dos dados digitalizados, no que concerne transcrição, segmentação e glosagem morfológica, tradução e análise sintática. Trata-se de uma enorme quantidade de dados, cujo processamento só é possível utilizando programas (softwares) específicos para transcrição de gravações em áudio (Transcriber), para notação de gravações em vídeo (ELAN, imagem 5) e para a construção de bases lexicais (Toolbox). Hoje a base de dados lexicais Kuikuro contém 3500 entradas e continua crescendo (ver exemplos de entrada, com os campos de informação associados, no caderno de imagens); o Arquivo Kuikuro contém, hoje, 200 ‘sessões’ que constituem uma ampla amostra de todos os gêneros de fala Kuikuro, todas com transcrição, tradução e notas de natureza lingüística e etnográfica, algumas com notação morfológica e sintática e transcrição fonética. Desde os últimos anos, os Kuikuro assumiram o Projeto de Documentação de sua língua em suas próprias mãos: gravações, transcrições e traduções são feitas pelos jovens cinegrafistas e pelos consultores indígenas (fotos 9 e 6).

Entre 2000 e 2006, fizemos seis viagens de campo, no total de um ano e dois meses de permanência entre os Kuikuro. O *corpus* base desta Tese contém dados primários coletados por nós e dados coletados por Bruna Franchetto e por Carlos Fausto, etnólogo do Projeto DOBES.

O trabalho de campo, de fato, tem duas fases: aquela que se realiza em gabinete, junto ao consultor indígena que vem até o pesquisador, muitas vezes na cidade (Rio de

Janeiro), e aquela que se realiza no local de vida dos falantes, a aldeia. Durante a vigência do Projeto de Documentação, tivemos recursos de modo a trazer, várias vezes, diferentes consultores indígenas, da aldeia kuikuro, situada na Terra Indígena do Xingu (MT), até o Rio de Janeiro. Foi uma oportunidade ímpar, inviável quando não se tem subsídios de pesquisa, já que a vinda de um consultor indígena para a cidade implica altos gastos. O trabalho com os Kuikuro no Rio de Janeiro possibilitou avançar na análise dos dados coletados, coletar novos dados, proceder ao demorado e cansativo trabalho de notação das ‘sessões’ digitalizadas. Hoje, graças ao Projeto, conseguimos capacitar sete jovens kuikuro no domínio dos programas de análise lingüística, como Transcriber e Elan (ver fotos 10-14).

A pesquisa de campo na aldeia envolve uma outra lógica. A viagem inicia com a preparação de malas e mochilas, com a organização e cópia do material que será analisado, com a checagem de todo o equipamento que será usado na aldeia. A pesquisa de campo conta com sofisticados equipamentos de gravação de áudio e vídeo de modo a obter boas gravações que possam resultar em arquivos digitais de boa qualidade, inclusive em termos de durabilidade. Na aldeia kuikuro de Ipatse, através de recursos repassados pelo Projeto DOBES e outros recebidos pela Associação Indígena Kuikuro do Alto Xingu (AIKAX), criada em 2002, foi erguida uma pequena construção de alvenaria, fora do círculo das casas, sede da AIKAX e dos projetos de documentação, lingüística e cultural (ver fotos 7 e 8). Ela é o local para tratar de assuntos relacionados aos Brancos, inclusive dos Brancos pesquisadores que aí instalam seus equipamentos e desenvolvem seu trabalho. Em minha última ida ao campo, em novembro de 2006, realizamos cursos de treinamento nos programas Transcriber e Elan para que outros jovens kuikuro possam utilizar essas ferramentas em suas próprias pesquisas. Em todas as etapas na aldeia, auxiliamos os professores nas atividades escolares, que, em troca,

retribuem nos ensinando sua própria língua. Isso nos proporcionou um contato mais intenso com a língua, na medida em que o uso do material de pesquisa como subsídio dentro da sala de aula permite confirmações e correções dos dados.

Os dados que constam desta Tese estão apresentados da seguinte forma: na primeira linha, diferenciada com a fonte ‘times new roman’, tamanho 12 negrito, utilizamos a transcrição ortográfica, com segmentação morfológica, sendo que em alguns casos, ou seja quando necessário, explicitamos a relação entre o *input* e o *output* de processos morfofonológicos; a segunda linha apresenta as glosas de cada morfema (com a mesma fonte, tamanho 10, italizado): a terceira linha contém a tradução utilizando a mesma fonte, tamanho 12, entre aspas. Quando o exemplo é retirado de texto, há a referência ao nome e às linhas da ‘sessão’ (texto) que consta do Arquivo Kuikuro e da qual o dado foi retirado.

1.5 Estudos sobre a língua Karib do Alto Xingu e o Kuikuro

Como já dissemos, a documentação da língua Kuikuro foi iniciada pela Dra. Franchetto em 1976, resultando em tese de doutorado - "Estudo etno-lingüístico de um grupo Karib do Alto Xingu"- defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ em 1986, e uma série de trabalhos publicados e apresentados em eventos científicos, abrangendo estudos lingüísticos, etnológicos e etno-históricos: Ergativity and Nominativity in Kuikúro and Other Carib Languages, (1990); A ergatividade kuikúro (karib): algumas propostas de análise, (1990a.); A ergatividade nas línguas karib: uma hipótese explicativa, (1990b.); O aparecimento dos caraíbas: para uma história kuikúro e alto-xinguana, (1992); A celebração da história nos discursos cerimoniais kuikúro (Alto Xingu), (1993); A

Ergatividade Kuikúro (Karibe): Algumas Propostas de Análise, (1990); Processos Fonológicos em Kuikúro: uma Visão Auto-Segmental, (1995); As línguas Ergativas e a Teoria da Gramática, (1996); Estruturas argumentais em Kuikuro (Karib do Alto Xingu), (2001); Os Povos do Alto Xingu: História e Cultura; (2001); Construção de bases de dados lexicais: O Projeto Kuikuro e o Programa DOBES, (2002); "Natureza dos argumentos e mudança de valência a partir de uma classificação (semântica) dos 'verbos' Kuikuro", (2003); Kuikuro: uma língua ergativa no ramo meridional da família karib (Alto Xingu). Ergatividade na Amazônia I.(2002); Natureza dos argumentos e mudança de valência a partir de uma classificação (semântica) dos 'verbos' Kuikuro. Ergatividade na Amazônia II. (2003); "L'autre du même: parallélisme et grammaire dans l'art verbal des récits kuikuro (caribe du haut Xingu, Brésil".(2003); Coreferentiality in Kuikuro (Southern Carib, Brazil)'ergativité en Amazonie - Ergatividade na Amazônia III. (2004); TAM and Verbal Inflection in Kuikuro (Alto Xingu, Brazil), (2005); "Are Kuikuro Roots Lexical Categories?", (2006).

A maioria dos trabalhos no âmbito da investigação gramatical se situa no quadro da Teoria Gerativa (Fonologia Auto-segmental, Princípios e Parâmetros, Programa Minimalista, Morfologia Distribuída). Todo esse material tem sido fonte de constante inspiração.

Ellen Basso, antropóloga norte-americana, realizou pesquisas entre os Kalapalo, uma das variantes da língua karib do alto Xingu, desde o final dos anos sessenta. É autora de três livros (Basso 1985, 1987, 1995) que contêm uma vasta coletânea de textos Kalapalo, com observações e interpretações extremamente interessantes de fenômenos lingüísticos em seu contexto cultural, tais como evidenciais e partículas epistêmicas, estruturas narrativas, diálogos citados.

Existe uma razoável bibliografia sobre línguas da família Karib, com teses, dissertações, gramáticas e artigos. Destacam-se a descrição gramatical da língua Hixkaryâna, de Derbyshire (1985, 1999); as gramáticas da língua Apalaí de Koehn & Koehn (1986) e do Macuxi de Abbott (1993); a extensa tese de doutorado de Sérgio Meira, uma descrição bastante exaustiva da língua Tiriýó (1999). Pacheco é autor de uma tese de doutorado intitulada "Morfossintaxe do Verbo Ikpeng (Karib)", defendida na UNICAMP (Pacheco, 2001). Ainda sobre a língua Ikpeng, temos duas dissertações de mestrado, também defendidas na UNICAMP (Pacheco, 1997; Campetella, 1997). Ana Carla Bruno (2003) escreveu outra tese de doutorado, defendida na Universidade de Tucson (Texas): "Waimiri Atroari Grammar: Some Phonological, Morphological, And Syntactic Aspects". Por fim, livro de Spike Gildea "*On reconstructing grammar. Comparative Cariban Morphosyntax*" (1998) é uma referência para os todos pesquisadores de línguas Karib.

No livro "Hixkaryana Linguistic Typology" (1985), Derbyshire dedica sete apêndices descritivos à morfologia do nome e do verbo, dividindo-os em três apêndices sobre a morfologia flexional (nome, verbo e locativo) e quatro sobre a morfologia derivacional (formação do radical verbal, formação do nome, formação do advérbio e formação do relator).

No capítulo sobre a família Karib no livro "The Amazonian Languages" (Dixon & Aickhenvald, 1999), sobretudo na parte dedicada à morfologia flexional e à morfologia derivacional, Derbyshire oferece um quadro comparativo dos processos derivacionais e flexionais. Trata-se de um trabalho que constitui um importante material de consulta, já que nele encontramos quadros comparativos de afixos de derivação verbal (mudança de valência, aspecto e mudança de classe de palavra) e de sufixos

nominalizadores. Apesar disso, a síntese de Derbyshire não dá conta da riqueza morfológica, sobretudo derivacional, das línguas Karib, riqueza que ele mesmo enfatiza.

A tese de doutorado de Sérgio Meira, é uma gramática bastante completa da língua Tiriyo, uma obra rica em detalhes sobre a morfologia derivacional e flexional, nominal e verbal. Meira destina três capítulos à descrição da morfologia Tiriyo: o terceiro capítulo é uma introdução à morfologia, ou seja uma visão geral das Classes Morfológicas Lexicais; o quarto capítulo trata somente do nome (derivação, nominalização, flexão); o quinto capítulo trata do verbo, descrevendo a alomorfia das raízes, a derivação, a verbalização e a flexão.

O livro de Spike Gildea, "*On reconstructing grammar. Comparative Cariban Morphosyntax*" (1998), é uma das obras mais completas em termos da comparação no interior da família Karib, contendo uma hipótese de evolução histórica de um sistema nominativo-acusativo para um sistema ergativo-absolutivo, à luz de uma abordagem claramente funcionalista. Para o nosso trabalho, utilizamos especificamente os capítulos I, sobretudo a seção 2 (*The Problem: Different Modern Verbal Systems and Their Synchronic Distribution*), e todo o capítulo II (*The Proto-Carib Verbal and Nominal Systems*).

O mais recente artigo de Meira e Franchetto (2005), "The Southern Cariban Languages and the Cariban Family", é uma reanálise das classificações da família lingüística karib do sul.

1.6 Perfil fonológico e sintático da língua Kuikuro

1.6.1 Fonologia e Sistema de Transcrição Ortográfica

Segundo Franchetto (1995), a língua Karib alto-xinguana é constituída, hoje, de duas variantes dialetais: de um lado, a falada pelos Kuikuro e pelos Matipu, do outro

lado, a falada pelos Kalapálo e Nahukwá. Tais variantes se distinguem por diferenças lexicais e, especificamente, por diferentes estruturas prosódicas, possuindo uma mesma sintaxe. A identidade lingüística é um dos emblemas mais importantes da identidade social dos grupos locais e as diferenças rítmicas (ou melódicas) são índices das identidades dos grupos Karib.

Abaixo apresento o sistema fonológico² da língua Kuikuro a partir de Franchetto (1995 e 2002).

Consoantes:

	Bilabial	Alveolar	Palatal	Velar	Uvular	Glotal
Plosive	p [p] [p'] [ɸ] [ᵐb]	t [t] [t'] [ᵐd]	ʃ	k [k] [k'] [ᵑg]		
Tepe						
Fricative		s [s']				h
Africada		ts				
Lateral		l				
Nasal	n [n] [n']	m [m] [m']	ɲ	ŋ		
Aproximante	w					

O sistema vocálico Kuikuro se caracterizaria, segundo Franchetto (1995), pelos traços de dorsalidade, labialidade e abertura. Apresentamos abaixo o quadro com os segmentos vocálicos e seus traços:

		[+dorsal]	
- aberto	i (i:)	ĩ (ĩ:)	u (u:)
+ aberto	e (e:)	a(a:)	o (o:)
		[+labial]	

Franchetto (1995) não inclui as vogais longas e nasais em seu inventário. Ainda não podemos afirmar se elas são segmentos fonológicos, dados os raros contrastes distintivos e a existência de traço nasal flutuante. Sabemos, também, que não existe a

² Estamos empregando os símbolos do IPA

degeminação descrita por Franchetto (1995) e que o alongamento é também fenômeno ligado à morfologia prosódica. São todos fenômenos cuja investigação está em curso, inclusive através de análise experimental.

Neste trabalho, utilizamos, para a transcrição dos dados, a ortografia elaborada em função da alfabetização em língua indígena e da produção de materiais escritos para as escolas das aldeias. Os sons que não têm correspondentes em português são representados pelas letras que se seguem à direita:

i = ü; tepe uvular = g; ɲ = nh; ŋ = ng; ɳg = nkg

Observe-se que não existe símbolo fonético IPA para o tepe uvular, fonema consonantal Kuikuro; quando precisamos a transcrição fonética deste som usamos o símbolo IPA para a fricativa velar vozeada (ɣ).

A estrutura silábica é (C)V. Não há grupos consonantais em margem inicial de sílaba, nem consoantes em coda silábica. Processos de assimilação são extremamente produtivos nas palatalizações (ou coronalizações), na harmonia vocálica, na pré-nasalização e vozeamento de oclusivas em fronteira de morfemas, determinando a alomorfia de prefixos e sufixos (Franchetto, 1995).

O acento de altura principal geralmente cai na penúltima sílaba da palavra. Sílabas finais pesadas (nasalizadas e ditonguizadas) atraem o acento. A estrutura rítmica constrói troquéus moráicos da direita para esquerda

1.6.2 A sintaxe de uma língua ergativa

A língua Kuikuro é uma língua de núcleo final e ergativa do ponto de vista da tipologia morfossintática (Franchetto, 1986): o argumento com papel temático de Agente é sempre precedido pela posposição (*heke*), quando pronome ou quando nome pleno. Esta manifestação morfológica tem sido tradicionalmente chamada de marca de

Caso Ergativo. O Agente de verbos transitivos é tratado diferentemente do Objeto e do argumento único dos verbos intransitivos, que não recebem nenhuma marca morfológica (Caso Absolutivo). Esse padrão se reitera também na ordem dos constituintes e no vínculo fonológico entre o verbo e os seus argumentos internos (S(ujeito intransitivo) e O(bjeto transitivo)). A estrutura básica de uma sentença em Kuikuro pode ser representada pela fórmula a seguir (Franchetto, 2006: 43-44):

(Y heke) (Z) [XV] (Z) (Y heke)

Sinteticamente, [XV] representa uma unidade sintática, normalmente chamada de SV, onde se estabelece a relação essencial entre um núcleo e seu argumento - S(ujeito) ou P(aciente), em termos tipológicos – com a sua ordem básica e adjacência estrita. (Y**heke**) é o causador (A), argumento externo, ocorrendo após o núcleo [XV], em posição pragmaticamente neutra, ou em primeira posição da sentença, lugar reservado a constituintes focalizados. Z é um elemento crucial da sentença usada como enunciado real: é extremamente raro em dados elicitados, mas freqüentemente ocorre em construções enunciadas em contextos de fala natural e espontânea. Antes ou depois do constituinte nuclear [XV], Z é constituído por dêiticos de proximidade ou distância (do ponto de vista do sujeito do ato de fala) mais o sufixo copular –i; é freqüentemente acompanhado por partículas com valores epistêmicos e aspectuais. O complexo dêitico-cópula parece ocorrer nas fronteiras de um Sintagma de Foco na periferia esquerda da sentença...O complexo dêitico-cópula...é um diagnóstico da fraqueza do que parece ser a flexão verbal; predicados verbais e nominais são, deste ponto de vista, indistinguíveis...a freqüência do complexo dêitico-cópula no discurso sugere que ele codifica a força ilocucionária necessária para realizar a predicação hic et nunc, um tipo de ‘âncora predicativa’ ou de atualização de uma predicação existencial junto com um ato referencial. Sem ele, a predicação é apenas virtual e não passa de uma simples relação.

Vejam-se os exemplos abaixo:

1. **kangamuke iniluN-tagü** > **kangamuke inilundagü**
 criança *chorar- VBLZ-CONT*
 "a criança está chorando"

2. **u-hisuü-gü imbuta-te-lü u-heke**
 1-irmão-REL *remédio-VBLZ-PNCT* *1-ERG*
 "eu dei remédio para meu irmão"

3. **katsogo heke u-inkgaku-lü**
 cachorro *ERG* *1-correr- VBLZ-PNCT*
 "o cachorro me fez correr"

4. **t-umuku-gu imbuta-te-lü isi heke**
RFL-filho-REL remédio- VBLZ-PNCT mãe ERG
 "a mãe deu remédio para seu filho"

Observe-se que na construção (1) o verbo é intransitivo, a ordem dos constituintes é **SV**, com **S** no caso Absolutivo não marcado; em (2) o verbo é transitivo, o Agente é marcado por **heke**, o Objeto está no Caso Absolutivo e a ordem é **OVA**, única possível com Agente pronominal; em (3) e (4) o Agente é um SN nominal pleno, marcado, que pode ocorrer antes ou depois da unidade [XV], verbo e seu argumento interno, resultando nas ordens **OVA** e **AOV**. Pronomes como argumentos internos (S e O/P) estão em distribuição complementar com SN não-pronominais na mesma função. Em Kuikuro, enfim, não há auxiliares.

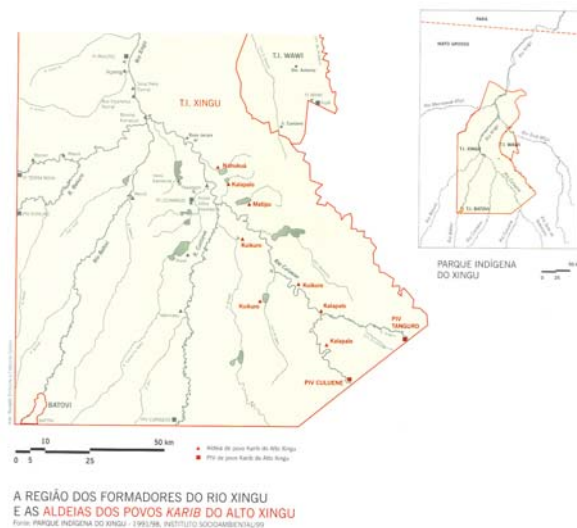
Devemos a Franchetto (1994, 1999, 2006, entre outros trabalhos) várias análises dos aspectos principais da sintaxe Kuikuro, como a descrição do conjunto único de proclíticos marcadores de pessoa, a observação de que a palavra verbal em Kuikuro não apresenta nenhum tipo de concordância explícita e de que a flexão verbal não carrega informações temporais, mas, sim, de natureza aspectual. É deste pano de fundo ou deste ponto que partiu nossa investigação da morfologia Kuikuro.

CADERNO DE IMAGENS



(1) Vista aérea da aldeia kuikuro de Ipatse – Ano 2001 – foto Michael Heckenberger.

(2) Sudeste da Terra Indígena do Xingu
(ISA, 2003)

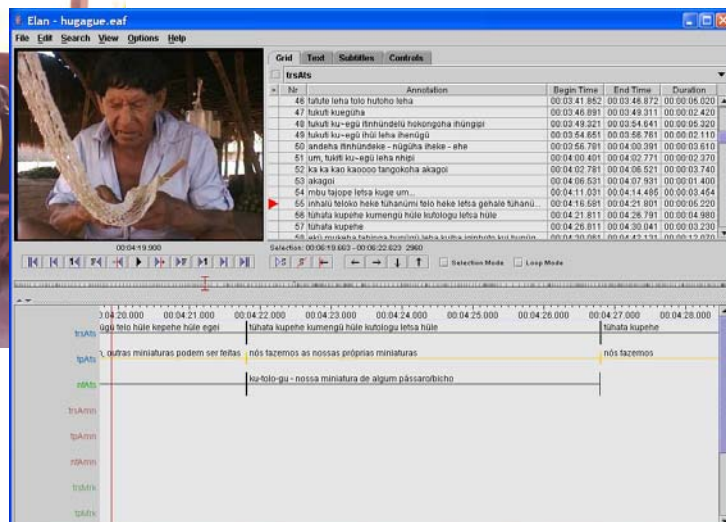


(3) A TIX no Estado de Mato Grosso

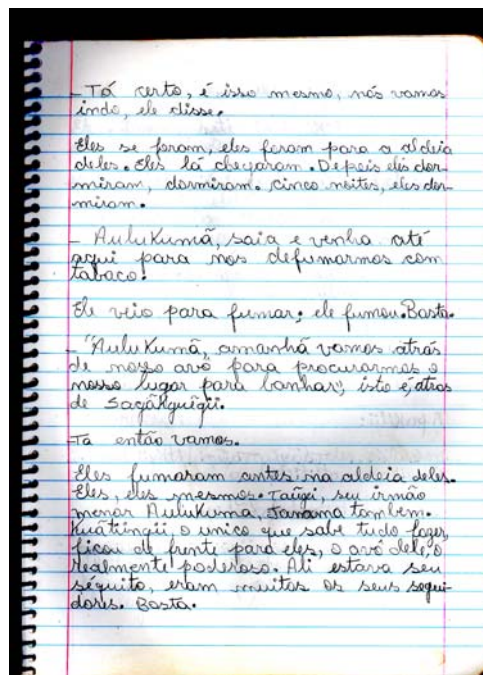
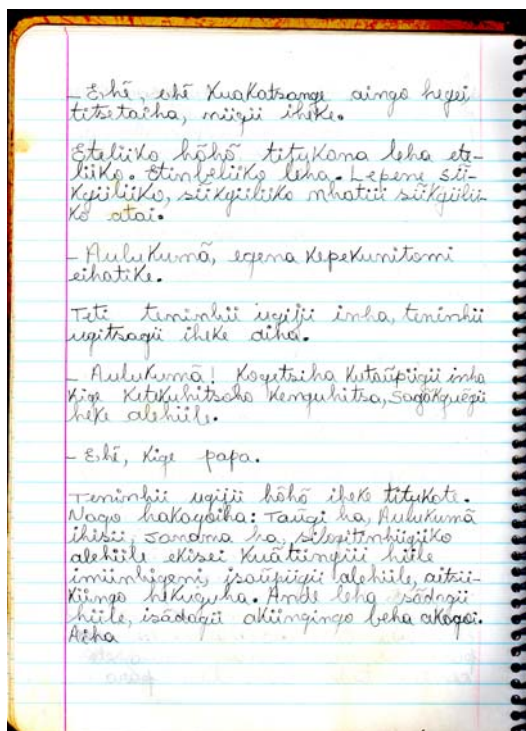
(4) Momento na escola de Ipatse: o Professor Mutuá Kuikuro e alunos. Foto Bruna Franchetto, 2003.



(5) Vídeo anotado com o programa Elan - Sessão hugague.eaf: ensino-aprendizagem da fabricação da bolsa hã, usada para carregar pequi.



(6) Transcrição e tradução de uma sessão de áudio por Jamaluí Kuikuro (2003).



(7) Casa da Cultura e Sede da Associação Indígena Kuikuro do Alto Xingu / AIKAX, 2006 – Foto Mara Santos.



(8) Casa da Cultura e Sede da Associação Indígena Kuikuro do Alto Xingu / AIKAX, 2007 – Foto Carlos Fausto

(9) Jovem cinegrafista kuikuro- Aldeia de Ipatse, 2005 – Foto Vincent Carelli.



(10) Equipe de documentação da língua kuikuro, usando os programas Tranciber e Elan- Casa da Cultura, Aldeia Ipatse, 2006 – Fotos Mara Santos



(12)



(13)



(14)



(11)



**BASE DE DADOS LEXICAIS (DICIONÁRIO KUIKURO):
EXEMPLOS DE ENTRADAS (TOOLBOX)**

\lx inguhe

\entip *Root*

\lc inguhetagü

\m ingu-he-tagü

\mg olho-quebrar/abrir-CONT

\ph [inguhe'tayĩ]

\ps Vt

\sd Social

\brnum I-2-2-37

\gp ensinar

\ge to teach

\xkk kinguheni heke inguhetagü kagaiha ekugu akisüki

\tp a professora (a que nos ensina) está me ensinando a língua do Brasileiro (Branco verdadeiro)

\te the teacher (who teaches us) is teaching me the White's (true White) language

\xkk kangamuke inguhepügü leha uheke

\tp eu já ensinei à criança

\te I have already teach to the child

\xkk inhalü uhunümi uheke inguhenui uheke

\tp eu não sei, eu não sei ensinar para você

\te I don't know, I don't know how to teach you

\xkk ese ipolü lehüle kinguheni kae

\tp ele poderá ser professor

\te he shall be teacher

\xkk ege leha hüle einhügü kinguheni

\tp você tem que ser professor

\te you must be teacher

\gp abrir os olhos

\ge to open the eyes

\xkk utologu inguhelü uheke

\tp eu abri os olhos do meu bicho de estimação (que estava desmaiado)

\te I opened the eyes of my pet (who was unconscious)

\xkk kehege oto heke itão inguhetagü

\tp o pajé está abrindo os olhos da mulher (quando ela está enfeitiçada)

\te the shaman is opening the eyes of the woman (she is bewitched)

\pd Classe Flexional III

\cf tinguhe, tinguenhü (aprendiz)

\dt 20/09/2004 Maricá/Sepé

\lx tinguhe\entyp *Stem*

\lc utinguhetagü

\m ut-inguh-he-tagü

\mg 1DTR-olho-VBLZ-CONT

\ph [utiŋuhe'taỹi]

\ps Vi.der

\sd Social

\gp aprender

\ge to learn

\xkk utinguhetagü nduhe igisüki

\tp eu estou aprendendo (me ensinando) os cantos nduhe

\te I'm learning the nduhe songs

\gp lembrar

\ge to remember

\xkk haki ekugu utepügü atai utinguhelü uhügi kae

\tp quando eu estava longe, lembrei-me da minha flecha

\te when I was far away, I remembered about my arrow

\gp recobrar os sentidos

\ge to recover consciousness

\xkk kangamuke etinguhetagü leha

\tp a criança está recobrando os sentidos (quando ela desmaia por doença)

\te the child is recovering consciousness (when he fainted because of some sickness)

\pd Classe Flexional III

\cf inguhe, tinguhenhü (aprendiz)

\dt 12/10/2004 Sepé/Mutuá

Definição dos principais marcadores dos campos da base lexical Kuikuro:

\lx – lexema

\entyp – tipo de entrada

\lc - forma de citação

\m – segmentação em morfemas

\mg – glosas

\ph -transcrição fonética

\ps - parte do discurso

\sd - domínio semântico

\brnum - numeração de verbos para fins comparativos (entre os projetos DOBES Kuikuro, Aweti e Trumai)

\gp - glosa em português

\ge – glosa em inglês

\xkk - exemplo na língua Kuikuro

\tp - tradução do exemplo para o português

\te - tradução do exemplo para o inglês

\pd – paradigma e Classe Flexional

\cf - referências cruzadas

\dt - data e nomes dos consultores, última atualização

MORFOLOGIA KUIKURO

CAPÍTULO I

A NOÇÃO DE ‘PALAVRA’

1.1 As teorias lingüísticas e a formação da PALAVRA

Em toda a literatura que trata ou utiliza-se do conceito de PALAVRA, a pergunta inicial e recorrente, apenas aparentemente trivial, é: “O que é uma PALAVRA?” (Dixon 2002, Halle & Marantz, 1993; Marantz 2001 e outros). Muitas noções e critérios foram criados para identificar a PALAVRA numa língua. Os diferentes modos de pensar esta unidade de análise ou ontológica revelam a opção teórica adotada pelo lingüista.

O componente ou módulo da Morfologia é alvo de intensas discussões por parte dos lingüistas gerativistas, desde os anos 70, a partir do famoso artigo de Chomsky “Remarks on Nominalization” (Chomsky, 1970), que Marantz (1997:13) diz ser considerado como o lugar de nascimento do Lexicalismo. Em “Remarks on Nominalization”, Chomsky define o Léxico como um repositório de irregularidades da língua, sendo a Sintaxe o ‘lugar’ das relações regulares. Neste contexto teórico, surgiu um grande número de conceitos sobre o Léxico, como um componente ativo da gramática, trazendo diferentes visões sobre a formação da Palavra.

Marantz (2001) recapitula as discussões que giram em torno da formação de Palavra Sintática versus Palavra Lexical, tema que conforma dois grupos. Do primeiro fazem parte os que defendem a Hipótese Lexicalista Forte, extritamente lexicalista, que

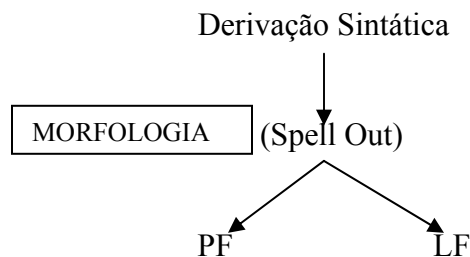
diz que só existe um local para a formação de Palavra, ou seja, toda Palavra é formada no léxico (Lieber (1980), Levin and Rappaport 1986). A Hipótese Lexicalista Fraca caracteriza o segundo grupo. Wasow (1977), assim como Dubinsky e Simango (1996), predizem que há dois lugares para a formação de Palavras, explicando a correlação entre a formação de palavra sintática e lexical: a derivação ocorre no léxico e a flexão na sintaxe.

Passamos, agora, a uma breve apresentação da teoria que guia nosso entendimento da natureza da morfologia e a abordagem dos fatos Kuikuro.

1.2 A Morfologia Distribuída e a formação da Palavra

Para a Morfologia Distribuída (MD), uma teoria não lexicalista, a formação da palavra não é concentrada num único componente da gramática, mas é constituída de operações sintáticas com uma clara interface entre os componentes e distribuídas entre eles. No modelo de gramática adotado pela MD, o léxico é dividido em três componentes:

fig. 01



(Embick, 2004)

Na Derivação sintática existem somente dois tipos de elementos primitivos para a formação de palavras (Raízes e morfemas abstratos), que Harley & Noyer (1998) classificam como morfemas-f(uncionais) e morfema-l(exicais):

(i) morfemas-f: morfemas funcionais são licenciadores dos morfemas-l, determinam a categoria e a interpretação dos morfema-l; são feixes de traços gramaticais sem traços fonéticos (vezinho, Det, traços de passado ou plural), para os quais não há escolhas quanto à inserção vocabular e só têm conteúdo para determinar uma única expressão fonológica; fazem parte de um conjunto de morfemas abstratos da gramática universal.

(ii) morfemas-l: morfemas lexicais, as Raízes, seqüências complexas de traços fonológicos, podendo ter índices abstratos (para distingüir homófonos) e outros diacríticos, como traços de Classes (Embick, 2004), não possuem nenhum traço gramatical, podendo receber vários itens vocabulares nos seus nós terminais. Os morfemas-l são licenciados pelos morfemas-f em certa relação estrutural quando o item de vocabulário é inserido, como por exemplo, ‘nomes’ são licenciados pelo morfema-f, Determinante e ‘verbos’ pelos Verbalizadores.

Os traços que compõem os morfemas abstratos (morfemas-f) são universais, enquanto as Raízes (morfemas-l) são associações de som e significado e fazem parte do conhecimento de uma língua particular (Embick, 2004).

A interpretação das estruturas criadas na sintaxe se dá, por um lado, no componente Morfológico, onde ocorre o preenchimento dos terminais sintáticos com Item de Vocabulário (IV) que têm conteúdo fonológico e também traços sintáticos (categorizadores) e semânticos (interação, diminutivo, durativo, etc.) O IV é a relação entre uma seqüência fonológica (*piece*) e a informação sobre o local onde este *piece* será

inserido. O Item de Vocabulário fornece um conjunto de sinais fonológicos possíveis em uma língua para a expressão de um morfema abstrato (Harley & Noyer, 1995). O IV é caracterizado por três conjuntos de traços: sintáticos, que determinam em qual nó terminal será inserido, fonológicos e um conjunto de traços contextuais (subcategorização de traços). O esquema do Item de Vocabulário é:

sinal \longleftrightarrow contexto de inserção
(exponente fonológico)

Os Itens de Vocabulário competem para se inserirem num mesmo morfema abstrato; no caso de um único morfema abstrato com mais de um expoente fonológico competindo pela inserção, o processo de Inserção de IV estará sujeito ao Princípio do Subconjunto (Halle, 1997) que prediz:

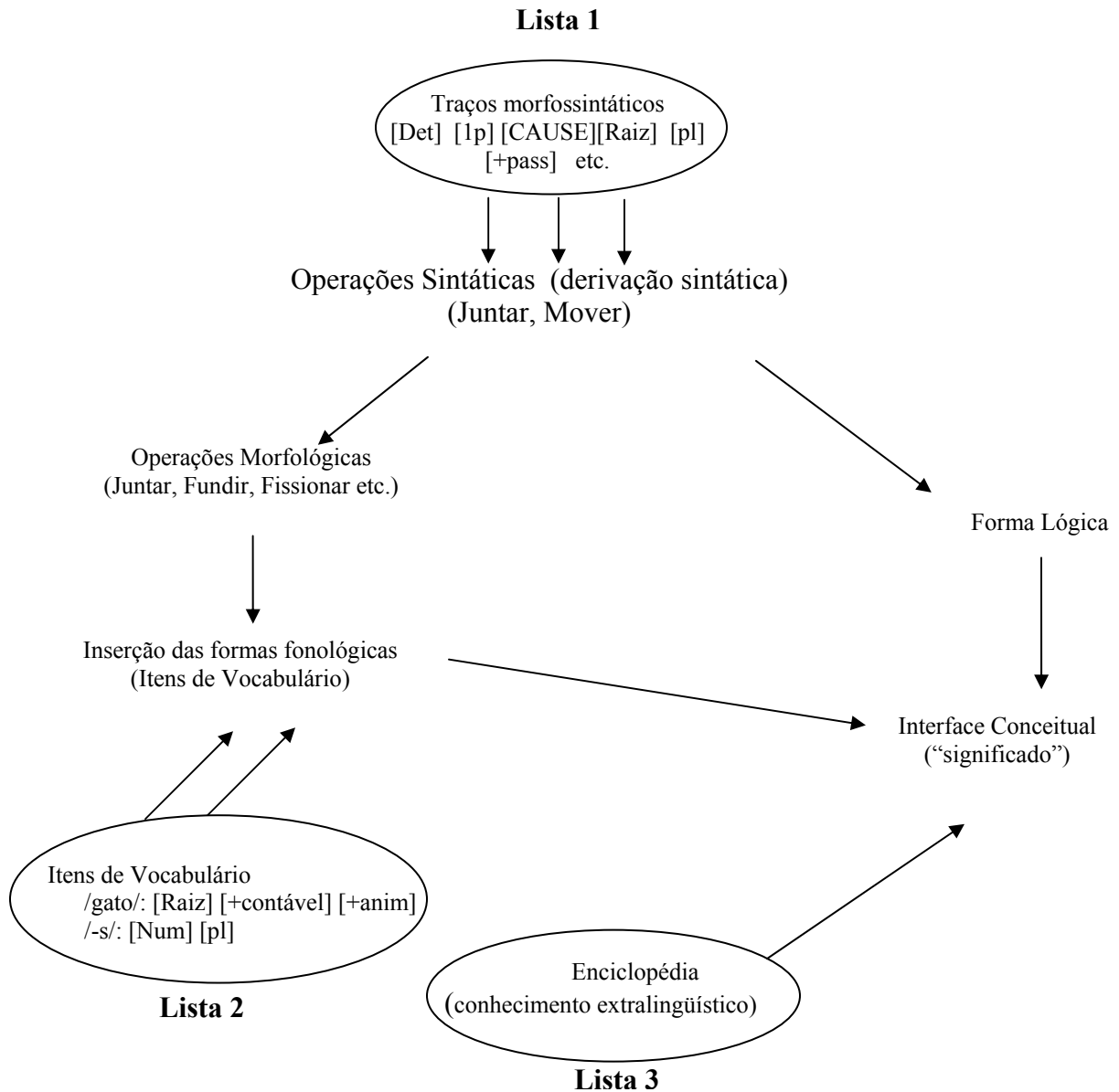
O expoente fonológico de um Item de vocabulário é inserido em um morfema abstrato se ele satisfizer todo ou um subconjunto dos traços especificados no morfema terminal. A inserção não acontece se o item de vocabulário conter traços que não estão presentes no morfema. Onde diferentes itens de vocabulário encontram condições para a inserção, o item que satisfizer o maior número de traços especificados no morfema terminal deve ser o escolhido (nossa tradução).

As três principais hipóteses que dirigem a MD são: Inserção tardia (**Late Insertion**), Subespecificação (**Underspecification**) e Estrutura Sintática Hierárquica *all the way down* (**Syntactic Hierarchical Structure All the Way Down**). (Harley & Noyer:2-3 1999)

- (i) Inserção lexical tardia: a hipótese é de que as expressões fonológicas dos nós sintáticos terminais são preenchidas na forma fonológica, ou seja, as categorias sintáticas são abstratas, sem conteúdo fonológico, obtendo o *status* de expressões fonológicas após a sintaxe. As expressões fonológicas, são inseridas no processo de Inserção Vocabular ou “*Spell-Out*”, que é a junção do Item Vocabular com os morfemas abstratos. É somente após o processamento por regras nos subcomponentes que os nós terminais adquirem conteúdo fonológico, sendo preenchidos pela inserção de expressões fonológicas chamadas de Itens Vocabulares. É o último passo da derivação que ocorre na fonologia.
- (ii) Subespecificação: prediz que o Item Vocabular não precisa estar com todos os seus traços (informações sintáticas, morfológicas e semânticas) completamente especificados para a posição sintática onde será inserido, ou seja, no nó terminal. Ele pode ter informações a mais ou a menos e o que importa é que ele tenha um subconjunto dos traços morfossintáticos do nó no qual ele disputa a inserção. A Inserção do Item de Vocabulário estará sujeita ao Princípio do Subconjunto.
- (iii) Estrutura sintática hierárquica *all the way down*: o mesmo tipo de estrutura (hierárquica e representada por diagramas arbóreos com ramificação binária) caracteriza tanto a morfologia como a sintaxe. Os Itens Vocabulares serão inseridos nos nós terminais de estruturas hierárquicas determinadas pelos princípios e operações da sintaxe. As estruturas hierárquicas podem ser modificadas no componente morfológico por operações morfofonológicas governadas por condições de localidade estritamente sintáticas (movimento sintático de núcleo para núcleo). Nessas operações morfofonológicas pode haver fusão de traços de diferentes nós, divisão, apagamento ou adição de traços simples ou complexos. (tradução nossa)

As funções que são atribuídas ao Léxico, dentro de uma visão teórica lexicalista, na MD estão distribuídas em listas que são acessadas em diferentes estágios da derivação. Abaixo apresentamos a arquitetura da gramática proposta pela MD, mostrando as funções das listas neste modelo.

fig. 02



(Harley & Noyer, 1999)

Lista I – Local onde ocorre a Derivação Sintática, que Marantz chama de (puro)Léxico –

Esta lista contém as Raízes (morfema-l) e os Morfemas Abstratos (morfema-f)

Lista II – Vocabulário – A lista do conjunto de todos os Itens de Vocabulário, com as regras que providenciam conteúdo fonológico aos morfemas abstratos.

Lista III – A Enciclopédia – A lista das informações semânticas que devem ser listadas para cada uma das propriedades da Raiz, ou objetos construídos sintaticamente como as construções idiomáticas.

A lista I é acessada no primeiro estágio da derivação, onde ocorrem as operações sintáticas “Juntar” e “Mover”, manipulando apenas dois tipos de elementos primitivos, Raízes e morfemas abstratos. Em seguida, ocorre o primeiro *spell-out*, ou seja, o resultado de Juntar e Mover é enviado para a Forma Lógica (LF) e para a Forma Fonológica (PF), onde se localiza um conjunto de processos que são relevantes para a formação da Palavra, tais como pequenos movimentos, apagamento de nós, criação de novos nós, apagamento de traço, etc. (Embick, 2004). Processos de reajustes na PF (Forma Fonológica), ou seja, processos morfonológicos, são mínimos e são motivados por princípios particulares de uma língua.

A sintaxe é um sistema gerativo, a PF é um componente interpretativo e as regras que alteram as estruturas sintáticas não são aplicadas livremente, como foi dito acima, mas são motivadas por princípios particulares de uma determinada língua.

Nesse estágio, a lista II é acessada para a inserção dos IVs. Ocorridas todas as inserções, o produto é enviado para a Enciclopédia, onde será acessada a lista dos conceitos específicos da língua, ou seja, os significados idiossincráticos da língua.

Após este breve resumo das idéias principais da MD, nosso quadro teórico, prosseguimos com outras questões teóricas relevantes para o tratamento da Morfologia Kuikuro.

CAPÍTULO II

AS CATEGORIAS LEXICAIS

2.1 As Categorias Lexicais e as Teorias Lingüísticas

Ao analisar a literatura relevante, em teoria da sintaxe, confirma-se que a definição das categorias lexicais é um ponto nevrálgico. A tarefa de definir categorias gramaticais, ou ‘partes do discurso’ (*parts-of-speech*), em uma determinada língua, se torna ainda mais árdua quando nos deparamos com línguas extremamente aglutinantes, com sistemas flexionais complexos, como é o caso da maioria das línguas ameríndias. Somente critérios morfológicos e sintáticos não conseguem nos levar para longe do problema da natureza das categorias lexicais. O debate é aquecido quando surgem diferentes teorias, no palco da lingüística, que se opõem quanto à definição da natureza das categorias lexicais.

Resumindo Baker (2003), apresentamos um quadro com as principais teorias sintáticas que definiram e classificaram, até o momento, as Categorias Lexicais. Ao longo do tempo, vários autores responderam às perguntas relativas à natureza das Categorias Lexicais de diferentes maneiras e a partir de diferentes visões teóricas.

quadro 01- Visões teóricas sobre as Categorias Lexicais:

Gramática tradicional (Dionysius Thrax – <i>Téchne Grammatike</i> (c. 100 BC) (Robins 1989:39)	Gramática Gerativa – Lexicalismo (Chomsky 1970):	Funcionalismo: Hopper e Thompson (1984); Givon (1984)
Palavras flexionadas por Caso (ónoma – nome) e palavras flexionadas por tempo e pessoa (théma – verbo). Nomes significam entidades concretas ou abstratas”; Verbos significam atividades ou processos realizados ou sofridas.	As categorias lexicais se definem pelas combinações de traços distintivos binários: +N, -V = nome -N, +V = verbo +N, +V = adjetivo A categoria Adposição foi definida por Jackendoff (1977, apud Baker, 2003): -N, -V = adposição	As categorias se distinguem pelas propriedades ‘temporais’ das entidades denotadas: verbos denotam eventos dinâmicos; adjetivos denotam estado ou propriedade; nomes denotam coisas.

Representante destacado do modelo grego-romano, fundamento da gramática tradicional, Dionysius Thrax (C. 100 BC, *apud* Baker, 2003) já considerava a evidência flexional para organizar as palavras em categorias distintas. Os gerativistas têm distinguido as categorias lexicais por traços binários distintivos +/- N e +/- V. No âmbito do funcionalismo, para Dixon (1982); Hopper e Thompson (1984); Givón (1984); Langacker (1987); Croft (1991), as categorias lexicais são noções prototípicas, não são discretas, são definidas por critérios ou propriedades semânticas e pragmáticas.

Explicitada essa classificação, muito geral, das concepções relativas à ‘natureza’ das Categorias Lexicais, examinemos alguns trabalhos de referência para observar como pesquisadores que investigam línguas ameríndias, especificamente as que pertencem à família Karib, definem as Categorias Lexicais nas línguas estudadas.

Meira (2002), em “Word Class Systems in Cariban languages”, nos oferece uma visão geral da tipologia das Categorias Lexicais nas línguas Karib. O autor diz que existem, relativamente, poucos trabalhos detalhados sobre o tema, sendo que muitos deles não operam com critérios claros e definidos. Ele cita Hawkins 1998 (Waiwai- Guiana), Amodio & Pira 1996, Abbott 1991 (Makushi ou Macuxi), Hall 1988 (De’kwana- Karib Central), Koehn and Koehn 1986 (Apalaí- Karib Central), Jackson 1972 (Wayana), Gilij 1965[1782] (Tamanaku). Podemos sintetizar no quadro abaixo as características das Categorias Lexicais identificadas e usadas nos trabalhos citados por Meira:

quadro 02 – Tipologia das Categorias Lexicais nas línguas Karib, Meira (2002):

VERBO	NOME	ADVÉRBIO	POSPOSIÇÃO
(i) Grande conjunto de afixos flexionais específicos (pessoa, tempo e número); (ii) um conjunto de afixos derivacionais específicos (para formar nomes e adjetivos); (iii) incorporação de nomes; (iv) a palavra verbal flexionada ocorre como núcleo de VP.	(i) Afixos flexionais marcadores de pessoa; acompanhados por certos elementos morfológicos (partículas, ou sufixos); (ii) diferentes afixos derivacionais de mudança de classe (verbalizadores, adverbializadores); (iii) ocorre no núcleo de um sintagma nominal; (iv) é o primeiro elemento na relação de posse; (v) ocorre junto com posposição para formar um sintagma posposicional; (vi) ocorre junto com a terceira pessoa do verbo transitivo para formar um sintagma verbal.	O advérbio é categoria reconhecida nas línguas Karib, distinguindo-o de adjetivos e outros elementos modificadores de orações, que indicam tempo, locação e circunstância.	A palavra classificada como posposição por Hoff (para Karinya) e Meira (para Tiriyo) corresponde ao que Derbyshire (para Hixkaryana) chama de <i>relator</i> , termo também usado por Koehn & Koehn (1986, para o Apalaí) e por Abbott (1991, para o Makuxi).

Percebe-se que as Palavras são agrupadas em categorias distintas a partir de critérios sintáticos e de evidências morfológicas flexionais. Chama a atenção a inexistência de Adjetivos como Classe Lexical (ou de Palavras); de fato, quase todos, os pesquisadores de línguas ameríndias concordam quanto à dificuldade ou impossibilidade de definir distintivamente essa categoria, sendo que o que nós chamamos de ‘adjetivo’ se comporta ora como verbo, ora como nome.

Passamos para mais uma língua karib, Waimiri Atroari (WA), classificada como Karib Central. Para WA, Bruno (2003) define seis Classes Lexicais: Nomes, incluindo os pronomes, Adjetivos, Verbos, Advérbios, Posposições e Partículas. No quadro abaixo, está um resumo de suas definições de Verbos e Nomes:

quadro 03 – As Categorias Lexicais Nome e Verbo em Waimiri Atroari:

NOMES	VERBOS
(i) associam-se a afixos flexionais, que marcam pessoa; e a afixos derivacionais tais como verbalizadores e adverbizadores; (ii) ocorrem como núcleo de uma frase nominal; ocorrem junto com verbo transitivo para formar um sintagma verbal; (iii) ocorrem na posição de argumento (A, S, O) numa oração.	associa-se a um grande conjunto de afixos flexionais marcando pessoa, tempo, aspecto e modo e um conjunto de afixos derivacionais específicos para formar nomes e advérbios.

Para classificar as Palavras WA em seis Classes Lexicais, Bruno utiliza a mesma tipologia dada por Meira, ou seja, evidências flexionais e sintáticas.

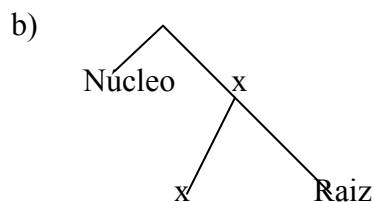
Baker (2003) afirma, justamente, que esta ‘prática’ remonta aos conceitos de Dionísio e que, mais uma vez, os critérios usados não explicam a natureza das Classes Lexicais. De fato, critérios distribucionais nunca podem ser aplicados exhaustivamente e apenas arranham a superfície. O caso Kuikuro é quase exemplar no que concerne a dificuldade de classificar palavras em categorias primitivas, como veremos ao longo da Tese.

Encontramos em Marantz (1997), já no quadro da Morfologia Distribuída, uma crítica contundente e a indicação de um caminho para nós interessante. Ele afirma que os termos tradicionais usados para nomear as assim chamadas ‘Partes-do-Discorso ou da-Fala’, tais como ‘nome’, ‘verbo’ e ‘adjetivo’, não se referem a primitivos universais, mas indicam ‘objetos lingüísticos’ derivados de Raízes não-categorizadas. Acompanhemos

Marantz: as ‘Partes-do-Discurso’ poderiam ser definidas como um tipo de morfema-l (morfema lexical), chamado de Raiz, em certa relação local com um morfema-f (morfema funcional, definidor de Categoria). A concatenação de uma Raiz com um núcleo categorizador é, então, uma composição sintática. Sendo assim, a estrutura interna de uma palavra é gerada pelos mesmos mecanismos de construção de uma estrutura sentencial. É o local de ‘pouso’ do núcleo categorizador que produz diferenças no significado e na pronúncia. Se o núcleo categorizador é afixado diretamente à Raiz, como representado na estrutura em (a), o significado do todo será ‘enviado’ para a Enciclopédia de modo a ser ‘negociado’, o que resultará em um sentido não predizível, indiossincrático:



Se, por outro lado, um núcleo categorizador é concatenado a uma Raiz já categorizada (estrutura em (b)), o significado do todo é composicional (predizível), tendo sido já negociado na Enciclopédia. Neste caso, a Raiz está excluída do alcance do segundo núcleo funcional, o que implica na impossibilidade dela sofrer mudanças fonológicas decorrentes do núcleo mais alto:



Nas palavras de Marantz (2002:12):

Os núcleos funcionais que determinam as categorias sintáticas, “n”, “v” e “a”, determinam a borda de um domínio cíclico, (‘fases’ em Chomsky, 2001). O resultado da combinação de uma raiz com um núcleo categorizador é enviado para a Forma Lógica (PL) e para a Forma Fonológica (PF), ou seja, para a interpretação semântica e fonológica, respectivamente. O significado da raiz, no contexto do categorizador, é negociado usando o conhecimento Enciclopédico. Para os núcleos categorizadores que concatenam acima de uma estrutura já categorizada não há negociação de significado e pronúncia.

Estamos, agora, prontos para o desafio de descrever a formação das Palavras em Kuikuro e de pensá-las enquanto ‘verbos’ ou ‘nomes’, as categorias sobre as quais nós nos concentraremos daqui em diante.

2.2 A formação da Palavra em Kuikuro

Em Kuikuro, as Partes-do-Discurso chamadas de ‘Verbo’ e ‘Nome’ são assim identificadas a partir do contexto sintático no qual se encontram. Consideramos, então, que as Classes Lexicais em Kuikuro são resultados de operações sintáticas e não categorias pré-sintáticas associadas a itens lexicais. Tais Palavras assumem funções nominais ou verbais na sua realização em configurações sintáticas, a partir da combinação de Raízes com categorizadores de Nome e de Verbo. A palavra verbal consistiria, então, de \sqrt{R} +morfema verbalizador, podendo o verbalizador ser fonologicamente nulo ou realizado explicitamente. A palavra nominal consistiria de \sqrt{R} +morfema nominalizador, podendo ser também, fonologicamente nulo ou realizado explicitamente. Assumimos que o ‘vezinho’ causativo/agentivo projeta uma posição de especificador que será preenchida pelo o argumento externo.

Na tipologia clássica dos processos de formação de Palavras, a língua Kuikuro pode ser considerada como sendo marcadamente aglutinante, com Palavras complexas formadas pela justaposição de diferentes morfemas, com fronteiras reconhecíveis entre eles (Anderson, 1987). Gildea (1989) observa que essa é uma característica comum às línguas Karib. Em Kuikuro, encontramos estruturas morfológicas das Palavras verbal e nominal surpreendentemente ricas, graças, sobretudo, a verbalizações e nominalizações, muito produtivas, marcadas através de formas afixais. Prefixos marcam pessoa e mudança de valência (detransitivização e reflexividade). Sufixos marcam, na ordem: mudança de Classe (nominalizações e verbalizações), mudança de valência (transitivização), Modo, Aspecto, Tempo e Número.

Nos capítulos (3 e 4), apresentaremos a formação da Palavra Verbal e Nominal, com uma cuidadosa descrição da morfologia e evidências para considerarmos tais Palavras como resultados de operações sintáticas.

Para começarmos a falar da Palavra em Kuikuro, decidimos enfocar a sua periferia esquerda, onde domina a posição destinada aos argumentos absolutivos (S ou P)³. quando realizados por prefixos pronominais tanto no Nome como no Verbo. Nesta seção descreveremos os Pronomes Livres, com seus traços; e a série única de prefixos pessoais para Nomes e Verbos, incluindo seus alomorfes.

³ S = Sujeito, P = Paciente, A = Agente

2.2.1 A Pessoa

2.2.1.1 Os Pronomes Livres

Os pronomes livres, dêiticos, possuem traços de pessoa e têm as mesmas propriedades sintáticas de um sintagma nominal pleno referencial. Podem ser argumento único absolutivo (interno, S ou P) do verbo, em distribuição complementar com os prefixos pronominais; e podem desempenhar a função de A(gente) de verbo transitivo, uma vez acompanhados pela posposição **heke**. De qualquer maneira, seu uso sempre implica ênfase ou foco. Por outro lado, os pronomes livres dêiticos não compartilham dos afixos que um nome pode carregar (com exceção do de primeira pessoa inclusiva, ver nota 4), mas seu comportamento é praticamente indistinguível do dos SNs:

1	uge	[1]
2	ege	[2]
3	ekise	[3, DDST, + ANIMADO, +VISÍVEL]
3	eekise	[3, DDST, + ANIMADO, + NÃO VISÍVEL]
3	ese	[3, DPROX, +ANIMADO, +VISÍVEL]
3	ige	[3, DPROX, -ANIMADO]
3	ege	[3, DDIST, -ANIMADO]
3	üngele	[3, ANAFÓRICO, +ANIMADO]
3	üle	[3, ANAFÓRICO, -ANIMADO]
13 excl	tisuge/ tsihuge	[1+3 -2]
12 incl	kukuge ⁴	[1+2-3]
2pl	amago	[2, PL]
3pl	akago	[3, PL, DDIST, +ANIMADO]
3PL	ago	[3, PL, DPROX, +ANIMADO]
3pl	ünago/nago	[3, PL, ANAFÓRICO, +ANIMADO]

⁴ Franchetto (1986:59) analisa o significado do termo **kukuge** em dois níveis: – (i) é composto pelo prefixo dual inclusivo **kuk-** e pelo pronome de primeira pessoa singular **uge**, adquirindo o sentido de “nossa gente”; co-ocorrendo com o sufixo pluralizador **-ko** em **kukugeko** indica uma totalidade plural de ‘eu’, a comunidade a qual o falante pertence; (ii) denota a humanidade alto-xinguana em oposição aos “índios” (**ngikogo**) e aos Brancos (**kagaiha**).

Olhando comparativamente as formas dos pronomes livres na família karib, Carlin (2002: 57) monta um quadro dos paradigmas em quatro línguas da família karib (Trio, Wayana, Kari’na e Akuryo):

quadro 04- Pronomes Livres em Trio, Wayana, Kari’na Akuryo:

	TRIO	WAYANA	KARI’NA	AKURYO
1	wĩ(rě)	ĩu/yu	au	wĩ
2	ëmě	ëmě	amo:ro	ëmërě
1+2	kĩmě	kunmě	kĩxko	kĩmërě
3 animado				
próximo	měe	měi	moxko, m:se	me’e
medial	měërě	měklě	mo:kĩ	měkĩrě
distante	ohkĩ	-	-	-
anafórico	něrě	inělē	ino:ro	ně:rě
audível/não visível	měkĩ	-	-	-
1+3	ainja	emna	a’na	anja

Observamos alguns cognatos evidentes das formas Kuikuro: os pronomes livres anafóricos (**ũngele** e (**ũ**)**nago** em Kuikuro); todas as formas de 1a e 2a pessoa (Kuikuro **amago**.para a 2a plural); as formas de 1a inclusiva, com a presença do prefixo dual inclusivo **kĩ(u)-**. Para os dêiticos de 3a pessoa, as correspondências parecem ser inexistentes.

Os pronomes livres de 3a pessoa, em Kuikuro, carregam informações propriamente dêiticas: distância do falante vs proximidade do ouvinte, visível/não-visível, animado/não animado. Observe no paradigma kuikuro acima que, para a 3a singular, temos **ekise** (6), “longe (do falante), animado, visível”, do qual se distingue **eekise** (7), “longe (do falante), animado, não visível”, pelo alogamento da primeira vogal do radical. **Esse** (8) é “perto (do falante), animado, visível”. O traço não-animado caracteriza **ige**, “perto (do falante)” e **ege** (3) “longe (do falante)”. Para a 3a plural temos

as formas: **akago** (5), “longe (do falante), animado, plural”; **ago** (4) “perto (do falante), animado”. Observe-se as formas ‘anafóricas’ de 3a pessoa: **üngele** (10b), “anafórico/animado”; **ünago** (9c), “anafórico/animado, plural”; **üle** “anafórico/não-animado”. Não podemos não notar a presença de **ü(N)** em todas estas formas. Trata-se, a bem dizer, de anafóricos ‘discursivos’, já que o antecedente deve ser encontrado no contexto anterior imediato e não dentro do mesmo domínio sentencial.

Eis abaixo alguns exemplos:

1. **atütü-ha uge-i**
 bom-AFF D1-COP
 “eu sou boa”

2. **uge ili-nhi tatute**
 D1 beber-AGNR tudo
 “eu que bebi tudo/ eu bebedora de tudo”

3. **u-akiti ege**
 1-gostar você
 “eu gosto de você”

4. **Magia hamo-ha ago-i**
 Magia sobrinhos-AFF eles-COP
 “eles são os sobrinhos de Magia”

5. **akago eg-iku-tse-gagü**
 aqueles 2/3DTR-seiva-VBLZ-CONT
 “eles/aqueles estão se pintando”

6. **u-akitingo-ha ekise-i u-ato-i**
 1-gostar-AFF D3DIST-COP 1-amigo-COP
 “eu gosto muito daquele meu amigo”

7. **eekise heke ahu-nügü**
 ele ERG fechar porta-PNCT
 “ele (não presente, não visível) fechou a porta”

8. kagamuke hehugu-lü-ha ese-i

criança gordo/grande-REL-AFF D-COP

“esta criança é gorda (lit. esse é o gordo da criança)”

Os pronomes anafóricos de 3a pessoa precisam, obviamente, de um antecedente para a recuperação de seu referente, como no exemplo a seguir retirado de uma narrativa:

(Kagaiha, linhas 0441, 0444, 0445):

9. inhalü uhu-nümi ngiholo heke kagaiha uhu-nümi

NEG saber-PNCT/NEG antigos ERG Branco saber-PNCT/NEG

“os antepassados não conheciam os Brancos, não conheciam”

9b aimbe gehale

“então de novo”

9c ünago gehale t-itsake-ti i-heke-ni tsük tsük tsük

3D novamente ANA-cortar-PTP 3-ERG-PL id

“eles os (referente mencionado na oração anterior, “antepassados”) mataram também tsük tsük tsük”

No exemplo abaixo, **üngele** tem como seu antecedente um SN referencial pleno expresso no enunciado anterior realizado pelo interlocutor, uma espécie de ‘anaforicidade discursiva dialógica’:

10. ingi-ke-ha e-muku-gu

ver-IMP-AFF 2-filho-REL

“olhe para seu filho!”

10b api-ke üngele

bater-IMP nele

“bata nele!”

2.2.1.2 Os prefixos marcadores de Pessoa e seus paradigmas

Esta seção é dedicada aos prefixos marcadores de Pessoa, com descrição de seus ambientes de ocorrência, paradigmas e alomorfes. Franchetto (1995) analisa os processos fonológicos que acontecem nas fronteiras de morfemas. Retomamos parte do trabalho de Franchetto, adicionando novos fatos obtidos de nossa pesquisa.

Os prefixos marcadores de pessoa ocorrem em Nomes, Verbos e Posposições, como formas reduzidas dos pronomes livres (Franchetto, 1995, 2000). Embora constituam, como já foi dito, uma série única, diferentemente da maioria das outras línguas karib⁵, eles exibem um considerável grau e complexidade de alomorfia, cujos condicionamentos não são sempre claros, resultando em diferentes conjuntos de paradigmas. Nossa análise tem como modelo a MD.

Em Kuikuro os marcadores pronominais podem ser considerados argumentos, já que eles ocorrem em distribuição complementar com sintagmas nominais plenos com a mesma função sintática. Não existe manifestação morfológica de concordância de pessoa, mas, sim, como veremos, de concordância de número com os argumentos absolutivos. Os morfemas marcadores de pessoa são prefixos que ocupam a última posição, a mais

⁵ Franchetto (1986, 1990) compara a série única dos prefixos pessoais kuikuro com as distintas séries existentes em outras línguas karib não-ergativas, ou seja, nominativo-acusativas, mostrando que nestas as formas pronominais são sensíveis a traços relacionais hierárquicos entre argumentos/pessoas. Constata-se o mesmo se olharmos os quadros comparativos elaborados por Derbyshire (1999: 32-33), que relaciona as proto-formas karib reconstruídas por Gildea (1998) com as formas cognatas de algumas línguas nominativo-acusativas da família. Assim, há nestas uma série para as formas A(gente) de verbo transitivo e uma série distinta para as formas P(aciente) de verbo transitivo. A primeira coincide com o conjunto usado para Sa, sujeito de verbo intransitivo ativo; a segunda coincide com as formas usadas para So, sujeito de verbo intransitivo inativo e para Possuidor nos nomes. Além disso, as formas dos prefixos expressam relações hierárquicas, onde a pessoa marcada depende do esquema, sujeito a variações, 1a,2a>3a. Ou seja, se uma 1a A age sobre uma 3a P, o prefixo será a forma para 1A; se uma 3A age sobre uma 1aA, a forma será de 1aP. As línguas karib ergativas, como o Kuikuro e o Macuxi, exibem apenas uma série cognata das formas P (e Possuidor). Uma forma que se mantém constante em todas as línguas karib é a de 1a inclusiva, sempre no alto da hierarquia das línguas não-ergativas, junto com a 1a. Ela é usada em todas as línguas, inclusive em Kuikuro, para 'neutralizar' as relações 1A>2P e/ou 2A>1P.

periférica, à esquerda da palavra nominal (I) e verbal (II) e codificam os argumentos absolutivos (S e O).

I - (Pessoa)+Raiz +NMLZ+(REL)+(PL)

II - (Pessoa)+Raiz +VBLZ+(ASP)+ (PL)⁶

O Plural, concordância com o argumento absolutivo (S ou O), é expresso pela sufixação do Item de Vocabulário **-ko** e seus alomorfes, com traços [número,+ animado].

Eis alguns exemplos:

Com Verbo Intransitivo:

- 11. e-hitsi-lü-ko leha > epitsilüko leha**
3-raspar-PNCT-PL CMPL
 “eles se raspam”

Com Verbo Transitivo:

- 12. e-ingi-lü-ko-ha ege-i kagaiha heke**
2-ver-PNCT-PL-AFF DDIST-COP Branco ERG
 “O(s) Branco(s) viu/viram vocês”

Com Nome:

- 13. kuk-atange-gü-ko**
12-panela-REL-PL
 “nossas panelas”

⁶ Apresento aqui a estrutura básica da palavra nominal e verbal, não incluindo todos os afixos que podem ocorrer em sua expansão máxima. As abreviações são: NMLZ (nominalizador), VBLZ (verbalizador), REL (relacionador), ASP (aspecto), PL (plural). Os parênteses indicam elementos não necessariamente presentes.

O quadro (05) abaixo, apresenta as formas pronominais presas e seus alomorfes; já num primeiro olhar, nossa atenção é provocada pela abundância de formas possíveis e pelo desafio que sua descrição e análise nos lançam.

quadro 05– Formas pronominais prefixadas Kuikuro:

PESSOA	I – RADICAIS INICIADOS POR VOGAL: RV a-, e-, i-, o-, u- ü-	II- RADICAIS INICIADOS POR CONSOANTE: RCa, RCe, RCi, RCo, RCu, RCü
1	u- (ø)	u-
2	e- (a-;o-; ø)	e- (a-;o-; ø)
2PL	e- (a-;o-; ø) ____ -ko/-ni	e- (a-;o-; ø) ____ -ko/-ni
3	i- (ø-) is-, inh-	i-
3PL	inh-, is-, i- ____ -ko/-ni	i- ____ -ko/-ni
1 excl	tis-, tsih-, tsih-, tinh-	ti-, tsi-
1 incl	kuk-, k-	ku-
1PL	kuk-, k- ____ -ko/-ni	ku- ____ -ko/-ni
3 RFL/ANA	t-, tü-	tü; tu-
3GEN	kuk-, ku-, k-	kuk-, ku-, k-

O sufixo de Plural **-ni** ocorre exclusivamente com posposições e indica a não-singularidade do argumento. Assim, o ‘Agente’ (Causa/Fonte) de um verbo transitivo é codificado pelo sintagma posposicional **X heke**, sendo que suas formas pronominais são:

- 14. u-heke**
I-ERG
 “eu”

15. **e-heke**
 2-*ERG*
 “você”

16. **e-heke-ni**
 2-*ERG-PL*
 “vocês”

17. **i-heke**
 3-*ERG*
 “ele”

18. **i-heke-ni**
 3-*ERG-PL*
 “eles”

19. **ti-heke**
 13-*ERG*
 “nós (exclusivo)”

20. **ku-heke > kupehe**
 12-*ERG*
 “nós (dois, inclusivo)”

21. **ku-heke-ni > kupehe-ni**
 12-*ERG-PL*
 “nós todos (inclusivo)”

22. **inhe i-tagü i-heke-ni**
 sapê *pegar-CONT* 3-*ERG-PL*
 “eles estão pegando sapê”

Como se vê, as formas pronominais são os mesmos prefixos da série pronominal única a expressarem o argumento da posposição **heke**, sendo que o sufixo **–ni** indica a pluralização desse mesmo argumento.

A seguir apresentamos uma descrição dos fenômenos decorrentes dos processos morfofonológicos desencadeados pela prefixação dos marcadores pronominais em

radicais verbais e radicais nominais. Baseamo-nos em Franchetto (1995) para a análise de tais processos, com novos dados, novos fenômenos e algumas retificações. A autora desenvolve uma descrição do sistema fonológico Kuikuro e aborda os processos mais recorrentes, como a alternância /p/ ~ /h/, harmonia vocálica e palatalização.

2.2.1.2.1 A alomorfia dos prefixos marcadores de Pessoa em Nomes, Verbos e Posposições

Os pronomes pessoais prefixados a radicais nominais iniciados por vogais ou iniciados por consoantes provocam e sofrem processos fonológicos que alteram as suas formas e as formas dos radicais. Trata-se de processos tais como: assimilação (palatalização ou coronalização, harmonia vocálica), apagamento e alongamento.

Podemos representar a relação entre Itens Vocabulares (pronomes pessoais) e seus respectivos traços formais da seguinte maneira:

/u/	↔	[1p]
/e/	↔	[2p]
/i/	↔	[3p]
/inh/	↔	[3p]
/is/	↔	[3p]
/kuk/	↔	[12p]
/tis/	↔	[13p]
/tisi/	↔	[13p]
/tsih/	↔	[13p]
/tü/	↔	[3p RFL]

Observamos nessa lista uma considerável alomorfia não condicionada por ambiente fonológico dos marcadores de 3a pessoa (3) e de 1a pessoa exclusiva (13). Em outras palavras, o falante tem três opções para a 3a pessoa e três opções para a 1a pessoa exclusiva. Mais adiante, na seção (2.2.1.2.2), descreveremos e exemplificaremos esse fenômeno, oferecendo uma proposta de análise para o problema que ele coloca.

(i) Alomorfia da 1a Pessoa (1)

O prefixo de 1p **u-** não sofre mudanças nem provoca mudanças no radical ao qual é prefixado. Quando acrescentado a radical que inicia por **[u]**, todavia, nota-se o fenômeno de geminação ou morfologia zero:

23. u-upagi-tagü
1-arrotar-CONT
 “eu estou arrotando”

24. u-uã-ø
1-abrigo-REL
 “meu abrigo”

25. ø-ueletu-ø
1-tamanho-REL
 “meu tamanho”

(ii) Alomorfia da 2ª Pessoa (2)

O prefixo marcador de 2ª se realiza em sua forma ‘default’ **e-** ou **a-** / **o-** como *outputs* de processos fonológicos de harmonia vocálica (assimilação total, Franchetto 1995) com certas vogais da sílaba inicial do radical. Neste caso, não temos degeminação como afirma Franchetto (1995: 69). Se o radical inicia com sílaba V contendo **[a]** ou **[o]**, o resultado é uma geminação produzida por assimilação total (espraiamento dos traços [dorsal] e [labial], respectivamente):

/e/ → **[a]** / ____ + **a/ã**

26. **a-ajo-ø**
2-namorado-REL
 “seu namorado”

27. **a-ãgahi-sü**
2-intestino-REL
 “seu intestino”

28. **a-aga-ni (Posp)**
2-igual-PL
 “igual a vocês”

/e/ → **o-** / ____ + **o**

29. **o-otu-ø**
2-comida-REL
 “comida dele”

A 2ª é **ø** em certos casos (idiossincráticos):

30. **ø-ahaju-gu**
2-rádio-REL
 “seu rádio”

31. **ø-eue-gü**
2-enxada-REL
 “sua enxada”

A forma fonológica da 2p se mantém como **e-** nos demais ambientes:

32. **e-enkgü-gü**
2-cheiro-REL
 “seu cheiro”

33. **e-i-gü**
2-árvore-REL
 “sua árvore”

34. **e-uã-ø**
2-abrigo-REL
 “seu abrigo”

Se o radical inicia por consoante, o prefixo de 2p harmoniza novamente com a vogal da primeira sílaba do radical:

/e/ → **a-** / ____ +Ca

35. **a-hamo-ø**
2-sobrinhos-REL
 “seus sobrinhos”

/e/ → **o-** / ____ +Co

36. **o-nho-ø**
2-marido-REL
 “seu marido”

Mantem-se a forma básica **e-** nos demais ambientes: e-Ce, e-Ci, e-Cu, e-Cü:

37. **e-geputu-gu**
2-sujeira-REL
 “tua sujeira”

38. **e-ngikinhütu-ndagü**
 2-fazer beiju-CONT
 “você está fazendo beiju”

39. **e-kundu-gu**
 2-aramadilha-REL
 “tua armadilha”

40. **e-hügi-ø**
 2-pênis-REL
 “teu pênis”

41. **e-gepo (Posp)**
 2-ao lado
 “ao seu lado”

(iii) Alomorfia da 3a Pessoa (3)

O prefixo marcador de 3p se realiza como **i-**, **zero**, **is-**, **inh-**.

Diante de consoante, a forma fonológica de 3p é **i-**⁷:

/i/ **i-** / ____ +C

42. **i-hamo-ø**
 3-sobrinhos-REL
 “sobrinhos dele”

43. **i-piga-gü**
 3-bochecha-REL
 “bochecha dele”

⁷ Ver o item (vi) sobre os processos de palatalização da primeira consoante da raiz desencadeados pelo traço coronal do prefixo de 3a i-.

Se o radical é iniciado por **i**, ocorre geminação da vogal:

/i/ → **i-** / ____ +i

44. i-itu-ø

3-lugar-REL

“lugar dele”

45. i-ingu-gu

3-olho-REL

“olho dele”

46. i-ipüão-ø

3-tias-REL

“tias dele”

A 3p é zero em um conjunto de radicais verbais e nominais iniciados por qualquer vogal. Apresentaremos na seção (2.2.1.2.2) uma análise que nos mostra a lógica paradigmática que envolve a ocorrência desta forma ‘nula’:

47. ø-imbuhi-tsü

3-pêlos-REL

“pêlos pubianos dele”

48. ø-igehumitsumbüngu-ndagü

3-ofegar-CONT

“ele está ofegando”

49. ø-igati-sü

3-lábios-REL

“lábios dele”

50. ø-oku-gu

3-bebida-REL

“bebida dele”

- 51. ø-unha-gü**
3-ventre-REL
 “ventre dela”

Com outro conjunto de radicais iniciados por **i**, a ausência de material fonológico prefixado é acompanhada por um claro alongamento da vogal da segunda sílaba (CV) do radical:

- 52. u-ikene-ø**
1-irmã mais nova-REL
 “minha irmã mais nova”
- 53. ø-ikeene-ø**
3-irmã mais nova-REL
 “irmã mais nova dele/dela”
- 54. u-inhatü-gü**
1-mão-REL
 “minha mão”
- 55. ø- inhaatü-gü**
3-mão-REL
 “mão dela”
- 56. u-inhõmbi-gü**
1-unha da mão-REL
 “minha unha da mão”
- 57. ø-inhõmbi-gü**
3-unha da mão-REL
 “unha da mão dela”

Os morfemas **is-** e **inh-** são alomorfes da 3p que ocorrem diante de radical iniciado por vogal. Sua alternância não parece condicionada por nenhum processo fonológico consistente:

58. inh-angahegu-ø

3-pular-PNCT
“ele pulou”

59. is-ãü-gü

3-piolho-REL
“piolho dele”

60. is-i-gü

3-dente-REL
“dente dele”

61. is-ingi-ni (Posp)

3-atrás-PL
“atrás deles”

Abaixo, há um exemplo de um mesmo radical nominal com a variação livre entre as formas **is-** e **inh-**:

62. inh-ahukugu- lü ~ is-ahukugu-lü

3-panela-REL
“panela dele”

Observe-se que quando **inh-** se prefixa a um radical cuja primeira sílaba contém uma vogal nasal, esta se torna oral. Parece esta uma evidência de que a nasalidade é em Kuikuro um traço suprasegmental, um traço flutuante que pode se associar a consoantes e vogais. De qualquer maneira, resta a fazer uma análise específica da nasalidade, para além dos níveis observacional e descritivo.

63. **u-ãgahi-sü**
1-intestino-REL
 “meu intestino”

64. **inh-agahi-sü**
3-intestino-REL
 “intestino dele”

65. **u-õ-gu**
1-borda-REL
 “minha borda”

66. **inh-o-gu**
3-borda-REL
 “borda dele”

Com raízes nasais (**anguN**) ou que contém segmentos consonantais nasais :

67. **inh-angatü-gü**
3-mama-REL
 “mama dela”

68. **inh-anguN-ø** (> **inhangu**)
3-dançar-PNCT
 “ele dançou”

69. **is-ankge-gü**
3-chocalho-REL
 “chocalho dele”

Nos exemplos 67, 68 e 69 temos Raízes nasais podendo ser prefixadas com as formas de 3a **inh-** ou **is-**. Podemos concluir que estamos diante de uma alomorfia ou ‘livre’ ou não condicionada fonologicamente.

(iv) **Alomorfia da 1ª Pessoa Dual Inclusiva (12)**

O morfema de 1ª pessoa dual inclusiva tem como formas **kuk-** diante de radicais nominais e verbais iniciados por vogal, alternando com a variante reduzida **k-**, e **ku-** diante de consoantes:

kuk / _____ +V

70. kuk-angahegu-ø (Vi)

12-pular-PNCT
“nós pulamos”

71. kuk-egipogu-gu

12-cotovelo-REL
“nossos cotovelos”

72. kuk-atsagi-jü (Vi)

12-gritar-PNCT
“nós gritamos”

k / _____ +V

73. k-agisu-gu

12-bolsa-REL
“nossa bolsa”

74. k-ipoji-tü

12-canela-REL
“nossa canela”

A forma reduzida (**k-**) não foi registrada por Franchetto, em nenhum de seus trabalhos, e é resultado de queda silábica a partir de resilabificação:

ku.ka.gi.sü.gü > **ka.gi.sü.gü**

Ela será retomada quando falaremos do marcador de Pessoa Genérica.

kuk- alterna livremente com **k-** diante de radicais verbais e nominais iniciados por vogal:

75. kuk-eletu-Ø ~ k-ueletu

12-tamanho-REL

“nosso tamanho”

76. kuk-umbü-lü ~ k-umbü-lü (Vi)

12-engasgar-PNCT

“nós nos engasgamos”

Diante de consoante, a forma de 1ª inclusiva é **ku-**⁸:

ku / _____ +C

77. ku-lombi-gü

12-unha do pé-REL

“nossa unha do pé”

78. ku-te-lü-ingo (Vi)

12-ir-PNCT-FUT

“nós iremos”

⁸ “A queda da consoante final dos prefixos **kuk-** (12) e **tis-** (13) diante de Raiz que se inicia por consoante é fato determinado pelas restrições de estrutura silábica do Kuikuro, que não permite nem consoante em coda silábica, nem seqüências consonantais em *onset* silábico. Primeiro, forma-se uma seqüência consonantal, formada por ressilabificação, sendo então bloqueada por não encontrar o contexto para sua efetivação; num segundo momento se aplica a regra que desfaz a seqüência consonantal por ser ela incompatível com a restrição de estrutura silábica Kuikuro (Franchetto, 1995 – 61).

- 79. ku-manage-sü**
12-peneira-REL
 “nossa peneira”

Franchetto (1995), observa que em Kuikuro existe uma restrição rígida de ocorrência da consoante /p/ em posição inicial de palavra, onde se encontra sistematicamente [h]. Ela postula um /p/ subjacente e descreve o processo morfofonológico que ocorre em início de palavra: $p \rightarrow h / \# ___$ ⁹.

Após o prefixo de 1a inclusiva, e somente após ele, se realiza o **p** subjacente, sem que haja processo de debucalização¹⁰:

- 80. haⁿda**
 “pente”

- 80b ku-paⁿda-gü**
12-pente-REL
 “nosso pente”

- 81. i-ha-sü**
3-irmã mais velha-REL
 “irmã mais velha dele”

- 81b ku-pa-sü**
12-irmã mais velha-REL
 “nossa irmã mais velha”

- 82. i-hetuN-tagü**
3-gritar-CONT
 “ele está gritando”

- 82b ku-petuN-tagü (Vi)**
12-gritar-CONT
 “nós estamos gritando”

⁹ “Este resultado é dado pela dissociação do nó supralaringal de /p/; lembramos que /h/ se caracteriza por não ter especificação do nó supralaringal e, conseqüentemente, de ponto-C, mas sim apenas do componente laringal (Clements 1985:244;1991:108). A regra deve ser ordenada antes da aplicação da regra de queda de consoante em coda silábica; isso explica a permanência de /p/ depois do prefixo dual inclusivo *kuk-*, após a ressilabificação forma-se uma seqüência consonantal *kp* que será bloqueada pela restrição de estrutura silábica kuikuro que proíbe seqüências consoantais”. (Franchetto, 1995: 60-61).

¹⁰ processo descrito na nota 14

(v) **Alomorfia da 1ª Pessoa Exclusiva (13)**

O morfema de 1ª pessoa exclusiva tem como formas **tis-** diante de radicais nominais e verbais iniciados por vogal, alternando livremente com **tis-**, **tin-** e **tsih-**, e **ti-**, **tsi** diante de consoante.

Exemplos de radicais iniciados por vogal prefixados com as formas **tis-** **tin-**, e **tsih-** :

83. tis-anguN-ø (Vi) (> tisangu)

13-dançar-PNCT
“nós dançamos”

84. tin-eue-gü

13-enxada-REL
“nossa enxada”

85. tsih-inhantü-gü

13-mão-REL
“nossa mão”

86. t-ĩ-tsü

13-raiz-REL
“nossa raiz”

tis- alterna livremente com **tin-** e **tsih-** diante de radicais verbais e nominais iniciados por vogal:

87. tis-ipu-gu ~ tin-ipu-gu

13-pêlo-REL
“nosso pêlo”

88. tis-ingandzu-ø ~ tsih-ingandzu-ø

13-irmã-REL
“nossa irmã”

89. **tis-ingu-gu ~ tih-ingugu**
13-olho-REL
 “nosso olho”

Em (90), o mesmo radical ocorre com todos os alomorfes na produção espontânea de uma mesma falante:

90. **tis-igü-gü ~ tih-igü-gü ~ tsih-igü-gü**
13-vagina-REL
 “nossa vagina”

As formas **ti-**, **tsi-** ocorrem diante de consoante¹¹:

91. **ti-handa-gü**
13-pente-REL
 “nosso pente”

92. **ti-higü-ø**
13-neto-REL
 “nosso neto”

93. **tsi-hagito-gu**
13-convidado-REL
 “nosso convidado”

94. **tsi-hangango-ø**
13-brinco-REL
 “nosso brinco”

95. **tsi-mingakü-gü ~ ti-mingakü-gü**
13-clitóris-REL
 “nosso clitóris”

Na seção seguinte apresentaremos brevemente os processos fonológicos desencadeados pelos prefixos que contêm a vogal coronal **i** (3p **i-**, 1a exclusiva **ti-**) e que modificam a primeira consoante do radical.

¹¹ processo descrito nota 13

(vi) **Alomorfia de Raiz condicionada por prefixo de pessoa (C)i-**

Apesar de não se tratar de alomorfia da forma pronominal, não podemos deixar de registrar um fenômeno importante associado à 3p e à 13p e analisado por Franchetto (1995): qualquer prefixo com a forma (C)i desencadeia processos de palatalização da primeira consoante do radical:

Franchetto formalizou a regra para os processos de palatalização na seguinte ordem:

t, k	→	ts	
tepe uvular	→	s	/ (C)i + _____
s, l	→	d^j (j)	
n, ng	→	ɲ(nh)	

Exemplos:

k- > ts / i-+__

96. u-kanga-gü
1-peixe-REL
 “meu peixe”

96b i-kanga-gü (> itsangagü)
3-peixe-REL
 “peixe dele”

t->ts / i-+__

97. u-tamüti-sü
1-calcanhar-REL
 “meu calcanhar”

97b i-tamüti-sü (> itsamütisü)
3-calcanhar-REL
 “calcanhar dele”

g > s / i-+ ____

- 98. u-gike-gü**
1-cheiro-REL
 “meu cheiro”

- 98b i-gike-gü (> isikegü)**
3-cheiro-REL
 “cheiro dele”

s-> j/i-+ ____

- 99. u-sogu-ø**
1-tio-REL
 “meu tio”

- 99b i-sogu-ø (> ijogu)**
3-tio-REL
 “tio dele”

l > j /i-+ ____

- 100. u-lakungu-ø**
1-tonozelo-REL
 “meu tornozelo”

- 100b i-lakungu-ø (> ijakungu)**
3-tonozelo-REL
 “tornozelo dele”

n > nh/i-+ ____

- 101. u-nakaga-gü**
1-moleira-REL
 “minha moleira”

- 101b i-nakaga-gü (> inhakagagü)**
3-moleira-REL
 “moleira dele”

ng > nh/i+___

102. u-ngitsü-gü
1-comida-REL
 “minha comida”

102b. i- ngitsü-gü (> inhitsügü)
3-comida-REL
 “comida dele”

Radical iniciado por:

ⁿd > ⁿdz / i+___

taka “armadilha de pesca” (> ⁿ**daka**) (forma possuída)

103. u-ⁿdaka-gü
1-armadilha-REL
 “minha armadilha de pesca”

103b i-ⁿdaka-gü (> iⁿdzakagü)
3-armadilha-REL
 “armadilha de pesca dele”

2.2.1.2.2 Quando o prefixo pessoal é ZERO: estratégias paradigmáticas e uma proposta de análise

Como já foi dito acima, o sistema fonológico das vogais do Kuikuro é formado por seis vogais (a, e, i, o, ü, u) que, segundo Franchetto (1995), se caracterizam pelos traços de dorsalidade, labialidade e abertura. O padrão silábico é (C)V podendo ter uma seqüência de núcleos silábicos V.V ou V geminada (longa) V: . Os *outputs* default dos marcadores pronominais de 1a, 2a e 3a pessoas têm as formas morfológicas: **u-**, **e-** e **is-** respectivamente. Os alomorfes são decorrentes de processos fonológicos, como harmonia

vocálica com assimilação total à primeira vogal do radical nominal ou verbal, ressilabificação, variação livre ou morfológicamente condicionada.

Quando entra em cena o alomorfe zero, 1a, 2a e 3a pessoas participam de um jogo paradigmático, apontando para outros processos além do condicionamento morfofonológico: agrupamentos de radicais com uma evidente regularidade de ocorrência de cada combinação paradigmática.

Observe-se no quadro abaixo as combinações paradigmáticas que envolvem 1p, 2p e 3p, quando uma delas aparece realizada como ZERO:

quadro 06 – Paradigma dos pronomes de pessoa: 1a, 2a e 3a:

PESSOA	I - RADICAIS INICIADOS POR u-	II - RADICAIS INICIADOS POR u-	III- RADICAIS INICIADOS POR i-	IV- RADICAIS INICIADOS POR a-; e-; o-
1	ø-	uu-	u-	u-
2	e-	e-	e-	aa-; ee-; oo-
3	is	ø-	ø-iCVV	ø
13	tis- tsih- tinh-	tis- tsih- tinh-	tis- tsih- tinh-	tis- tsih- tinh-
12	kuk- k-	kuk- k-	kuk- k-	kuk- k-
PL	kuk- ko	kuk- ko	kuk- ko	kuk- -ko

Nas colunas I e II temos exemplos de dois processos de prefixação de pronomes com radicais iniciados pela vogal [u]: neste caso o jogo dos contrastes será entre a 1p e 3p:

Na coluna I, a 1p é ø- e a 3p é is-

104. ø-ueletu-ø

1-tamanho-REL

“meu tamanho”

104b is-ueletu-ø

3-tamanho-REL

“tamanho dele”

Na coluna II, a 1p é **geminada** e a 3p é **ø-**:

105. u-upagi-tagü
1-arrotar-CONT
 “eu estou arrotando”

105b ø-upagi-tagü
3-arrotar-CONT
 “ele está arrotando”

106. u-uã-ø
1-abrigo-REL
 “meu abrigo”

106b ø-uã-ø
3-abrigo-REL
 “abrigo dele”

Nas colunas III e IV, temos dois processos de prefixação de pronomes com radicais iniciados por vogais diferentes: neste caso o jogo dos contrastes será entre 2p e 3p. Na coluna III, radicais iniciados por vogal **i-** recebem a 2p realizada como **e-**, enquanto a 3p é **ø-** mas com alongamento da vogal da primeira sílaba do radical:

107. e-ikene-ø
2-irmão mais nova-REL
 “sua irmã mais nova”

107b ø-ikeene-ø
3-irmã mais nova-REL
 “irmã mais nova dele”

Na coluna IV, com radicais iniciados pelas vogais **a-** **e-** e **o-**, há geminação da vogal para 2p e **ø-** para 3p:

108. a-akene-ø
2-cunhada-REL
 “sua cunhada”

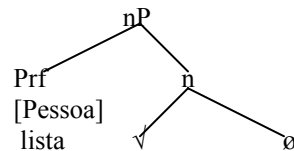
- 108b** **ø-akene-ø**
 3-*cunhada-REL*
 “cunhada dele”
- 109.** **a-agipi-tsü**
 2-*sobrancelha-REL*
 “sua sobrancelha”
- 109b** **ø-agipi-tsü**
 3-*sobrancelha-REL*
 “sobrancelha dele”
- 110.** **o-oto-ø**
 2-*dono-REL*
 “seu dono”
- 110b** **ø-oto-ø**
 3-*dono-REL*
 “dono dele”

Olhando para esse ‘quebra-cabeça’ de formas, que não nos leva a nenhuma pista de condicionamento fonológico, concluímos que essa alomorfia está condicionada a uma espécie de jogo de contrastes entre 1p, 2p e 3p, em determinados grupos de radicais nominais e verbais. Os exemplos deixam claro que as formas fonológicas de 1p, 2p e 3p dependem dos contextos aos quais serão prefixados.

No caso dos alomorfes marcadores de pessoa do Kuikuro, conforme marcado no quadro 06, cada Item Vocabular, além dos seus traços formais de pessoa, será especificado por classe morfológica. Cada item de vocabulário dos marcadores de Pessoa terá uma lista de ambientes nos quais será inserido, sendo que a forma zero é subespecificada (forma *elsewhere*).

Veja-se, abaixo, os IV e seus contextos de inserção (a lista corresponde aos verbos do quadro 6):

/ø/	↔	[1p] / ____ LISTA I
/u/	↔	[1p] / ____ LISTA , II, III e IV
/e/	↔	[2p] / ____ a, e, i, o, u
/is/	↔	[3p] / ____ LISTA I
/ø/	↔	[3p] / ____ LISTA II
/ø/	↔	[3p] / ____ LISTA III – VC.V:
/ø/	↔	[3p] / ____ LISTA IV



No caso de um único morfema abstrato com mais de um expoente fonológico competindo pela inserção, o processo de inserção de Vocabulário estará sujeito ao Princípio do Subconjunto (Halle, 1997), que, basicamente, prediz que o expoente fonológico de um Item de Vocabulário é inserido em um morfema abstrato se ele satisfizer todo os traços ou um subconjunto deles, especificados no morfema terminal. Observemos os IVs no ambiente de verbos da lista I, que iniciam com a vogal [u]: o ‘jogo’ paradigmático distingue a 1p da 3p para não haver ambigüidade entre os dois

marcadores. Note-se, também, que somente na lista I a 3p tem o IV **is-**, estratégia para manter o contraste com a 1p:

/ø/	↔	[1p] / ____ LISTA I
/e/	↔	[2p] / ____ LISTA I
/is/	↔	[3p] / ____ LISTA I

2.2.1.2.3 Prefixos marcadores de Pessoa Genérica

As formas de 1a inclusiva **kuk-**, **ku-** e **k-** assumem valor de Pessoa Genérica, fenômeno que provavelmente não se restringe ao Kuikuro e que poderia ser encontrado em outras línguas da família karib e além delas. Propomos, a seguir, uma interpretação desta ‘extensão’ semântica¹².

Franchetto (2003: 218) organizou no quadro abaixo os traços semânticos [ego], [tu] e [alter] associados às formas pronominais Kuikuro, sejam elas livres ou presas, no espírito da semântica componencial de tradição estruturalista:

quadro 07 – Conjunto dos traços semânticos das formas pronominais:

	EGO	TU	ALTER
1	+	-	-
2	-	+	-
13(excl)	+	-	+
12(incl)	+	+	-
3	-	-	+

Vê-se que a 1a inclusiva é caracterizada por ser [+ego, +tu], ou seja, ela carrega, em uma única forma, os valores das chamadas ‘pessoas verdadeiras’, opostas à 3a, não-pessoa (Benveniste, 1976). Podemos reconhecer a forma inclusiva nos termos **kuge**

¹² Interpretação fruto de discussão com Bruna Franchetto.

“gente, pessoa, humanidade alto-xinguana, humanidade por excelência”, usado para referir-se a todos os alto-xinguanos, e **kukuge**, pronome livre de 1a plural inclusiva, “nós”.¹³ Além disso, a 1a pessoa inclusiva neutraliza, se assim podemos dizer, a distinção entre 1a e 2a pessoa, como fica evidenciado pelo fato de a 1a inclusiva poder expressar a relação 1a Agente sobre 2a Paciente (e/ou viceversa), seja em Kuikuro ou seja em outras línguas karib. Eis o caso do Kuikuro, em que **ku-/kuk-** é usado para 2a Agente sobre 1a Paciente no Modo Imperativo:

111. kuk-inge-ke
12-chamar-IMP
 “me chame!”

Compreender-se-ia, assim, a lógica que conecta a 1a inclusiva à Pessoa Genérica através de um processo de abstração singular e instigante.

Vejamos os contextos de ocorrência. Quando prefixadas a termos inalienáveis, como partes do corpo e termos de parentesco, sem especificação do possuidor, as formas **ku-**, **k-** tornam-se indicadores de ‘possuidor genérico’.

i- Com termos inalienáveis:

112. k-inhatü-gü "mão"
3GEN-mão-REL

113. ku-tapü-gü "pé"
3GEN-pé-REL

¹³ O uso de termos significando ‘nos’ ou ‘gente (de verdade)’ como auto-denominação grupal ou étnica é muito comum nas Terras Baixas da América do Sul e também em outras regiões das Américas e do mundo.

ii- Com verbos intransitivos flexionados no Aspecto Pontual e preenchendo a função de argumento interno (O) ou Objeto sentencial de um verbo transitivo, o marcador de pessoa genérica ocupa o lugar de argumento único (S), como mostra o exemplo (114), contrastando com (115), onde S é expresso por nominal pleno (*tuã*):

114. hototo h-ekise-i [[k-ahi-lü] uhu-toho]

borboleta AFF-D3DST-COP 3GEN-secar-PNCT saber-INSTNR

“a borboleta é aquela que serve para saber da seca/do secar (quando começa a seca)”

115. hototo h-ekise-i [[tuã ahi-lü] uhu-toho]

borboleta AFF-D3DST-COP água secar-PNCT saber-INSTNR

“a borboleta é aquela que serve para saber do secar da água”

Estas formas ocorrem também com radicais verbais intransitivos flexionados no Aspecto Pontual. Na construção do dicionário, nossos consultores Kuikuro se depararam com o uso de formas infinitivas como entradas dos dicionários “dos brancos”. Lançaram mão da forma que, para eles, corresponderia à forma infinitiva do português: verbo flexionado no Aspecto Continuativo e prefixado com **ku-** ou **k-**:

116. ku-püluN-tagü (>kupülundagü) "andar"

3GEN-andar-CONT

117. ku-posiguN-tagü (> kuposigundagü) "sorrir"

3GEN-sorrir-CONT

118. k-atsakü-tagü "correr"

3GEN-correr-CONT

119. k-ije-tagü "nadar"

3GEN-nadar-CONT

É importante registrar que é impossível essa forma ocorrer com radicais transitivos. (120) é um exemplo da tentativa de produzir um ‘infinitivo’ sendo o verbo transitivo, com **k-** em função de Objeto (P):

- 120. *k-agi-tagü (Vt)** “jogar”
3GEN-jogar-CONT

iii- Com nominalizações agentivas¹⁴, o marcador de pessoa genérica desempenha a função de argumento interno/Objeto:

kuk- Diante de radical iniciado por vogal:

- 121. kuk-iN-nhi uge-i**
3GEN-chupar-AGNR 1D-COP
 “eu sou chupador (de alguma fruta)”

Compare-se com a mesma construção, mas com Objeto especificado;

- 121b katuga iN-nhi uge-i**
mangaba chupar-AGNR 1D-COP
 “eu sou chupador de mangaba”

- 122. kuk-e-ni h-ekise-i**
3GEN-matar-AGNR AFF-D3DIST-COP
 “ele é matador (matador de algum bicho)”

Com Objeto explícito:

- 122b kanga e-ni-ha ekise-i**
peixe matar-AGNR-AFF D3DIST-COP
 “ele é matador de peixe”

As formas **kuk-** ~ **k-** alternam livremente também nas nominalizações agentivas:

- 123. kuk-i-ni h-uge-i**
3GEN-brigar-AGNR AFF-1D-COP
 “eu sou brigona (briga com todos)”

¹⁴ Ver nominalização agentiva (4.1.3.4)

123b k-i-ni h-uge-i*3GEN-brigar-AGNR AFF-ID-COP*

“eu sou brigona (briga com todos)”

Ku- ocorre diante de radical iniciado por consoante:**124. itão h-ekise-i ku-ki-nhi h-ekugu***mulher AFF-D3DST-COP 3GEN-ralar-AGNR AFF-verdadeiro*

“aquela mulher é mesmo uma verdadeira raladora (de mandioca)”

125. ku-legiN-ti-nhi uge-i*3GEN-perguntar-PTP-AGNR ID-COP*

“eu sou perguntadora” – (termo usado para denominar jornalista)

Voltaremos às nominalizações agentivas na parte (4.1.3.4).

2.2.1.2.4 A pessoa reflexiva

Os prefixos **t-** (**tü-**, **tu-**) constituem um dos fenômenos mais intrincados e problemáticos não só em Kuikuro, como, nos parece, nas línguas karib em geral. Dados os variados contextos de ocorrência, do ponto de vista sintático, o desafio é responder à pergunta: trata-se de uma mesma forma caracterizada por traço de anaforicidade (ou outro) ou trata-se de mera homofonia/homomorfia? Não temos, ainda, uma resposta definitiva, mas somente pistas a serem exploradas. Aqui descrevemos: (i) a reflexividade mais trivial, onde a anaforicidade é incontestável, ou seja reflexivos nominais e verbais, com coreferência intra-oracional; (ii) a coreferência inter-oracional. Em seguida, remetemos às partes da tese onde os outros domínios de ocorrência dessas formas são apresentados.

Franchetto (2004) analisa a forma de prefixos **t-** (**tü-**, **tu-**) nos ambientes intra e inter-oracionais. A análise a seguir está baseada no referido trabalho.

Em primeiro lugar, as formas em questão são parte do paradigma de marcadores de pessoa, como 3a pessoa reflexiva em Nomes, realizando claramente um traço de anaforicidade (ANA). A forma **tü-** se prefixa a radicais iniciados tanto por consoante quanto por vogal. **t-** só se prefixa a radicais iniciados por vogal. **tu-** é variante condicionada fonologicamente pelo espraçamento do traço [labial] quando antes de radical iniciado por CV[labial].

Vejamos exemplos para cada um desses contextos.

i- Na coreferência intra-oracional, o reflexivo de 3a pessoa ocorre no nome:

126. kajü; heke tü;-hanga-gü itsi-tagü
macaco ERG ANA-orelha-REL morder-CONT
 “o macaco está mordendo a sua própria orelha”

126b kajü; heke i;-hanga-gü itsi-tagü
macaco ERG 3-orelha-REL morder-CONT
 “o macaco está mordendo a orelha dele (outro)”

127. t;-inhatü-gü itsake-nügü i;-heke
RFL-mão-REL cortar-PNCT 3-ERG
 “ele/ela cortou a sua própria mão”

127b *t;-inhatü-gü itsake-nügü u;-heke
ANA-mão-REL cortar-PNCT 1-ERG
 “eu cortei a minha mão”

128. tu;-muku-gu inhamba-tagü itão; heke
RFL-filho-REL alimentar-CONT mulher ERG
 “a mulher está alimentando seu filho”

No exemplo (126) o prefixo **tü-** marca a co-referência do ‘possuidor’ com o argumento **A**, sujeito, de **3p**; no exemplo (126b) a ausência do reflexivo e a presença da **3P i-** indicam que o ‘possuidor’ não é coreferente com o sujeito. No exemplo (127b),

vemos a impossibilidade dessa forma reflexiva marcar co-referência com argumentos A ou S de 1p ou 2p. Em (128) o alomorfe **tu-** é condicionado pelo processo de espraimento do traço [labial] da vogal da última sílaba do radical.

ii- A coreferência inter-oracional.

A subordinação se faz, em Kuikuro, através de nominalização ou adverbialização do verbo dependente. Assim, as construções por nós chamadas de ‘relativas’ se realizam como nominalizações. As ‘relativas’ de S (argumento único de verbo intransitivo) ocorrem como nominalizações de Objeto interno (ver 4.1.3.3). Nos exemplos que seguem, a coreferencialidade liga as palavras em negrito.

Coreferencialidade de S S:

- 129. ngene ekise-i [t- atsaku- nhü]**
animal D3DIST-COP ANA-correr-PATNR
 “este é o animal que corre (corredor)”

Coreferencialidade de A S:

- 130. itão heke Mutua ingi-lü [t-ihî-nhü heke]**
mulher ERG Mutua ver-PNCT ANA-fugir-PATNR ERG
 “a mulher que correu (corredora) viu Mutuá”

Coreferencialidade de O S:

- 131. itão ingi-lü u-heke [t- atsaku- nhü]**
mulher ver-PNCT I-ERG ANA-correr-PATNR ERG
 “eu vi a mulher que correu (corredora)”

- 132. Laualu_i ki-tagü tü_i-katsu-ti-la leha i_i-tsagü**
L. dizer-CONT ANA-trabalhar-PTP-NEG CMPL 3ficar-CONT
 “L. diz que não quer tabalhar mais”

- 133. Laualu_i ki-tagü i_j-ts-atsu-ti-la leha i-tsagü**
L. dizer-CONT 3-trabalhar-PTP-NEG CMPL 3ficar-CONT
 “L. diz que ela (outra) não quer tabalhar mais”

E vejam no contexto com três pessoas conversando:

- Laualu falando direto para Mutuá:

- 134. angi tagi heke e-e-tagü**
Q fome ERG 2-matar-CONT
 “a fome está te matando (você está com fome)?”

-Sepé responde para Laualu que Mutuá está com fome:

- 135. ehe tagi heke tu-e-tagü**
sim fome ERG ANA-matar-CONT
 “sim, a fome está matando-o (ele está com fome)”

Para as outras línguas karib, como o Trio (Tiriyó falado em Suriname), Carlin (2004: 58) analisa o prefixo **tĩ-** como “terceira pessoa coreferencial, usada para marcar um objeto, cuja pessoa é idêntica à pessoa do sujeito da sentença”. O comportamento do prefixo de **tĩ-** em Trio não se diferencia do comportamento do seu cognato em Kuikuro. Vejamos os exemplos abaixo.

Trio:

- (9) (a) **tĩ-papa in-eu-se-wa nai**
3COREF-father 3O-answer-NF-NEG he.is
 he_i didn't answer his_i father (his own.father him-answering-not- he.is)
- (b) **nërë i-papa in-eu-se-wa nai**
he 3POSS-father 3O-answer-NF-NEG he.is
 he_i didn't answer his_j father (someone else's father)

Indo além desses contextos, digamos, banais, de coreferência intra ou inter-orações, encontramos a forma anafórica em situações muito menos claras, se quisermos continuar a chamá-lo de ‘anafórico’. Aí, ele se torna uma espécie de enigma para os que estudam línguas karib. Para nós, continua sendo um desafio em Kuikuro. Não tivemos

outra escolha logística a não ser retomarmos o problema em diferentes partes desta Tese. Assim, a presença do reflexivo nos verbos será assunto da seção 3.4. do Capítulo 3, onde trataremos dos processos de detransitivização. Reencontraremos as formas **tü-** na seção seguinte (3.5), dedicada ao Particípio, e na seção (4.1.3.3) do capítulo (4) que trata das nominalizações de argumento interno.

CAPÍTULO III

GERANDO VERBOS EM KUIKURO

3.1 O ‘Verbo’: natureza e estruturas

Os radicais verbais em Kuikuro são resultado da combinação de uma Raiz, desprovida de categoria sintática, com um núcleo funcional dotado de traços categorizadores verbalizantes ou da combinação de um Nome com um núcleo funcional v. Os verbalizadores ou categorizadores verbais – tratados em detalhes na seção (3.3)- se apresentam fonologicamente realizados ou nulos e carregam traços sintáticos e semânticos:

- 136. akago ajo-tuN-tagü** (> ajotundagü)
D3DISTPL namorado-VBLZ-CONT
 “eles estão namorando”

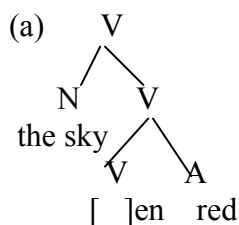
- 137. u- aũguN-tagü** (> uaũgundagü)
I-mentir-CONT
 “eu estou mentindo”

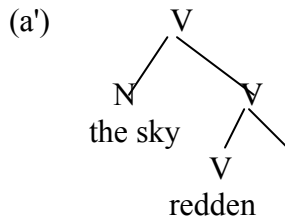
Chamamos os verbalizadores explícitos, como **tuN** no exemplo (136), de ‘verbos leves’ de acordo com o conceito definido por Harley (2001), que os considera tais por não ter conteúdo semântico suficiente para sustentá-los como verbos plenos. Na visão de Marantz (1997), eles são caracterizados como verbos leves pela falta de complexidade semântica e pela sua dependencia sintática de outros elementos, como as Raízes. A falta de propriedade de Raiz desses verbos faz com que eles se apóiem em “Raízes Nomes”

para se realizarem como Verbos, resultando em Verbos complexos, fenômeno recorrente nas línguas naturais.

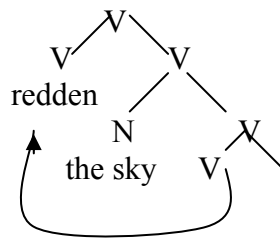
Os fatos Kuikuro podem sugerir que estamos diante de um processo de incorporação nominal e é preciso percorrer brevemente a literatura sobre o tema para esclarecer nossa análise da formação de verbos em Kuikuro a partir de uma Raiz Nome seguida por um ‘verbo leve’ ou categorizador verbal explícito.

Hale & Keyser (1998: 80) definem a geração de verbos a partir de uma raiz mais ‘verbo leve’ como *Conflation*, uma classe específica de incorporação. De acordo com a sua versão do *Head Movement Constraint* (Travis, 1984; Baker 1988), é a fusão de núcleos sintáticos que explica as derivações. Trata-se de uma operação que ocorre no léxico e que não envolve os traços das categorias funcionais. A matriz fonológica do núcleo de um complemento (que pode ser N(nome), A(adjetivo)) é inserida na matriz vazia ou afixal de um outro núcleo, formando uma palavra verbal (verbo denominal, verbo deadjetival). A *conflation* só pode ocorrer entre nós irmãos, o que implica em relação de regência; como dizem Hale & Kayser (1999), não é possível haver *conflation* entre o especificador da projeção principal e o núcleo da projeção estendida. Os autores apresentam as estruturas abaixo para o Inglês como exemplo de *conflation* com morfologia explícita (idem: 79):





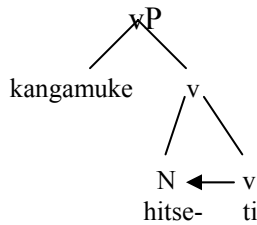
A estrutura em (a) mostra a formação de um verbo através de processo de *conflation* que resulta em um verbo intransitivo de adjetival. Os verbos de adjetivação são caracterizados por morfologia explícita. O alternante transitivo de *redden* envolve uma segunda *conflation*. Em (a'), o verbo derivado sobe para a raiz verbal vazia da construção "the sunset reddened the sky":



Em Kuikuro, os verbos com base nominal são todos formados com morfologia verbalizadora explícita. Nesse grupo, encontramos a maioria dos verbos que descrevem processos corporais: “tossir” **uitongotundagü**; “cuspir” **itakutitagü**; “suar” **hingankgutitagü**; “peidar” **hitsitagü**.

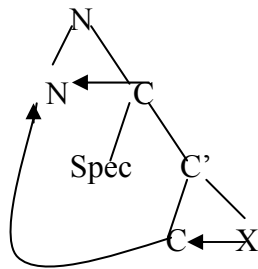
Na estrutura em (a) temos um verbo intransitivo formado pela *conflation* de um Nome com o verbo leve - o morfema **ti** -, ou seja por morfologia explícita, que categoriza como verbo o Nome **itaku** (“cuspe”):

a) Construção intransitiva



- 138. kangamuke itaku-ti-lü**
criança cuspe-VBLZ-PNCT
 "a criança cuspiu"

Para Hale e Keyser, é a relação entre nós irmãos que condiciona o processo de *conflation*; restrições fonológicas operam quando a “rubrica F” (conjunto de traços fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos) de um complemento se funde com a “rubrica F”, defeituosa (morfológicamente vazia ou com afixos), do núcleo chamado de ‘verbo leve’. A estrutura abaixo mostra esta possibilidade de fusão:



Segundo Hale e Keyser (1999), a noção de ‘rótulo’ (conjunto de traços de um núcleo, reconhecido pela sintaxe) pode ser comparada com a evidência indiscutível do princípio da ‘inserção tardia’ da Morfologia Distribuída (Halle e Marantz, 1993). O conceito de ‘rótulo’ não implica que a representação fonológica atual do núcleo seja dada no léxico, já que esta informação depende das relações efetivadas na sintaxe sentencial e, portanto, não disponível nas estruturas projetadas do léxico.

Baker (2003:168) aproxima Incorporação nominal e *Conflation*. O autor define como ‘incorporação pura’ a incorporação no verbo de um Nome referencial, sendo que cada categoria (Nome e Verbo) mantêm sua identidade distinta na sintaxe. A raiz do Nome incorporado deve carregar seu índice referencial e o verbo deve carregar sua grade temática sem violar a RPC (*Reference Predication Constraint*). *Conflation* é descrita por Baker como a situação em que um Nome ou um Adjetivo são incorporados num Pred(icado), um núcleo funcional predicativo. Pred não mantém sua existência independente e a combinação é recategorizada como Verbo. Ou seja, *Conflation* é incorporação antes da inserção lexical, resultando em recategorização.

Para Chomsky (1995), não existem diferenças essenciais entre *conflation* e incorporação, ambos são movimento de núcleo na sintaxe. Hale & Keyser (1998: 81) usam o termo *conflation* apenas para diferenciá-lo de ‘incorporação’ no sentido de Baker (1988), conscientes, todavia, de estarem descrevendo processos tão semelhantes ao ponto de poderem ser considerados um mesmo processo. Para Harley (2001) os verbos *ouput* desses processos são resultados de primitivos morfossintáticos envolvendo um *v* ou verbo “leve” ou um *v*+P(reposição). Harley assim sintetiza a natureza de um verbo leve:

We MAKE Things, we DO Events, and we CAUSE States; the interpretation is wholly dependent on the ontological type of the complement to little *v*. In French, all three English verbs translate the same way: *faire*.

O fenômeno da incorporação nominal foi e continua sendo objeto de muita discussão, centrada, sobretudo, em torno de sua definição enquanto fenômeno lexical ou sintático. Os autores citados acima - Baker, Hale & Keyser, Marantz e Harley – concordam, de qualquer maneira, que se trata de um processo sintático.

Um dos objetivos principais desta Tese é o de definir a natureza dos primitivos morfossintáticos que participam da computação sintática para gerar unidades complexas como Nomes, Verbos e Advérbios. Até o momento identificamos dez verbalizadores sendo que, quatro verbalizadores formam verbos intransitivos e seis verbalizadores formam verbos transitivos, cada um com seus traços formais, fonológicos e semânticos e sintáticos das quais dependem as propriedades temáticas de um Verbo particular. A agentividade, por exemplo, é uma propriedade dos verbalizadores ou verbos leves e não dependem da natureza do elemento Nominal selecionado.

Em Kuikuro todos os Verbos são itens sintaticamente complexos formados de verbalizadores ou verbos leves mais elementos sintaticamente não verbais, ou seja um Nome ou raiz abstrata, os únicos elementos não verbais que podem ocupar a posição sintática de irmão de um verbalizador. Todo processo de formação de um verbo é sintático, ou seja, as partes são geradas separadamente e combinadas na sintaxe. Em Kuikuro temos três tipos de geração da palavra verbal: (i) uma raiz acategorial concatena-se a um núcleo verbalizante v ou verbo leve; (ii) um Nome sem flexão concatena-se a um núcleo verbalizante v ou verbo leve; (iii) um Nome que concatena-se a um verbo pleno, sendo que cada um mantém a sua identidade sintática distintiva, situação definida por Baker como “Incorporação Pura”.

Os verbos kuikuro apresentam as seguintes estruturas:

(a) estrutura verbal:

$[[[\sqrt{R}] v^0] T/Asp]$

$[[[N] v^0] T/Asp]$

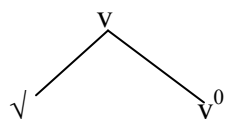
(b) estrutura das camadas flexionais:

(Pr)-(MO)-(DTR)-RAIZ-VBLZ(Tr/Int)-TR-(MOD)-ASP-(PL)-(T)¹⁵

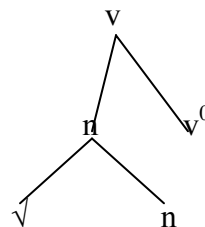
Como vimos, a palavra verbal tem duas formas básicas na MD: (i) verbos formados a partir de um categorizador verbal zero, que se concatena diretamente à raiz, numa projeção baixa, com significado semântico não previsível, indiossincrático; (ii) verbos formados por verbalizadores fonologicamente realizados concatenados a Nomes primitivos e Nomes derivados, resultando em uma raiz verbal complexa com significado composicional.

Representamos suas estruturas em abaixo:

(a) verbos formados $[[\sqrt{R}] \text{ VBLZ}]$



(b) verbos formados $[[N] \text{ VBLZ/V}]$



Os verbos com a estrutura (a) tem o seu significado negociado logo na primeira categorização, ou seja, em v ; todos os processos de recategorização, como as nominalizações, terão semântica composicional. A estrutura (b) representa verbos formados a partir de um radical nominal ao qual é concatenado um verbalizador com fonologia explícita. Neste caso, a negociação semântica se dá no categorizador nominal,

¹⁵ Pr= prefixo pronominal (pessoa); MO=Marcador de Objeto; DTR=detransitivizador; VBLZ=verbalizador transitivo ou intransitivo; TR=transitivizador; MOD=modo; ASP=aspecto; PL=plural; T=tempo.

em **n**; aqui, também, os processos de recategorização nominalizadora terão semântica composicional.

A categoria **v** é objeto de muitas discussões na literatura, como a entre Hale & Keyser (1993), Harley (1995), Marantz (1995), Chomsky (1995) e Embick (2000), entre outros. O propósito último é obter a identificação e a definição mais satisfatórias possíveis de suas propriedades funcionais, como agentividade e causatividade, eventividade e estatividade, licenciamento de argumento externo e Caso.

As propriedades de “**v**” propostas para a análise do Kuikuro estão resumidas no quadro abaixo (Embick, 2000, apud Marvin 2002: 29):

quadro 08– Os traços do **v**(ezinho):

	TRANSITIVO INERGATIVO	PASSIVO	INACUSATIVO
traços do “ v ”	+AG ¹⁶ +EXT	+AG -EXT	-AG -EXT

Em Kuikuro as propriedades dos verbos são reflexos dos diferentes traços do núcleo “**v**” verbalizante e das raízes. A agentividade é uma propriedade do **v** e nunca depende da natureza do elemento Raiz.

Antes de entrarmos no mundo dos categorizadores verbais, é necessário tratar de um aspecto fundamental da morfologia flexional: a existência de Classes Morfológicas Flexionais e como estas organizam os radicais verbais. O alto grau de alomorfia em Kuikuro se dá pelas próprias características aglutinantes da língua. Retomamos, aqui, o trabalho contido em minha dissertação de Mestrado (Santos, 2002), aprofundando-o com base em novos dados.

¹⁶ AG = AGENTE; EXT = EXTERNO

3.2 As Classes Morfológicas

3.2.1 AS CLASSES MORFOLÓGICAS e a Flexão Aspectual

O Kuikuro dispõe de um rico conjunto de morfemas funcionais responsáveis pela flexão aspectual, sendo que o Aspecto é indispensável na formação da palavra verbal no que podemos chamar de Modo Descritivo, não-marcado. Não há, no verbo, uma flexão propriamente de Tempo (*Tense*), com exceção de **–ingo**, um sufixo de última posição (só pode ser seguido pela Cópula **–i**), que glosamos como FUT(uro), que pode ocorrer com verbos e com nomes e que não se submete à lógica das Classes Morfológicas.

Franchetto (2006), afirma que para o Modo Descritivo existem somente três possíveis Aspectos como flexão verbal:

O Aspecto Pontual (PNCT), com sua alomorfia - V-lü (**-nügü/ -nümi , -kügü, -jü e ø**) - é usado para descrever uma ação ou evento como fato instantâneo ou como um ponto sem nenhuma extensão temporal inerente, no presente do evento da fala ou no passado (anterior ao evento da fala). Os próprios Kuikuro dizem que os verbos flexionados com este Aspecto são “quase nome, quase coisa”.

O Aspecto Continuativo (CONT), com sua alomorfia - V-tagü (**-ⁿdagü, -tsagü , -gagü**) – é usado para descrever uma ação ou evento como processo, com uma extensão temporal inerente, no passado ou como atividade em curso concomitante ao evento de fala.

O Aspecto Perfeito (PERF), com sua alomorfia - V-pügü (**-hügü, -tühügü , -tsühügü,)** – denota uma ação ou evento que se completou e que produziu um Estado definitivo ou Resultativo.

A organização dos Aspectos em cinco Classes Morfológicas Flexionais (I, II, III, IV e V) é produto da observação do comportamento de cada alomorfe após os verbos aos quais ele se sufixa. Trata-se de uma propriedade arbitrária da raiz, uma propriedade puramente formal e que não indica nenhuma motivação semântica, nem, tampouco, qualquer condicionamento fonológico.

Para um melhor entendimento da formação do verbo, apresentaremos abaixo o quadro com as cinco Classes Morfológicas Flexionais que organizam os radicais verbais¹⁷.

¹⁷ Neste momento, Spike Gildea e Sérgio Meira, especialistas em reconstrução diacrônica de línguas da família karib, estão trabalhando na hipótese de que as classes morfológicas flexionais Kuikuro são produto de processos históricos de redução silábica com perda de condicionamento fonológico (palatalização).

quadro 09 - Quadro das Classes Morfológicas Flexionais:

aspec	I	II		III	IV	V
cont.	-tagü	-tagü		-tagü	-tsagü	-gagü
pont.	Ø	-nügü> kügü		-lü	-jü	-lü
perfc.	-hügü	-tühügü		-pügü	-tsühügü	-pügü
VBLZ TR		Ø		Ø, tsi > ki, te > nde ha > -mba	Ø, tsi	Ø, te,
Vt		ongiN-tagü enterrar	ane-tagü queimar	agi-tagü jogar	agugi-tsagü rachar	api-gagü bater
		tuN-tagü dar	anhe-tagü perder	he-tagü quebrar agipi-tsi-lü tirar sobrancelha iküpi-tsi-tagü tirar barba tahoN-te-lü dar faca uilü-ki-tagü tirar colar âü-ki-tagü tirar piolho umutuN-te-lü fazer florescer	ahükügi-tsagü diminuir ege-tsi-jü sentir preguiça	hote-gagü queimar imbuta-te-lü dar remédio ogo-te-gagü moquear ajo-te-gagü namorar
DTR		utongi-nügü enterrar-se	at-ane-nügü queimar-se	epe-lü quebrar-se	atagugi-jü rachar-se	ugapi-lü bater-se
VBLZ INT	tuN>tsuN, nguN>nhuN	Ø		Ø, ti > ndi	Ø	Ø, hege
Vi	a-nguN-tagü dançar	akaN-dagü sentar	ije-tagü nadar	alahi-tagü abaixar	ahu-tsagü encher	ihati-gagü sair
	apü-nguN-ndagü morrer ajo-tuN-tagü namorar	eN-tagü entrar	ale-tagü encher	apitsi-tagü escorregar umutuN-ti-lü florescer amatso-ti-tagü menstruar	aku-tsagü estar de barriga cheia	apü-gagü amadurecer
TR			angu-ne-nügü fazer dançar aka-ne-nügü fazer sentar	ininkgitagü fazer chorar itongonkgitagü fazer tossir	ingunkginguki-tsagü fazer emagrecer ukinhuluki-tsagü fazer ter ciúmes	

A partir desse quadro, podemos fazer algumas generalizações a respeito do comportamento de cada Classe Morfológica Flexional. Oferecemos, abaixo, apenas um descrição das Classes: lembrando que os verbalizadores serão objeto da seção (3.3):

(i) À Classe I (**CLI**) pertencem os verbos tão somente monoargumentais (intransitivos). Nesta Classe os verbos são formados pelos verbalizadores **nguN**, **tuN**, **tsuN**, **guN**, com traços sintáticos de [-AG, -EXT] e traços semânticos de [ESTADO], concatenados à raízes abstratas, a Nomes primitivos e derivados. Estes verbalizadores, como as raízes da Classe II, se caracterizam, em sua representação fonológica subjacente, por ter um traço [nasal], assinalado, aqui, por N. Representamos esse tipo de raízes com o rótulo \sqrt{RN}^{18} . O traço [N] se realiza pré-nasalizando e vozeando a consoante oclusiva inicial dos sufixos (de Aspecto Continuativo, de Modo, nominalizadores, verbalizadores, de pluralização, entre outros). Disso decorre a alomorfia do Aspecto Continuativo **-tagü** > **-ⁿdagü**. O Aspecto Pontual na Classe I é **ø**; por restrição da estrutura silábica, o traço [N] não se realiza em posição final de sílaba. Veja-se o paradigma abaixo:

139. u-aũ-guN-tagü > uaũgundagü

I-mentir- VBLZ-CONT
“eu estou mentindo”

140. u- aũ-guN - ø > uaũgu

I-mentir-VBLZ-PNCT
“eu menti”

¹⁸ Devemos a Sérgio Meira a sugestão de analisar a nasalidade em questão como traço da raiz ou do verbalizador.

(ii) Na Classe II (**CLII**) todos os verbos são formados por verbalizadores zero. Os Aspectos - Continuativo **-tagü**, Pontual **-nügü** - diferem dos da Classe I por se acrescentarem a verbos tanto monoargumentais (intransitivos) como biargumentais (transitivos). Além disso, os verbos da Classe II incluem o tipo $\sqrt{\text{RN}}$ (descrito em (i)) e verbos que não contêm [N]. Os verbos $\sqrt{\text{RN}}$, portanto, podem ter sufixos da Classe I e da Classe II, sendo que, nesta última, eles podem ser tanto transitivos como intransitivos. Não detectamos nenhuma propriedade semântica comum aos intransitivos $\sqrt{\text{RN}}$ da Classe II. Não existe qualquer evidência que indique uma diferença de sentido entre o Pontual **-nügü** e o Pontual \emptyset ou uma diferença de sentido entre verbos intransitivos $\sqrt{\text{RN}}$ com **-nügü** e \emptyset . O sentido do Aspecto Pontual se mantém constante: o de um evento visto como ponto ou instante sem extensão temporal (um não-processo):

141. kola ongiN-tagü u-heke > kola ongindagü uheke
miçangas esconder-CONT I-ERG
 “eu estou escondendo as miçangas”

142. kangamuke ane-tagü u-heke
criança queimar-CONT I-ERG
 “eu estou queimando a criança”

143. u-chu-gu emü-nügü
I-canoa-REL afundar-PNCT
 “a minha canoa afundou”

Nesta Classe temos uma alternância entre as formas do Aspecto Pontual **-nügü** ~ **-kügü**, equivalentes segundo nossos consultores Kuikuro, embora **-nügü** seja mais freqüente:

144. u-ikeni-kügü nika e-heke*1-acreditar- -PNCT Q 2-ERG*

“você acredita em mim?”

145. akinha ikeni-nügü u-heke*estória acreditar- PNCT 1-ERG*

“eu acreditei na estória”

146. konige u-hanga-nkigi-kügü uenkgu-püa gele u-etene-gü heke*ontem 1-esquecer-VBLZ-PNCT 1-porto-exLOC ainda 1-remo-REL ERG*

“ontem eu esqueci o meu remo onde eu aportei”

147. ihitsão heke leha inh-undi-kügü*mulheres ERG CMPL 3OB-zombar-PNCT*

“eram as mulheres que tinham zombado dele”

(iii) Na Classe III (CLIII) temos verbos formados pelos verbalizadores : Ø, tsi, te, ki, ti, intransitivos e transitivos. Nesta Classe, as formas aspectuais são: Continuativo –tagü;

Pontual –lü, Perfectivo –pügü:

148. api aka-ne-tagü u-heke*avô sentar-TR-CONT 1-ERG*

“estou fazendo o meu avô sentar”

149. ngongo gekunu heke u-itongoN-ki-lü*terra poeira ERG 1-tosse-TR-PNCT*

“a poeira me fez tossir”

150. kanga he-pügü leha*peixe matar--PERF CMPL*

“o peixe já está morto”

(iv) Na Classe IV (CLIV), como na Classe III, temos verbos mono e biargumentais, formados, agora, pelos verbalizadores Ø e tsi, com o Aspecto Continuativo –tsagü e o Aspecto Pontual –jü. Poderíamos pensar em condicionamento fonológico, mas ele não é consistente. As mudanças t>ts e l>j, resultado de coronalização (palatalização) após vogal coronal ([i]), são processos regulares em Kuikuro, em fronteira morfológica

(Franchetto, 1995). O processo de ‘coronalização’, todavia, não funciona exaustivamente na alomorfa dos sufixos aspectuais Continuativo **–tagü/-tsagü**, e Pontual **–lü/-jü**. A grande maioria das raízes possui, de fato, a vogal [i] em posição final, mas encontramos não poucas exceções como: **inaü-tsagü** “apertar”; **inu-jü** “entortar/dobrar”; **itü-jü** “responder”; **hu-tsagü** “inchar”. Se houve condicionamento fonológico, ele não é mais operante:

151. pape ahehi-tsagü u-heke

carta escrever-CONT 1-ERG
 “eu estou escrevendo uma carta”

152. i a-t-agugi-jü

árvore 3DTR-rachar-PNCT
 “a árvore rachou-se”

153. u-ingunkgingu-ki-jü akinha-gü heke

1-pensar-TR-PNCT história-REL ERG
 “a sua história me fez pensar”

(v) À CLV pertencem verbos transitivos, intransitivos e detransitivizados formados pelos verbalizadores \emptyset e **tsi**:

154. katsogo api-lü i-heke

cachorro bater-PNCT 3-ERG
 “ele bateu no cachorro”

155. u-g-api-gagü martelu-ki

1-DTR-bater- CONT martelo-INST
 “eu me bati com martelo”

Como mais uma evidência a favor da existência de Classes Flexionais morfológicas em Kuikuro, a análise das raízes homófonas nos auxilia na comprovação de que estamos diante de um condicionamento não fonológico, mas, sim, morfológico. As

diferentes formas fonológicas dos morfemas de Aspecto são sufixadas a radicais verbais com sintaxe e semântica distintas.

Observem os exemplos abaixo (Vt = verbo transitivo ou com Causa Externa; Vi = verbo intransitivo ou mono-argumental ou com Causa Interna; Franchetto & Santos, 2003, Franchetto, 2006):

Vt - CLIII (ASPC –CONT –tagü, PNCT –lү)

156. **ana ahu-tagü itão heke**
milho pilar- CONT mulher ERG
 "a mulher está pilando milho"

Vi - CLIV (ASPC –CONT –tsagü)

157. **tunga ahu-tsagü**
rio encher-CONT
 "o rio está enchendo"

Vi - CLIII (ASPC –CONT –tagü)

158. **ana ati-tagü**
milho brotar-CONT
 "o milho está brotando"

Vt- CLIV (ASPC –CONT –tsagü)

159. **ahukugu ati-tsagü u-heke**
panela limpar-CONT I-ERG
 "eu estou limpando a panela"

Os dados acima mostram com clareza que não há condicionamento fonológico do alomorfe aspectual Continuativo (**-tagü, -tsagü**) e que o fenômeno é de Classes morfológicamente condicionadas.

Para formalizarmos os fatos apresentados até o momento, olhemos novamente para o complexo verbal em Kuikuro, repetido abaixo:

(Pr)-(MO)-(DTR)-RAIZ-VBLZ(Tr/Int)-TR-(MOD)-ASP-(PL)-(T)¹⁹

Repetindo o que já dissemos, consideramos que o radical verbal é resultado da combinação de uma raiz, definida, usando as palavras de Embick, como “uma sequência de traços fonéticos junto com índices abstratos (para distinguir homófonos) e outros diacríticos, que podem ser traços de Classe” (Embick, 2004), desprovida de categoria sintática, com um núcleo funcional dotado de traços categorizadores verbalizantes. Os verbalizadores ou categorizadores verbais se apresentam fonologicamente realizados ou nulos e carregando traços sintáticos e semânticos.

Observe-se, novamente, que na estrutura da palavra verbal as marcas de Aspecto são obrigatórias e se requer que seus expoentes fonológicos façam referência ao radical verbal no seu contexto de inserção.

Podemos hipotetizar que as raízes em Kuikuro têm um traço de Classe que se realiza quando a raiz se combina com os categorizadores verbais ao longo da derivação. São traços não interpretáveis na sintaxe, relevantes para *spell out* morfológico, sem interpretação semântica. Embick (2000), afirma que os traços não interpretáveis são adicionados na forma lógica LF (Forma Lógica). Em Kuikuro, os radicais verbais pertencem à Classes diferentes em decorrência de diferentes verbalizadores. Veja-se abaixo o exemplo de um radical nominal selecionado por diferentes categorizadores verbais:

¹⁹ Pr= prefixo pronominal (pessoa); MO=Marcador de Objeto; DTR=detransitivizador; VBLZ=verbalizador transitivo ou intransitivo; TR=transitivizador; MOD=modo; ASP=aspecto; PL=plural; T=tempo.

Nome

- 160. u-ila-gü**
1-comida-REL
 “minha comida”

Ao concatenar o nome ao verbalizador **te** transitivo contruimos um radical verbal da Classe III:

- 161. kanga ilaN-te-tagü u-heke**
peixe comida-VBLZ(Tr)-CONT 1-ERG
 “eu estou cozinhando peixe”

Quando a concatenação se dá com o verbalizador **tuN** intransitivo, o verbo resultante pertence à Classe I:

- 162. u-ilaN-tuN-tagü (> uilandundagü)**
1-comida-VBLZ(Intr)-CONT
 “eu estou cozinhando”

Outro exemplo:

Nome:

- 163. u-ajo**
1-namorado
 “meu/minha namorado/a”

Ao concatenar este nome (**ajo**) ao verbalizador **tuN** intransitivo, contruimos um complexo verbal da Classe I:

- 164. akago ajo-tuN-tagü**
D3DISTPL namorado-VBLZ-CONT
 “eles estão namorando”

Quando este mesmo nome se concatena ao verbalizador **te** transitivo, o verbo resultante pertence à Classe V:

165. u-ajo-te-gagü i-heke*1- namorado-VBLZ-CONT 3-ERG*

“ele está me namorando”

Observamos que a fidelidade de Classe só ocorre com verbos formados a partir de raízes abstratas com verbalizadores nulos; portanto, o traço de Classe se realiza no processo de concatenação da categoria funcional com a raiz.

Vimos em (3.2.2) que a alomorfia do morfema Aspecto não é condicionada fonologicamente, o que temos é um único morfema terminal com os mesmos traços, de Aspecto (Pontual ou Continuativo), mas com formas fonológicas diferentes. Os exemplos deixam claro que a forma fonológica de Aspecto [PNCT] ou [CONT] é sensível aos traços do contexto ao qual será adicionada, o que parece constituir o que Embick (2004) define como Alomorfia contextual, ou seja o caso de um único morfema abstrato com diferentes formas fonológicas. Neste caso, haverá competição pela inserção do Item Vocabular (IV), estando este sujeito ao Princípio do Subconjunto. Este serve de filtro para a escolha do IV mais especificado em traços para a sua inserção.

O ambiente de inserção para cada IV de Aspecto pode ser assim formalizado:

Aspecto[PNCT] \longleftrightarrow -ø/[verbos]

Aspecto[PNCT] \longleftrightarrow -nügü/[verbos]

Aspecto[PNCT] \longleftrightarrow -lү/[verbos]

Aspecto[PNCT] \longleftrightarrow -lү/[verbos]

Aspecto[PNCT] \longleftrightarrow -jү/[verbos]

Aspecto[PNCT] \longleftrightarrow -tagü ~-ndagü/[verbos]

Aspecto[PNCT] \longleftrightarrow -tagü ~-ndagü/[verbos]

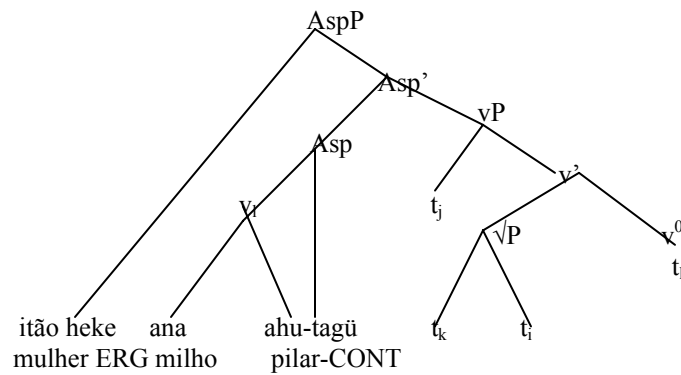
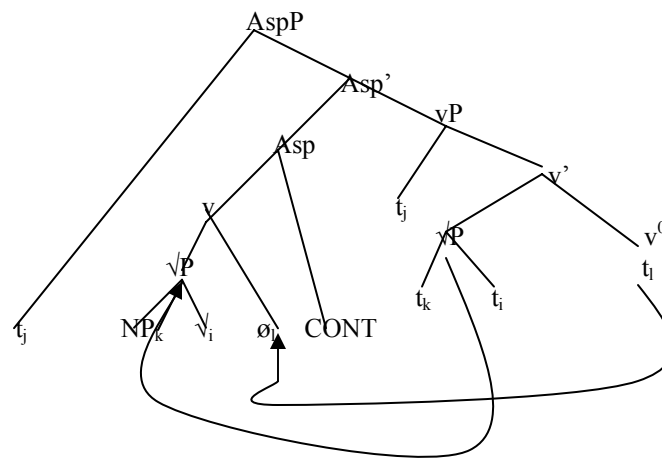
Aspecto[CONT] \longleftrightarrow -tagü/[verbos]

Aspecto[CONT] \longleftrightarrow -tsagü/[verbos]

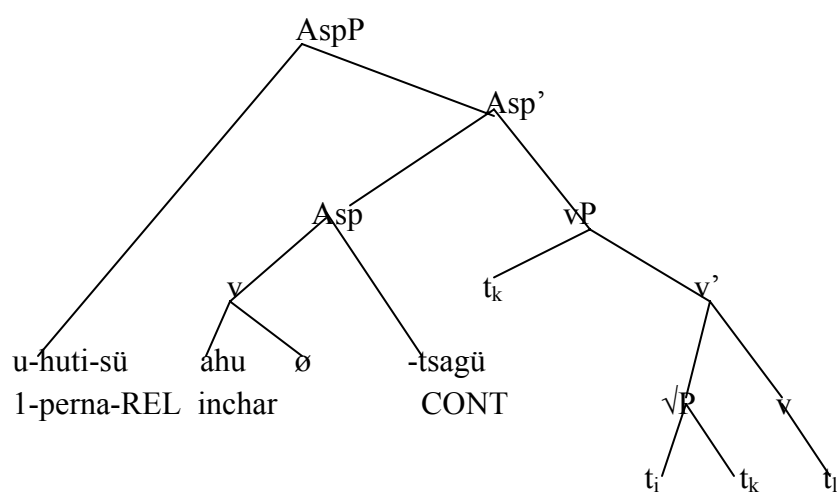
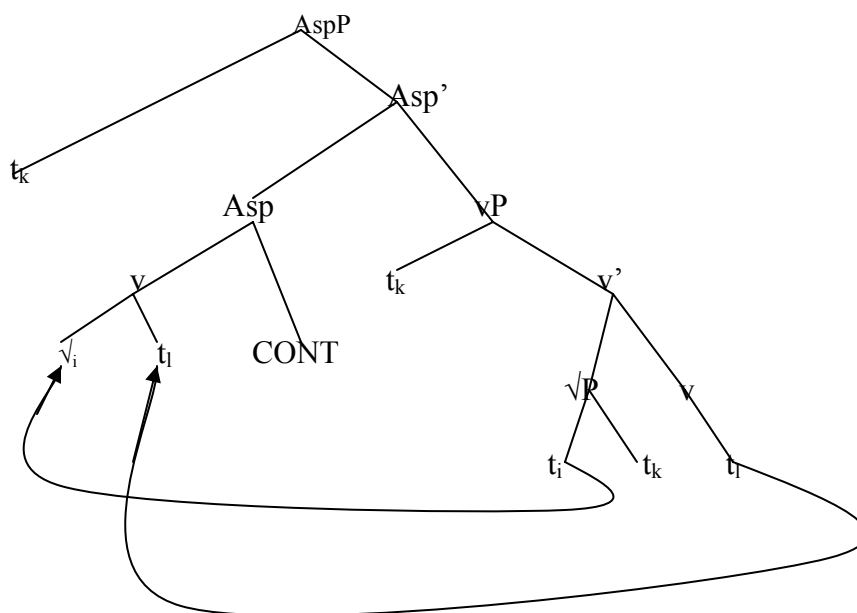
Aspecto[PNCT] \longleftrightarrow -gagü/ [verbos]

Como exemplos de Classe, veja-se, abaixo, como as raízes homófonas se desambigam no contexto de inserção do Aspecto:

- a) **itão heke ana ahu-tagü**
mulher ERG milho pilar-CONT
 “a mulher está pilando o milho”



- b) **u-huti-sü ahu-tsagü**
1-perna-REL inchar-CONT
 “a minha perna está inchando”



Nas construções (a e b) temos dois núcleos **v** com diferentes feixes de traços (traços de Causa Interna v_1 e Causa Externa v_2 respectivamente), que, uma vez combinados com as raízes **ahu-**, resultam em verbos diferentes, com propriedades sintáticas e semânticas diferentes. Na construção (a) o verbo resultante pertence à Classe Morfológica II e na construção (b) o verbo resultante pertence à Classe Morfológica IV com semântica de mudança de estado e com “Causa Externa” (transitivo). Na estrutura (b), temos um verbo que resulta da combinação da raiz **ahu-** (inchar) com verbalizador caracterizado pelos traços de mudança de estado com causa interna (intransitivo) da Classe Morfológica IV.

3.2.2 As Classes Morfológicas e as outras formas Flexionais

A organização em Classes morfológicas se mantém em outros domínios da língua Kuikuro, além da Flexão de Aspecto, apresentado na seção anterior. Veremos, a seguir, nesta seção, as flexões de Modo²⁰ e os processos de formação de advérbios.

²⁰ O Modo Hipotético, com significado de ação virtual, não realizada ou quase realizada, foge da ‘força’ das Classes. Ele só tem uma forma **–holü**, com os alomorfes **–mbolü**, condicionado fonologicamente pelas raízes nasais, e **–polü**, cuja única ocorrência é com a raiz **i-**, “estar, ficar, ser” (realização da oclusiva [p] subjacente à debucalizada [h]):

latsi ekugu u-lamaki-holü

quase mesmo 1-cair-HIP

“eu quase caí”

angi u-eN-h/polü (**>uembolü**)

Q 1-entrar-HIP

eu posso entrar?

O Modo Hipotético marca a apódose das construções complexas (bipartidas) hipotético-condicionais, onde partículas como **enaha**, **engapaha** ou o subordinador adverbializador **–(t)ote** marcam a prótase:

enaha t-uhule-ti-la i-polü nhe-tiN-holü leha (**>nhetimbolü leha**)

se ANA-assar-PTP-NEG ficar-HIP estragar-PTP-HIP CMPL

“se você fica sem assá-lo, pode estragar”

e-te-gote u-apü-nguN-holü e-hüngü-ngü heke

3.2.2.1 O Modo Habitual

Os sufixos de Modo Habitual **-na**, **-nha** e **-nga** assim se distribuem: **-na** seleciona as Classes I e II; **-nha** seleciona a Classe IV; **-nga** seleciona as Classes III e V. Eles ocorrem entre o radical verbal e o aspecto Pontual **-lũ**:

-na, Classe I e II:

165. u-hanga-gũ italu-na-lũ (Classe I)

1-ouvido-REL coçar-HAB-PNCT

“o meu ouvido está sempre coçando”

166. t-indi-sũ inkgugi-na-lũ i-heke (Classe II)

RFL-filha-REL enganar-HAB-PNCT 3-ERG

“ele engana sempre sua própria filha”

167. at-anhe-na-lũ u-inha (Classe II)

23DTR-perder-HAB-PNCT 1-BEN

“eu sempre esqueço (sempre se perde para mim)”

-nga, na Classe III e IV:

168. angini-taha u-te-nga-lũ ügũ agi-lũ-inha (Classe III)

algo-EVD 1-ir-HAB-PNCT jogar-PNCT-BEN

“às vezes eu vou pescar com anzol”

169. mitote u-haki-nga-lũ (Classe III)

cedo 1-acordar-HAB-PNCT

“eu sempre acordo de manhã cedo”

170. atsiji ihisü-ha nh-eku-nga-lũ-i (Classe III)

morcego fruta-AFF MO-comer-HAB-PNCT-COP

“é a fruta do morcego que ele come”

2-ir-ADV 1-maduro-VBLZ-HIP 2-saudade-REL ERG

“quando você for a saudade me matará”

171. unde-ma ihati-nga-lü-ko (Classe V)

Q-DUB sair-HAB-PNCT-PL

“de onde elas costumavam sair?”

-nha, Classe IV:

172. kuigi ipoiN-nha-lü itão-ko heke

mandioca carregar-HAB-PNCT mulher-PL ERG

“as mulheres sempre carregam mandioca”

173. lepei leha i-nha-lü

depois CMPL ficar-HAB-PNCT

“depois fica sempre”

3.2.2.2 Os Modos Interativos ou Performativos

Chamamos, seguindo Franchetto (1986, 1990), de Modos Interativos ou Performativos os Modos Imperativo, Hortativo e Intencional, já que todos realizam atos de fala de tipo performativo, com maior ou menor força ilocucionária. Neles, se privilegia a interação entre as Pessoas verdadeiras, 1a e 2a (eu, tu).

3.2.2.2.1 O Modo Imperativo

O Modo Imperativo é usado para expressar uma ordem, um comando, um pedido. A ele está associado, com muita frequência, o clítico **ha**, uma espécie de intensificador do ato de fala. Em Kuikuro, o Modo Imperativo é marcado por sufixos, com alomorfes distribuídos nas Classes, sufixados diretamente ao radical verbal (transitivo, intransitivo, transitivizado e detransitivizado); a pessoa do destinatário (sujeito) é sempre de 2a pessoa e em Caso absolutivo. O sufixo imperativo carrega e realiza fonologicamente traços de Número (Plural) e de orientação dética: movimento centrífugo, “ir para longe de quem manda”; movimento centrípeto, “vir para perto de quem manda”; de não-movimento

(ordem a ser executada sem o destinatário se deslocar do lugar em que se encontra).

Vejamos os critérios de ocorrência das formas do Imperativo.

- i) Imperativo sem movimento com raízes das Classes I, II, III e V: **-ke** ou **-^hge (-nkge)**, fonologicamente condicionado, após raízes $\sqrt{\text{RN}}$ (raízes nasais):

Verbos da Classe I (todos $\sqrt{\text{RN}}$):

- 174. aka-tsuN-ke (> akatsunkge)**
trabalho-VBLZ-IMP
 “trabalhe!”

- 175. hekite e-hüluN-ke (> ehülunkge)**
bem 2-andar-IMP
 “ande direito!”

Verbos da Classe II ($\sqrt{\text{RN}}$):

- 176. akaN-ke (> akankge)**
sentar-IMP
 “sente!”

- 177. eN-ke (> enkge)**
entrar-IMP
 “entre!”

Verbos da Classe II (não $\sqrt{\text{RN}}$):

- 178. agu-ke**
balançar-IMP
 “balance!”

- 179. t-uhu-ke**
3OBJ-experimentat-IMP
 “experimente-o!”

- 180. ihe-ke hōhō e-muku-gu**
segurar-IMP EMPH 2-filho-REL
 “segure teu filho!”

Verbos da Classe III:

- 181. alahi-ke**
abaixar-IMP
 “abaixe-se!”
- 182. t-eku-ke**
3OBJ-comer-IMP
 “coma-o!”
- 183. ihũngẽi-ke**
derramar-IMP
 “derrame!”

Verbos da Classe V:

- 184. api-ke üngele!**
bater-IMP ANA
 “bata nele!”
- 185. ape-ke**
fincar-IMP
 “finque!”
- 186. ipo-ke**
furar-IMP
 “fure!”

O Imperativo sem movimento com raízes da Classe IV se realiza com o sufixo -
tse, morfologicamente condicionado:

Verbos da Classe IV:

- 187. ahu-tse ata-i-ha jaheji**
encher-IMP dentro-COP-AFF rápido
 “encha logo!”
- 188. ami-tse**
embrulhar-IMP
 “embrulhe!”
- 189. itü-tse e-hisũü-gü**
responder-IMP 1-irmão-REL
 “responda para seu irmão!”

190. etihũ-tse

ficar tranquilo-IMP
 “fique tranquilo!”

(ii) Imperativo com movimento centrífugo com verbos das Classes I, II e III: **-ta**, com alomorfe **-ⁿda** após raízes $\sqrt{\text{RN}}$ das Classes I e II:

Verbos da Classe I:

191. akinguN-ta (> akingunda)

remar-IMPCF
 “reme!” (para lá)

Verbos da Classe II:

192. akaN-ta (> akanda)

sentar-IMPCF
 “senta!” (para lá)

Verbos da Classe III: sufixos **-ta** ~ **-ga**. Segundo o informante Kuikuro, a alternância é livre:

193. apitsi-ga / apitsi-ta

escorregar-IMPCF
 “escorregue!”

194. alahi-ta

abaixar-IMPCF
 “abaixe-se!”

195. t-eku-ta

3OBJ-comer-IMPCF
 “vá comê-lo!”

O Imperativo com movimento centrífugo com verbos das Classes IV e V se realiza como **-tsa** e **-ga**, respectivamente, formas morfológicamente condicionadas:

Classe IV:

- 196. at-ahehi-tsa**
2/3DTR-escrever-IMPCF
 “escreva!”

Classe V:

- 197. api-ga-ha**
bater-IMPCF-AFF
 “bata!”

(iii) O Imperativo com movimento centrípeto se realiza como **–kete** nas Classes I, II, sendo que o seu alomorfe **-^hgete (nkgete)**, condicionado fonologicamente, ocorre após raízes $\sqrt{\text{RN}}$ das Classes I e II.

Verbos da Classe I:

- 198. akinguN-kete (> akingunkgete)**
remar-IMPCP
 “reme!” (para cá)

Verbos da Classe II:

- 199. akaN-kete > akankgete**
sentar-IMPCP
 “sente!” (para cá)

Verbos da Classe II (Não $\sqrt{\text{RN}}$):

- 200. k-ingone-kege-ha**
3OBJ-carregar-IMPCP-AFF
 “venha carregar!”

O Imperativo com movimento centrípeto se realiza como **–kege** nas Classes III e V e **–tsege** na Classe IV, formas morfologicamente condicionadas:

Classe III:

- 201. apitsi-kege**
escorregar-IMPCP
 “escorregue!”
- 202. alahi-kege**
abaixar-IMPCP
 “abaixe-se!”
- 203. t-eku-kege ige**
3OBJ-comer-IMPC
 “venha comer isto!”

Classe V:

- 204. api-kege**
bater-IMPCP
 “bata!”

Classe IV:

- 205. at-ahehi-tsege**
2/3DTR-escrever-IMPCP
 “escreva!”

3.2.2.2.2 O Modo Hortativo

O Modo Hortativo (HORT) é usado para realizar atos como ‘chamar, convidar, induzir, persuadir alguém a fazer algo junto com o falante’. É obrigatoriamente prefixado pelas formas pronominais de 1ª pessoa inclusiva (**k(u)-**, **kuk-**) e quase sempre acompanhado pelo clítico **ha**, que interpretamos como um intensificador do ato de fala. Em Kuikuro, há dois morfemas de Modo Hortativo, que se distinguem por traços de Número: Dual (ego + tu) e Coletivo (ego + tu + plural). Os alomorfes se distribuem nas Classes.

Nas Classes I, II e III ocorrem os morfemas **-ni** para o Dual e **-tüngi** (**-ⁿdüngi** por condicionamento fonológico após $\sqrt{\text{RN}}$ das Classes I e II) para o Coletivo:

Verbos da Classe I:

- 206. k-angu-ni**
12-dançar-HORT
 “vamos dançar, nós dois!”
- 207. k-anguN-tüngi (> kangundüngi)**
12-dançar-HORTCOL
 “vamos todos dançar!”
- 208. kuk-akinguN-tüngi-ha (> kukakingundüngiha)**
12-remar-HORTCOL-AFF
 “vamos todos remar!”

Verbos da Classe II:

- 209. kuk-aka-ni**
12-sentar-HORT
 “vamos nós dois sentar!”
- 210. kuk-akaN-tüngi (> kukakandüngi)**
12-sentar-HORTCOL
 “vamos todos sentar!”

Verbos da Classe III:

- 211. ku-n-kongki-ni-ha ku-hisü (>kundzonkginiha kupisü)**
12-MO-lavar-HORT-AFF 12-irmão-REL
 “vamos, nós dois, lavar nosso irmão!”
- 212. ku-nh-agühe-tüngi**
12-MO-acender-HORTCOL
 “vamos todos acender!”
- 213. ku-nh-agühe-ni**
12-MO-acender-HORT
 “vamos nós dois acender!”
- 214. kuk-atsaku-ni**
12-correr-HORT
 “vamos, nós dois, correr!”

- 215. kuk-atsaku-tüngi**
12-correr-HORTCOL
 “vamos todos correr!”

O Hortativo se realiza com as formas **-nhi** para o Dual e **-tsüngi** para o Coletivo nos verbos da Classe IV e com as formas **-nhi** para o dual e **-güngi** para o coletivo nos verbos da Classe V, formas morfológicamente condicionadas:

Classe IV:

- 216. ku-nh-ahehi-nhi**
12-MO-escrever-HORT
 “vamos nós dois escrever!”

- 217. ku-nh-ahehi-tsüngi**
12-MO-escrever-HORTCOL
 “vamos todos escrever!”

Classe V:

- 218. ku-nh-api-ni**
12-MO -bater-HORT
 “vamos nós dois bater!”

- 219. ku-nh-api-güngi**
12-MO -bater-HORTCOL
 “vamos todos bater!”

Elaboramos o quadro abaixo, com o propósito de sintetizar e tornar mais clara a distribuição dos morfemas dos Modos Imperativo e Hortativo nas Classes morfológicas:

quadro 10- Classes morfológicas, Modos Imperativo e Hortativo:

CLASSE MODO	CLI	CLII	CLIII	CLIV	CLV
IMPERATIVO	-ke > -nkge √RN akatsu-nkge <i>trabalhe!</i> aũgu-nkge <i>minta!</i> ehũlu-nkge <i>ande!</i>	-ke > -nkge √RN o-nkge <i>levante!</i> aka-nkge <i>sente!</i> -ke não √RN agu-ke <i>balance!</i> tuhu-ke <i>experimente-o!</i>	-ke alahi-ke <i>abaixe-se!</i> agimbitsi-ke <i>descame!</i> ahumitsi-ke <i>abra a porta!</i> apitsi-ke <i>escorregue!</i> tũi-ke <i>coloque!</i>	-tse ami-tse <i>embrulhe!</i> ti-tse <i>tire!</i> sapi-tse <i>derrame!</i> ahu-tse <i>encha!</i> etihũ-tse <i>fique tranquilo!</i>	-ke api-ke <i>bate!</i> ipo-ke <i>fure!</i> ihote-ke <i>queime!</i>
	Mov. Centrífugo -ta > -nda akingu-nda <i>vá remar!</i>	Mov. Centf. ta > -nda aka-nda <i>vá sentar!</i> -ta atane-ta <i>vá se queimar!</i>	Mov. Centf. -ta apitsi-ta <i>vá</i> <i>escorregar!</i> alahi-ta <i>vá se</i> <i>abaixar!</i> teku-ta <i>vá comê-lo!</i>	Mov. Centf. -tsa atsagi-tsa <i>vá gritar!</i> itu-tsa <i>vá responder!</i>	Mov. Centf. -ga api-ga <i>vá bater!</i>
	Mov. Centrípeto -nkge-te √RN akingu-nkge-te <i>venha remar!</i>	Mov. Centp. -nkge-te √RN aka-nkge-te <i>venha sentar!</i> -kete Não √RN tuhu-kete <i>venha</i> <i>experimentar!</i>	Mov. Centp. -ke-ge apitsi-kege <i>venha</i> <i>escorregar!</i> alahi-kege <i>venha se</i> <i>abaixar!</i> teku-kege <i>venha comê-lo!</i>	Mov. Centp. -tse-ge atahehi-tsege <i>venha</i> <i>escrever!</i>	Mov. Centp. -kege api-kege <i>venha bater!</i>
HORTATIVO	DUAL –ni kangu-ni <i>vamos dançar!</i>	DUAL –ni kukakani <i>vamos sentar!</i>	DUAL –ni kunhagũhe-ni <i>vamos</i> <i>acender!</i>	DUAL –nhi kunhahehi-nhi <i>vamos</i> <i>escrever!</i>	DUAL –ni kunhapini <i>vamos bater!</i>
	tũngi > -ndũngi COLETIVO √RN kangu-ndũngi <i>vamos todos</i> <i>dançar!</i>	-tũngi > -ndũngi COLETIVO √RN kukaka-ndũngi <i>vamos todos</i> <i>sentar!</i> -tũngi Não √RN	-tũngi COLETIVO kunhagũhe-tũngi <i>vamos todos</i> <i>acender!</i>	-tsũngi COLETIVO kunhahehi-tsũngi <i>vamos todos</i> <i>escrever!</i>	-gũngi COLETIVO kunhapi-gũngi <i>vamos todos</i> <i>bater!</i>

O quadro acima permite perceber a diferença entre condicionamento fonológico e condicionamento morfológico. De um lado, as formas de sufixos fonologicamente condicionadas - o caso das oclusivas vozeadas pré-nasalisadas – estão fora da lógica propriamente morfológica. Do outro, são mantidas as distinções entre Classes morfológicas, com variações do jogo das formas, em termos de subconjuntos possíveis do total de cinco Classes (distinção máxima). Olhando para o quadro, resta, então, observar que (i) com certos sufixos (Imperativo sem movimento e Hortativo Dual) há uma neutralização da distinção entre as Classes I, II, III e V, mantendo-se a distinção da Classe IV; (ii) com outros sufixos (Imperativo com movimento e Hortativo Coletivo) há neutralização da distinção entre as Classes I, II, III, mantendo-se a distinção da Classe IV e da Classe V. É preciso notar, contudo, que alguns consultores Kuikuro consideram as formas de Imperativo com movimento centrípeto **-ta** e **-ga** como sendo alternantes livres, fazendo com que, neste caso, também, se mantenha apenas a distinção da Classe IV das outras.

3.2.2.2.3 O Modo Intencional

O Modo Intencional é usado para comunicar a intenção de fazer algo ou o desejo de realizar em um futuro iminente no qual o falante ou uma terceira pessoa já estão envolvidos²¹. É marcado pelo morfema **-tai** e seus alomorfes, seguindo a lógica de Classes morfológicas em uma de suas conhecidas possibilidades. O morfema **-tai** se

²¹ Franchetto (1990:414) descreve o sentido e o paradigma do Modo Intencional, observando que nele se manifesta uma hierarquia de pessoa codificada sintaticamente. Quando 3a > 1a, a construção frasal é ergativa (Tema V, A marcado); quando 1a > 3a, a construção é de-ergativizada (falsa detransitivização); no caso de 1a > 2a e 2 > 1a os dois tipos frasais sintáticos alternam. No caso de 3a > 3a, o sentido é “deixe ele fazer X” (permissivo?) e a construção é ergativa.

realiza nas Classes I, II e III, tendo -**dai** como alternante fonologicamente condicionada após as raízes nasais das Classes I e II ; os morfemas **-tsai** e **-gai** ocorrem nas Classes IV e V, respectivamente, e são condicionados morfologicamente:

Classe I ($\sqrt{\text{RN}}$):

- 220. u-hetu-tai hōhō (>uhetundai)**
1-gritar-INTC EMPH
 “eu vou gritar”

Classe II (não $\sqrt{\text{RN}}$)

- 221. u-hu-tai hōhō**
1-desenhar-INTC EMPH
 “eu vou imitar”

Classe III:

- 222. u-te-tai-ha u-ihī-tai leha**
1-ir-INTC-AFF 1-fugir-INTC CMPL
 “eu já vou, eu vou fugir”

- 223. ti-te-tai hōhō (>tsitsetai)**
12-ir-INTC ENF
 “nós estamos indo”

Classe IV:

- 224. amitsange u-gopi-tsai**
outro dia 1-voltar-INTC
 “eu volto outro dia”

Classe V:

- 225. u-pote-gai hōhō, u-pote-gai**
1-queimar-INTC ENF 1-queimar-INTC
 “vou queimar (a roça), vou queimar”

3.2.3 Outras Formas Verbais no jogo das Classes Morfológicas

Das muitas formas de sufixos que se adequam ao que chamamos de ‘lógica’ ou ‘jogo’ das Classes morfológicas, apresentamos, aqui, o comportamento de dois morfemas, o primeiro com função ora de Modo, ora de subordinador ou adverbializador, o segundo com função inequívoca de subordinador ou adverbializador. Veremos outros afixos na ‘dança’ das Classes ao tratar dos verbalizadores e dos nominalizadores.

O sufixo **-tomi** e seus alomorfes pode ocorrer como uma espécie de Modo ou como subordinador adverbializante, em ambos os casos com sentido de ‘finalidade, propósito’. Seus alomorfes assim se distribuem: **-tomi**, nas Classes I, II e III, sendo a realização **-domi** condicionada fonologicamente após raízes $\sqrt{\text{RN}}$ das Classes I e II; **-tsomi** e **-gomi**, morfológicamente condicionados, ocorrem nas Classes IV e V, respectivamente.

Classe I (adverbializador):

226. inhakongo-nügü u-heke igi-nhuN-tomi (> inhakongonügü uheke iginhundomi)

3-mandar-PNCT 1-ERG canto-VBLZ-FIN

“eu fiz ele cantar”

(Modo)

227. Sépe luale hōhō ku-ka-tsuN-tomi u-ake (> Sépe luale hōhō kukatsundomi uake)

S. por favor EMPH 12-trabalho-VBLZ-FIN 1-POSP

“Sepé, por favor, vamos trabalhar, comigo”

Classe II (Modo):

228. k-elegi-tomi hōhō (>kelegindomi hōhō)

12-perguntar-FIN EMPH

“vamos perguntar!”

Classe III, **–tomi** (Modo):

- 229. agatü he-lü-inha u-te-tomi e-inha**
jacu matar-PNCT-BEN 1-ir-FIN 2-BEN
 “eu vou matar jacu para você”

(Adverbializador)

- 230. togokige ingi-nüm-ingo u-heke u-iti-gü ha-tomi e-heke**
algodão trazer-PNCT-FUT 1ERG 1-rede-REL fazer-FIN 2-ERG
 “eu trarei algodão para você fazer a minha rede”

Classe IV (Adverbializador):

- 231. ige-lü leha i-heke-ni titaho-nga imükain-tsomi-ha ege-i**
3levar-PNCT CMPL 3-ERG-PL deitar na rede-AL ficar rosto para cima-FIN-AFF DDIST-COP
 “eles a levam para deitar na rede para que ela fique lá com o rosto para cima”

Classe V (Adverbializador):

- 232. aiha ingipo-gomi lehüle otomo heke tunügü**
pronto sair em público-FIN ADV donos ERG dar-PNCT
 “pronto, para ela sair em público para dançar, os pais deixam”

O sufixo adverbializador temporal **–tote** ocorre nas Classes I, II e III, com alomorfe **-dote** condicionado fonologicamente após raízes $\sqrt{\text{RN}}$ das Classes I e II. **–tsote** e **–gote** ocorrem nas Classes IV e V, respectivamente, por condicionamento morfológico. Ele vem sufixado não somente a radicais verbais, como também a nominalizações genéricas.

Classe I:

- 233. anguN-tote-ha u-angu-ingo gehale (>angundoteha uanguingo gehale)**
dançar- ADVB –AFF 1-dançar-FUT também
 “quando você dançar, eu dançarei também”

Classe II:

- 234. ahulu ahuN-tote u-ünkgu-lü-ingo leha (>ahulu ahundote uünkgülüingo leha)**
porta fechar- ADVB 1-dormir-PNCT-FUT CMPL
 “quando você fechar a porta, eu dormirei”

Classe III:

- 235. kuk-inge-ke atsange kanga hule-tote e-heke**
12-chamar-IMP mesmo peixe assar-PNCT- ADVB 2-ERG
 “Chame-me mesmo quando você assar o peixe!”

Classe IV:

- 236. u-ka-tsote u-hingankgu-ti-lü**
1-trabalhar- ADVB 1-suar-VBLZ-PNCT
 “quando eu trabalho, suo”

Classe V:

- 237. ahegiti-gote u-te-lü-ingo kanga-ki**
amanhecer-ADVB 1-ir-PNCT-FUT peixe-INSTR
 “quando amanhecer, irei pescar (lit. irei por meio de peixe)”

Com Nominalização Genérica:

- 238. aile-ne-gote i-tsai**
festa-NMLZG-ADVB ser-INTC
 “que seja no tempo da festa!”

3.2.4 Síntese

Nesta seção descrevemos a flexão de aspecto e de modo em Kuikuro e vimos como Classes morfológicas explicitamente ordenadas organizam os processos de flexão aspectual (Aspectos Pontual, Continuativo e Perfeito) e de modo (Modo Interativos ou Performativos, como Imperativo, Hortativo, Intencional). Identificamos melhor o condicionamento morfológico da alomorfia, uma vez esclarecido o papel dos condicionamentos fonológicos. Vimos como há uma distinção máxima de cinco Classes

morfológicas na flexão de Aspecto Pontual e como a diferenciação entre Classes para outros aspectos e na flexão de modo recorta subconjuntos possíveis das cinco Classes. Em outras palavras, distinções são neutralizadas dependendo do (outro) aspecto ou do modo. Por fim, na sub-seção 3.2.3 saímos da flexão e abordamos outros fatos, mostrando como ainda o recorte formal das Classes contamina e atravessa outros contextos sintáticos dos verbos.

Com esta abertura, podemos continuar nossa análise, voltando-nos, agora, para um outro aspecto, crucial, da morfologia (e da morfossintaxe) Kuikuro: a formação dos verbos através de verbalizadores e, novamente, a sua distribuição nas Classes morfológicas.

3.3 Categorizadores Verbais

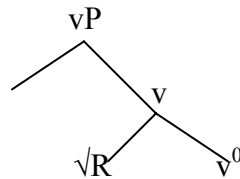
Como já anunciamos em 3.1, os radicais verbais em Kuikuro são resultado da combinação de uma Raiz, desprovida de categoria sintática, com um núcleo funcional dotado de traços categorizadores verbalizantes ou da combinação de um Nome com um núcleo funcional *v*. Os verbalizadores ou categorizadores verbais são fonologicamente realizados ou não e carregam traços sintáticos e semânticos

3.3.1 Verbos Produzidos por $\sqrt{\text{Raiz}}$ +Categorizador Verbal Fonologicamente Nulo e suas Classes Flexionais.

Os verbalizadores fonologicamente nulos formam verbos da Classe II, III, IV e V com exceção dos verbos da Classe I, todos formados por verbalizadores fonologicamente realizados.

Os verbos formados por verbalizadores fonologicamente nulos têm a seguinte estrutura:

$[[\sqrt{R}] v^0]$



Como já dissemos acima, os verbos que têm a estrutura em (3.1. (a)) têm o seu significado negociado logo na primeira categorização, ou seja no *v*; as derivações, como as nominalizações, terão semântica composicional. Os verbalizadores nulos têm traços [+AGENTE, +EXTERNO] para verbos transitivos, [-AGENTE, -EXTERNO] para verbos intransitivos. Vejamos os exemplos:

239. u- aũguN-tagü (> uaũgundagü)

1-mentir-CONT

“eu estou mentindo”

240. kola ongiN-tagü u-heke (> kola ongindagü uheke)

miçangas esconder-CONT 1-ERG

“eu estou escondendo as miçangas”

241. u-chu-gu emü-nügü

1-canoa-REL afundar-PNCT

“a minha canoa afundou”

Os verbalizadores fonologicamente nulos geram verbos a partir de raízes acategoriais, que contêm primitivos semânticos, mas são desprovidas de categoria

funcional. Neste caso, os primitivos sintáticos da raiz e do verbalizador se juntam para realizarem uma unidade com um único significado.

3.3.2 Verbos Formados por NOME + Categorizadores Verbais Fonologicamente Realizados

Os verbos que apresentam a estrutura N+VBLZ se caracterizam pela concatenação de um verbo “leve” ou **v**, fonologicamente realizado, a um Nome desprovido de flexão, podendo ocorrer, alternativamente, com verbalizadores transitivos e intransitivos, bem como participar de processos de transitivização e de intransitivização.

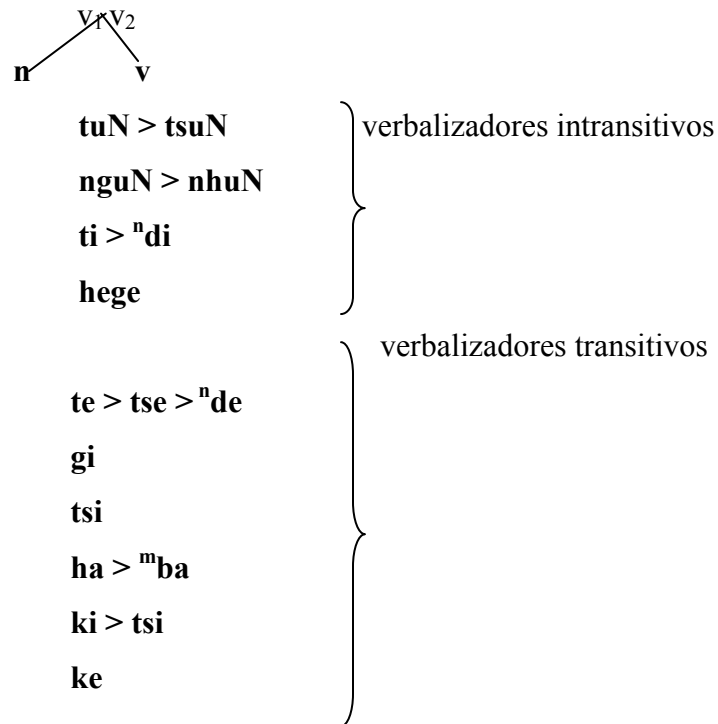
Os verbalizadores, ou verbos leves fonologicamente explícitos, carregam traços gramaticais e semânticos, não sendo sempre fácil, às vezes quase impossível, capturar os sentidos abstratos e polissêmicos carregados por cada uma dessas formas, que selecionam **n** e formam verbos complexos. Não existe qualquer restrição de categoria lexical para tais formações, que podem resultar da concatenação de qualquer Nome primitivo ou Nome derivado. Todo o processo de formação de um verbo é sintático; as partes são geradas separadamente e combinadas na sintaxe.

Os verbalizadores fonologicamente explícitos podem ser assim classificados:

Verbalizadores intransitivos: **tuN** (> **tsuN**), **nguN** (> **nhuN**), **ti** (> **"di**), **hege**.

Verbalizadores transitivos: **ki** (> **tsi**), **te** (> **"de**), **gi**, **tsi**, **ha** (> **"ba**); **ke**.

Na estrutura abaixo, representamos o processo de concatenação de um Nome com morfologia verbalizadora (v_1 – estativos (intransitivos); v_2 - causativos (transitivos)):

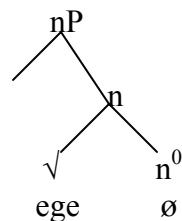


Se considerarmos como exemplo:

- 242. u-ege-tuN-tagü** (> uegetsundagü)
1-preguiça-VBLZ-CONT
 “eu estou com preguiça”

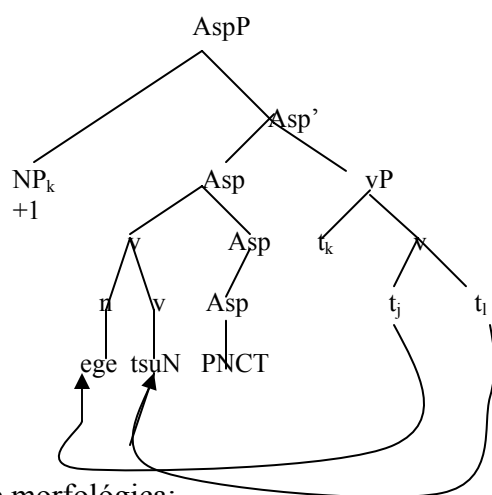
podemos representar os passos de formação do verbo nas estruturas abaixo:

Primeiro passo: formar um nome:

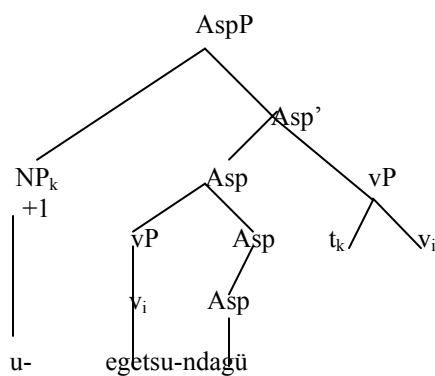


Segundo passo: concatenar o nome ao verbalizador:

Árvore sintática:



Árvore morfológica:



O radical **ege** é um nome que concatena-se ao verbalizador **tuN** [CAUSA INTERNA] para formar o verbo em (242).

3.3.2.1 Formação de Verbos Intransitivos

3.3.2.1.1 Os verbalizadores **tuN** (tsuN), **nguN** (nhuN)

Os morfemas verbalizadores **tuN** (tsuN), **nguN** (nhuN) produzem radicais verbais da Classe I. Os verbos resultantes têm semântica de “estar no estado de ter X”²², sendo X um Nome.

- i. O verbalizador **tuN** forma verbos do tipo:

243. **ajo**

namorada

ande u-ajo-ø

agora 1-namorada-REL

“agora eu tenho namorada”

243b **akago ajo-tuN-tagü** (> **ajotundagü**)

eles namorado-VBLZ-CONT

“eles estão namorando”

244. **(i)tongo**

tosse

u-itongo-gu

1-tosse-REL

“minha tosse”

244b **kangamuke itongo-tuN-tagü** (> **itongotundagü**)

criança 3-tossir-VBLZ-CONT

“a criança está tossindo”

Veja-se no exemplo abaixo a alternância causativa/transitiva com o verbalizador **ki**:

²² Existe em Kuikuro o verbo **tuN-tagü**, **tuN-nügü**, com o significado de “dar”, mas pertencendo à CL II:

taho tu-nügü u-heke u-ato-inha

faca dar-PNCT 1-ERG 1-amigo-BEN

“eu dei faca para o meu amigo”

- 245 **ngongo gekunu heke u-itongoN-ki-lü** (**>itongonkgilü**)
terra poeira ERG 1-tossir-VBLZ-PNCT
 “a poeira me faz tossir”

ii. O verbalizador **tsuN** é alomorfe de **tuN**, condicionado fonologicamente por vogal anterior [e, i], e, também, com semântica de “estar no estado de X”:

246. **ege**
preguiça
u-ege-sü heke u-e-tagü
1-preguiça-REL ERG 1-matar-CONT
 “a minha preguiça está me matando”

- 246b **u-ege-tuN-tagü** (**> uegetsundagü**)
1-preguiça-VBLZ-CONT
 “eu estou com preguiça”

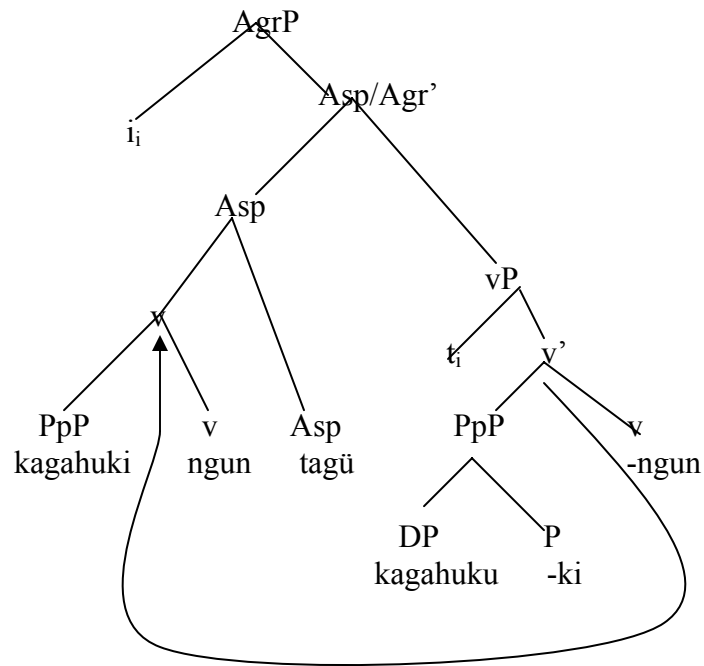
247. **(i)tagi**
fome

247. **tagi heke u-e-tagü**
fome ERG 1-matar-CONT
 “a fome está me matando (estou com muita fome)”

- 247b **tis-itagi-tuN-tagü** (**> tisitagitsundagü**)
13-fome-VBLZ-CONT
 “nós estamos com fome”

iii. O verbalizador **nguN** forma verbos intransitivos a partir da seleção de sintagmas posposicionais [SPosp + v] e de nominalizações de Objeto. As construções com verbos formados a partir de um Nome + posposição (**-ki**, sufixo de instrumento) + verbalizador alternam com construções correspondentes analíticas nas quais o Nome aparece como argumento de verbo transitivo e o Agente (ergativo) é um **SN-heke**. Vejam-se os exemplos abaixo:

Com Sintagma Posposicionado: Abaixo a representação em árvore do exemplo (248c):



248. **kagahuku**
 “cerca de roça”
i-kagahuku-gu (> itsagahukugu)
 3-cerca da roça-REL
 “cerca de roça dele”

- 248b **kagahuku tui-tagü iheke**
 cerca de roça fazer-CONT 3-ERG
 “ele está fazendo a cerca da roça”

- 248c **i-kagahuku-ki-nguN-tagü** (> itsagahukukingundagü)
 3-cerca de roça-INST-VBLZ-CONT
 “ele está cercando a roça”

249. **atahuga**
 “matinho”
atahuga ti-tsagü u-heke
 matinho tirar-CONT 1-ERG
 “eu estou tirando matinho (roçar)”

- 249b** **u-atahuga-ki-nguN-tagü** (**> utahugakingundagü**)
1-roçar-INST-VBLZ-CONT
 “eu estou roçando”

Poderíamos pensar que estamos diante da “incorporação pura” definida por Baker, pois o Nome formado com o verbalizador **nguN** aparece, assim como nas construções correspondentes analíticas, na sua posição canônica de objeto (OV). Por outro lado, todavia, o verbo leve **nguN** não ocorre como forma plena e, pela sua própria natureza, necessita de uma raiz para se realizar. Podemos considerar esse fenômeno como uma incorporação do nome, mas no sentido de *conflation* ou mesmo de um processo de concatenação de um verbo leve com uma raiz Nome.

O processo de derivação com o verbalizador **nguN** não é restrito semanticamente, já que qualquer Nome pode se concatenar ao verbalizador. Na frase abaixo, retirada da narrativa que conta a origem do pequi, temos o nome **(i)tahinga**, “jacaré”, que, concatenado ao verbalizador, resulta no verbo “jacarezar”. O verbo “jacarezar” é um termo idiomatizado que significa “namorar com outras mulheres escondido”:

- 250. is-itahinga-ki-nguN-ta-ko belaha itão inha leha ü-te-tagü-ko**
3-jacaré-POSP-VBLZ-CONT-PL EVD mulher BEN CMPL ANA-ir-CONT-PL
 “eles saíam a noite para namorar com outras mulheres, eles íam”

Com o verbalizador **nguN** é possível também formar verbos a partir de nomes derivados (nominalização de Objeto²³) + Posp:

- 251. t-ili-si-nhü**
ANA-beber-PTP-PTNR
 “mingau (aquele que é bebido, o bebível por excelência)”

²³ ver nominalização de argumento interno (4.1.3.3)

- 251b** **konige t-ili-si-nhü tüi-lü itão heke**
 ontem ANA-beber-PTP- PTNR fazer-PNCT mulher ERG
 “ontem a mulher fez mingau”
- 251c** **konige itão t-ili-si-nhü-ki-nguN- ø > tilisinhükingu**
 ontem mulher ANA-beber-PTP-PTNR-INST-VBLZ-PNCT
 “ontem a mulher fez mingau”
- 252.** **teninhü**
 tabaco
- 252b** **u-teninhü-gü**
 1-tabaco-REL
 “meu tabaco”
- 252c** **hüati teninhü ugi-tsagü**
 pajé tabaco soprar-CONT
 “o pajé está soprando (fumando) tabaco”
- 252d** **hüati teninhü-ki-nguN-tagü (> hüati teninhükingudagü)**
 pajé tabaco-INST-VBLZ-CONT
 “o pajé está fumando”

Como veremos, essas formas derivadas se comportam como verdadeiros Nomes, não diferindo do processo visto acima.

iv. O verbalizador **nhuN** tem semântica de “estar no estado de X” e é alomorfe de **nguN**, após raízes que terminam com a vogal alta [i]:

- 253.** **keünti**
 “frio”
- 253b** **keünti heke u-e-tagü**
 frio ERG 1-matar-CONT
 “o frio está me matando (estou com muito frio)”
- 253c** **u-keünti-nhuN-tagü > ukeüntinhundagü**
 1-frio-VBLZ-CONT
 “eu estou com frio”

254. **egi**
 “canto” (não possuído)
- 254b **kuigi igi-sü**
mandioca canto-REL
 “canto da mandioca”
- 254c **itão-ko igi-nhuN-tagü tolo-i** (> itão-ko iginhundagü toloi)
mulher-PL canto-VBLZ-CONT tolo-COP
 “as mulheres estão cantando *tolo*”

3.3.2.1.2 O verbalizador ti (ⁿdi)

Os verbos resultantes da concatenação de uma raiz com o verbalizador **ti** (ⁿdi) terão semântica incoativa (passar de um estado para outro); o processo de verbalização só ocorre com nomes primitivos, formando verbos da Classe flexional III:

255. **hingankgu**
 “suor”
- 255b **u-hingankgu-ti-tagü**
1-suor-VBLZ-CONT
 “estou suando”
256. **matso-i-la leha ege**
menstruada-COP-NEG CMPL D2
 “você não está mais menstruada?”
- 256b **u-amatso-ti-tagü atsige**
1-menstruar-VBLZ-CONT EVD
 “eu estou menstruando, é verdade”
257. **katuga umutungu-ø**
mangaba flor-REL
 “flor da mangabeira”
- 257b **oti umutuN-ti-lü** (> oti umutundilü)
campo flor-VBLZ-PNCT
 “o campo floresceu”

3.3.2.1.3 O verbalizador *hege*

O verbalizador **hege** forma verbos intransitivos com o significado de “dor”. A forma **hege** não existe como um verbo pleno na língua e, até agora, não encontramos nenhum cognato em outras línguas karib. Ele somente ocorre com nomes de parte do corpo:

258. u-ãta-hege-tagü

1-ombro-dor-CONT

“o meu ombro está doendo”

259. u-gipuga-hege-tagü

1-cabeça-dor-CONT

“a minha cabeça está doendo”

260. u- uhi-pege-tagü

1-coxa-dor-CONT

“a minha coxa está doendo”

A forma plena do verbo “doer” seria:

261. u-gitü-gü itu-nguN-tagü

1-cabeça-REL dor-VBLZ-CONT

“a minha cabeça está doendo”

3.3.3.2 Formação de Verbos Transitivos

3.3.3.2.1 Os verbalizadores *te*, *tse*, *de*

Os verbalizadores **te**, **tse**, **de** constituem um conjunto interessante para o qual oferecemos aqui uma descrição e uma hipótese que reforça a lógica dominante das Classes morfológicas em Kuikuro. Eles formam verbos de Classes diferentes e realizam de modo fonologicamente diferente uma mesma semântica: “causar (causa externa) X (beneficiário) ter (estar com) Y (tema)”. Vejamos:

i) Em um processo bastante produtivo²⁴, o verbalizador **te** forma verbos da Classe V (Pontual –**lũ**, Continuativo –**gagü**). Observe-se em (262b-262c; 263b-263c) os pares das construções, ambas transitivas, uma analítica (objeto pleno e beneficiário como adjunto), outra sintética (o beneficiário é “promovido” a objeto); os sentidos não são absolutamente equivalentes:

262. akaN-toho (> akandoho)

sentar-INSTNR

“serve para sentar (banco)”

262b koetsi akandoho tu-nü-mingo u-heke u-hisuü-gü-inha

amanhã banco dar-PNCT-FUT 1-ERG 1-irmão-REL-BEN

“amanhã eu darei banco para meu irmão”

262c apa akandoho-te-lü-ingo u-heke

pai banco-VBLZ-PNCT-FUT 1-ERG

“eu darei banco para meu pai”

263. ihumbe

“carvão”

263b ihumbe-ki u-tüi-tagü i-heke

carvão-INST 1-fazer-CONT 3-ERG

“ele está me fazendo (pintando) com carvão”

263c apa heke u-ihumbe-te-gagü

pai ERG 1-carvão-VBLZ-CONT

“meu pai está me pintando com carvão”

²⁴ Notamos que **te-** é um verbo pleno com o significado de “ir”, pertencendo à CL III:

u-itu-na u-te-tagü

1-aldeia-AL 1-ir-CONT

“eu estou indo para minha aldeia”

A produtividade do morfema **te** se estende a empréstimos do português como no exemplo em (264), onde temos um verbo formado a partir de uma palavra do português, "colar". Um sentido quase equivalente pode ser dado, alternativamente, com uma construção analítica (264b), com objeto e verbos plenos:

264. u-ajo kola-te-gagü u-heke

1-namorada colar-VBLZ-CONT 1-ERG

“eu estou dando colar de miçangas para a minha namorada”

264b kola tuN-tagü u-heke u-ajo-inha (> kola tundagü uheke uajoinha)

colar dar-CONT 1-ERG 1-namorada-BEN

“eu estou dando colar de miçangas para a minha namorada”

- ii. O verbalizador **tse** forma também verbos da Classe V e poderia ser considerado *ouput* de processo morfofonológico de palatalização (**te** > **tse**) após vogal alta anteriore [i, e]:

265. u-ka-tsu heke u-õi-tse-gagü

1-trabalho-REL ERG 1-sede-VBLZ-CONT

“o meu trabalho está me dando sede”

266. u-tsaku-lü heke u-itagi-tse-lü

1-correr-REL ERG 1-fome-VBLZ-PNCT

“a minha corrida me deu fome”

Esse processo fonológico, todavia, já não funciona mais de modo consistente, como mostra o exemplo abaixo, indicando mais um caso de lexicalização de alternantes outrora condicionadas fonologicamente e hoje, na sincronia, manifestações de Classes morfológicas:

267. itão-ko iku-tse-lü u-heke

mulher-PL seiva-VBLZ-PNCT 1-ERG

“eu pinteí as mulheres”

iii) O verbalizador **te**, com a mesma semântica de “causar (causa externa) X (beneficiário) ter (estar com) Y (tema)”, forma verbos da Classe III (PNCT –**lū**, CONT –**tagü**) e, no nosso corpus, se concatena a raízes nasais, tendo como output a forma **de**, resultado de processo morfofonológico:

268. üN-ne

casa-NMLZG

“casa (forma não possuída)”

268b u-üN-ngü

1-casa-REL

“minha casa”

268c u-tolo-gu üN-te-tagü u-heke

(> **utologu ündetagü uheke**)

1-pássaro-REL casa-VBLZ-CONT

“eu estou fazendo gaiola para meu passarinho”

269. ahukugu

“panela”

269b u-ahukugu-lü

1-panela-REL

“minha panela”

269c u-hi-tsü ahukuguN-te-tagü u-heke

(> **uhitsü ahukugundetagü uheke**)

1-esposa-REL panela-VBLZ-CONT 1-ERG

“eu estou dando panela para a minha esposa”

270. ama heke u-ilüN-te-tagü

(> **ama heke uilündetagü**)

minha mãe heke 1-colar-VBLZ-CONT

“minha mãe esta colocando meu colar”

271. kongoho heke oti umuntuN-te-lü

(> **kongoho heke oti umuntundelü**)

chuva ERG campo flor-VBLZ-PNCT

“a chuva floresceu o campo”

3.3.3.2.2 Os verbalizadores *gi* e *tsi*

Os verbalizadores *gi* e *tsi* carregam o traço [CAUSA EXTERNA] e formam verbos da Classe IV:

272. **u-hi-tü itu-ngu heke u-kasa-gi-tsagü**
1-coxa-REL dor-REL ERG 1-mancar-VBLZ-CONT
 “a dor de minha coxa me faz mancar”

273. **kuigiku heke u-ele-gi-tsagü**
mingau ERG 1-aumentar-VBLZ-CONT
 “o mingau está me fazendo aumentar de tamanho (de peso)”

274. **u-ka-tsu heke u-ege-tsi-jü**
1-trabalho ERG 1-preguiça-VBLZ-PNCT
 “o meu trabalho me provoca preguiça”

3.3.3.2.3 O verbalizador *ha* (^mba)

O verbalizador *ha* (^mba) forma verbos transitivos; até o momento, infelizmente, não conseguimos entender a sua semântica:

275. **inhalü u-aki-ha-lü i-heke**
não 1-palavra-VBLZ-PNCT 3-ERG
 “ele não me contou”

276. **itoto heke asã ingi-ngoN-ha-tagü (>ingingombatagü)**
homem ERG veado atrás de-SUBS-VBLZ-CONT
 “o homem está perseguindo o veado”

277. **ama heke u-inhaN-ha-lü kanga-ki** (**> uinhambalü**)
mãe ERG 1-alimento-VBLZ-PNCT peixe-INST
 “a minha mãe me alimentou com peixe”

3.3.3.2.4 Os verbalizadores **ki** (> **tsi**) e **ke**

Os verbalizadores transitivos **ki** (> **tsi**) e **ke** são as únicas formas que parecem produzir verbos complexos com características de “incorporação pura”, tal como descrita por Baker (2003).

Em Kuikuro, existe um verbo pleno **ki** com o mesmo significado do verbalizador (“tirar, retirar, arrancar, extrair, diminuir”) e que ocorre com seu objeto direto, um Nome pleno, ocupando a mesma posição do Nome no verbo complexo. Além disso, tanto o verbo pleno **ki** (278) quanto o verbo resultado de verbalização com **ki** (279) pertencem à Classe III:

278. ngongo ki-tagü u-heke tüatai

terra tirar-CONT I-ERG buraco

“estou tirando terra para fazer buraco (cavando)”

279. isi heke kagamuke aũ-ki-lü

mãe ERG criança piolho-VBLZ-PNCT

“a mãe tirou piolho na criança”

Já a o verbalizador **ke** (279) tem uma forma semelhante à forma verbal plena **ike** “cortar” (278) e, praticamente, o mesmo significado, sendo que ambos pertencem à Classe II²⁵:

280. u-i-gü ike-tagü u-heke ü-ki

I-lenha-REL cortar-CONT I-ERG machado-INST

“eu estou cortando a minha lenha com machado”

²⁵ Franchetto (2006:64-65) chama **ke** de ‘sub-raiz’ quando esta forma é reconhecível nas raízes **ike**, **itsake** e **aheke**, variações do significado “cortar”, onde a diferença é determinada pela natureza do objeto cortado ou da maneira com a qual se corta. Todas essas formas de “cortar”, diz Franchetto contêm como elemento constituinte **ke**, a idéia abstrata e indeterminada “cortar”.

- 281. kangamuke heke i agü-ke-tagü**
criança ERG árvore folha-cortar-CONT
 “a criança está cortando folhas da árvore”

Vejamos, agora, exemplos de verbos formados com os dois verbalizadores.

- i. Verbos resultantes da verbalização com **ki**:

- 282. ahiti agü-pe**
urucum semente-ex
 “semente de urucum”

- 282b ahiti agü-ki-tagü u-heke**
urucum semente-VBLZ-CONT 1-ERG
 “eu estou tirando sementes de urucum”

- 283. u-ilü**
1-colar
 “meu colar”

- 283b ama heke u-ilü-ki-tagü**
mãe ERG 1-colar-VBLZ-CONT
 “minha mãe está tirando meu colar”

Nos dois exemplos a seguir (284-284b), observamos a oposição semântica de dois verbalizadores, **te** com o sentido de “colocar (dar)” e **ki** com o sentido de “tirar”. Observe-se que o verbalizador **te** sofre processo morfofonológico ao se sufixar à raiz nasal **ilüN** (**te** > **nde**), enquanto isto não acontece com o verbalizador **ki**:

- 284. ama heke u-ilüN-te-tagü (>ama heke uilündetagü)**
mãe heke 1-colar-VBLZ-CONT
 “minha mãe está colocando meu colar”

- 284b ama heke u-ilüN-ki-tagü**
mãe ERG 1-colar-VBLZ-CONT
 “minha mãe está tirando meu colar”

Consideramos o verbalizador **tsi** como alomorfe de **ki**, já que ele ocorre exclusivamente após raiz que termina com a vogal anterior alta [i] e mantém a mesma semântica de **ki**, embora com um sentido mais específico: “arrancar, tirar partes partes destacáveis do corpo, humano e não-humano”:

285. u-agipi-tsü t-ita-ki-nhü

1-sobrancelha-REL ANA-largura-PTP-PATNR

“a minha sobrancelha é grossa”

285b itão agipi-tsi-lü u-heke

mulher sobrancelha-VBLZ-PNCT 1-ERG

“eu tirei a sobrancelha da mulher”

286. tsuei u-iküpi-tsü

muito 1-barba-REL

“eu tenho muito pêlo no queixo”

286b itão heke itoto iküpi-tsi-lü

mulher ERG homem barba-VBLZ-ONCT

“a mulher barbeou o homem”

287. kajü ipuhi-tsi-lü u-heke

macaco pêlo-VBLZ-PNCT 1- ERG

“eu pelei o macaco”

288. u-imbui-tsü

1-pêlos pubianos-REL

“meus pêlos pubianos”

288b itão heke tü-inho imbui-tsi-tagü

mulher ERG REFL-marido pêlos pubianos-VBLZ-CONT

“a mulher está tirando pêlos pubianos do marido”

Note-se que os Nomes verbalizados nos exemplos acima pertencem à Classe Flexional Nominal V (morfema Relacional –**tsü**); neles podemos reconhecer o morfema **pi (hi)**, “pêlo”, concatenado a raiz denotando parte do corpo (testa, púbis, queixo, etc.), formando um nome composto.

ii) Verbos resultantes da verbalização com **ke**.

O verbalizador **ke** produz verbos pertencentes à Classe flexional II e tem significado de “cortar, decepar, partes do corpo (humano e não-humano)”:

289. isi heke t-umuku-gu agi-ke-nügü

mãe ERG RFL-filho-REL franja-cortar-PNCT

“a mãe cortou os cabelos (franja) do seu filho”

290. manga ina-ke-nügü u-heke

manga nariz-cortar-PNCT I-ERG

“eu colhi manga” (lit.: eu cortei o nariz (talo) da manga)

3.3.3.3 Alternâncias de Verbalizadores Transitivo/Intransitivo com o mesmo radical nominal.

Os Nomes podem concatenar-se com verbalizadores transitivos ou com verbalizadores intransitivos, ocorrendo assim, a alternância de valência e de Classe morfológica flexional. Abaixo, apresentamos exemplos de radicais nominais que alternam sua transitividade de acordo com o verbalizador:

ajo – “namorado”

Intransitivo: CL I

291. akago ajo-tuN-tagü (>ajotundagü)

eles namorado-VBLZ-CONT

“eles estão namorando”

Transitivo: CL V

292. u-ajo-te-lü i-heke

I-namorado-VBLZ-PNCT 3-ERG

“ele está me namorando”

esü – “desejo”

Intransitivo: CL I

- 293. itão kusü-gü esü-tuN-tagü itoto i-nha (>esütundagü)**
mulher pequeno-REL desejo-VBLZ-CONT homem 3-BEN
 “a gorota está desejando o rapaz para ela”

Transitivo: CL IV

- 294. u-esü-ki-tsagü kutale ige-i tēnis heke**
1-desejo-VBLZ-CONT mesmo DPROX-COP tēnis ERG
 “o tēnis me faz sentir desejo”

ege – preguiça

Intransitivo: CL I

- 295. u-ege-tsuN-tagü (> uegetsundagü)**
1-preguiça-VBLZ-CONT
 “eu estou com preguiça”

Transitivo: IV

- 296. u-katsu heke u-ege-tsi-tsagü**
1-trabalho ERG 1-preguiça-VBLZ-CONT
 “o meu trabalho me provoca preguiça”

itagi – “fome”

Intransitivo: CL I

- 297. tis-itagi-tsuN-tagü (>tisitagitsundagü)**
13-fome-VBLZ-CONT
 “nós estamos com fome”

Transitivo: CL V

- 298. u-ka-sü heke u-itagi-tse-gagü**
1-trabalho-REL ERG 1-fome-VBLZ-CONT
 “o meu trabalho me dá fome”

ele – “tamanho”

Intransitivo: CL III

- 299. u-ele-ti-tagü**
1-tamanho-VBLZ-CONT
 “eu estou engordando”

Transitivo: CL IV

- 300. kuigiku heke u-ele-gi-tsagü**
mingau ERG 1-tamanho-VBLZ-CONT
 “o mingau está me fazendo aumentar de peso”

3.3.4 Síntese

Apresentamos acima um dos aspectos mais importantes da morfossintaxe Kuikuro: o processo de geração de Verbos a partir de um núcleo funcional dotado de traços categorizadores verbalizantes, o *v*(ezinho) ou verbo leve, em combinação com uma Raiz desprovida de categoria sintática. O verbalizador pode ser fonologicamente nulo ou explícito, sendo que, todo verbalizador fonologicamente explícito concatena-se com um Nome, podendo esse Nome concatenar-se tanto a verbalizadores transitivos quanto a verbalizadores intransitivos. Esse jogo dos verbalizadores com Nomes terá conseqüências interessantes nos processos de Nominalizações que veremos na seção (4.1.3). Na seção que trata das Classes Morfológicas afirmamos que, o traço de Classe Morfológica será definido na derivação, ou seja, no momento que o verbalizador se junta à uma Raiz. Essa assunção é confirmada quando observamos que determinados verbalizadores podem trocar de Classe sem mudar o seus traços, veja o morfema verbalizador *te* (classe III e V)(3.2.1 quadro 09).

Depois dessa imersão nos processos de formação de Verbos, passemos agora aos processos de mudança de valência dos mesmos.

3.4 A Morfologia da Transitivização e da Detransitivização

Outro aspecto importante da morfologia Kuikuro é constituído pelos processos de transitivização e detransitivização, que são processos de mudança de valência e, que em Kuikuro, são expressos por formas também submetidas à organização das Classes

flexionais. Esta seção retoma e aprofunda o tema de minha dissertação de Mestrado (Santos 2002)²⁶.

A transitivização se dá pela adição de morfologia transitivizadora a uma raiz intransitiva, ou monoargumental, tornando-a biargumental. A língua marca o argumento externo, acrescentado, com a posposição **–heke**, marca de Caso ergativo, sinalizando o Agente (A) ou Causa externa, como ocorre normalmente com qualquer verbo transitivo.

A detransitivização se dá pela adição de morfologia detransitivizadora a uma estrutura argumental transitiva, diminuindo sua valência de modo que um verbo biargumental passe a ser monoargumental.

Os processos de transitivização e de detransitivização são realizados através de morfologia explícita. O sufixo transitivizador vem logo após a raiz, sendo que, nos verbos que possuem morfologia verbalizadora realizada fonologicamente, o morfema transitivizador virá logo após os morfemas verbalizadores. A detransitivização é expressa por prefixos que antecedem imediatamente a raiz.

As morfologias causativa e reflexiva são interpretativas, já que elas refletem estruturas sintáticas, e ocorrem em distribuição complementar, dada a impossibilidade de encaixar um reflexivo em um verbo causativizado e a impossibilidade delas co-ocorrerem.

3.4.1 Transitivização

Para realizar o processo de transitivização, a língua Kuikuro dispõe de três formas sufixais logo após o radical verbal e antes da morfologia flexional: **ne**, **ki**²⁷ e **le**. Os dois

²⁶ Ver também Franchetto, 2002 e 2006; Franchetto & Santos, 2003.

primeiros ocorrem de acordo com exigências semânticas e têm distribuição complementar. Todos se afixam a radicais verbais formados com verbalizadores explícitos ou nulos.

Para entendermos quais são as exigências semânticas e a complementaridade entre **ne** e **ki**, lembramos o que foi dito na dissertação. Os sufixos com os papéis temáticos que eles selecionam: o morfema transitivizador **ne** ‘abre’ para um argumento externo Agente [+causa mudança, + estado mental] e define o objeto como tema/paciente [- causa mudança, - estado mental]; o morfema transitivizador **ki** ‘abre’ para um argumento externo Causa/instrumento [+causa mudança, - estado mental] e define o objeto como experienciador [- causa mudança +estado mental]. Em outras palavras, **ki** caracteriza a transitivização de verbos psicológicos ou de estado mental /emocional.

Os radicais verbais intransitivos selecionados pelos transitivizadores não sofrem restrição quanto aos papéis sintáticos (e semânticos) do único argumento. Não há, em Kuikuro, distinção entre inergativos e inacusativos; podemos dizer, aliás, que todos os verbos intransitivos são de tipo inacusativo (Franchetto & Santos, 2001 e 2003).

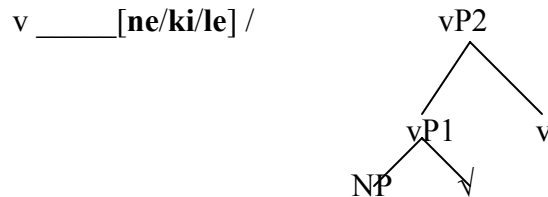
Uma vez adicionado o transitivizador a um radical intransitivo, por movimento de núcleo-para-núcleo, a estrutura resultante é:

$$[[\sqrt{R} \text{---} v^1] \text{---} v^2]$$

podendo o v^1 (verbalizador intransitivo) ser fonologicamente explícito ou não
 v^2 (verbalizador transitivo) só ocorre com morfologia explícita

²⁷ **ki** transitivizador se diferencia do **ki** verbalizador transitivo, pelo primeiro caracterizar-se por ser um morfema causador de mudança de valência e o segundo um morfema categorizador de raízes.

Podemos formalizar uma regra para a inserção da morfologia transitivizadora:

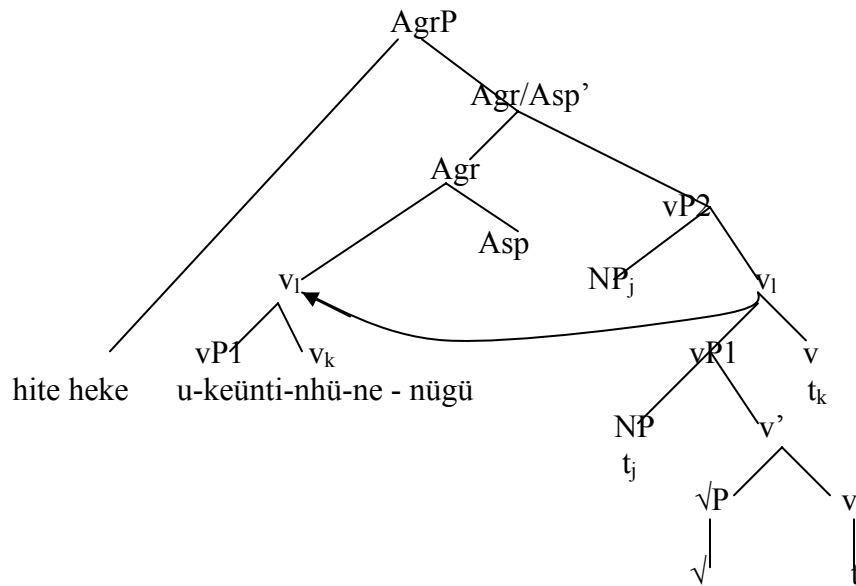


Consideremos, então, a frase abaixo, que contém um verbo intransitivo transitivizado com o morfema **ne**, e, em seguida, a representação em árvore do processo de transitivização:

301. hite heke u-keünti-nhu-ne-nügü

vento *ERG 1-frio-VBLZ-TR-PNTC*

“o vento me fez sentir frio”



Para formarmos o verbo **keüntinhüne** “fazer sentir frio”, o primeiro passo é:

O verbo vP1 **keüntinhü** é formado a partir de um nome mais um verbalizador intransitivo – **keünti** – “frio” (N) + **nhü**(VBLZ) – “sentir frio”. A adição do transitivizador

a um radical intransitivo se dá a partir de movimento de núcleo para núcleo (t_1 (- **nhü**) \longrightarrow t_k (-**ne**). O verbo vP2 *keüntinhüne* é formado a partir de um verbo intransitivo mais o transitivizador – **keüťinhü** – “sentir frio” + **-ne** (TR). O morfema transitivizador – **ne** acrescenta uma causa e introduz um agente.

É preciso ainda dizer que é impossível acrescentar um argumento Agente ou Causa Externa a um verbo intransitivo sem a presença de morfema transitivizador, como mostra o exemplo agramatical (132b):

INT

302. ekise aka-nügü
D3DIST sentar-PNCT
 “ele sentou”

TR

t-umuku-gu aka-ne-nügü i-heke
RFL-filho-REL sentar-TR-PNCT 3-ERG
 “ele fez seu filho sentar”

302b * t-umuku-gu aka-nügü i-heke
RFL-filho-REL sentar-PNCT 3-ERG
 “ele fez seu filho sentar”

Vejamos, agora, exemplos para cada um dos morfemas, sendo que **ne** apresenta variantes condicionadas por Classe morfológica, **ki** não é ‘sensível’ a este fenômeno e **le** tem um ambiente de ocorrência absolutamente restrito. Além disso, é preciso dizer que há uma neutralização das distinções de Classe em decorrência da sufixação de morfema transitivizador, que passa a determinar a Flexão, **ne** a Classe II (CONT **-tagü**, Pontual **-nügü**), **ki-** a Classe IV ((CONT **-tsagü**, Pontual **-jü**), sugerindo que no caso de **ki** está ativo um condicionamento fonológico por palatalização.

3.4.1.1 A alomorfia do morfema transitivizador *ne*

ne se adiciona a radicais intransitivos com morfologia verbalizadora zero ou explícita, das Classes I, II e V:

Classe I:

INT

TR

303. u-muku-gu nakangu-nügü
1-filho-REL banhar-PNCT
 "meu filho banhou-se"

u-muku-gu nakangu-ne-nügü u-heke
1-filho-REL banhar-TR-PNCT 1-ERG
 "eu fiz meu filho banhar"

Classe II:

INT

TR

304. u-ije-nügü enenongo imütonga
1-nadar-PNCT outro lado rio
 "eu nadei para o outro lado da lagoa/rio"

kagamuke-ko ije-ne-nügü u-heke
criança-COLL nadar-TR-PNCT 1-ERG
 "eu fiz as crianças nadarem"

Classe V:

INT

TR

305. kangamuke atu-lü
criança queimar-PNCT
 "a criança se queimou"

kangamuke atu-ne-nügü u-heke
criança queimar-TR-PNCT-1ERG
 "eu fiz a criança se queimar"

- *nge* se adiciona a radicais intransitivos com morfologia verbalizadora zero ou explícita, da Classe III:

INT

TR

306. u-hingankgu-ti-tagü
1-suar-VBLZ-CONT
 "eu estou suando"

giti heke u-hingankgu-ti-nge-nügü tsuei
sol ERG 1-suar-VBLZ-TR-PNCT muito
 "o sol me faz suar muito"

- **nhe** se adiciona a radicais intransitivos com morfologia verbalizadora zero ou explícita, das Classes IV e V:

INT

- 307. u-hehu-tsagü**
1-cansaço-CONT
 "eu estou cansado"

TR

- u-ka-sü heke u-hehu-nhe-nügü**
1-trabalho-REL 1-cansaço-TRZ-PNCT
 "o meu trabalho me cansa"

3.4.1.2 O Processo de Transitivização pelo afixo ki

- **ki** se adiciona a radicais intransitivos com morfologia verbalizadora zero ou explícita de todas as Classes, sem apresentar variantes condicionadas por Classe morfológica.

Segue-se abaixo exemplos de transitivização com **ki** nas diferentes Classes:

INT

- 308. João hüsuN-tagü kuge-ko-inha**
J. vergonha-CONT gente(nós)-PL-BEN
 "João tem vergonha de/diante de todos"

TR

- João hüsu-ki-tsagü alamaki-pügü heke**
J. vergonha-TR-CONT cair-PERF ERG
 "J. tem vergonha porque caiu (a queda/o cair envergonhou J.)"

No exemplo acima ("a queda / o cair envergonhou João"), o agente da ação é uma causa (a queda/o cair) sem traços de animacidade. Vejamos outros exemplos.

INT

- 309. u-kinhuluN-tagü itsai**
1-ciúmes-CONT dele
 "eu estou com ciúmes dele "

TR

- u-kinhulu-ki-tsagü iheke**
1-ciúmes-TR-CONT 3-ERG
 "ele está fazendo eu ficar com ciúmes dele"

INT

- 310. u-hüsu leha**
1-vergonha ASP
 "fiquei com vergonha"

TR

- e-hüsu-ki-jü ekise heke**
2-vergonha-TR-PNCT D3DIST ERG
 'ele te envergonhou"

INT

- 311. u-ingunkgingu-tagü**
1-pensar-CONT
 "eu estou pensando"

TR

- itsasü heke ingunkgingu-ki-tsagü**
3-trabalho-REL ERG pensar-TR-PNCT
 "ele pensou sobre o seu trabalho/
 o trabalho dele o fez pensar"

INT

- 312. u-tehuhesu-tsagü**
1-preocupar-CONT
 "eu estou preocupada"

TR

- ukasü heke u-tehuhesu-ki-jü**
1-trabalho-REL ERG 1-preocupar-TR-PNCT
 "o meu trabalho me preocupa"

3.4.1.3 O Processo de Transitivização com o morfema *le*:

A forma *le*, como dissemos, é selecionada apenas por verbos intransitivos resultados de N+verbalizador *hege*²⁸:

- 313. u-inha-nhu heke äta-hege-le-tagü**
1-mão-VBLZ-PNCT ERG ombro-doer-TR-CONT
 "o meu fazer artesanato me causa dores no ombro"

- 314. u-gipuga-hege-le-tagü**
1-cabeça-doer-TR-CONT
 "fazer a minha cabeça doer"

- 315. u- uhi-pege-le-tagü**
1-coxa-doer-TR-CONT
 "fazer a coxa doer"

3.4.1.4 Síntese

A propósito de síntese dos processos de transitivização, apresentamos no quadro abaixo as formas transitivizadas e sua organização em Classes. Observe-se que os

²⁸ ver verbalizador *hege* (3.3.3.1.3)

morfemas **ne/ki** selecionam apenas duas Classes Flexionais: o morfema **ne** a Classe Flexional II, o morfema **ki** a Classe IV (com possível condicionamento fonológico de palatalização):

quadro 11 – Organização em Classes Morfológicas Flexionais dos morfemas transitivizadores **–ne** e **–ki**:

aspec cont/ pont/	I -tagü ø	II -tagü -nügü	III -tagü -lū	IV -tsagü -jü	V -gagü -lū
TR com -ne/-ki-		angu-ne-nügü fazer dançar aka-ne-nügü fazer sentar ije-ne-nügü fazer nadar alahi-ne-nügü fazer abaixar ahu-nhe-nügü fazer encher		ingunkgingu-ki-tsagü fazer pensar ukinhulu-ki-tsagü fazer ter ciúmes utehuhesu-ki-jü fazer preocupar	
Int					

Por fim, a ausência de morfologia causativizadora em Kuikuro merece alguns comentários.

Não é possível, nesta língua, produzir construções causativas sintéticas a partir de verbos transitivos. Os exemplos que seguem ilustram esta impossibilidade:

- 316. inté amo-tagü u-heke**
cipó bater timbó-CONT I-ERG
 "eu estou batendo timbó"

- 316b *apa heke inté u-amo-ne-nügü / uamokitagü**
pai ERG cipó 1-bater timmbó-TRZ-PNCT
 "meu pai me fez bater timbó"

A introdução de um Agente secundário se dá exclusivamente através de construções analíticas, usando verbos com semântica causativizadora inerente, como **üi** “fazer (imaterial)” ou **uinhakongonügü** "mandar":

- 317. apa heke u-inhakongo-nügü inte amo-tomi u-heke**
pai ERG 1-mandar-PNCT cipó bater timbó-FIN 1-ERG
 "meu pai me mandou bater timbó"

3.4.2 A Detransitivização

Em todas as línguas Karib das quais se tem alguma documentação, o processo de detransitivização é muito produtivo e marcado por um morfema que carrega traços de “reflexividade”, “reciprocidade” ou, simplesmente, “intransitividade”, prefixado a verbos transitivos. Em Kuikuro, a contraparte detransitivizada de um verbo transitivo possui um prefixo analisado como contendo uma vogal, que carrega os traços de pessoa, e outra parte que é o morfema reflexivo proporiamente dito.

3.4.2.1 A ‘pessoa’ e o ‘reflexivo’ nos prefixos de detransitivização

Os processos de detransitivização dizem respeito à mudança de valência e, em Kuikuro, são realizados através de morfologia explícita: prefixos que antecedem imediatamente a raiz. A detransitivização se dá pela adição de morfologia reflexiva a um radical transitivo, tornando-o intransitivo. Reconhecem-se um elemento (vogal) que indica pessoa e o morfema reflexivo que se realiza nas formas segmentáveis [-t-], [g-] e

[**m-**], indicando mudança de valência e que ocorrem com radicais verbais transitivos iniciados por vogais. Os radicais verbais transitivos que iniciam por consoantes serão detransitivizados a partir de processos morfofonológicos que ocorrem em fronteira de morfemas; uma forma [+reflexivo] se juntará ao radical verbal provocando apenas uma mudança na qualidade da consoante do radical verbal, processo não segmentável, com morfologia nula.

O quadro abaixo sintetiza o conjunto de alomorfes do prefixo de detransitivização na língua Kuikuro:

quadro 12 - Alomorfes do prefixo Detransitivizador:

peessoa	I- prefixo DTR V+t-	II- prefixo DTR V+g-	III-prefixo DTR V+m-	IV- radicais iniciados por C g>l	V- radicais iniciados por C h>p	VI- radicais iniciados por C k>ts
1	ut-	ug-	um-	u-	u-	u-
2/3	at-;et-;ot-	ag-;eg-;og-	am-;em-;om-	a-;e-;o-	a-;e-;o-	a-;e-;o-
1EXCL	tisih(a-;e-;o-)t- tih(a-;e-;o-)t- tis(a-;e-;o-)t- tsih(a-;e-;o-)t-	tisih(a-;e-;o-)g- tih(a-;e-;o-)g- tis(a-;e-;o-)g- tsih(a-;e-;o-)g-	tisih(a-;e-;o-)m- tih(a-;e-;o-)m- tis(a-;e-;o-)m- tsih(a-;e-;o-)m-	tisih(a-;e-;o-)l- tih(a-;e-;o-)l- tis(a-;e-;o-)l- tsih(a-;e-;o-)l-	tisih(a-;e-;o-)p- tih(a-;e-;o-)p- tis(a-;e-;o-)p- tsih(a-;e-;o-)p-	tisih(a-;e-;o-)ts- tih(a-;e-;o-)ts- tis(a-;e-;o-)ts- tsih(a-;e-;o-)ts-
1INCL	kuk(a-; e-;o-)t-	kuk(a-; e-;o-)g-	kuk(a-; e-;o-)m-	kuk(a-; e-;o-)l-	kuk(a-; e-;o-)p-	kuk(a-; e-;o-)ts-
PL	kuk(a-;e-;o-)t- ____-ko	kuk(a-;e-;o-)g- ____-ko	kuk(a-;e-;o-)m- ____-ko	kuk(a-;e-;o-)l- ____-ko	kuk(a-;e-;o-)p- ____-ko	kuk(a-;e-;o-)ts- ____-ko

O processo da coluna I é o mais produtivo sendo formado por uma vogal, que carrega os traços de pessoa, e outra parte, a consoante **t-**, que carrega o traço reflexivo²⁹.

²⁹ Existe uma variação do morfema intransitivizador:

i. ut-inhamba-tagü

1DTR-alimentar-CONT

A distribuição alomórfica é mostrada a seguir:

- ut-** 1 pessoa [+Ego, RFL]
et-, at-, ot- 2/3 pessoa [-Ego, RFL]
tis (e, a, o)t- 1 EXCL [+Ego +Tu, RFL]
kuk (e, a, o)t- 1 INCL [+Ego +Alter, RFL]

Observe-se que os alomorfes da 2^a e 3^a pessoa são condicionados por harmonia vocálica, fenômeno característico da língua, enquanto a 1^a pessoa é invariavelmente codificada por **ut-**. Há algo único nesse paradigma: a distinção 2^a/3^a é neutralizada.

(i) Grupo da coluna I:

- 318. ut-agihisute-lü**
1DTR-pintar a testa-PNCT
 “eu pintei a minha testa”
- 318b at-agihisute-lü**
2/3DTR-pintar a testa-PNCT
 “você/ele pintou a sua testa”
- 318c kuk-at-agihisute-lü**
12-DTR-pintar a testa-PNCT
 “nós estamos pintando a nossa testa”
- 318d tis-at-agihisute-lü**
13-DTR-pintar a testa-PNCT
 “nós estamos pintando as nossas testas”
- 318e kuk-at-agihisute-lü-ko**
12-DTR-pintar a testa-PNCT-PL
 “nós estamos pintando as nossas testas”

“eu estou me alimentando”

- ii. um-inhamba-tagü**
1DTR-alimentar-CONT
 “eu estou me alimentando”
- iii. un-inhamba-tagü**
1DTR-alimentar-CONT
 “eu estou me alimentando” (Tago e Mutuá – 1/12/2006)

- 319. ut-ekugi-tsagü**
IDTR-pintar-CONT
 “eu estou me pintando”
- 319b et-ekugi-tsagü**
2/3DTR-pintar-CONT
 “você/ele está se pintando”
- 320. ut-igikasi-tagü**
IDTR-CONT
 “eu estou me cuidando”
- 320b et-igikasi-tagü**
2/3DTR-CONT
 “você/ele está se cuidando”
- 321. ut-ongi-nügü**
IDTR-PNCT
 “eu me escondi”
- 321b t-ongi-nügü**
2/3DTR-esconder-PNCT
 “você/ele se escondeu”
- 322. ut-uã-te-tagü**
IDTR-abrigo-VBLZ-CONT
 “eu estou me cobrindo”
- 322b et- uã-te -tagü**
2/3DTR- abrigo-VBLZ-CONT
 “você/ele está se cobrindo”

(ii) Grupo da coluna II:

O morfema detransitivizador é formado pelo prefixo **g-** com traço reflexivo e o morfema de pessoa realizado pelas vogais (u- 1p; e- 2p; i-3p): as vogais do prefixo de pessoa sofrem harmonia vocálica com a primeira vogal do radical.

- 323. ug-akandote-gagü**
IDTR-dar banco-CONT
 “eu estou me dando banco”

- 323b ag-akandote-gagü**
2/3 DTR--dar banco-CONT
 “você/ele está se dando banco”
- 324. ug-iküpitsi-lü**
1DTR -barbear-PNCT
 “eu estou me barbeando”
- 324b eg-iküpitsi-lü**
2/3 DTR -barbear-PNCT
 “você/ele está se barbeando”
- 325. ug-opi-tsagü (versão TR – opi – virar)**
1 DTR -voltar-CONT
 “eu estou voltando”
- 325b og-opi-tsagü**
2/3 DTR -voltar-CONT
 “você/ele está voltando”
- 325c tsih-og-opi-pügü leha**
13 DTR -voltar-PFV CMPL
 “todos nós já voltamos”

(iii) Grupo da coluna III:

O morfema detransitivizador é formado pelo prefixo **m-** com traço reflexivo e o morfema de pessoa realizado pelas vogais (u- 1p; e- 2p; i-3p). Os radicais verbais prefixados por este morfema começam por vogais nasais; as vogais do prefixo de pessoa sofrem harmonia vocálica com a primeira vogal do radical.

- 326. um-ankali-jü**
1/DTR -lavar cabeça-PNCT
 “eu lavei minha cabeça”
- 327. om-ögote-pügü**
2/3 DTR -assar-PFV
 “você/ele já assou seu próprio alimento”

328. um-unkgi-lü
1DTR-sangrrar-CONT
 “eu estou sangrando”

328b em-unkgi-lü
2/3DTR-sangrar-PNCT
 “você/ele sangrou”

329. um-ünde-tagü
1DTR-fazer casa-CONT
 “eu estou fazendo a minha casa”

329b tsih-em-ünde-tagü
13DTR-fazer casa-CONT
 “nós estamos fazendo a nossa casa”

Os grupos das colunas IV, V e VI manifestam processos de detransitivização com radicais verbais iniciados por consoantes. Não existe morfologia detransitivizadora segmentável e o que ocorre é apenas uma mudança na primeira consoante do radical verbal.

(iv) Grupo da coluna IV

Quando é detransitivizado um radical transitivo iniciado com a consoante tepe velar - representada ortograficamente como **g** -, ocorre processo morfofonológico que muda a primeira consoante do radical de **g**- para **l**-.

Elza Gómez-Imbert, em comunicação pessoal, sugeriu a possibilidade de considerar que o morferma reflexivo **t**-, ao se prefixar ao radical verbal iniciado por tepe velar, causaria uma coronalização (espraiamento do traço coronal de **t**) do tepe velar, uma consoante dorsal, líquida e sonorante: o output **l** é de fato uma consoante líquida, sonorante, mas coronal.

g → **l-** / **t-** _____

gikohi – pintar a cabeça

330. u-likohi-nügü

1-pintar-se na cabeça-PNCT
 “eu me pinte na cabeça”

gamaki – fazer cair, derrubar

331. kangamuke a-lamaki-lü

criança 3-cair-PNCT
 “a criança caiu” (sozinha)

(v) Grupo da coluna V

Um radical transitivo que começa com a consoante glotal ‘de-bucalizada’ **h-**, quando detransivizado é a superficialização da representação subjacente deste segmento, a oclusiva labial surda **p-** (pg161), fenômeno observável também após outros prefixos (1a pessoa inclusiva, Marcador de Objeto nas construções de-ergativizadas), que Franchetto (1995) chamou de formas “conservadoras”.

h → **p-** / **t-** _____

hangape - encostar

332. parede kaenga a-pangape-tagü

parede em cima 3-econstar-se-CONT
 “ele está se enconstando na parede”

333. u-pendzu-tagü

1-cheirar-se-CONT
 “eu estou me cheirando”

334. kuk-e-pekutegagü

12-DTR-curar-CONT
 “nós estamos nos curando”

334b tsih-e-pekutegagü

13DTR-curar-CONT

“nós estamos nos curando”

(vi) Grupo da coluna VI

Em radical transitivo iniciado com a consoante **k**, oclusiva velar surda, temos a mudança para **ts**, africada surda. Trata-se de processo de coronalização ou palatalização, já encontrado em Kuikuro após o prefixo de 3a pessoa, a vogal coronal **i**.

k → **ts-/ t-**_____

335. u-tsonkgi-pügü leha

1-lavar-se-PERF CMPL

“eu já me lavei”

336. u-ingü e-tsuh-i-jü

1-roupa 3-molhar-se-PNCT

“minha roupa molhou”

3.4.2.2 Uma análise do processo de detransitivização

Lembramos que o prefixo **t-** (**tü-**, **tu-**) é um anafórico, ou seja, a forma do reflexivo para os Nomes e a marca da co-referência entre argumento do verbo principal e argumento do verbo dependente em subordinação:

337. tu_i-muku-gu nakangu-ne-tagü i_i-heke

RFL-filho-REL banhar-TR-CONT 3-ERG

“a mulher está dando banho no seu próprio filho”

338. akago_i i-tsagü kanga-ki tü_i-te-lü-ko_i-ti (Franchetto, 2004:135)

3DDIST ser-CONT peixe-INST RFL-ir-PNCT-PL-DES

“eles querem ir pescar”

O acréscimo de morfologia detransitivizadora a um verbo transitivo causa a eliminação do argumento externo e o que era objeto da transitiva passa a ser sujeito da versão intransitiva. Os verbos intransitivizados, além da leitura reflexiva podem ter leituras incoativa e estativa:

i) Verbos detransitivizados com leitura reflexiva:

TR	DTR
339. u-itsi-tagü katsogo heke <i>1-morder-CONT cachorro ERG</i> "o cachorro está me mordendo "	ug-itsi-tagü <i>1DTR-morder-CONT</i> " eu estou me mordendo "
TR	DTR
340. isi heke t-umuku-gu agike-nügü <i>mãe ERG REFL-filho-REL cortar/cabelo-PUNCT</i> "a mãe cortou os cabelos do seu filho"	at-agike-nügü <i>2/3DTR-cortar/cabelo-PUNCT</i> "ele cortou os cabelos"
TR	DTR
341. isi heke kagamuke ütati-tsagü <i>mãe ERG criança lavar boca-CONT</i> "a mãe está lavando a boca da criança"	um-ütati-tsagü <i>2/3DTR -lavar bocar-CONT</i> "estou lavando a minha boca"

ii) verbos detransitivizados não-reflexivos, semântica incoativa:

TR	DTR
342. ahulu ahumitsi-lü i-heke <i>porta abrir-PNCT 3-ERG</i> "ele abriu a porta"	ahulu at-ahumitsi-pügü <i>porta DTR-abrir-PERF</i> "a porta se abriu/está aberta"
343. ekise heke ahulu ahumitsi-lü <i>D3DIST ERG porta abrir-PNCT</i> "ele abriu a porta"	ahulu at-ahumitsi-lü <i>porta DTR-abrir-PNCT</i> "a porta se abriu (pontual)"
TR	DTR
344. ahukugu agugi-jü u-heke <i>panela rachar-PNCT</i> "eu rachei a panela"	ahukugu at-agugi-jü <i>panela DTR-rachar-PNCT</i> "a panela rachou"

TR

- 345. ito unhe-nügü u-heke**
fogo apagar-PNCT I-ERG
 "eu apaguei o fogo"

DTR

- itoto et-unhe-nügü**
fogo DTR-apagar-PNCT
 "o fogo se apagou"

Observamos que todos os verbos detransitivizados mostram claramente a eliminação do causador da ação presente na sua contraparte transitiva. Como existe uma morfologia detransitivizadora explícita, podemos dizer que a direção da derivação é de verbo transitivo para intransitivo. Os verbos transitivizados, porém, não podem ser por sua vez detransitivizados:

- 346. *ekise at-aka-ne-nügü**
D3DIST DTR-sentar-TR-PNCT
 "ele se obrigou a sentar"

Para não ficarmos apenas na descrição dos fatos, buscamos uma sua análise formal a partir de Marantz (1984), onde encontramos uma interpretação de formas reflexivas em função detransitivizadora.

Marantz (1984: 154) busca explicar como um único constituinte – o reflexivo - pode carregar papéis semânticos de Agente e de Paciente, baseando-se em dados do Albanês, onde verbos transitivos têm contraparte intransitiva através de morfologia reflexiva:

(Pag156 – 4.65)

- (a) Agimi lan veten (forma transitiva)
 Agimi wash-3sg self
 "Agimi washes himself"
- (b) Agimi la-het (forma detransitivizada)
 Agimi wash-3sg
 "Agimi washes himself"

Segundo Marantz, as línguas naturais empregam uma variedade de dispositivos para criar formas verbais reflexivas: morfologia reflexiva afixada ao verbo transitivo, formas reflexivas de verbos transitivos e clíticos adicionados a verbos transitivos. Francês e Português são exemplos desta última possibilidade. Marantz chama as línguas com morfologia reflexiva afixal de “não-clíticas” e as com morfologia clítica, de “línguas clíticas”.

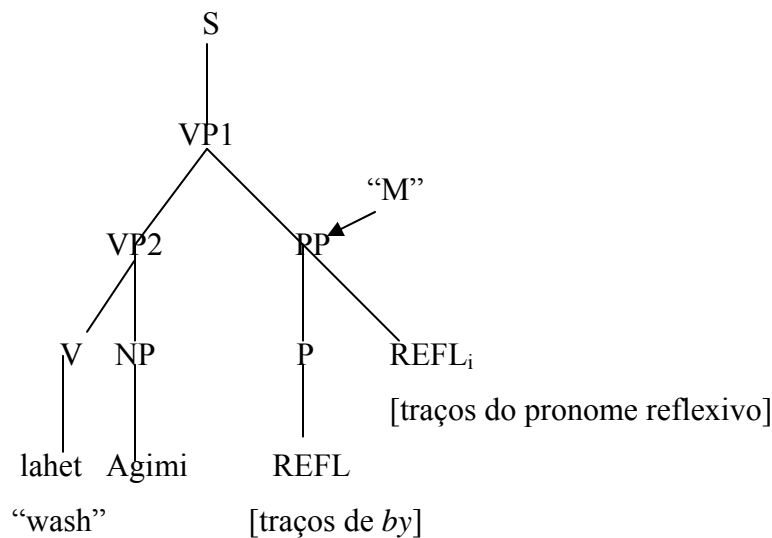
Marantz observa que na construção em (b), acima, *Agimi* carrega os papéis de Agente (banhador) e Paciente (banhado), ferindo a Restrição da Estrutura l-s (Estrutura lógico-semântica)³⁰, que proíbe a possibilidade de um único constituinte servir como Objeto lógico de um verbo e Sujeito lógico de um predicado produzido pelo verbo. Para *Agimi* ser interpretado como Agente e Paciente do verbo, o papel de Agente não pode ser atribuído a *Agimi* diretamente na Estrutura l-s, mas deve ser atribuído por algum elemento reflexivo que toma *Agimi* como seu antecedente.

Marantz assume que formas de verbos reflexivos são derivadas de um verbo transitivo ativo, via afixação. Para fazer com que o afixo reflexivo carregue traços [-sujeito lógico, - transitivo], Marantz postula a existência de um morfema REFL com traços [- sujeito lógico, - transitivo] e um traço de pronome Reflexivo que permita que lhe seja atribuído o papel de Sujeito lógico numa oração reflexiva. Em outras palavras, o afixo REFL deve assegurar que os traços de pronome reflexivo atribuam papel semântico de Sujeito lógico da sentença nucleada pelo verbo reflexivo. Para realizar essa “proeza”, nós diríamos, REFL teria a mesma estrutura argumental da preposição *by* do Inglês. Pesetsky (1995, apud Alexiadou 2001:115) observa que em geral a *by-phase* é possível

³⁰ A Estrutura l-s – Estrutura lógico-semântica – é a representação da semântica composicional de uma sentença relevante para a sintaxe. A Estrutura l-s mostra a relação lógico-semântica entre os constituintes de uma sentença (Marantz 1984:7).

quando um verbo, com argumento externo, sofre mudanças morfológicas que impedem atribuição de Caso acusativo ao objeto.

Para acompanharmos o raciocínio de Marantz, eis abaixo a representação dos passos por ele realizados para descrever essa complexa operação, que ocorre, inteiramente, na estrutura l-s. Veja-se que REFL, assim como a preposição *by*, forma um modificador (M)³¹ que atribui aos traços de pronome reflexivo o papel semântico atribuído pelo predicado que M modifica (na estrutura abaixo VP2), derivando um predicado degenerado (VP1):

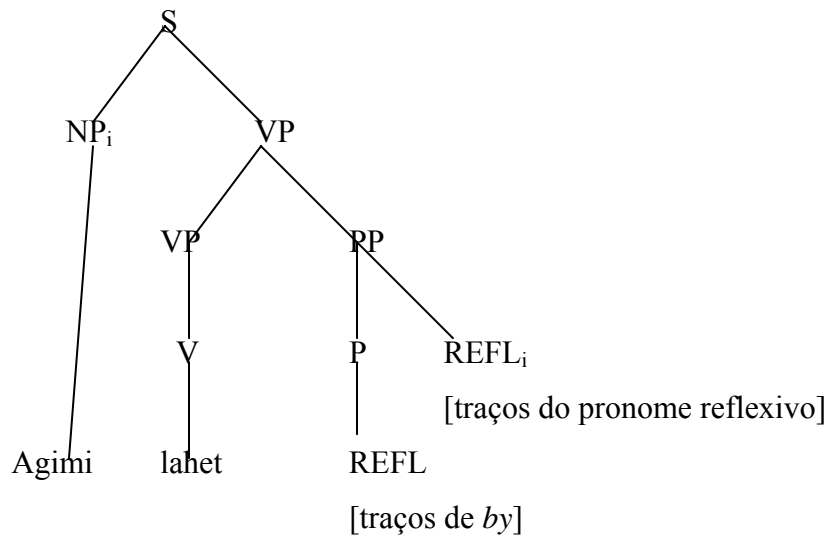


O afixo reflexivo REFL deve concatenar-se com a raiz verbal em algum lugar entre a estrutura l-s e a estrutura-s³². Marantz se move no âmbito dos princípios da Teoria da Ligação, que estabelece que as relações de anáfora-antecedente são estabelecidas (ou

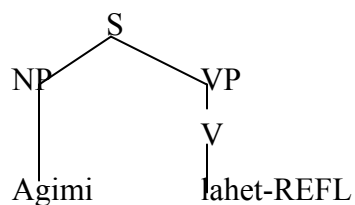
³¹ *Modifier-producing features* são os traços da preposição *by* do Inglês.

³² A Estrutura-s diz respeito às relações gramaticais entre constituintes, como, por exemplo, a entre verbo e objeto (Marantz 1984:7).

checadas) na estrutura *s*. Assim, na representação abaixo da estrutura *s*, Marantz estabelece as relações entre *Agimi* e REFL, *lahet* e REFL, que permanecem distintas:



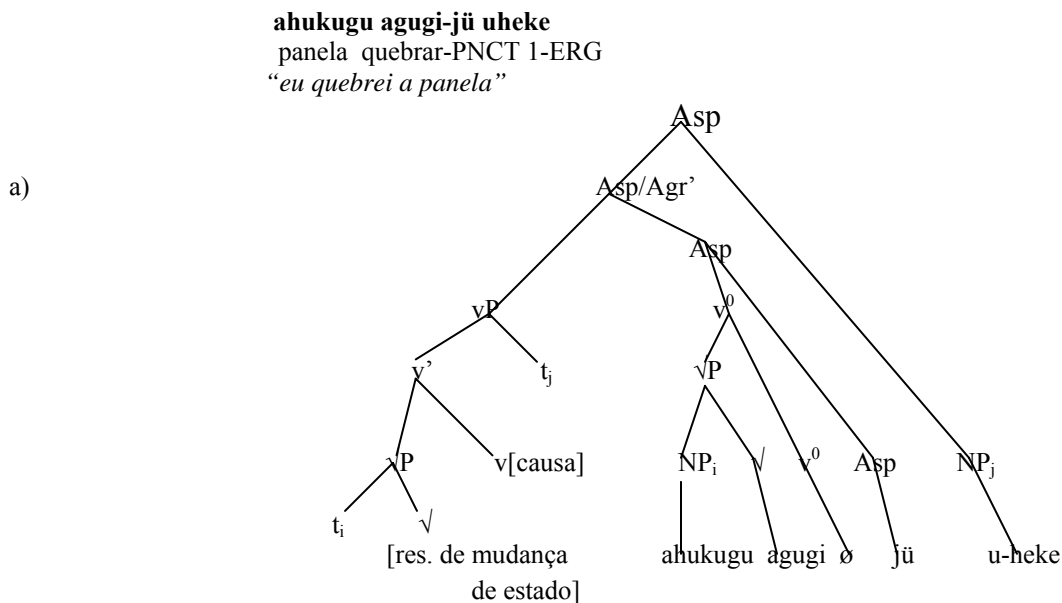
O afixo REFL e a raiz verbal concatenam-se na estrutura-*s* ou superficial, expressando, assim, a relação entre modificador-modificado, PP e o VP alto, dando a estrutura superficial abaixo:



De acordo com a análise não-clítica de Marantz, o reflexivo lexical e o afixo Reflexivo carregam os traços [-sujeito lógico, -transitivo], os traços da preposição *by* do Inglês e os traços de pronome reflexivo. Assim, o afixo REFL e a raiz verbal não são constituintes fonológicos distintos, mas aparecem como um único constituinte na estrutura de superfície. O verbo terá uma entrada lexical contendo no mínimo os traços definidos abaixo:

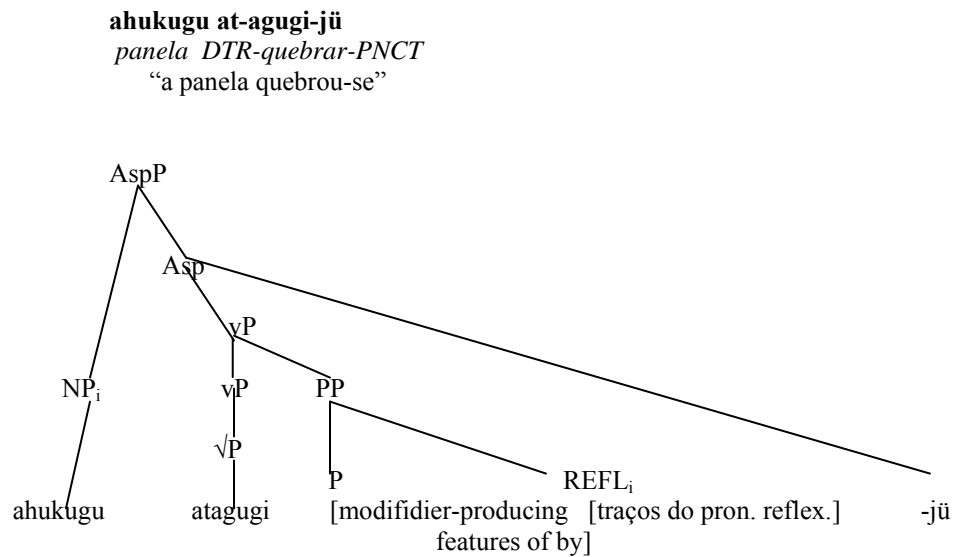
lahet (= lan+REFL), V, “wash” (agent), [-log sub], [-transitive], (“by” (reflexive-pronoun-features)).

Podemos aproximar o Albanês e o Kuikuro, já que ambos utilizam afixos, mais precisamente, prefixos reflexivos, para criar formas reflexivas verbais. O caminho indicado por Marantz, para as línguas que possuem afixos reflexivos, nos parece interessante. Como dissemos em 3.4.2.1, o Kuikuro possui um conjunto de morfemas reflexivos **V(ogal)t-** (com complexa alomorfa) para detransitivizar verbos transitivos. Podemos, assim, representar a formação de um verbo reflexivo a partir de um verbo transitivo: na primeira árvore (a), abaixo, temos a estrutura sintática do verbo transitivo **agugi** “rachar”. A raiz com seus traços semânticos e fonológicos concatena-se com o verbalizador, com traço de Causa Externa, abrindo para o argumento externo (**u-heke**), que se mantém na posição de argumento do vP:



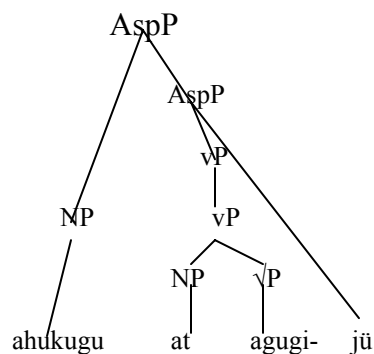
Na segunda etapa da derivação, na estrutura morfológica, o verbo e seu argumento interno sobem para AspP de modo a realizar a Flexão.

Para representar o processo de detransitivização postulamos a estrutura seguinte:



A raiz e o reflexivo devem aparecer, na estrutura superficial, como um único argumento.

(b)



Na estrutura (b), o verbo terá como entrada lexical:

tagugi (=RFL+**agugi**), v, ‘quebrar’ (agente), [-subj. lógico], [- transitivo], (*by* (traços de pronome reflexivo)).

Os traços de *by* atribuirão o papel de sujeito lógico e o papel semântico de paciente (quebrado) para os traços de pronome reflexivo. Assim o verbo **tagugi** “quebrar-

se” é [-subj. lógico, -transitivo] e o objeto lógico **ahukugu** “panela”, ao qual é atribuído o papel de Agente, será o Sujeito sintático, antecedente para os traços de pronome reflexivo de RFL. Assim, o Sujeito sintático **ahukugu** (“panela”) será interpretado como o quebrador e o quebrado, ou seja, como Agente e Paciente, o que corresponde a uma interpretação reflexiva.

3.5 O DILEMA DO Participípio: o sistema *t-V-ce das línguas Karib e o Kuikuro

Como nas outras línguas da família Karib, o Kuikuro apresenta o reflexo da proto-construção *t-V-ce, chamada, geralmente, de Participípio, marcada pela presença de uma Flexão Aspectual de Participípio Passado, sendo que a posição de argumento interno é preenchida por uma única forma prefixal, glosada por nós como ‘pessoa anafórica (ANA)’: **t(tü)-**. Este prefixo poderia ser considerado homófono da marca de 3a pessoa anafórica, membro do paradigma de prefixos pronominais (2.2.1.2), já que na construção participial ele parece ter perdido tanto o traço de pessoa como o traço de anaforicidade, tornando-se um mero ‘preenchedor’ de posição argumental ou parte de um ambifixo codificando a flexão participial (**t-V-PTP**). Esta última hipótese é oferecida por alguns dos lingüistas especialistas em línguas Karib, os poucos que descreveram essa construção.

O sistema *t-V-ce em línguas karib setentrionais é descrito como desempenhando função de advérbio, ou, melhor, como sendo o resultado de um processo de adverbialização. É assim que Derbyshire o define em seu panorama descritivo e comparativo das línguas karib (Derbyshire, 1999:50), dando a estrutura **tĩ-** + **N** ou **V**

radical + Sufixo. Derbyshire diz que o prefixo **ti-** é invariável, podendo haver mudanças por condicionamentos fonológicos ou por características semânticas do radical. O prefixo **ti-** seria um ADV(erbializador), que se combina com diferentes sufixos em radicais nominais ou verbais. Derbyshire usa como exemplos dados da língua Wai Wai, retirados da gramática elaborada por Hawkins (1998):

(16a) **ti-....-so/-fi** ‘estado ou processo derivado do verbo’

INTR **t-waih-so** **n-ø-a-si**
 ADVZ-die-ADVZ 3S-be-SF-NOPAST
 “He is dying” (refers to S of the action)

TR **t-ama-fi** **n-ø-a-si** **on weewe**
 ADVZ-slash-ADVZ 3S-be-SF-NOPAST this tree
 “This tree is slashed” (refers to O of the action)

Observe-se que em Wai Wai a construção adverbial derivada é acompanhada pelo verbo auxiliar flexionado. Para formar uma nominalização de S, sufixa-se o morfema nominalizador **-mi** (cognato do Kuikuro **-nhü**, ver 4.1.3.3) à construção adverbializada, resultando disto um nominal derivado de verbo intransitivo: **t-waih-so-mi**, “one who dies/is dying”.

Para a língua Trio (Tiriyó), Carlin (2002:72 e 2005) analisa a construção **tĩ-√-se** como **COREF(erential)-verbo-marcador não-finito**. O sufixo é interpretado, então, como marcando uma forma verbal não finita; o condicionamento de seus alomorfes não é, contudo, claro e não se fala em Classes Morfológicas. Além disso, Carlin (2005) lista as seguintes características:

- Não há flexão de Tempo no verbo; a construção não é formalmente ancorada em Tempo, mas é traduzível como Tempo passado;

contudo, ainda tem caráter de intuição de um caminho possível (ou de caminhos possíveis) de interpretação. Não pretendemos apresentar, aqui, ainda, a uma análise definitiva para esse fenômeno que, para nós e para os ‘karibólogos’ em geral, um problema. Antes de entrar na questão, vejamos quais são as características da construção ***t-V-ce** e os dados em Kuikuro.

Gildea (1998: 218 e sgs), ao reconstruir a proto-morfossintaxe karib, descreve o sistema ***t-V-ce** como uma das possíveis origens das construções ergativas nas línguas da família, graças a uma cadeia de gramaticalização, pela qual, através de uma seqüência de etapas de reanálise, uma construção participial, acompanhada por auxiliar/cópula, é reanalisada como uma passiva (com auxiliar/cópula e agente marcado não obrigatório) e, depois, como uma construção ergativa (sem auxiliar e com agente marcado obrigatório). Em algumas línguas karib a forma participial é sempre seguida pelo Nominalizador ***-mi**, do qual deriva, como já dito, o nominalizador Kuikuro **-nhü**. O autor assim descreve a proto-forma ***t-V-ce**: ***t(i)-** “Adverbial”; ***-ce** “Participial” e seus alomorfes **-se, -so, -ze, -fe, -tze, -tfe, -ye, -he, -ti, -t, -y, -e, -i** e **-Ø**. Estes morfemas, diz Gildea, podem aparecer, nas línguas da família, separadamente ou combinados um com outro.

3.5.1 O Particípio Kuikuro

A língua Kuikuro ‘escolheu’ algumas das formas ‘karib’, organizando-as pela lógica de Classes morfológicas: **tü-/ t- Verbo -i/-ti/-si/-acento**. Elas se afixam a um radical verbal que pode ser transitivo, transitivizado, intransitivo ou detransitivizado.

Observem a sua distribuição:

quadro 13 - As Classes Morfológicas do Participio:

	CLI	CLII	CLIII	CLIV	CLV
PTP	<i>t-a~ug-i</i> mentir	<i>tü-aka-ndi</i> sentar	<i>t-ije-ti</i> nadar	<i>t-alahí</i> abaixar	<i>t-ogopi-si</i> voltar
	<i>tü-het-i</i> gritar	<i>tü-e-ndi</i> entrar	<i>t-ale-ti</i> encher	<i>t-apitsí</i> escorregar	<i>t-ili-si</i> beber
	<i>tü-hosig-i</i> sorrir	<i>tü-emü-ndi</i> afundar	<i>t-anhe-tí</i> perder	<i>tü-hé</i> matar	<i>t-agugi-si</i> rachar
		<i>tun-di</i> dar	<i>t-akule-ne-ti</i> fazer coar	<i>tü-hotsí</i> furar	<i>t-ingunkgingu-ki-si</i> fazer pensar
				<i>t-ahu-si</i> alagado	<i>t-aku-si</i> estar de barriga cheia

O sentido da forma participial – glosada PTP - é de algo concluído, o que a aproxima do aspecto perfectivo, expresso pelo sufixo **-pügü** (e seus alomorfes), mas a isto acrescenta a idéia de um resultado que é condição, estado, propriedade do referente coindexado com o prefixo anafórico **t(ü)-**, que ocupa a posição de argumento absolutivo:

- 347. t_i-apü-ng-i leha ekege_i leha**
ANA-maduro-VBLZ-PTP CMPL onça CMPL
 “já morreu/tendo já morrido/já morta, a onça”

ou

- 347b ekege_i leha t_i-apü-ng-i leha**

t-apü-ng-i “morto” é o estado resultante de um evento ‘morrer’. Veja-se que o SN coindexado (**ekege**) está ‘livre’ de sua relação de argumento absolutivo do verbo: ele

pode ocorrer antes ou depois do verbo em forma participial, separado dele pela partícula **leha**, mantendo sua autonomia fonológica, já que não constitui uma unidade (sintática e fonológica) com o verbo, em outras palavras, não está na posição de argumento interno (absolutivo) do verbo. Compare-se as duas construções em paralelo retiradas de uma narrativa (Hitakinalu), a primeira contendo a forma participial (Aspecto Resultativo), a segunda a flexão de Aspecto Pontual:

348. ¹ankge t-und-i i-heke inha
chocalho ANA-dar-PTP 3-ERG 3-BEN
 “tendo dado a ela um chocalho”

348b [a¹nkge tu-nügü-ha] i-heke
chocalho dar-PNCT-AFF 3-ERG
 “ele deu para ela um chocalho”

A forma participial é muito freqüente em narrativas, quando o narrador a utiliza para encadear a seqüência de eventos contados, criando um efeito claro de *background* para os eventos *foregrounded*, uma espécie de ponte, de passagem, recuperando um ‘ator’ mencionado anteriormente, mantendo-o como tópico do discurso e assim recuperável pelo ouvinte. O Particípio é também freqüente nos pares pergunta/resposta. Vejam-se os exemplos abaixo:

349. unte a-tahaku-gu
Q 2-arco-REL
 “onde está o seu arco?”

349b t-anhe-ti leha u-heke
ANA-perder-PTP CMPL 1-ERG
 “eu já o perdi”

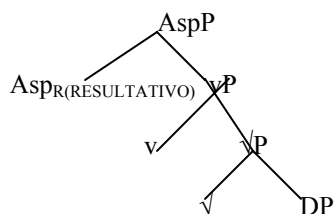
Por fim, a forma participial caracteriza orações dependentes em função adverbial:

- 350. t-apitsí leha u-te-lü-ingo**
ANA-escorregar-PTP CMPL I-ir-PNCT-FUT
 “eu irei rio abaixo”

Note-se que o particípio é quase sempre acompanhado pela partícula ou advérbio aspectual **leha**, ‘completivo’ (CMPL), que nossos consultores Kuikuro definiram, significativamente, como “uma porta que se fechou atrás”.

Para tratarmos do Particípio, adotaremos a análise que Embick (2001) desenvolve para as estruturas de participios resultativos em Inglês, as quais denotam, exatamente, um estado resultante de um evento anterior. O autor propõe um núcleo de Aspecto [$\text{Asp}_{\text{R(RESULTATIVO)}}$], com traços de ‘resultatividade’ e de ‘estatividade’, que se junta à um vP.

A forma participial em Kuikuro apresentaria, então, um morfema PTP logo acima do vP, dando uma leitura resultativa ao evento verbal. Apresentamos abaixo a estrutura do particípio Kuikuro adotando o núcleo $\text{Asp}_{\text{R(RESULTATIVO)}}$ proposto por Embick:



- 351. t-apü-ng-i**
ANA-maduro-VBLZ-PTP
 “morto”

À forma verbal intransitiva é concatenado o núcleo de Asp[resultado] que é realizado com as formas do item de vocabulário que dependerão da Classe Morfológica ao qual o radical verbal pertence, mais o prefixo **tü-/t-** referente ao argumento interno (S, O).

Como vimos, na seção (3.2), os verbos se organizam em cinco Classes Morfológicas Flexionais de uma forma idiossincrática. Os Itens de Vocabulário que realizam o Particípio apresentam quatro formas que se distribuem nas ditas Classes. A distribuição pelas Classes não indica, como é de se esperar, qualquer motivação fonológica ou semântica. O ambiente de inserção será contextualizado, ou seja, cada item de vocabulário terá uma lista de verbos determinando a sua inserção. Vejamos abaixo os Itens de Vocabulário e seus contextos de inserção:

/tü/t__i/ \longleftrightarrow [PTP] /__Lista de radicais verbais pertencentes à classe I

/tü/t__ti/ \longleftrightarrow [PTP] /__Lista de radicais verbais pertencentes à classe II

/tü/t__acento na última vogal da raiz verbal / \longleftrightarrow [PTP] /__Lista de radicais verbais pertencentes às classes III e V

/tü/t__si/ \longleftrightarrow [PTP] /__Lista de radicais verbais pertencentes à classe IV

Apresentamos, a seguir, para cada Classe, exemplos de radicais verbais nas formas participiais.

1- Verbo intransitivo da CLI³³: o PTP se realiza com a forma: **tü-/t-+Verbo+ -i**:

- 352. ekege t-apü-ngu-i leha (t-apünguN-i > tapüngi)**
onça ANA-maduro-VBLZ-PTP CMPL
 “a onça , ela já está morta”

2- CLII: O PTP se realiza com a forma: **tü-/t-+Verbo+-ti**:

- 353. akandohe leha t-ets-uhe-ti**
banco CMPL ANA-2/3DTR-quebrar-VBLZ-PTP
 “o banco, ele já está quebrado”

- 354. ahütü gele embuta tuN-ti-la u-heke inha**
NEG ainda remédio ANA dar-PTP-NEG 1-ERG 3-BEN
 “ainda não foi dado o remédio para ele por mim”

No exemplo (353) o verbo é detransitivizado, em (354) o verbo é transitivo.

3- CLIII - Forma do Particípio passado: **tü-/t-+Verbo+ acento na última vogal do radical verbal**:

- 355. ai leha t-amé u-heke**
CMPL ANA-gravar-PTP 1-ERG
 “eu já o gravei”

(Kukopogipügü, linha 021)

- 356. lepe tü-hagakí i-heke, agi-lü leha i-heke**
depois ANA-arrancar-PTP 3-ERG jogar-PNCT CMPL 3-ERG
 “depois dele tê-lo arrancado, ele o jogou fora”

4- CLIV - Forma do Particípio passado: **tü-/t-+Verbo+-si**:

- 357. konige t-aku-si u-i-tsagü**
ontem ANA-estar de barriga cheia-PTP 1-ser/estar-CONT
 “ontem eu estava de barriga cheia”

³³ Lembramos que na Classe I só tem verbos intransitivos.

- 358. u-alato-gu-pe tsekegü-pe t-at-agugi-si leha**
1-tacho-REL-ex grande-ex ANA-2/3DTR-rachar-PTP CMPL
 “o que foi meu tacho, o que era grande, ficou rachado”

5- CLV - Forma do Particípio passado: **tü-/t-**+Verbo+acento na última vogal do radical verbal, a mesma forma para os verbos da CLIII:

- 359. i tü-hoté leha**
árvore ANA-queimar-PTP CMPL
 “a árvore, ela já está queimada”

Seguem, agora, as formas participiais que ocorrem com verbos transitivizados pelos morfemas **ne** e **ki** (3.4.1):

i. Com o transitivizador **ne**:

- 360. itão leha t-angu-ne-ti**
mulher CMPL ANA-dançar-TR-PTP
 “a menina, foi feita dançar” (quando a menina reclusa sai pela 1ª vez para dançar)

- 361. kangamuke leha t-angahe-gu-ne-ti**
criança CMPL ANA-pular-VBLZ-TR-PTP
 “a criança, foi feita pular” (alguém pegou a criança e a fez pular)

ii. Com o transitivizador **ki**:

- 362. u-ajo leha t-ingunkgi-ngu-ki-si u-heke**
1-namorado CMPL ANA-pensar-VBLZ-TR-PTP 1-ERG
 “eu já pensei no meu namorado/ o meu namorado, já foi pensado por mim”

- 363. u-muku-gu t-ipügelu-ki-si kanga heke**
1-filho-REL ANA-tremer-TR-PT peixe-ERG
 “meu filho, foi feito tremer pelo peixe” (deu febre, fez mal)

Apresentados os dados Kuikuro e uma vez interpretada a forma participial, manifestada pelo sufixo PTP, como sendo um Aspecto Resultativo, nos resta tentar explicar o prefixo **t(ü)-**, que, como vimos, é visto por uns como parte de um ambifixo

PTP, por outros como uma forma pronominal genérica, mas com características de anáfora (COREF).

3.5.1.1 O argumento anafórico no Particípio Kuikuro

No Particípio, o prefixo **tü-/t-** ocupa obrigatoriamente e sem exceções a posição normalmente destinada ao argumento interno (livre ou como prefixo), sendo ele igual ao reflexivo ou à anáfora que recupera antecedente no interior do domínio da frase (ver 2.2.1.2.4). É preciso investigar a razão pela qual esta posição, no Particípio, pode ser ocupada apenas por esta forma anafórica.

Retomemos o que antecipamos anteriormente. Franchetto (2004: 136-7) diz que nas formas participiais “a posição do marcador de pessoa é preenchido exclusivamente por uma forma fixa e genérica **t(tü)-**. (O particípio) ocorre como verbo de uma oração matriz, mas com o significado de uma dependência temporal ou lógica de um evento ou ação imediatamente anterior”. O exemplo abaixo é dado pela autora e é retirado também de uma narrativa:

364. hugogo apagatsi-lü i-heke-ni; aiha
praça central varrer-PNCT 3-ERG-PL acabou
 “elas varreram a praça central, acabou”

364b (ü)lepe kwakutu ati tü-eN-ti-ko;
então casa dos homens INESS ANA-entrar-PTP-PL
 “então elas entraram na casa dos homens...” (as mulheres que estavam varrendo)

Poderíamos dizer que a forma participial não somente indica uma dependência ou sucessão do que vem antes, como abre para o que acontece logo depois.

Há mais evidências para definir **tü-** do Particípio como sendo anafórico:

365. **u-hula-gü-pe_i leha t̥i-anhe-ti leha u-heke**
1-fuso-REL-ex CMPL ANA-perder-PTP CMPL 1-ERG
 “o meu antigo fuso, eu já perdi”

366. **aa-pe_i leha t_i-et-inhoti-ke-ti leha**
corda-ex CMPL ANA-3/DTR-fio-quebrar-PTP CMPL
 “minha velha corda, ela já quebrou-se”

Podemos, então, sintetizar as propriedades do morfema **t̥i-/t-**: (i) ele demanda um antecedente para a sua interpretação referencial; (ii) o morfema **t̥i-/t-** ocupa a posição de argumento interno, ‘liberando’ o SN coreferencial da relação canônica de argumento absolutivo do verbo. O primeiro problema é como redefinir a sua anaforicidade, já que em muitos casos o seu antecedente está fora do domínio mínimo (a frase), ou seja quando ele recupera um tópico distante, no discurso que precede. Temos, então, o problema de distingui-lo do reflexivo **t̥i-/t-** propriamente dito, já que nas construções participiais o traço de reflexividade parece não estar mais presente. Por fim, precisamos definir a o peso argumental desse morfema.

Em comunicação pessoal, Heidi Harley nos sugeriu duas análises possíveis do morfema **t̥i-/t-**. A primeira seguiria a interpretação feita por Zagona do clítico *se* em Espanhol como operador aspectual:

Juan se bebió una caña

Há nesta língua duas leituras do clítico *se*: uma Reflexiva e outra Aspectual. Não tivemos acesso ao trabalho de Zagona (1996), mas encontramos em Miguel & Lagunilla (1998), uma boa síntese e uma boa crítica dessa hipótese. Segundo Zagona, o *se* aspectual seria um operador verbal, como um advérbio, indicando uma relação entre sujeito e objeto no final do evento nos predicados cujo objeto experimenta uma mudança de estado. O *se* marcaria a culminação de um evento, onde esta coincide com o término do

mesmo evento, e coincide com o perfectivo. Miguel & Lagunilla mostram que é preciso refinar a análise a partir das restrições de ocorrência do *se* aspectual com certos tipos de verbos e com certos modificadores adverbiais. Concluem que o *se* aspectual do espanhol, abreviatura do paradigma pronominal, só acontece com predicados que descrevem eventos complexos em sua estrutura interna de um certo tipo: o clítico marcaria o ponto culminativo de um evento seguido por uma mudança de estado. Além disso ele não coincide com o perfectivo:

el libro se caió del estante

Juan se murió ayer

* *se floreció*

* *el niño se nació setemesimo*

* *Maria se engordo*

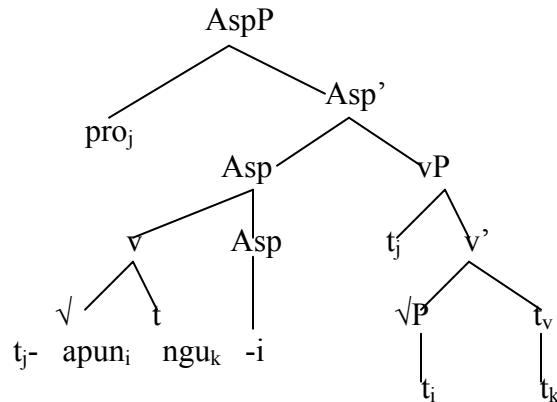
* *El agua se hirvió en un instante*

Há, sem dúvida, uma instigante semelhança entre o *se* Espanhol, aspectual, não reflexivo e não-argumental, com sua específica semântica aspectual, e o **t(ü)-** Kuikuro, associado ao aspecto Particípio (resultativo, perfeito (passado)). Não encontramos, contudo, em Kuikuro, qualquer restrição de ocorrência da forma participial dependendo da semântica do evento, analisável em fases (ápice seguido por mudança de estado ou processo, telicidade, terminatividade). E ainda não podemos ignorar todas as evidências que fazem do **t(ü)-** o argumento interno do verbo e seu traço de anaforicidade.

Harley nos sugeriu um segundo caminho: considerar **t(ü)-** um pro(zinho) gerado em posição argumental e realizado fonologicamente. Procuramos representar essa possibilidade na estrutura abaixo:

367. **ekege leha tapü-ngu-i (>tapüngi)***onça CMPL ANA-morrer-PTP*

“a onça já morreu/morta/tendo morrido”



Na configuração acima, imaginamos a formação de **tapüngi** a partir de **t-** enquanto **pro(zinho)** gerado na posição argumental do verbo e marcado pelo Caso Absolutivo. Ele seria coindexado para a sua interpretação referencial com um SN em CP (**ekege** em Foco, no exemplo acima) ou como adjunto a VP (se **ekege** ocorresse em posição final: **tapüngi leha ekege leha**). Parece, todavia, teoricamente contraditório continuar a chamar **t(ü)-** de anáfora, a menos que abramos mão de uma noção de anáfora ‘parametrizada’ ou de um elemento que se apresenta em uma espécie de continuum do reflexivo propriamente dito até uma ‘anáfora de longa distância’. Confessamos que nosso esforço de análise parou neste ponto, mas temos a convicção de ter ensaiado tentativas interessantes rumo ao entendimento do Particípio. Será preciso continuar e aprofundar o estudo desse aspecto da morfossintaxe Kuikuro (e das outras línguas karib).

3.6 Síntese

Como postulamos, verbos e nomes são o *output* de uma operação categorizadora de morfemas funcionais sobre morfemas lexicais.

As Classes Morfológicas consituem, poderíamos dizer, uma linha de força estruturante que atravessa, se não toda, grande parte da morfossintaxe do Kuikuro. Uma vez descobertas e levadas a sério, ela acabam se tornando a feição mais impressionante da personalidade da língua.

A descoberta não é de hoje. Franchetto, em sua tese de doutorado (1986: 334 a 346), já observava que “os sufixos de tempo/aspecto (e de modo) são discriminados segundo a Classe Lexical das raízes às quais podem ser acrescentados”, identificando quatro “classes lexicais verbais”. Nosso trabalho foi o de ‘levar a sério’ esta observação, redescobrir, se assim podemos dizer, as Classes no conjunto dos muitos dados acumulados a partir do ano de 2001, data de início do Projeto de Documentação do Kuikuro, e à luz de um modelo teórico que nos pareceu ter uma ‘afinidade’ especial com os fenômenos que vínhamos investigando.

Esta parte da tese contém não apenas a confirmação da existência das Classes, agora chamadas de ‘morfológicas’, como, também, as novas descobertas empíricas que nos permitiram aprofundar, ampliar e, sobretudo, redesenhar o ‘jogo das Classes’.

Vimos como há uma distinção máxima de cinco Classes morfológicas na flexão de Aspecto Pontual e como a diferenciação entre Classes para outros aspectos e na flexão de modo recorta subconjuntos possíveis das cinco Classes. Em outras palavras, distinções são neutralizadas dependendo do outro aspecto ou do modo.

Na seção anterior, descrevemos os processos de formação de “verbos”. Faremos o mesmo com as raízes a partir das quais se produzem “nomes”.

CAPÍTULO IV

GERANDO NOMES EM KUIKURO

4.1 A Formação do Nome

Os Nomes em Kuikuro podem ser classificados nos seguintes grupos maiores: (i) nomes ‘primitivos’, ou seja, aqueles formados por uma raiz concatenada ao seu categorizador fonologicamente nulo, e que nomeiam entidades do mundo; (ii) nomes derivados, formados a partir de um radical³⁴ verbal ao qual se acrescentam sufixos nominalizadores (ou deverbalizadores), e que expressam processo/evento ou resultado; (iii) nomes derivados, que nomeiam entidades, formados a partir de radical nominal, de sintagma posposicional, de advérbios.

Em Kuikuro todos os nomes podem se tornar dependentes, ‘possuídos’; não podemos dizer que em Kuikuro há Classes de nomes (ou termos) inalienáveis, alienáveis, etc. Podemos, sim, afirmar que é reconhecível uma distinção entre itens inerentemente dependentes, que incluem nomes de determinados campos semânticos, como partes do corpo, secreções corporais, termos de parentesco, certos artefatos, certas categorias sociais, e os que podem ou não ser possuídos, distribuídos em todos os outros campos semânticos.

O Nome em Kuikuro pode ocupar qualquer posição argumental em uma oração, inclusive ser núcleo de um predicado nominal.

³⁴ Aqui definimos “radical” o morfema lexical já categorizado e “raiz” o morfema lexical não categorizado.

A formação dos Nomes nos grupos (i) e (ii) pode ser visualizada nas configurações em árvore abaixo:



Na representação em (a), o Nome é formado a partir da junção de uma raiz com categorizador fonologicamente nulo. Nesta etapa, o resultado da junção é enviado para a Enciclopédia de modo a ocorrer a negociação semântica. Esta se dá no momento da junção de uma raiz com o categorizador **n**. Os significados desses Nomes são indiossincráticos, não predizíveis.

Na representação (b), o Nome é formado por um processo de recategorização. Neste caso, temos uma primeira fase com a junção da raiz com o categorizador verbal, ponto da negociação semântica. A segunda fase é a junção do resultado desta primeira operação, um radical verbal, com um morfema nominalizador; o significado do nome derivado é dado composicionalmente pelo verbo que já teve o seu significado negociado na fase da primeira categorização (vezinho), sendo que quaisquer novas recategorizações terão seus ‘outpus semânticos’ determinados também composicionalmente.

Em Kuikuro existe um claro paralelismo entre sintagmas nominais e sintagmas verbais, como já observado por Franchetto (1994, 2006). A estrutura de um nome ‘possuído’, flexionado, é a relação entre um núcleo (‘possuído’) e o seu argumento

(‘possuidor’); a estrutura de um sintagma verbal é também a relação entre um núcleo (verbo flexionado) e um argumento (interno, Tema). A grande semelhança morfológica das flexões nominal e verbal é outro aspecto que sobressai. O Nome carrega um conjunto de afixos flexionais que pouco se diferenciam da flexão verbal.

Paralelismo entre sintagmas nominais e orações são recorrentes no estudo de gramáticas. O critério do licenciamento de estrutura argumental usado para definir Nomes em oposição a Verbos se torna estéril quando nós nos deparamos com línguas como o Kuikuro, que apresenta uma estrutura nominal muito similar à estrutura de um verbo flexionado.

Vejam-se os exemplos abaixo:

368. u-hosiguN - ∅ > uhosigu

1-sorrir-PNCT

“eu sorri “

368b u-hosigu -∅

1-sorrir-REL

“meu sorriso (meu sorrir)”

368c u-hosigu-∅ atütü-i

1-sorrir- REL bonito-COP

“o meu sorriso (meu sorrir) é bonito”

Observe-se que, ‘nome possuído’ (368b e 368c) e ‘verbo’ no aspecto Pontual (638) são indistinguíveis em suas formas quando ambas as flexões são ‘zero’. Nos exemplos (368) e (368b), traduzidos como “eu sorri” e “meu sorriso (meu sorrir/ter sorriso)”, respectivamente, pelos próprios Kuikuro, estamos diante da mesma construção, num caso em função verbal, no outro em função nominal.

Observe mais os exemplos abaixo:

369. *tinhü atsaku-tagü*

convidador 3-correr-CONT

“o convidador está correndo”

370. *u-alata-gü*

1-tacho-REL

“meu tacho”

371. *u-atsaku-lü leha*

1-correr-PNCT ASP

“meu correr/ter corrido/corro/corri”

372. *u-üngü agahagu-lü*

1-casa arrimo-REL

“o poste da minha casa”

373. *u-ahukugu-lü he-lü u-heke*

1-panela-REL matar-PNCT 1-ERG

“eu quebrei a minha panela (Lit. a morte da minha panela a partir de mim)”

Nos exemplos acima, os sufixos flexionais comuns no paradigma de posse e no paradigma aspectual ((-ta)gü, -lü) poderiam ser interpretados como indicando uma mesma relação estrutural. Podemos pensar que todo nome possuído é flexionado, como um ‘verbo’ (Vieira, 2001). Haveria, então, paralelismo entre nome ‘possuído’ flexionado, de fato uma construção genitiva, estabelecendo relação entre um núcleo e o seu argumento, e o verbo flexionado estabelecendo também uma relação entre núcleo e argumento. Isso indica uma mesma relação ou configuração estrutural tanto para ‘nomes possuídos/construção genitiva’ como para ‘verbos’ flexionados e sua relação com o argumento interno (S,O). Assim, o Nome, em Kuikuro, apresenta projeções funcionais que se encontram também nas orações verbais.

Abney (1987:37) analisa o paralelismo entre sintagmas nominais e orações em cinco línguas (Inglês, Yup'ik, Maya, Hungarian e Turkish). O autor conclui:

Existem muitas línguas nas quais o sintagma nominal é muito mais parecido com uma frase do que em Inglês. Os sintagmas nominais nessas línguas têm uma ou ambas as propriedades listadas abaixo:

- (1) o nome possuído concorda com o seu sujeito da mesma forma que um verbo concorda com o seu objeto;
- (2) o possuidor recebe o mesmo caso do sujeito de uma frase, e não tanto o caso genitivo.

Para Abney, sintagmas nominais são nucleados por elementos funcionais assim como as orações. Os elementos funcionais ocupam uma mesma posição estrutural uniforme nos sistemas nominal e verbal. Para dar conta desse paralelismo, sintagmas nominais, assim como as orações, são nucleados por elementos funcionais; Abney propõe um núcleo Determinante onde é ancorado o conjunto dos especificadores encontrados no sintagma nominal.

Após Abney propor o núcleo Determinante, outros pesquisadores postularam outros núcleos, como NumP, AgrP, GêneroP, de modo a analisar a estrutura flexional existente entre DP e nP num sintagma nominal.

Franchetto (2007) se apóia em Rouveret (19, apud Alexiadou, 2001) ao propor uma relação entre as categorias funcionais T e D, de um lado, e entre Asp(ecto) e Número, do outro. As primeiras estariam associadas a uma função de referência, enquanto as segundas estariam associadas a uma função de delimitação. Não queremos e não podemos nos aprofundar, aqui, numa parte importante da sintaxe Kuikuro e que diz

respeito à análise da construção ergativa como sendo paralela à estrutura de nominalizações de evento. Postulamos, de qualquer maneira, que na estrutura sintática do Nome em Kuikuro podem ser adicionados núcleos funcionais, como Aspecto (AspP), Número (NumP) e Relacional (RelP ou AgrP), acima do nP, de modo a dar conta da rica morfologia flexional nominal. Para Franchetto, a postulação de TP é discutível, como veremos no último capítulo desta Tese, ao discutir os sufixos que parecem expressar ‘tempo’. Diferentes tipos de nomes derivados (ex. nominalizações de evento/processo; nominalizações instrumental/locativas) apresentam estruturas diferentes, dependendo da presença ou não de determinadas categorias funcionais e de seus respectivos traços. Encontraremos estruturas muito semelhantes na palavra verbal, quando o verbo é flexionado.

Segundo Grimshaw (apud Alexiadou, 2001: 9):

“Nomes que denotam *eventos complexos* tal como “the examination of the students”, têm, como os verbos, uma estrutura argumental, já que eles denotam eventos, contendo sub-partes aspectuais. Por outro lado, nomes que denotam eventos simples tal como *trip* e *race* e nome de resultado tais como *exam* não têm estrutura argumental. Nomes de resultado podem ser derivados ou não-derivados”.

Para Alexiadou (2001:10), “a diferença entre nominais de processo e de resultado está no fato dos primeiros incluírem um conjunto de categorias funcionais associadas normalmente a orações verbais que levam a uma leitura de processo/evento, enquanto os segundos não têm tais projeções”.

A nossa proposta para a próxima seção é identificar os tipos de nominalizações existentes em Kuikuro, partindo da definição semântica e sintática de Grimshaw (1990) de nominal de evento/processo vs nominal de resultado e inspirando-se na análise crítica de Alexiadou (2001) da tipologia proposta por Grimshaw.

Retomemos nossa argumentação, começando pelo começo, apresentando na próxima seção os Nomes ‘primitivos’, cuja estrutura sintática está visualizada em (a).

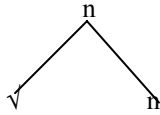
4.1.1 Nomes Primitivos ou Não-Derivados

4.1.1.1 Nomes Produzidos por $\sqrt{\text{Raiz+Categoria}} \text{ Nominal}$ Fonologicamente Nulo

Trata-se de Nomes que nomeiam lugares, pessoas, elementos e fenômenos da natureza, objetos em geral. São formados por uma raiz abstrata concatenada ao seu categorizador zero, fonologicamente nulo. Para a flexão nominal, tradicionalmente chamada de sufixação de marcas de posse ou de relação ou dependência, temos um conjunto de formas alomórficas que competem para a inserção em um único morfema abstrato que carrega os traços de ‘Posse’ ou ‘Relação’ [REL]. Esses sufixos são distribuídos em Classes Flexionais Morfológicas³⁵, a partir dos Nomes, não sendo possível definir condicionamentos semânticos ou fonológicos, exatamente como acontece com as Classes Flexionais Morfológicas Verbais. Aos Nomes primitivos podem sufixar-se um grande número de morfemas que: provocam mudança de categoria: verbalizam (3.3); expressam Tempo, como Passado, Futuro (5); modificam o significado sem mudar

³⁵ ver formação de classes nos verbos (3.2).

a categoria (4.1.4). A formação de um nome primitivo em Kuikuro tem a seguinte estrutura, repetida de (4.1 – (a)):



Apresentamos no esquema abaixo a estrutura ou grade dos morfemas flexionais nominais:

I - (Prefixo de pessoa)+Raiz NMLZ+(REL)+(PL)+(FUT/PASS)(MODIFICADOR)

Sintaticamente, esses nomes podem ser argumentos de um verbo ou de um predicado, assim como de uma posposição, ou núcleo de predicados nominais:

374. **ahukugu-pe he-lü u-heke**
panela-ex matar-PNCT 1-ERG
 “eu quebrei a panela”

375. **itão_i hangankgi-nügü is_i-agisu-gu heke**
mulher esquecer-PNCT 3-bolsa-REL ERG
 “a mulher esqueceu sua bolsa” (Lit. a bolsa dela (da mulher) fez a mulher esquecer)

376. **taho hehugu-lü**
faca grande-REL
 “facão - o grande da faca”

377. **u-ahaga-gü-ingo ige-i**
1-abacaxi-REL-FUT 3-COP
 “ele será meu abacaxi”

378. **u-taho-gu-pe heke u-hüni-tagü**
1-faca-REL-ex ERG sentir/falta-CONT
 “eu sinto falta da minha antiga faca”

No exemplo (374), **ahukugu** denota um objeto comum e pode receber os sufixos de ‘posse’ (RELacional), Número, de ‘passado’ (glosado com ‘ex’, que não é mais) ou ‘futuro’ (que não é ainda mas poderá ser). No exemplo (375), o nome **agisu** carrega o prefixo de pessoa que expressa o possuidor (**is-** 3ª pessoa) e o sufixo Relacional. Observe que o verbo **hangankgi** “esquecer” tem semântica causativa e o Agente pode tanto [+animado] como [–animado]; no caso do verbo em questão, é a bolsa que causa a mulher esquecer. No exemplo (376), ocorrem dois nomes em sequência numa relação de posse. Nos exemplos (377) e (378) temos nomes com uma marca que parece ser de ‘Tempo’ (Futuro e Passado), problema que abordaremos no Cap.(5).

Daremos, a seguir, exemplos a partir de diferentes categorias de Nomes.

I – Nomes inerentemente relacionais:

ii- Partes do Corpo

379. u-ahü-Ø
1-costela-REL
 “minha costela”

380. u-angatü-gü
1-mamilo-REL
 “meu mamilo”

ii- Termos de Parentesco

381. kuk-oto-Ø
12-dono-REL
 “nosso dono”

382. u-hi-gü
1-neto-REL
 “meu neto”

iii- Processos corporais

383. i-hitse-gü*3-peido-REL*

“peido dele”

384. u-ege-sü heke u-e-tagü*1-preguiça-REL ERG 1-matar-CONT*

“minha preguiça está me matando / estou com muita preguiça”

II- Nomes não inerentemente relacionais:

i- Termos para objetos pessoais:

385. u-ha-gü*1-bolsa-REL*

“minha bolsa”

386. u-tahaku-gu*1-arco-REL*

“meu arco”

ii- Fenômenos da Natureza

387. u-igoti-sü*1-dia-REL*

“meu dia” (medida de tempo)

388. u-ngune-gü*1-lua-REL*

“meu mês” (medida de tempo)

389. u-ahite-gü heke leha pape agi-lü*1-vento-REL ERG CMPL papel jogar--PNCT*

“o meu vento derrubou o caderno” (o vento me derrubou o caderno)

390. etekugube u-kahü-gü ande*INTJ 1-céu-REL ADV*

“que bonito está o meu céu hoje!”

391. u-kongoho-gu heke leha u-tuhi kuhi-jü*1-chuva-REL ERG CMPL 1-roça molhar-PNCT*

“a minha chuva molhou a minha roça”

- 392. u-giti-sü hōhō nhi-tomi**
1-sol-REL EMPH 3/MO-ver-FNL
 “deixe-me ver o meu sol!”

- 393. u-ngongo-gu-ha ige-i**
1-terra-REL-AFF DPROX-COP
 “esta é a minha terra”

Como se vê nos exemplos em (ii), em Kuikuro, todos os nomes com leitura referencial podem ser ‘possuídos’, ou seja não existe restrição de campo semântico para um nome ser ‘possuído’.

iii- Nome de Animais

- 394. i-kanga-gü**
3-peixe-REL
 “peixe dele”

- 395. u-ataha-gü**
 “minha pomba (*Columba plumbea*)”

- 396. u-atati-sü**
 “minha curica (*Pionopsitta barrabandi*/*Gypopsitta vulturina*)”

A relação do animal doméstico com seu ‘dono’ pode ser expressa pela construção **X tolo-gu** (X ave-REL), que significa “animal de estimação ou de criação” e que pode ser usada, em certos rituais, para se referir a uma representação do animal feita de madeira ou cera:

- 397. u-tolo-gu-ha ese-i kanga-i**
1-animal de estimação- REL-AFF DDIST-COP peixe-COP
 “este é o peixe que é meu animal de estimação” (dito de uma réplica de um peixe feita de madeira)

Vários Nomes apresentam radicais distintos para ‘não-possuído’ e ‘possuído’:

iki-ne “beiju” (beijuzar)

- 398. u-ng-iki-nhu-gu³⁶**
1-MO-beiju(zar)-NMLZ-REL
 “meu beiju” (literalmente “o que eu beijizei”)

egi “canto”

- 399. u-igi-sü**
1-canto-REL
 “meu canto”

ete “aldeia”

- 400. u-itu-Ø**
1-lugar-REL
 “minha aldeia”

egü “vagina”

- 401. u-igü-gü**
1-vagina-REL
 “minha vagina”

ite “fezes”

- 402. u-i-tü**
1-feze-REL
 “minhas fezes”

Como vimos acima e de acordo com Alexiadou (2001), os nomes primitivos ou não derivados têm leitura de resultado, selecionando somente argumento referencial que pode vir de forma prefixada ou como sintagma nominal explícito, como nos exemplos abaixo:

- 403. i-kanga-gü**
3-peixe-REL
 “peixe dele”

³⁶ Franchetto (1986:212) analisa a forma verbalizada desse nome como processo de incorporação de objeto: itão g-iki-nhu-tu-ntagü (DTR)
mulher 1-DTR-fazer/beiju-VERB-dar-CONT
 “a mulher está fazendo beiju”

- 404. itoto kanga-gü**
homem peixe-REL
 “o peixe do homem”

Vejamos, agora, como os Nomes se organizam em Classes Morfológicas. Como já afirmamos, não encontramos nenhum condicionamento fonológico ou semântico para tal organização.

4.1.2 A Organização do Nome em Classes Morfológicas

Assim como os verbos, os nomes estão organizados em classes morfológicas flexionais, apresentadas no quadro abaixo, com alguns exemplos flexionados para a primeira pessoa (**u-**):

quadro 14 – Classes Morfológicas Flexionais do Nome:

CLI – Ø	CLII –sü	CLIII –lü	CLIV –tsü	CLV –gü (-gu) ³⁷
u-ihü meu corpo	u-ana-sü meu milho	u-ahukugu-lü minha panela	u-gimi-tsü minha coroa	u-agitü-gü minha testa
u-hügi meu pênis	u-aki-sü minha palavra	u-inhagü-lü meu ralador	u-agipi-tsü minha sobancelha	u-ahaga-gü meu abacaxi
u-ingandzu minha irmã	u-indi-sü minha filha	u-isatagu-lü meu cesto	u-hügakumi-tsü minha tornozela	u-agisu-gu minha bolsa
				u-ahulu-gu minha porta

³⁷ As formas do sufixo REL **-gu** e **-gü** são fonologicamente condicionadas. A primeira é determinada por assimilação, pelo espraçamento do traço [labial] da última vogal do radical, enquanto **-gü** é a forma default (Franchetto, 1995: 71-72):

1. u-inhatü-gü “minha mão”
 u-muku-gu “meu filho (mulher falando)”
 u-tolo-gu “meu animal de estimação”

Quanto ao sufixo **-lü**, que consideramos como formando uma Classe flexional nominal, para a dúvida que poderia ser analisado como fonologicamente condicionado, já que ocorre apenas com radicais que terminam por **gü** ou **gu**:

2. u-ügü-lü “meu anzol”

O quadro 14 nos oferece um panorama que precisa ser comentado.

(i) Em todas as Classes encontramos nomes de variados domínios semânticos:

Na **CLI** não temos apenas termos de parentesco e de partes do corpo:

405. is-ajo uge-i
3-namorado 1D -COP
 “eu sou namorado dela”

406. u-otu hekite h-ekugu
1-comida boa AFF-verdade
 “a minha comida é mesmo boa”

CLII: nesta classe podemos ter nomes de diferentes campos semânticos:

407. u-hi-sü
1-irmão mais novo-REL
 “meu irmão mais novo”

408. u-igoti-sü
1-dia-REL
 “meu dia” (medida de tempo)

Na **CLIII**, não há somente nomes de artefatos:

409. taho hehugu-lü
faca grande-REL
 “facão” (lit. o grande da faca)

CLIV: nesta classe, há também nomes de vários campos semânticos:

410. üne oin-tsü
casa embira-REL
 “embira da casa”

CLV: esta classe, assim como as outras, agrupa nomes de diferentes campos semânticos:

411. ku-ngongo-gu
12-terra-REL
 “nossa terra”

- 412. i-kanga-gü (>itsangagü)**
3-peixe -REL
 “peixe dele”

(ii) Raízes homófonas oferecem um belo exemplo da lógica puramente morfológica da distribuição dos morfemas flexionais nominais. Tomemos o caso do domínio semântico de termos de parentesco:

- 413. u-hi-gü**
1-neto-REL
 “meu neto”

- 414. u-hi-tsü**
1-esposa-REL
 “minha esposa”

- 415. u-hi-sü**
1-irmão mais novo-REL
 “meu irmão mais novo”

Assim, o morfema Relacional (REL) tem apenas um único traço [relação de dependência] e cinco expoentes fonológicos que competem para serem inseridos num único morfema funcional. Os Itens Vocabulares (IV) do morfema (REL) serão subespecificados para cada contexto de inserção, ou seja cada IV dos marcadores de relação de dependência terá uma lista de radicais nominais definindo sua inserção. Vejamos, abaixo, os IV e seus contextos de inserção:

REL	←→	Ø / [Lista...]
REL	←→	sü / [Lista...]
REL	←→	lü / [Lista...]
REL	←→	tsü / [Lista..]
REL	←→	gü ~ gu / [Lista....]

Entendemos que a alomorfia do marcador Relacional faz referência ao radical nominal no seu contexto de inserção.

4.1.3 Nomes derivados ou Recategorizados

O Kuikuro compartilha com as outras línguas karib uma enorme produtividade de processos derivacionais, marcados através de formas afixais, em particular no que concerne mudanças de valência, nominalizações e verbalizações. A seguir reproduzimos o quadro comparativo, elaborado por Dixon (1999:48, retomando Gildea, 1998), dos reflexos das proto-formas Karib de diferentes nominalizadores. Dentro deste quadro inserimos os afixos que são possíveis reflexos dessas proto-formas e cognatos de afixos de outras línguas da família. Como se vê, das formas reconstruídas como nominalizadores na proto-língua, não todas se tornaram, em Kuikuro, nominalizadores: formas nominalizadoras foram reanalisadas como aspecto ou modo ou como Relacional (núcleo de um AgrP, Sintagma de Concordância).

quadro 15– Morfemas derivais das línguas karib Dixon (1999:48/Gildea, 1998)

língua ³⁸	*-ne	*-ri	*-tupu -ri	*-sapo	*-topo	*-pini
AP	-ne	-ri	-hpiri		-topo	-pini
CA	-nem	-ri	-xpo	-xpo	-topo	-bin
DE	-	-dü	-ho/-hë		-toho	-hünü
HI	-je	-(ni)-ri	-thiri	-saho	-t(o)ho	-hiri
KA	-ne	-ri	-tpi-ri		-toho	-
MA	-nem	-ø	-hpi		-	-pin
PA	-je (n)	-n(i)/-ø	-hpë/hë	-sah	-toh	-pi
TR	-ne	-ri	-hpë	-sa?	-to?	-pi
WW	-je	-ri	-thiri		-topo	-pi
WA	-ne	-ri	-tpë/-tpi	-ʃaɸu	-toɸo	-hni
KK	-ne/-nhe (NMLZ)	-gü REL	tühü-gü PERF	-tai (?) INTC	-topo NMLZ	-m(b)üngü NMLZ

Os proto-sufixos são assim definidos por Dixon:

*-ne “Nominalizador de A”;

*-ri “Nominalizador de ação/estado”;

*-tupu -ri “Nominalizador de ação/estado”;

*-sapo “Nominalizador de S/O, tempo passado”;

*-topo “coisa, tempo e lugar associado com estado e ação”

Os resultados de nominalizações em Kuikuro são Nomes formados por um radical verbal que se junta a um morfema funcional **n**. Diferentemente dos nomes primitivos, são formados a partir de um verbo pelo processo de sufixação de categorizador com fonologia explícita. Existe um grupo finito de nominalizadores que selecionam radicais nominais ou radicais verbais produzindo nomes derivados com diferentes significados. Os nomes derivados podem ser formados a partir de um radical verbal: **-ne** forma nomes de “Evento”; **-nhü** forma Nominalização de Argumento Interno (S/O); **-tinhí**, **-nhi** e **-ni** formam Nominalização de Argumento Externo; o Nominalizador Instrumental/Locativo -

³⁸ (AP) Apalaí – Karib Central; (CA) Kalina, Galibi – Carib; (DE) Dekwana – Karib Central; (HI) Hixkaryana – Guiana; (PA) Panare – Panare; (TR) Trio – Guiana; (WW) Wai Wai – Guiana; (WA) Waimiri-Atroari – Karib Central;

toho seleciona radicais verbais ou radicais nominais; o nominalizador **-ngo** seleciona Posposições e Advérbios para formar nomes. Os nomes derivados se comportam sintaticamente como nomes, ocorrendo nos mesmos contextos morfosintáticos dos nomes primitivos, podendo ocupar a função de argumento de qualquer núcleo.

Apresentamos no quadro abaixo os nominalizadores Kuikuro, com suas glosas e os radicais que selecionam:

quadro 16 – Nominalizadores em Kuikuro:

NOMINALIZADORES								
-ne (NMLZG)		-nhü (PATNR)		-tinhi; -nhi; -ni (AGNR)		-toho (INSTNR)		ngo (SUBS)
verbos	INTR	verbos	INTR	verbos	INTR	verbos	INTR	POSP
	TRAN		TRAN		TRAN		TRAN	ADV
	DTR		DTR		DTR		DTR	
							NOME	

O nosso objetivo aqui é identificar os traços e estruturas envolvidas na formação de tais nominalizações. O local de concatenação e a seleção de determinados radicais terão resultados diferentes com leituras diferentes.

A seguir, listamos os ambientes de ocorrência de cada nominalizador e uma análise para cada um deles.

4.1.3.1 O sufixo **–ne** e a formação de Nomes de ‘Evento’

Examinamos, aqui, os nomes derivados formados pelo sufixo **–ne**, glosado NMLZG, e seus alomorfes. A alomorfia será descrita depois da apresentação e discussão das características desses nominais.

O sufixo **–ne** seleciona verbos intransitivos, detransitivizados e transitivos, mas não seleciona verbo transitivizados³⁹. Os nomes assim derivados não possuem nenhum argumento, ou seja, não recuperam nenhum argumento do verbo do qual derivam, e sugerem uma interpretação de evento/processo.

É necessário comentar algumas características relevantes do morfema **–ne**: é um morfema de alta produtividade em contextos ‘metalingüísticos’, como sessões de elicitación de dados, produção de entradas de dicionário, tradução de ‘nomes’, isolados, do Português para o Kuikuro. Em contextos ‘naturais ou espontâneos’, como narrativas, descrições, conversações, entre outros, e até em materiais escritos produzidos no contexto da escola, percebemos que essa forma nominalizada é bastante rara. Como veremos, há apenas um conjunto pequeno dessas nominalizações usado ‘espontaneamente’, com certa frequência, com referentes muito específicos e que precisam ser destacados. Meira (1999: 180) observa o mesmo fato em Tiriýó, outra língua karib, com relação à escassez de nominalizações com **–ne** em seu *corpus* de ‘textos’ transcritos de execuções naturais. Em Kuikuro, além disso, há verbos que não podem ser selecionados por **–ne**; a restrição não

³⁹ O morfema transitivizador **–ne** é homófono ao morfema nominalizador **–ne**. Os processos morfofonológicos que afetam o radical ou o próprio sufixo são evidência de que se trata de dois morfemas distintos. O nominalizador **–ne**, ao concatenar-se com radicais que terminam com a vogal **u**, provoca assimilação total da vogal da raiz, como veremos, processo morfofonológico de harmonia vocálica, que afeta o radical. O transitivizador **–ne** sofre processo de palatalização engatilhado pela última vogal do radical verbal.

nos é ainda clara, já que verbos com a mesma grade argumental e pertencentes ao mesmo campo semântico podem ser selecionados por este mesmo sufixo.

Gildea (1998:134-135) reconstrói, ao abordar comparativamente as formas deverbais nas línguas da família karib, a proto-forma **-no*, por ele denominada de Sufixo Infinitivo, e assim justifica:

“Eu defino um infinitivo como um verbo não-finito que depende do verbo principal (ou contexto) tanto para tempo como para a especificação de sujeito nocional e que pode funcionar como sintagma nominal na sintaxe de uma oração matriz...O infinitivo **-no* nas línguas karib tem algumas características similares: deriva uma palavra que pode funcionar como nome na oração matriz, mas ele não é possuído por nenhum dos seus argumentos nocionais - o que significa que o infinitivo não pode especificar morfologicamente A, S ou O nocionais. A interpretação é então sempre com O não especificado e com ou um S/A não especificado ou um S/A interpretado como co-referente com o S/A da oração matriz. Para esta última possibilidade, parece que quando um verbo intransitivo precisa ocorrer num predicado subordinado, pode ser utilizada tanto uma nominalização como um infinitivo. Para os casos nos quais o S nocional de um verbo subordinado é co-referencial com S ou A da oração matriz, o infinitivo é mais usado”.⁴⁰

Para o Kuikuro, o nominalizador *-ne* compartilha somente algumas das características definidas para o Sufixo Infinitivo **-no* por Gildea: as nominalizações com *-ne* são nomes na oração, ocupam a função de argumento de qualquer núcleo e não projetam argumentos. Diferentemente do Infinitivo definido por Gildea, os nomes derivados com *-ne* não fazem, porém, referência a nenhum dos argumentos do verbo – nem em termos de uma sua não-especificação - e resultam em nome do ‘evento’ em si descrito pelo verbo do qual ele deriva. Além disso, para a subordinação, o Kuikuro lança

⁴⁰ Gildea reúne as informações existentes sobre os reflexos modernos de **-no*: em Carib (Hoff, 1968, pp. 201-2, apud Gildea 1998: 136), ocorre com verbos transitivos e intransitivos tendo a leitura de “The fact of being V-ing in certain occasion”; em Hixkaryana, Derbyshire (1985: 233 chama *-no* de “nominalização geral”, não possuída; para o Panare, o próprio Gildea afirma ser *-no* parte de um sufixo progressivo inovativo; em Makuxi e Pemón, línguas karib setentrionais ergativas, *-ni* precede o sufixo nominalizador *-to*’ (cognato do Kuikuro *-toho*) e neste caso a semântica é de um nominal derivado abstrato que faz referência a uma ação em si (instrumento ou lugar para verboX).

mão de nominalizações ou de orações adverbiais e nunca de formas ‘infinitivas’ com **–ne**, que é um puro nominalizador. As três construções abaixo são exemplos de nominalizações - de Agente e de argumento interno S e O, respectivamente - que codificam subordinadas (relativas) :

416. Mutuá heke itão ingi-lü kajü ilaN-te-ni-pe

Mutuá ERG mulher ver-PNCT macaco alimento-VBLZ-AGNR-ex

“Mutuá viu a mulher que cozinhou o macaco”

417. itão ingi-lü u-heke t-atsaku-nhü

mulher ver-PNCT I-ERG ANA-correr-TNR

“eu vi a mulher que correu”

418. imbe ngukau-gu tsünale t-üi-nhü-pe

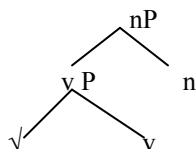
pequi óleo-REL EV ANA-fazer-TNR-ex

“acabou o óleo de pequi que foi feito (que foi colocado na garrafa)”

Gildea reconhece que a morfossintaxe do que ele chama de “infinitivo” é um fenômeno particularmente desconhecido nas gramáticas das línguas karib. Vejamos, então, como funciona em Kuikuro.

Na estrutura abaixo, o sufixo nominalizador **–ne** é concatenado acima de uma raiz verbal já categorizada, uma unidade com propriedades idiossincráticas de significado já estabelecido pelo categorizador **v**. Nomes resultantes deste processo de nominalização já têm o seu significado definido desde a primeira categorização, conforme as configurações do tipo (b) apresentadas em (a) abaixo:

(a)

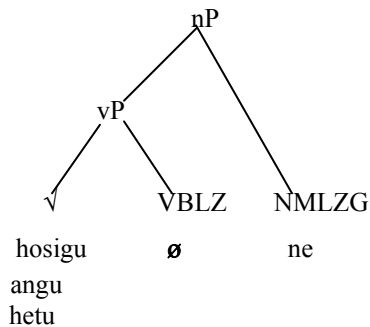


A grade funcional do nome derivado pode ser esquematizada na seguinte fórmula:

VERBO+(ASP)+NMLZ(+ADVBLZ)(+FUT)(+ex)

Na estrutura arbórea morfológica podemos visualizar o processo de derivação desta nominalização de Evento:

(b)



O morfema **–ne** ocorre com os seguintes radicais, consideradas as restrições e os comentários introdutórios no início desta seção:

(i) Com radicais verbais intransitivos:

Os passos da formação são os seguintes:

419. u-hosiguN-tagü (>**uhosigundagü**) (Verbo Intransitivo)
1-sorrir-CONT
 “eu estou sorrindo”

420. hosigu+ne (> **hosigene**) (nome deverbal)
sorrir-NMLZG
 “sorriso (sorrisada)”

Observe-se que para chegar a **hosigene** de **hosigu+ne**, temos que reconhecer um processo de harmonia vocálica, onde a última vogal da raiz se assimila à vogal do morfema categorizador. Lembramos que os processos de harmonia vocálica são regulares e produtivos em Kuikuro (Franchetto, 1995). Observe-se, também, que o nome assim

derivado não exclui a composição com a idéia de processo expressa pelo sufixo de Aspecto Continuativo–**ta-**:

421. hosiguN-ta-ne (> **hosigundane**)

sorrir-CONT-NMLZG

“sorrisada” (evento em que várias pessoas sorriem juntas)

421. iti-guN-ne (> **itigene**)

ri-VBLZ-NMLZG

“risada”

422. hetuN-ne (>**hetene**)

grito-VBLZ-NMLZG

“gritaria”

(ii) Com radicais verbais transitivos: A produção com verbos transitivo é baixa, mas, na maioria dos casos, resultam em nomes derivados bastante usados e que denotam eventos rituais importantes:

423. ipo-nge

furar -NMLZG

“furação” (furação de orelha, ritual de iniciação masculina ligado à chefia)

424. konkgi-nge i-tsagü h-ige-i

limpar -NMLZG ficar-CONT AFF-DIST-COP

“está acontecendo a lavagem” (evento em que parentes próximos do morto são lavados publicamente no último dia de luto)

425. hoguN-ne baha ege-i (>**hogene**)

desejar-NMLZG EV DDIST-COP

“aquilo é que é desejo!” (vendo alguém ou algo do qual o falante sente muito desejo)

(iii) Com radicais verbais detransitivizados:

Na nominalização com o sufixo **–ne** a partir de verbos detransitivizados, o verbo é marcado pelo prefixo detransitivizador na forma ‘neutra’, usada para 2a/3a pessoa no paradigma flexional verbal. A forma detransitivizada se comporta como os nominais derivados transitivos e intransitivos, sendo que o prefixo detransitivizador não carrega, agora, nenhum traço de pessoa. Os exemplos (426 e 427) mostram as formas detransitivizadas dos verbos; (426b e 427b) a forma nominal derivada. O sufixo **–ne** nominaliza o verbo, suprime os seus argumentos, resultando num nominal derivado com leitura de processo:

426. em-ütahiN-tsagü (> **emütahindzagü**) (VIder)*2/3DTR-bocejar-CONT*

“ele está bocejando”

426b em-ütahi-nhe

(NMLZG)

2/3DTR-bocejo -NMLZG

“bocejo”

427. ug-itankgi-tsagü

(VIder)

1DTR-coçar-CONT

“eu estou me coçando”

427b eg-itankgi-nhe

(NMLZG)

2/3DTR-coçar -NMLZG

“coceira”

428. at-ahehi-nhe*2/3DTR- escrever-NMLZG*

“o momento do escrever, de estar escrevendo (aula)”

428b tü-tama at-ahehi-nhe i-nhüm-ingo*Q 2/3DTR- escrever- NMLZG ficar-PNCT-FUT*

“quando será a aula?”

(iii) Com verbos formados por nome mais verbalizador explícito, a nominalização com **–ne** só ocorre quando este último produz um verbo intransitivo:

429. esü-tuN-ne (**> esütene**)

paquera-VBLZ-NMLZG
“paquera/desejo”

430. halu-tuN-ne-inha u-te-tai (**> halutene**)

lago-VBLZ-NMLZG-BEN I-ir-INT
“eu vou pescar com timbó”

431. u-ka-tsu-ndagü igotiN-tuN-ne-a gele (**> igotindene**)

I-trabalho-VBLZ-CONT dia-VBLZ-NMLZG-LOC ADV
“eu fico trabalhando a cada dia/dia por dia/diariamente”

(Shaman3, linha 507)

432. hüati-tse-ne ügühütu-ha ege-i hüati-tse-ne ege-hungu-ha hüati-tse-ne-i

pajé-VBLZ-NMLZG costume-AFF DDIST-COP pajé-VBLZ-NMLZG DDIST-igual-AFF pajé-VBLZ-NMLZG-COP
“este é o costume da pajelança, assim é a pajelança”

(Kagaiha, linhas 0074-75)

433. ah mitote geale-tü ah nakange-ne hata, nakange-ne

INTJ madrugada também-EV INTJ banhar-NMLZG Temp, banhar-NMLZG
“ah! de novo de madrugada, ah! na hora do banho, do banho”

Os exemplos acima incluem nominalizações **–ne** formadas a partir de verbos por sua vez formados por Nome mais verbalizador explícito. Em (429) a forma **esü** pode ser verbalizada com verbalizador transitivo ou com verbalizador intransitivo. O morfema nominalizador **–ne** seleciona somente o segundo, como em (430) e (431). Em (432) e (433) é evidente a leitura de processo e duração. Temos aqui alguns nomes também bastante usados, como **halutene** (pescaria com timbó), obviamente referidos a eventos com forte valor cultural.

Encontramos as mesmas estruturas e processos em outros nomes derivados de uso freqüente e que denotam períodos ou fases temporais, novamente com um sentido de duração:

- 434. isuaN-tuN-ne** (>isuandene)
ano-VBLZ-NMLZG
 “época da seca”
- 435. koko-ngo-tuN-ne** (>kokongotene)
noite-SUBS-VBLZ-NMLZG
 “as fases da noite”
- 436. nakange-ne-ke-hunda**
banhar-NMLZG-TEND-ADVB
 “hora de tomar banho”
- 437. ünggü-nge-ke-hunda**
dormir-NMLZG-TEND-ADVB
 “hora de dormir”
- 438. kinde-ne-ke-a ata-i**
lutar-NMLZG TEND - POSP-COP
 “hora da luta”

Examinadas as possibilidades de concatenação de radicais com o sufixo **–ne**⁴¹, passamos, agora, às características desses nomes deverbais:

⁴¹ Há alguns nomes ‘primitivos’ em que poderíamos reconhecer o sufixo **–ne**, ou seja, que poderíamos segmentar identificando **–ne**:

imbe-ne
 pequi-NMLZG
 “mingau de pequi” (polpa de pequi preparada (cozinhada) para fazer mingau de pequi)

iki-ne (iki-jü: verbo da CL IV)
 beiju(zar)-NMLZG
 “beiju”

ü-ne (üN: raiz)
 casa-NMLZG

(i) Ocorrem nas posições sintáticas dos nomes, ou seja, como dissemos, em posição de argumento, como nos exemplos abaixo, onde eles desempenham papel de Agente, como em (439) e (440), de Tema (S), como em (441), ou Tema (P), como em (442), do verbo principal, e como complemento de posposição como em (443):

439. lapa-ne heke uimbaki-lü

ter pesadelo-NMLZG ERG 1-acordar--PNCT
 “o pesadelo me acordou”

440. ange-ne heke u-igehumitsumbü-nge-nügü

dançar-NMLZG ERG 1-ofegar-TR-PNCT
 “a dança me fez ofegar”

441. aile-ne te-tagü h-ige-i tutemi Kuikuro-te

festejar-NMLZG ir-CONT AFF-DDIST-COP direto Kuikuro-POSP
 “está tendo muita festa no Kuikuro”

442. aile-ne ingi-lü u-heke

festejar-NMLZG ver-PNCT 1-ERG
 “eu vi a festa”

443. halu-te-ne-inha u-te-tai

pescar com timbó-VBLZ-NMLZG-BEN 1-ir-INTL
 “eu vou para a pescaria com timbó”

(iii) Como qualquer nome, podem receber as marcas de “Tempo” –**pe**, glosado como ‘ex’(444), e –**ingo** ‘Futuro’ (445) (ver cap 5):

444. konige leha aile-ne-pe ets-imbüki-lü

ontem CMPL fazer festa -NMLZG-ex 3DTR-acabar-PNCT
 “a festa acabou ontem”

Ainda não podemos afirmar que estamos diante de nominalizações, pois uma leitura processual parece forçada e um tanto arriscada. Não nos parece, contudo, impossível ‘ver’ nestes termos uma ‘nominalização genérica’ e com uma interpretação não-resultativa, o que pressupõe considerar a maneira pela qual certos ‘objetos’ de evidente valor cultural são ‘vistos’ pelos Kuikuro.

- 445. ande aile-ne-ingo**
hoje fazer festa -NMLZG-FUT
 “hoje terá festa”

(iv) Podem receber o sufixo **–ke**, cujo significado é algo como “aquele que faz sempre X (que gosta de X)” :

- 446. ijatse-ne-ke h-ekise-i**
ereção-VBLZ-NMLZG- TEND AFF- D3DIST -COP
 “ele é aquele que fica sempre com pênis ereto”

- 447. itige-ne-ke h-ekise-i**
sorrir-NMLZG- TEND AFF- D3DIST -COP
 “ele é risonho”

- 448. ange-ne-ke h-ekise-i**
dançar-NMLZG- TEND AFF- D3DIST -COP
 “ele gosta de dançar”

Em suma, os nomes derivados formados pelo sufixo **–ne** e seus alomorfes se comportam sintaticamente como Nomes “primitivos” pelo fato de poder ocupar posições argumentais, mas, por outro lado, se diferenciam destes por herdar estrutura funcional do verbo de origem, estrutura que os Nomes primitivos não têm, por ter derivação zero. Característica absolutamente instigante, porém, é o fato deles não licenciarem os seus argumentos, Agente e Tema/Paciente dos verbos transitivos e Tema dos intransitivos.

Para tentarmos entender melhor esses nomes derivados em Kuikuro, procuramos usar os critérios criados por Grimshaw (1990, apud Alexiadou 2001) com o objetivo de definir uma tipologia de nominais de evento (processo, resultado), a partir da ausência ou presença de estrutura argumental.

Critério 1- Nomes de processo denotam um evento; nomes de resultado denotam o output de um evento.

Em Kuikuro, os nomes deverbais –**ne** têm somente uma leitura processual e não resultativa:

449. angahe-ne (Processo)
pular -NMLZG
 “pulação” (o evento)

450. hosige-ne
sorrir-NMLZG
 “sorrisada” (Processo)

Para termos uma leitura resultativa, teremos o verbo flexionado no Aspecto Pontual ou no Perfectivo:

451. kapehe ekugu u-angahegu-ø
alto verdade 1-pular-PNCT
 “o meu pulo é alto”

452. u-hosigu-ø atütü-i
1-sorrir-PNCT bonito-COP
 “o meu sorriso é bonito”

Note-se que nos exemplos acima, os outputs **u-angahegu-ø** e **u-hosigu-ø**, nomes, são idênticos às formas verbais flexionadas no Aspecto Pontual da Classe I, manifestação do paralelismo, ou coincidência, já mencionados, entre construções nominais e verbais em Kuikuro. Uma segunda possibilidade é exemplificada a seguir, com todos os passos das possíveis derivações. No exemplo (453) temos uma posposição nominalizada, resultando num nome ‘possuível’ (com argumento) e com leitura resultativa (‘alimento’):

453. u-inha-ngo*1-BEN-SUBS*

“meu alimento, minha comida (lit. o que é para mim)”

A posposição, com seu argumento, pode ser verbalizada, resultando num verbo transitivo:

454. ama heke u-inha-mba-lü kanga-ki*mãe ERG 1-BEN-VBLZ-PNCT peixe-INSTP*

“minha mãe me alimentou com peixe”

O verbo transitivo é detransitivizado:

455. et-inha-mba-tagü*2/3DTR-BEN-VBLZ-CONT*

“ele/você está comendo (lit. está se alimentando)”

Enfim, do verbo detransitivizado posso derivar a nominalização com **-ne**, agora com leitura eventiva processual:

456. et-inha-mba-nge

(Verbo transitivo, Cl III)

2/3DTR-alimento-VBLZ-NMLZG

“hora das refeições”

Uma terceira possibilidade de produzir nomes de resultado é através da nominalização não agentiva, ou de Tema:

457. t-ahehi-si-nhü-pe*ANA-escrever-PTP-PATNR-ex*

‘o escrito (livro, caderno)’

Para significar “escrita” como processo de escrever, teremos uma nominalização com **-ne**:

458. at-ahehi-nhe*2/3DTR-escrever-NMLZG*

“o momento do escrever, de estar escrevendo (aula)”

Uma última possibilidade de obter nome de resultado é por meio da forma perfectiva da flexão verbal:

- 459. u-gitsi-pügü**
1-urina-PFV
 “o meu mijado”

Como quase sinônimo temos o nome:

- 460. u-gitsu-gu**
1-urina-REL
 “minha urina”

Critério 2- Nomes de processo projetam obrigatoriamente argumento interno, enquanto nomes de resultados não projetam argumento.

Aqui, o Kuikuro se comporta contrariando completamente esta previsão: nomes primitivos ou derivados de resultado projetam argumento interno, ‘possuidor’, indistingüível do argumento interno Tema do verbo (Genitivo=Absolutivo):

- 461. u-muku-gu ege-sü**
1-filho-REL preguiça
 “a preguiça do meu filho”

- 462. u-muku-gu ege-tsuN-tagü**
1-filho-REL preguiça-VBLZ-CONT
 “o meu filho está com preguiça”

Já os nomes derivados de processo, formados com **–ne**, não projetam argumento nenhum:

- 463. *u-ingü konkgi-ne-gü**
1-roupa limpar –NMLZG-REL
 “a limpeza da minha roupa” (como evento)

(Processo)

Critério 3- Nomes de Resultado não permitem modificadores aspectuais (49), mas esses são permitidos em Nomes de processo (50).

O fato que os Nomes derivados com **–ne** podem ser marcados aspectualmente é evidência de sua natureza eventiva/processual:

- 464. hosiguN-ta-ne > hosigundane**
sorrir-CONT-NMLZG
 “sorrisada” (evento em que várias pessoas sorriem juntas)

- 465. aile-ne h-ege-i nhatü-i ígoti**
festejar-NMLZG AFF-DDIST-COP mão-COP dia
 “a festa durou cinco dias”

Critério 4- Nomes de Resultado são nomes contáveis, podem ser pluralizados; nomes de Processo são nome massivos. Em Kuikuro, é possível ‘contar’ e pluralizar os nomes com **–ne**, cuja leitura, lembramos, é de evento-processo:

- 466. aile-ne tuhugu**
festejar-NMLZG todos juntos
 “todas as festas” (a mesma festa ocorrendo em vários lugares ao mesmo tempo)

- 467. takeko aile-ne**
duas festejar-NMLZG
 “duas festas” (a mesma festa ocorrendo em dois lugares)

Critério 5- Nomes de resultado podem aparecer como predicado; nomes de processo não.

O Kuikuro parece não confirmar esta previsão, já que o nome **–ne** pode ser usado numa construção copular, recebendo o sufixo **–i** (Cópula, COP):

- 468. u-akiti-ngo h-ege-i iginhe-ne-i**
1-gostar(POSP)-SUBS AFF-DDIST-COP cantar-NMLZG-COP
 “eu gosto de canto (lit. meu gosto é este, é canto)”

469. inhalü u-akiti a~uge-ne-i*NEG I-gostar(POSP) mentir-NMLZG-COP*

“eu não gosto de mentiras (lit. mentira não é meu gostar)”

De acordo com Grimshaw (1990), a diferença entre nomes derivados processuais e nomes derivados resultativos está no fato de os primeiros terem uma estrutura eventiva, com análise aspectual, decorrendo disso a obrigatoriedade de selecionar argumento ‘evento’ (Ev), enquanto aos últimos, nomes derivados resultativos, faltam análise aspectual e estrutura argumental, já que selecionam argumento ‘referente’ (R).

Para Alexiadou (2001), a previsão de Grimshaw da impossibilidade de existirem nominais de resultados com complemento não se sustenta se tomarmos dados de línguas como o Catalão e o Francês. Ela questiona a análise de Grimshaw, argumentando que as propriedades dos nominais de processo/evento, como a presença de modificadores aspectuais e de argumentos internos, decorrem de um nó SV na estrutura desses nominais. Em outras palavras, a estrutura argumental associada ao nominal derivado se deve à presença de um SV interno. É o nó SV que atribui papel temático aos argumentos, não o nominal derivado.

Observamos o comportamento dos nomes derivados, em Kuikuro, a partir da ausência ou presença de estrutura argumental e tentamos classificá-los dentro da tipologia de nominais de evento (processo, resultado). Podemos afirmar que:

(i) todos os nomes derivados formados pelo sufixo **-ne** e seus alomorfes são interpretados como Processo e não como Resultado. Mesmo com a presença de modificadores aspectuais e com a presença obrigatória de argumentos internos, dada pela existência de SV, esses nominais não licenciam seus argumentos, comportando-se, assim, sintaticamente, como Nomes “primitivos”. Os dados kuikuro não confirmam a proposta

de Grimshaw, que define os nomes derivados com leitura processual como tendo, obrigatoriamente, um argumento Eventivo (Ev). A não seleção de argumento eventivo nesses nominais em Kuikuro contraria, também, a análise de Alexiadou que afirma que a presença de um nó SV dentro deles implicaria no licenciamento de argumentos.

Como vimos, em Kuikuro os nomes derivados com **–ne** assim se comportam:

- Os derivados de verbos transitivos não licenciam os seus argumentos. Em (470), a leitura processual do nome derivado é clara, mas a agramaticalidade de (471) mostra a impossibilidade de projetar o argumento interno:

470. konkgi-nge i-tsagü h-ige-i
limpar –NMLZG ficar-CONT AFF-DIST-COP
 “está acontecendo a limpeza (último dia de luto)” (o evento)

471. *u-ingü konkgi-ne-gü
1-roupa limpar –NMLZG-REL
 “a limpeza da minha roupa” (como evento)

- A nominalização derivada com **–ne** mantêm a estrutura aspectual do seu verbo de origem:

472. hosiguN-ta-ne (> hosigundane)
sorrir-CONT-NMLZG
 “sorrisada” (evento em que várias pessoas sorriem juntas)

(ii) Todos os nomes com interpretação de resultado são verbos flexionados no Aspecto Pontual. Repetimos, aqui, exemplos de nomes com leitura de resultado:

473. kapehe ekugu u-angahegu-ø
alto verdade 1-pular-PNCT
 “o meu pulo é alto”

- 474. u-hosigu-ø atütü-i**
I-sorrir-PNCT bonito-COP
 “o meu sorrir/sorriso é bonito”

Existem verbos que não podem ocorrer com **–ne**:

- 475. u-hingankgu-ti-tagü**
I-suar-VBLZ-CONT
 “eu estou suando”

- 476. u-gitsi-lü**
I-urinar-PNCT
 “eu urinei”

- 477. u-iki-tagü**
I-defecar-CONT
 “eu estou defecando”

Em (475), o verbo é formado a partir de um nome mais um verbalizador intransitivo explícito. Em (476) e (477), o verbo é formado com verbalizador fonologicamente nulo. Vejam-se abaixo as formas dos nomes plenos (478-479) correspondentes aos verbos em (475) e (476):

- 478. u-hingankgu-gu**
I-suor-REL
 “meu suor”

- 479. u-gitsu-gu**
I-urina-REL
 “minha urina”

Já o nome que corresponderia ao verbo no exemplo (477) não mostra nenhuma relação com ele, podendo ter forma ‘dependente’ e forma ‘não dependente’ (possuído e não possuído):

ite
“fezes”

480. u-itü
1-fezes
“minhas fezes”

Estes nomes são selecionados pelo sufixo **–ke** (“que faz sempre X”) e isto nos leva a algumas afirmações: como veremos na seção (4.1.4), o sufixo **–ke** seleciona nomes derivados com **–ne** e, entre uma forma nominalizada com **–ne** e um nome ‘primitivo’, ele seleciona sempre a forma nominalizada, como em (481):

481. itige-ne-ke h-ekise-i
sorrir-NMLZG- TEND AFF- D3DIST -COP
“ele é risonho”

O comportamento do morfema **–ke** é uma boa pista para identificarmos os radicais verbais que não são selecionados por **–ne**. Quando o radical verbal não é selecionado por **–ne**, o **–ke** é sufixado diretamente ao radical como nos exemplos abaixo.

482. ite-ke
fezes TEND
“aquele que sempre defeca (gosta de defecar)”

483. katsogo h-ese-i ite-ke
cachorro AFF-DIDST-COP fezes- TEND
“este cachorro defeca sempre (gosta de defecar)”

Tomemos outros radicais verbais:

484. u-te-tagü leha h-ige-i
1-ir-CONT CMPL AFF-DDIST-COP
“eu já estou indo”

- 485. atahu-nügü**
fechar porta-PNCT
 “a porta fechou”

Os verbos acima não podem ser nominalizados com **–ne**, mas se combinam com o sufixo **–ke** para formar advérbios que denotam períodos ou fases temporais, sem todavia carregar um sentido de duração:

- 486. i-kato te-lü-ke-hunda**
lenha-aquele que busca ir-PNCT- TEND -ADV
 “hora de buscar lenha”

- 487. katahu-nügü-ke-hunda**
fechar porta-PNCT- TEND -ADV
 “hora de fechar a porta”

Como vimos, o **–ne** seleciona verbos transitivos, intransitivos e intransitivizados, mas os argumentos desses verbos não são licenciados. Os nomes assim derivados têm leitura processual. Alguns verbos não são selecionados pelo morfema **–ne**. Por outro lado, a leitura de resultado pode ser obtida: com verbos intransitivos e detransitivizados flexionados no Aspecto Pontual e Perfectivo e nominalização de objeto.

Concluimos a análise do nominalizador **–ne**, com informações sobre a sua alomorfia. Os dados Kuikuro nos apontam que para a alomorfia do NMLZG o traço de Classe parece ativo, embora com algum curioso ‘distúrbio’ em sua distribuição: Vejamos o quadro de sua distribuição pelas Classes Flexionais:

quadro 17 – A Alomorfia do nominalizador **-ne** e as Classes:

	CLASSE I	CLASSE II	CLASSE III	CLASSE IV	CLASSE V
VT			konkgi-ne limpar/lavar		ipo-nge furação api-nge bateção
VI	hete-ne gritaria inile-ne choro ipügele-ne tremedeira itaginhe-ne conversa itande-ne casamento itange-ne brincadeira ingunkginhe-ne pensamento	ilapa-ne pesadelo tingugi-ne decisão	atsakunge- corrida haindene velho(a) kupaginge aroto	atsagi-nhe grito hehu-nhe cansaço	
DTR		umütahi-nhe bocejo atage-ne balanço	etinhamba-nge hora das refeições atauntsi-nge abraço egipüküi-nge belisco epegenkgi-nge descanso epetsaki-nge enfeite etima-nge abstenção etinaiki-nge assoar nariz otsonkgi-nge lavação	egitankgi-nhe coceira tahehi-nhe escrita	oto-nge matança

Na Classe I, há uma maioria de raízes que terminam com a vogal **u**. Neste caso, há assimilação total dos traços da vogal do sufixo **-ne** pela última vogal da raiz, processo morfofonológico de harmonia vocálica, que afeta o radical.

Como dissemos acima, os traços de Classe Flexional se mantêm operantes na distribuição alomórfica do NMLZG, apesar de haver duas Classes (II e III) com **-ne**,

sendo que, todavia, na primeira (II) há certos verbos nominalizados com **–nhe**, e na segunda (III) certos verbos nominalizados com **–nge**. Já **–ne** é o único a ocorrer na Classe I, assim como **–nge** na Classe V e **–nhe** na Classe IV. De qualquer maneira, não há qualquer evidência de condicionamento fonológico determinando a realização alomórfica.

4.1.3.2 A Nominalização com o sufixo **–toho**

O sufixo **–toho** e seus alomorfes **–ndoho**, **–tsoho** e **–goho**, glosado com (INSTNR), obedecem à organização em Classes morfológicas (quadro 18) e produzem nominalizações com sentido “lugar ou instrumento para X”, “algo feito para X”, “algo que serve para X” ou “lugar feito/que serve para X”, sendo X o significado do radical verbal ou nominal. Gildea (1998: 119) reconstrói a proto-forma **-topo*, facilmente reconhecível em seus reflexos nas línguas atuais, e o chama de “nominalizador de Instrumento/Lugar”.

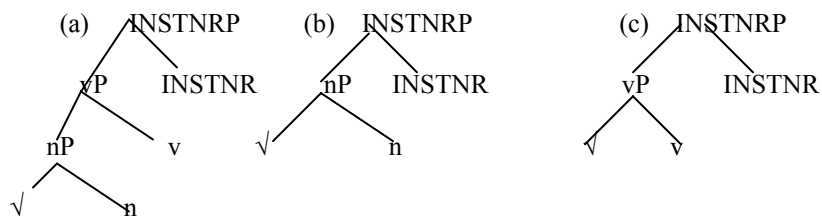
O sufixo **–toho** e seus alomorfes selecionam radicais nominais e verbais, estes podendo ter verbalizadores fonologicamente explícitos ou nulos, transitivos, intransitivos e detransitivizados. **–toho**, todavia, nunca ocorre com radicais verbais transitivizados. Assim como ocorre com o nominalizador **–ne**, o nominalizador **–toho** forma nomes derivados que se comportam como nomes primitivos ocupando todas as posições argumentais do verbo. Diferentemente do nominalizador **–ne**, a estrutura argumental e temática do verbo, considerando o único argumento verdadeiro, interno, absolutivo, é plenamente mantida.

O quadro abaixo apresenta uma primeira visualização da distribuição dos radicais verbais nominalizados pelas suas respectivas Classes:

quadro 18 – A Nominalização Instrumental e suas Classes Morfológicas:

Nominalização de instrumento/lugar INSTNR				
CLI -NDOHO	CLII -NDOHO/ -TOHO	CLIII -TOHO	CLIV -TSOHO	CLV -GOHO
ilaN-tuN-toho cozinha/panela	hu-toho desenho, fotografia	te-toho caminho	itsami-tsoho feito para amarrar	koto-goho arma
ka-tsuN-toho	iga-toho para nomear	ahumitsi-toho chave	atahehi-tsoho caneta/caderno	ipo-goho furador
ima-guN-toho	iha-toho feito para dizer algo - placa	ilaN-te-toho cozinha/panela	kuka-tsoho ferramenta	künte-goho descida
	akaN-toho banco			ihati-goho saida
	ongiN-toho esocnderijo			imbuta-te-goho o que serve como remédio

O sufixo nominalizador **-toho** tem três possíveis lugares para se concatenar a um radical: na estrutura (a), ele se junta ao radical verbal formado a partir de um nome; na estrutura (b) isto se dá logo após o primeiro categorizador nominal; na estrutura (c) ocorre acima do primeiro categorizador verbal:



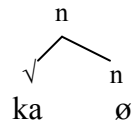
Essas três possibilidades de nominalização levam a diferentes interpretações semânticas:

I – O nominal **–toho** resultante de radical verbal formado por radical nominal mais verbalizador explícito deve ser interpretado como ‘lugar feito para X’ (estrutura **(a)**).

Vejamos em detalhes:

i. Nominalização com verbo formado a partir de verbalizador explícito intransitivo:

(a) Primeiro passo: formação do Nome:



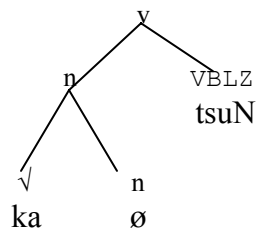
488. u-ka-sü

1-trabalho-REL

“meu trabalho”

(b) Segundo passo: a formação de um verbo, com verbalizador explícito intransitivo

–tsuN, que tem semântica de “estar no estado de ter X”, a partir do radical nominal:

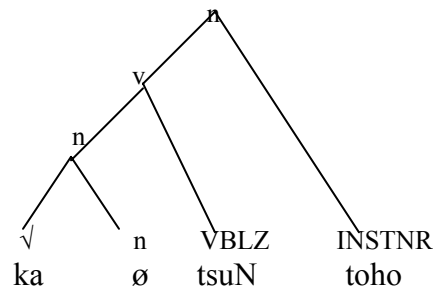


489. u-ka-tsuN-tagü (>ukatsundagü)

1-trabalho-VBLZ-CONT

“eu estou trabalhando”

- (c) Terceiro passo: o nominalizador **-toho** concatena-se ao radical verbal, resultando em um nome derivado com semântica “lugar feito para X”:

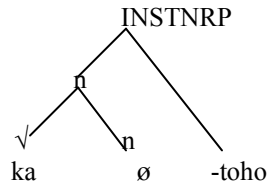


- 490. escola h-ige-i u-ka-tsuN-toho (>ukatsundoho)**
escola AFF- DPROX-COP 1-trabalhar-VBLZ-INSTNR
 “escola é o meu lugar de trabalhar”

O resultado final é um radical verbal **katsuN**, formado por um radical nominal **ka-** que juntou-se ao verbalizador explícito **tsuN-**. O resultado do todo é previsível, composicional, pois já foi negociado na primeira categorização com **n**. O categorizador verbal com seus traços [-AGT, -EXT] forma o verbo intransitivo “trabalhar”. Numa terceira fase, o radical verbal **katsuN-** será concatenado ao nominalizador locativo/instrumental (INSTNR) **-toho** formando um nome que descreve um ‘lugar que serve/destinado para X trabalhar’. Observem que o nome derivado licencia o seu argumento (interno) em Caso genitivo/absolutivo.

O radical nominal, base de formação do verbo **katsuN** ‘trabalhar’, é também, selecionado por **-toho** para formar nome derivado com significado instrumental ‘o que serve para fazer X’.

A estrutura em (491) contém uma raiz **ka-** que concatena-se com categorizador **n** fonologicamente nulo, formando o nome **ka-** ‘trabalho’. O nominalizador **-toho** junta-se ao **nP** atribuindo ao nome derivado o significado ‘aquilo que serve para fazer X’:



491. computador h-ige-i u-ka-tsoho

computador AFF-DPROX-COP 1-trabalho-INSTNR
 “o computador é meu instrumento de trabalho”

O nome derivado **katsoho** licencia o seu argumento (interno) em Caso genitivo/absolutivo.

Nos exemplos que se seguem, podemos observar a impossibilidade de se ter uma leitura instrumental quando o morfema nominalizador é sufixado ao radical verbal. Em (492), a leitura do nome derivado de um verbo é “o lugar onde X”, por isso a agramaticalidade de (492b):

492. itão heke tü-ka-tsoho tuhute-gagü

mulher ERG 3REF-trabalho-INSTNR juntar-CONT
 “a mulher está juntando as suas ferramentas de trabalho”

492b *itão heke tü-ka-tsu-ndoho tuhute-gagü

mulher ERG 3REF-trabalho- VBLZ-INSTNR juntar-CONT
 “a mulher está juntando as suas ferramentas de trabalho”

ii. Nominalização com verbo formado a partir de verbalizador transitivo explícito:

Na formação desses nominais, faremos os mesmos passos (a, b e c) acima.

(a) Nome “primitivo”:

493. uãN-ø

abrigo-NMLZ

“abrigo, proteção”

(b) concatenação do verbalizador transitivo **te**, com semântica de “fazer algo para alguém”, com **nP**:

494. uãN-te-

abrigo-VBLZ

“fazer abrigo (para alguém)”

(c) concatenação do INSTNR **-toho** com **vP**:

495. uãN-te-toho > uãndetoho

proteção-VBLZ-INSTNR

“o que serve como proteção/abrigo”

496. uangapagü h-ige-i kuiginhu uãN-te-toho

uangapagü AFF-DIDST-COP polvilho proteção-VBLZ-INSTNR

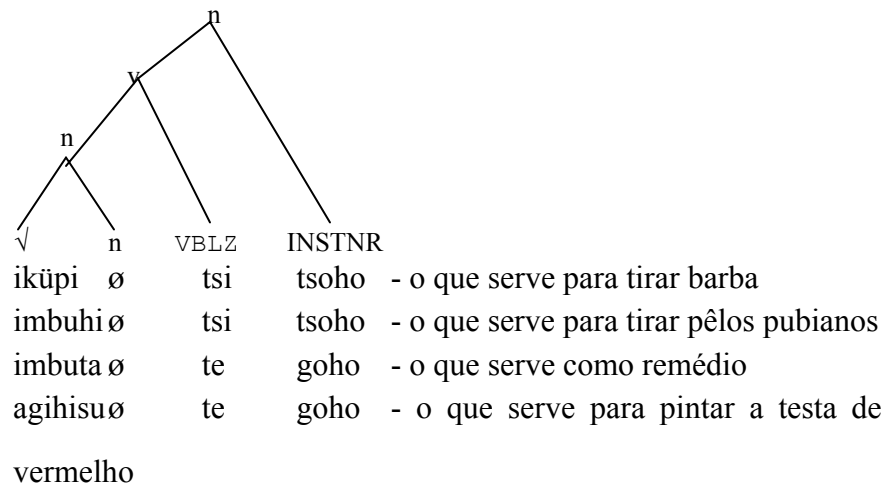
“uangapagü é o que serve para cobrir o polvilho” (uangapagü é um tipo de planta cujas folhas são utilizadas para cobrir o local de armazenamento do polvilho)

O nome primitivo **uã** ‘abrigo/proteção’ só se concatena com verbalizador transitivo, diferentemente de outros, como **ka** ‘trabalho’, do qual podemos formar, através de verbalizadores explícitos distintos, tanto um verbo transitivo como um verbo intransitivo. Esta diferenciação entre nomes ‘primitivos’ se manifesta na seleção de radicais nominais pelo nominalizador **-toho**. Os nomes que são selecionados por verbalizadores intransitivos e transitivos explícitos, também são selecionados pelo nominalizador **-toho**, os nome que são selecionados somente por um verbalizador, não são nominalizados com **-toho**. O nome primitivo **uã** ‘abrigo/proteção’ só forma verbo transitivo, portanto ele não é selecionado por **-toho**. Vejamos abaixo:

497. **uã-nde-toho** (verbo transitivo)
proteção-VBLZ-NMINSTNR
 “o que serve de abrigo/proteção”

498. ***uã-toho** (nome)
abrigo-NMLZ
 “o que serve de abrigo/proteção”

O processo que deriva nomes significando ‘o que serve para fazer X’, a partir da nominalização de verbos formados por nome mais verbalizador explícito, é muito produtivo. Abaixo listamos alguns exemplos:



499. **ikü-pi**
queixo-pêlo
 “pêlo do queixo”

500. **imbu-hi**
púbis-pêlo
 “pêlo pubiano”

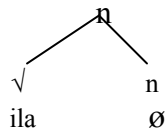
501. **imbuta**
 “remédio”

502. **agi-hisu**
testa-vermelho
 “testa vermelha”

II - Nominalização de radical nominal: estrutura tipo (b)

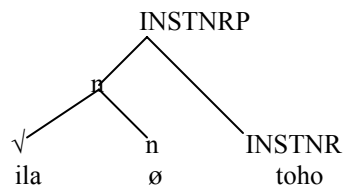
O resultado são nomes derivados com significado ‘o que serve para fazer X’. O nominalizador INSTNR concatena-se diretamente ao radical nominal. Vamos tomar como exemplo o nome **ila** ‘comida/alimento’.

O nome **ila** se forma a partir de uma raiz abstrata mais o nominalizador \emptyset :



- 503. u-ila-gü**
1-alimento-REL
 “meu alimento”

(i) **ila** pode ser concatenado diretamente ao nominalizador INSTNR tendo como significado o objeto ou o lugar que serve para fazer comida, para cozinhar:



- 504. iunkgu-i u-ila-ndoho**
 pequeno-COP 1-alimento-INSTNR
 “a minha cozinha/panela é pequena”

Como Nome pode ser prefixado pelos marcadores de pessoa, incluindo **t-** ANA(fórico) e **k-**, 3a pessoa genérica (3GEN), como ‘possuidores’:

505. t-ilandoho*ANA-lugar de fazer comida*

“o lugar dela fazer comida”

506. u-ilandoho*1-lugar de fazer comida*

“o meu lugar de fazer comida”

507. k-ilandoho*3GEN- o que serve para cozinhar*

“o que serve para cozinhar(mos)”

Por outro lado, não é possível ter complemento como Tema/Paciente, argumento de verbo transitivo:

508. *kanga ilandoho

“o que serve para cozinhar peixe”

Para isto deveríamos usar **ilaN-te-toho**, uma nominalização a partir de verbo transitivo (com verbalizador explícito), como veremos logo adiante.

Como vimos em (seção 4.1.1), que existem Nomes ‘primitivos’ que podem ser selecionados tanto por verbalizadores transitivos quanto por verbalizadores intransitivos; são nomes que não mantêm uma “fidelidade verbalizadora”. Os verbos formados por cada um dos verbalizadores são selecionados por **-toho**, mas terão significados diferentes.

A partir do radical nominal **ila** podemos formar dois tipos de verbos:

(i) Com verbalizador transitivo explícito **te**:

509. kanga ilaN-te-toho - ilandetoho*peixe alimento-VBLZ- INSTNR*

“lugar para cozinhar peixe”

O nome derivado do verbo transitivo exige o objeto, como **kanga** no exemplo acima, ou seja, preserva a estrutura temática argumental do verbo. Em (510) e (511)

mostramos a impossibilidade desse *slot* não ser preenchido pelo Tema/Paciente, argumento interno do verbo transitivo:

510. *k-ila-nde-toho

3GEN-comida-VBLZ-INSTNR

“o que serve para cozinhar(mos)”

511. *t-ila-nde-toho

RFL-comida-VBLZ-INSTNR

“o que serve para alguém cozinhar (?)”

O exemplo abaixo mostra claramente a diferença entre o nome derivado formado a partir de um nome mais nominalizador (**ilaN-toho**, ‘o lugar para cozinhar’) e um nome derivado formado a partir de um verbo mais nominalizador (**ilaN-te-toho**, ‘o que serve para cozinhar X’):

(Artefacts.eaf, linha 171)

512. ese-i-ha ekü nkgutsa hüle ila-ndoho hüle ila-ndoho kanga ila-nde-toho

D-COP-AFF INTJ pequeno ADVR comida-INSTNR mesmo comida- INSTNR peixe comida-VBLZ- INSTNR

“este pequeno, ao contrário, serve para cozinhar, para cozinhar, para cozinhar peixe”

mais exemplos:

513. ima-goho

parto- INSTNR

“rede de parto” (Lit. feito para parir)

514. itão ima-guN-toho h-ige-i

mulher parir- VBLZ-INSTNR AFF-DPROX-COP

“este é o lugar de mulher parir”

515. akinha-ha ige-i k-iti-goho

história AFF-D-COP PNGN-rir- INSTNR

“esta história feita para rir”

516. **akinha-ha ige-i u-iti-guN-toho ingunkgingi-nügü**
história AFF-DRPOX-COP1-rir-VBLZ- INSTNR lembrar-PNCT
 “quando eu me lembro da estória ela me faz rir”

(ii) Com verbalizador intransitivo explícito **tuN**:

517. **itão_i heke t_i-ilaN-tuN-toho** **apagatsi-tagü**
mulher ERG RFL-alimento-VBLZ- INSTNR varrer-CONT
 “a mulher_i está varrendo o lugar dela_i cozinhar”

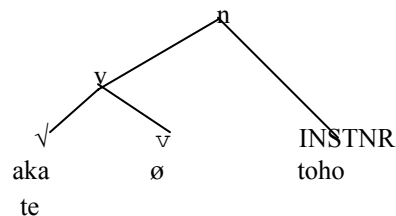
Em (517) o nome **t_i-ilaN-tuN-toho**, derivado de verbo intransitivo, é prefixado com pronome reflexivo coindexado com o Agente **itão heke** ‘mulher’ do verbo **apagatsi** ‘varrer’.

O nome derivado de verbo intransitivo preserva a estrutura temática argumental do verbo, como mostra a agramaticalidade de (518):

518. ***kanga ila-ndu-ndoho**
peixe alimento-VBLZ- INSTNR
 “o lugar de peixe cozinhar”

III- Nominalização de radicais verbais formados a partir de verbalizador nulo:

(i) Formação de verbos intransitivos:



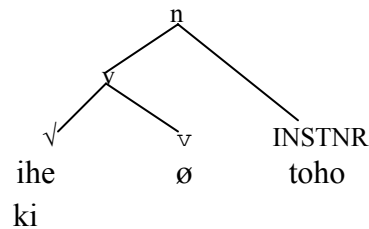
519. **u-akaN-toho** **hekini**
1-sentar-INSTNR bonito
 “o meu banco é bonito”(Lit. o que serve para eu sentar)

520. **ama h-ige-i u-te-toho-pe tuãka**
caminho AFF-DPROX-COP I-ir- INSTNR -ex lagoa/rio
 “este era o meu caminho, o que servia para eu ir à lagoa”

521. **u-e-ndoho-i u-ün-nga-ti**
I-entrar- INSTNR-COP I-casa-ALL
 “o que serve para eu entrar na minha casa”

As raízes **akaN** e **te** são raízes abstratas que se realizam como verbos ou nomes derivados a partir da concatenação com categorizadores funcionais verbais com fonologia nula. O nominal **-toho** preserva a estrutura temática argumental do verbo.

(ii) Formação de verbos transitivos:



Nesse tipo de estrutura, o nominalizador se junta ao radical verbal transitivo logo após a categorização. Novamente, é mantida a grade temática argumental do verbo de origem, preenchendo obrigatoriamente o *slot* do objeto, que poderá ser nominal pleno como em (522) e (523) ou pronominal prefixado como em (524):

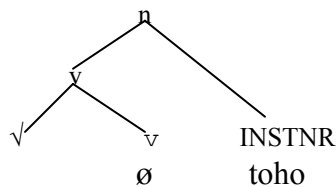
522. **u-ngakahu-gu ihe-toho uhi-tsagü u-heke**
I-cabelo-REL prender-INSTNR procurar-CONT I-ERG
 “estou procurando meu prendedor de cabelo”

523. **kuigi ki-tsoho h-ige-i**
mandioca ralar- INSTNR AFF-DPROX-COP
 “isto é ralador de mandioca”

- 524. tü-ki-tsoho h-ige-i**
ANA(OBJ)-ralar- INSTNR AFF-DPROX-COP
 “isto é um ralador” (Lit. isto é o que serve para ralar algo)

(iii) Formação de verbos detransitivizados:

As nominalizações de verbos detransitivizados⁴² têm a estrutura do tipo (c).



- 525. ug-apagatsi-toho-pe ets-uhe-nügü**
1DTR-varrer-INSTNR-ex 3DTR-quebrar-PNCT
 “a minha vassoura quebrou-se” (o que serve para eu varrer)

Mais uma vez, a manutenção da configuração argumental do verbo é mantida no que concerne o elemento que pode ocorrer como argumento interno, decorrendo disso a ‘agramaticalidade’, por ser semanticamente inaceitável, da construção em (527c):

- 526. itão heke üne apagatsi-tagü (verbo transitivo)**
mulher ERG casa varrer-CONT
 “a mulher está varrendo a casa”

- 526b üne apagatsi-toho**
1-varrer-INSTNR
 “o que serve para varrer a casa”

⁴² ver processo de detransitivização (3.4.2)

- 527c *itão apagatsi-toho**
mulher varrer-INSTNR
 “o que serve para varrer a mulher”

Outro exemplo da preservação da estrutura argumental do verbo está em (528) e (528b):

- 528. pape h-ige-i ut-ahehi-tsoho** (forma detransitivizada)
papel AFF-DDIST-COP 1DTR-escrever-INSTNR
 “isto é papel, o que serve para eu escrever”

- 528b pape ahehi-tsoho** (forma transitiva)
papel escrever-INSTNR
 “o que serve para escrever (no) papel”

Os nomes derivados, como qualquer nome, podem ocupar as posições sintáticas de S, A e O, podem receber os sufixos de passado e de futuro, concordam com Plural em animacidade e número:

i- A

- 529. u-g-apagatsi-toho heke kagamuke gamaki-lü**
1DTR-varrer- INSTNR ERG criança derrubar-PNCT
 “a minha vassoura derrubou a criança”

ii- Sufixo de Passado

- 530. u-g-apagatsi-toho-pe e-ts-uhe-nügü**
1DTR-varrer- INSTNR -ex 3-DTR-quebrar-PNCT
 “a minha vassoura quebrou-se”

iii- Sufixo de Futuro

- 531. u-g-apagatsi-toho-ingo-ha ege-i**
1-DTR-varrer- INSTNR -FUT-AFF 3DDIST-COP
 “aquela vassoura será minha”

iv- Plural

- 532. u-g-apagatsi-toho-ingo tuhugu-ha ege-i**
1-DTRR-varrer-INSTNR-FUT PL-AFF DDIST-COP
 “aquelas vassouras serão minhas”

v- Prefixo de pessoa -

- 533. agapagatsitoho**
 “o que serve para varrer”

- 534. atütü u-g-apagatsi-toho-i**
bonita 1-DTR-varrer- INSTNR -COP
 “a minha vassoura é bonita/boa”

(Ajahi, linha 016)

- 535. "uama" ihisuündão "uama e-ingunkgi-nguN-ta-toho-i"**
QU irmãos QU 2-pensar-VBLZ-CONT- INSTNR -COP
 "o que é?" - disseram os irmãos - "o que é tal que está fazendo você pensar?"

O exemplo acima (535) é evidência do fato de que o nome derivado conserva a estrutura do verbo, não apenas no que concerne à identidade do seu argumento interno, como também na flexão aspectual: **ingunkginguN-** é verbo com verbalizador intransitivo explícito e ele recebe flexão de Aspecto Continuativo (durativo) **-ta-**.

Nesta seção vimos que o sufixo **-toho**, e seus alomorfes **-ndoho**, **-tsoho** e **-goho**, resulta em Nomes com sentidos de “lugar ou instrumento para X”, “algo feito para X”, “algo que serve para X” ou “lugar feito/que serve para X”, sendo X o significado do radical verbal ou nominal. Além de selecionar radicais verbais transitivos, intransitivos e detransitivizados, o nominalizador **-toho** seleciona, também, Nomes. O resultado desse processo se organiza nas Classes Morfológicas. Vimos também que o nominal **-toho** preserva a estrutura temática argumental do verbo, como nos exemplos (517-518).

A seguir, continuando com os verbalizadores, apresentaremos a nominalização de argumento interno.

4.1.3.3 Nominalização de Argumento Interno (S, O)

A estrutura de nominalização de argumento interno ou não-agentiva envolve um radical verbal flexionado no Particípio ao qual se acrescenta o sufixo nominalizador – **nhü**, glosado como PATNR, direcionado para os argumentos S e O. O núcleo nominalizador seleciona: (i) radicais verbais transitivos e transitivizados, intransitivos e detransitivizados, flexionados na forma participial⁴³ e pertencentes a todas as Classes; (ii) construção composta por nome seguido pela Posposição/sufixo –**ki** (Instrumental) e precedido pelo marcador de 3a anafórica **tü-**. No quadro abaixo está a distribuição de – **nhü** nas Classes Flexionais, sufixado à forma participial do verbo:

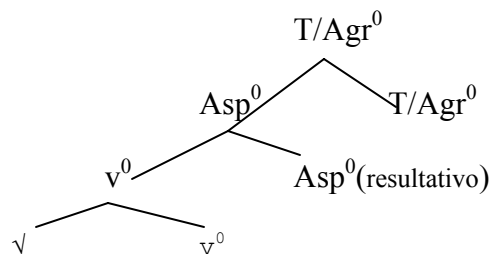
quadro 19 – Nominalização de Argumento Interno e suas Classes Morfológicas:

Nominalização de argumento interno (PATNR) -tü/- Verbo -i, -ti, -acento, -si, -acento + nhü				
CLI	CLII	CLIII	CLIV	CLV
t-igi-nhi-nhü cantora	t-inkgugi-ti-nhü enganado	tü-te-nhü-ko-pe os que foram	t-ugi-si-nhü soprado	t-ipo-nhü furado
t-kinhuli-nhü enciumado	t-opokine-ti-nhü abandonado	t-agi-nhü jogado	t-at-agugi-si-nhü rachado	
tü-katsi-nhü trabalhador	t-ongi-ndi-nhü escondido	t-enge-nhü comido, comestível	t-aküngi-si-nhü-pe escolhido	
	t-ije-ti-nhü nadador t-igi-nhu-ne-ti-nhü o que faz cantar	t-ila-nde-nhü cozinhado	tü-hihi-si-nhü arranhado t-ingunkgi-ngu-ki-si-nhü pensado	

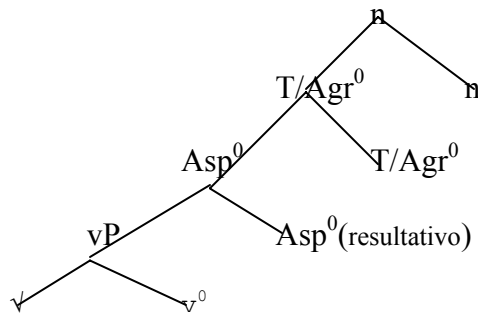
⁴³ Para uma análise do Particípio ver (3.5)

A nominalização de argumento interno com radical verbal no particípio tem a seguinte estrutura morfológica: **tü-/t-+radical verbal Particípio+-nhü**. A adição de um categorizador nominal à uma estrutura verbal flexionada na forma participial tem leitura de estado resultante do evento, estado atribuído ao argumento interno. Gildea (1998: 142) reconstrói a proto-forma karib ***mĩ**, descrevendo-o, também, como sendo um nominalizador que deriva nomes das formas ***t-V-ce** participiais, com significado de “alguém que está no estado indicado pelo particípio”. Na seção (3.5) apresentamos uma análise das formas participiais enquanto denotantes de um estado resultante de um evento prévio. Um radical verbal adquire a leitura de resultado que afeta o argumento interno (S,O) logo após se juntar ao núcleo $\text{Asp}_{\text{R(estado)}}$ (Embick, 2000), como podemos ver abaixo:

(a)



À estrutura (a), é adicionada, logo acima do AspP, um categorizador nominal que se realiza com o item de vocabulário **–nhü**. O categorizador **n** se refere ao objeto interno do verbo. Com a sua adição à estrutura verbal, a nova estrutura pode ser assim representada:



No exemplo (536), temos um radical verbal intransitivo, **apüngu** “morrer”, com morfologia participial (PTP); a interpretação é de estado resultante do evento ‘morrer’. Em (536b) ao particípio **tapüngi** é sufixado o nominalizador **–nhü** e o que antes era uma estrutura verbal, com a adição do nominalizador **–nhü**, se torna uma estrutura nominal. Vejam, a seguir, as fases de derivação da nominalização de argumento interno:

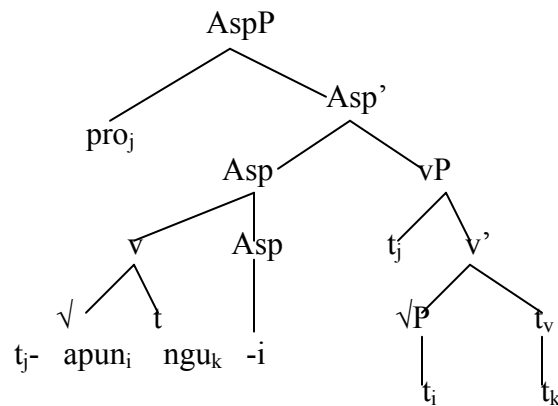
536. ekege t-apüng-i leha (forma PTP)

onça ANA-morrer-PTP CMPL
 “a onça já morreu/tendo morrido”

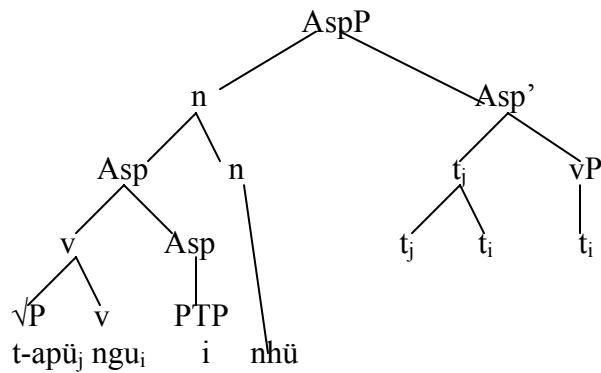
536b ekege leha t-apüng-i-nhü (forma nominalizada PATNR)

onça CMPL ANA-morrer-PTP-PATNR
 “a onça (está) morta”

Na figura representamos uma estrutura arbórea (536b) com as fases de nominalização de argumento interno (S). O item de vocabulário **–nhü** seleciona a forma participial do verbo:



A nominalização PATNR tem significado predicável e se refere ao argumento interno (S, O). O nominalizador **-nhü** seleciona radical com semântica estativa resultativa, focalizando o objeto interno do verbo. Em (536b), **ekege leha t-apüng-i-nhü**, a tradução “a onça está morta” pode ser parafraseada como “a onça está no estado de não mais viva”. Sendo um verbo intransitivo-inacusativo, não há nenhuma informação sobre o causador do estado atual da onça. Os nomes derivados a partir das formas participiais sugerem, muitas vezes, uma leitura de Adjetivo, expressando uma propriedade do argumento envolvido; ao que tudo indica, porém, não existe a categoria lexical Adjetivo nas línguas karib, afirmação defendida por todos os pesquisadores de línguas dessa família. No caso do Kuikuro são nomes com leitura resultativa de um evento imediatamente precedente, resultado que afeta o argumento e que ainda reflete na sua condição ‘presente’.



Observem a seguir exemplos com verbos intransitivos e transitivos, detransitivizados e transitivizados :

i) Verbos intransitivos:

537. tū-het-i-nhü

ANA-gritar-PTP- PATNR

“aquele que gritou”

538. ti-je-ti-nhü

ANA-nadar-PTP- PATNR

“aquele que nadou”

ii) Verbos transitivos:

539. t-ongiN-ti-nhü

ANA-esconder-PTP- PATNR

“o que foi escondido (‘segredo’)”

540. t- enge-nhü

ANA-comer-PTP- PATNR

“o comido (comestível)”

540b kakaga hungu t- enge-nhü

galinha carne *ANA-comer-PTP- PATNR*

“carne de galinha é comível”

541. t- ahehi-si-nhü

ANA-escrever/filmar/fotografar-PTP- PATNR

“o escrito/filmado (livro/filme)”

iii) Nominalização com verbos intransitivizados:

542. t-eg-ipo-nhü-pe

ANA-2/3DTR-furar-PTP- PATNR-ex

“aquele que se furou”

543. t-at-ahehi-si-nhü

ANA-2/3DTR-escrever-PTP- PATNR

“o escritor”

Observe que no exemplo (541), com o verbo transitivo **ahehi** (“escrever/filmar/fotografar”), a nominalização não-agentiva resulta no nome “escrito/livro ou filmado/filme ou fotografado”, o resultado da ação de escrever ou filmar afetando o objeto. Já no exemplo (543), com o verbo intransitivizado - “escrever”, com sentido incoativo –, a nominalização resulta no significado de “escritor”, “aquele que está no estado de escrever (algo, objeto não especificado)”.

(iv) Nominalização com verbos transitivizados. Em Kuikuro, como vimos em (3.4.2), há dois morfemas transitivizadores, **ne** e **ki**:

- Nominalização com verbos transitivizados pelo morfema **ne**:

544. t-angu-ne-ti-nhü

ANA-dança-TR-PTP- PATNR

“aquilo que se faz dançar” (música)

545. t-angahe-gu-ne-ti-nhü

ANA-pula-VBLZ-TR-PTP- PATNR

“aquilo que se pode fazer pular” (bola, criança)

- Nominalização com verbos transitivizados pelo morfema **ki**:

546. t-ingunkgingu-ki-si-nhü

ANA-pensar-TR-PTP- PATNR

“aquilo que pode ser pensado”

547. t-ipügelu-ki-si-nhü

ANA-tremer-TR-PTP- PATNR

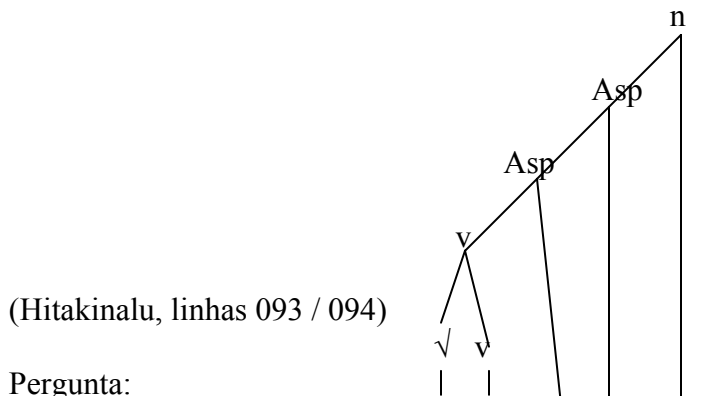
“aquele que pode ser provocado tremer” (pessoa)

548. tü-kinhulu-ki-si-nhü

ANA-ciúmes-TR-PTP- PATNR

“aquele que pode ser provocado ter ciúme” (pessoa)

Oferecemos, agora, algumas ocorrências das nominalizações **-nhü** em contextos naturais, retiradas do nosso corpus de ‘textos’. Observem no exemplo (549) as camadas funcionais ainda ativas na nominalização:



Pergunta:

549. tü-ma ekise-i ige koko t-igi-nhuN ta-ti-nhü-i

Q-DUB D3DIST-COP DPROX noiteANA-canto-VBLZ-CONT-PTP- PATNR-COP

“quem estava cantando (era cantadora) esta noite?”

Resposta:

549b Ahitakinalu h-ekise-i t-igi-nhuN-ta-ti-nhü-i-ha

Ahitakinalu AFF- D3DIST-COP ANA-canto-VBLZ-CONT-PTP- PATNR-COP-AFF

“era Ahitakinalu que estava cantando”

(Kagaiha, linhas 0606 /0607 / 0608)

560. üngele-tü-ha tu-e-nhü

ANA-?-AFF ANA-matar-PTP- PATNR

“foi esse que foi morto”

561. tu-e-nhü-pe Kuigalu ng-o-pügü-tü-ha

ANA-matar-PTP- PATNR-ex Kuigalu MO-matar-PFV-?-AFF

“o morto que Kuigalu matou”

(Kagaiha, linhas 0713/0714)

- 562. ülepenē, anga tü-hogi-si i-heke-ni**
depois jenipapo ANA-encontrar-PTP 3-ERG-PL
 “depois disso, tendo eles encontrado jenipapo”

- 563. anga-tsü-ha t-uhugu-ti-nhü anga anga**
jenipapo-?-AFF ANA-tornar-se preto-PTP jenipapo jenipapo
 “aquele jenipapo, aquele que enegrece, jenipapo, jenipapo”

Os nomes primitivos selecionados por diferentes verbalizadores explícitos terão leituras diferentes ao concatenarem-se ao nominalizador **-nhü**. Vejamos o que acontece com o nome **ila**, “comida/alimento”, suas verbalizações e sucessiva nominalização:

- (i) O radical nominal **ila** com o verbalizador transitivo **te**, cujo significado é “fazer algo para X”, forma um verbo transitivo; a nominalização focaliza o objeto paciente:

- 564. t-ilaN-te-nhü > tilandenhü**
ANA-comida--VBLZ-PTP-PATNR
 “o que pode ser cozinhado/cozinhável (um tipo de alimento)”

- (ii) O radical nominal **ila** com o verbalizador intransitivo **-tuN**, cujo significado é “estar no estado X”, forma verbo intransitivo que pertence à Classe Morfológica Flexional II; o nominalizador se acrescenta à forma participial:

- 565. t-ilaN-ti-nhü > tilandinhü**
ANA-comida-VBLZ-PTP-PATNR
 “o que tem propriedade de poder cozinhar (por ex. uma panela)”

O morfema de nominalização de argumento interno **-nhü** com radicais que não apresentam morfologia participial.

Vimos na descrição da nominalização de argumento interno que o morfema **–nhü** nominalizador só ocorre com radicais verbais flexionados no Aspecto participial. Nos exemplos a seguir, apresentamos formas nominalizadas com o morfema **–nhü** sufixado a à radical complexo formado por Nome+**–ki**, cujo significado é “usar X como instrumento, ter X como propriedade/qualidade” e prefixado pelo pronome anafórico. O morfema **–ki** é uma posposição que se sufixa a Nome (566), a Verbos (567 e 568) flexionados no Aspecto Pontual.

566. kanga enge-tagü u-heke ikine-ki

peixe comer-CONT 1-ERG beiju-INST

“eu estou comendo peixe com beiju”

567. kangamuke ipane-nügü u-heke agoe enge-lü-ki

criança ensinar-PNCT 1-ERG arroz comer-PNCT-INST

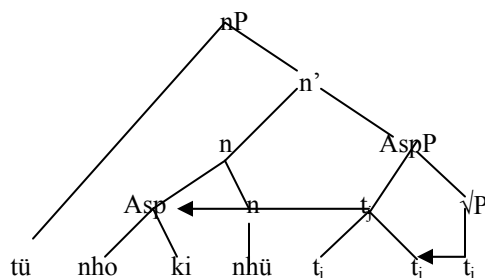
“eu acostumei a criança a comer arroz”

568. apa ahetinhomba-tagü u-heke tahaku ha-nügü-ki

pai ajudadr-CONT 1-ERG arco fazer-PNCT-INST

“eu estou ajudando meu pai a fazer arco”

Supomos que **–ki** seja um núcleo estativo, o que dá essa leitura resultativa aos Nomes derivados, assim como o Aspecto participial, para os radicais verbais.



O resultado são Nomes com significado “usar X como instrumento, ter X como propriedade/qualidade”. Poderíamos fazer uma leitura de (569, 570) como “aquela homenzada”, ou “aquele emulherado” assim como fizemos em (571) “aquele encorpado”.

569. tū-nho-ki-nhü leha uge-i
ANA-marido-com- PATNR CMPL 1D -COP
 “eu sou casada”

570. tū-ita-ngi-nhü leha uge-i
ANA-mulher-com- PATNR CMPL 1D -COP
 “eu sou casado”

571. ege-i ajotsene t-ihü-ki-nhü
aquele-COP lutador ANA-corpo-com-PATNR
 “aquele encorpado é lutador”

572. t-undi-ki-nhü
ANA-cabelo nas costas-com-PATNR
 “que tem cabelos nas costas”

573. t-imo-ki-nhü
ANA-ponta-com-PATNR
 “com ponta afiada (de flecha)”

Os nomes derivados do particípio apresentam diferentes características morfossintáticas nas línguas karib. Em Kuikuro, essas formas se comportam segundo uma lógica clara. Em primeiro lugar, como qualquer nominal podem ocupar qualquer posição argumental. Em segundo lugar, são as nominalizações usadas para o que nós chamamos de ‘subordinação’ (relativas) do argumento interno intransitivo (Franchetto, 2002 e 2004):

574. **Mutuá heke itão ingi-lü t-üğü-ni-nhü**
Mutuá ERG mulher ver-PNCT ANA-doente-PTP-PATNR
 “Mutuá viu a mulher que está doente”

E são características de interrogativa também do argumento interno intransitivo, sempre acompanhadas pela Cópula **-i** (Franchetto, 2002):

575. **tü t-atsaku-nhü-i**
Q ANA-correr-PATNR-COP
 “quem é que corre (que tem a capacidade de correr, que está no estado de correr)?”
 O denominador comum está no traço de estatividade que vêm da base dessas

nominalizações, o Particípio, resultando num nominal que descreve a propriedade ou a condição do referente do argumento interno.

Não podemos concluir a análise das nominalizações não-agentivas, sem observar que a contraparte negativa do morfema **-nhü** é a forma **-mbüngü**. Trata-se, então, de um nominalizador negativo. Meira (comunicação pessoal) sugeriu que **-mbüngü** seja derivado, diacronicamente, de **-nhü+hüngü** > **-N+hüngü** > **-mbüngü**. Lembramos que **-hüngü** é sufixo de negação que ocorre com nomes⁴⁴. O primeiro passo (**-nhü+hüngü** > **-N+hüngü**) teria decorrido de perda silábica, enquanto o segundo (**N+hüngü** > **-mbüngü**) seria o resultado de um processo fonológico do qual já vimos muitos exemplos em Kuikuro. Eis alguns exemplos, nos quais se vê a base participial da nominalização negativa:

tüikutsinhü “o pintado”

⁴⁴ Como já anunciado na Introdução da Tese, decidimos não incluir nela descrição e análise das formas de negação, tópico importante e que será objeto de um próximo trabalho. Mencionamos, apenas, a existência em Kuikuro de: (i) morfemas (sempre sufixados) de negação em nomes, verbos e advérbios, tendo como escopo a palavra (**-la**, **-hüngü**); (ii) de formas negativas de flexão aspectual e modal; (iii) operadores de negação com escopo sobre a frase (**inhalü**, **ahütü**).

- 576. tü-iku-tsí-mbüngü**
ANA-seiva-VBLZ/PTP-PATNRNEG
 “aquele não pintado”

tukahutinhü “o cheio/gordo”

- 577. tü-kahu-ti-mbüngü**
ANA-engordar-VBLZ/PTP-PATNRNEG
 “o magro (aquele que não é gordo)”

titakinhü “largo, amplo”

- 578. t-ita-ki-mbüngü**
ANA-largo-POSP-PATNRNEG
 “estreito” (lt o que não é largo)

tühenkgakinhü “torto”

- 579. tü-henkga-ki-mbüngü**
ANA-torto-POSP-PATNRNEG
 “reto (o que não é torto)”

Após termos dissertado sobre a nominalização de argumento interno, que se realiza com a concatenação de um núcleo nominal à uma forma participial, enfrentamos, a seguir, o processo de nominalização agentiva.

4.1.3.4 A Nominalização Agentiva

A estrutura de nominalização de argumento externo, ou agentiva, envolve radicais verbais transitivos e transitivizados, pertencentes a todas as Classes, aos quais se acrescentam os sufixos nominalizadores **-tinhi**, **-ni** e **-nhi**, glosados como AGNR, direcionados para o argumento A. A nominalização assim produzida mantém o argumento interno (Objeto, Paciente) do verbo transitivo; quando não definido, o Objeto

é codificado pelas formas de pronome genérico (GEN, **kuk-/ku-/k-**). Observamos que, nos processos de nominalizações de agente, as Classes morfológicas se reduzem a três, lembrando que a Classe I só tem verbos intransitivos:

quadro 20 – Nominalização Agentiva e suas Classes Morfológicas:

Nominalização de agente (AGNR) kuk- / ku- / k—Verbo + -tinhi/ -nhi / -ni				
	CLII -tinhi ~ -dinhi	CLIII -ni	CLIV -nhi	CLV -ni
VT	<i>k-ongi-ndinhi</i> escondedor	<i>kuk-e-ni</i> matador	<i>kukinhi</i> brigão	<i>k-ipo-ni</i> furador
	<i>k-undi-tinhi</i> zombador	<i>k-enge-ni</i> comedor	<i>aküngi-nhi</i> escolhedor	<i>k-ihipüte-ni</i> comprador
	<i>k-anhe-tinhi</i> perdedor	<i>agi-ni</i> jogador	<i>k-upihi-nhi</i> arranhador	
	<i>k-ije-ne-tinhi</i> atravessador de coisas			
	<i>k-ahi-ne-tinhi</i> que faz secar <i>k-akule-ne-tinhi</i> que faz coar <i>k-angahegu-ne-tinhi</i> que faz pular		<i>k-ingunkgingu-ki-nhi</i> que faz pensar <i>k-imüküngu-ki-nhi</i> que provoca cara feia <i>k-ipügelu-ki-nhi</i> que faz tremer <i>k-ukinhulu-ki-nhi</i> que provoca ciúmes	
TR				

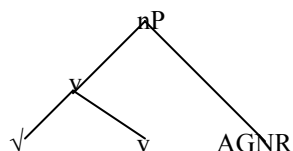
A nominalização AGNR é o resultado da adição de um categorizador nominal à uma estrutura verbal, sem flexão:

580. kuk-e-ni

3GEN-matar- VBLZ-AGNR

“matador (de alguém)”

A estrutura da nominalização AGNR é assim representada:



Na estrutura acima o significado do todo é previsível: o Agente do evento é denotado pelo categorizador *n*, já que o nominalizador agentivo seleciona vP transitivo e transitivizado.

Abaixo exemplificamos a nominalização agentiva para cada Classe Morfológica:

1- CLII:

581. k-ongi-ndinhi

GEN-esconder-VBLZ-AGNR

“escondedor”

2- CLIII:

582. kuk-e-ni

GEN-matar- VBLZ-AGNR

“matador”

3- CLIV:

583. ku-ki-nhi

GEN-ralar mandioca- VBLZ-AGNR

“raladora de mandioca”

4- CLV:

584. k-ipo-ni

GEN-furar- VBLZ-AGNR

“furador (pessoa que fura)”

Os verbos que sofrem mudança de valência, no caso os intransitivos que passam a transitivos com adição de morfologia, são selecionados pelo morfema nominalizador de agente. Como vimos em (3.4.2), há dois morfemas transitivizadores, **ne** e **ki**:

(i) Nominalização com verbos transitivizados pelo morfema **ne**:

585. giti h-ege-i k-ahi-ne-tinhi

sol AFF-DDIST-COP GEN-secar-TR-AGNR

“o sol é aquele que faz secar”

586. k-akule-ne-tinhi*GEN-coar-TR-AGNR*

“aquele que faz coar” (o saco de coar)

587. k-angahegu-ne-tinhi*GEN-pular-VBLZ-TR-AGNR*

“aquele/aquilo que faz pular”

(ii) Nominalização com verbos transitivizados pelo morfema **ki**:**588. k-ingunkgingu-ki-nhi***GEN-pensar-VBLZ-TR-AGNR*

“aquele/ilo que faz pensar”

589. k-imüküngu-ki-nhi*3GEN-provocar cara feia-VBLZ-TR-AGNR*

“aquele que provoca cara feia”

590. k-ipügelu-ki-nhi*3GENfazer tremer-VBLZ-TR-AGNR*

“aquilo que faz tremer” (pode ser medo, frio, felicidade, doença)

Podemos observar nos exemplos (591 e 592) que, as nominalizações agentivas apresentam em suas estruturas, além do argumento interno, modificadores aspectuais e isto se deve à presença de um SV interno. Nos exemplos abaixo o Aspecto Continuativo (-tagü) ocorre, obrigatoriamente em sua forma ‘reduzida’ (-ta):

591. utoto h-ekise-i akinha iha-ta-tinhi*homem AFF- D3DIST -COP estória contar-CONT-AGNR*

“aquele é o homem que está contando a história”

592. tü-ma inh-angu-ne-ta-tinhi-i wāke*ANA-DUB 3-dançar-TR-CONT-AGNR-COP ADV*

“quem estava fazendo ela dançar?”

Em (593), a nominalização manifesta a possibilidade de ter o sufixo **-ko** pluralizando o argumento, como seria na forma verbal não nominalizada:

- 593. k-ane-te-ni-ko-ha ekise-i**
ANA-chefe-VBLZ-AGNR-PL-AFF D3DIST -COP
 “ele é aquele que nos chefia (a todos nós)”

Por fim, os nomes derivados com **-tinhi**, **-ni** e **-nhi** podem ocupar posições argumentais e são a regra nas relativas e nas interrogativas de Agente:

- 594. tūma ongiN-tinhi (>ongindinhi)**
Q esconder-AGNR
 “quem escondeu?” (quem é o escondedor?)

- 595. tūma i-hosi-ha-ne-ta-tinhi wāke**
Q 3-sorrir-VBLZ-TR-CONT-AGNR PASS
 “quem estava fazendo ela sorrir?”

Não queremos abandonar a nominalização agentiva sem falar de um sufixo que ocorre exclusivamente com ela: **-mbüngü**. De fato, ele não pode ocorrer com nominalizações de argumento interno:

- 596. *tü-ikutsí-nhü-mbüngü**
ANA-seiva-VBLZ-PTP-PATNR-RFR
 “aquele que é o pintado!”

-mbüngü é homófono do alomorfe fonologicamente condicionado do sufixo de negação **-hüngü**, após nasal (**N-hüngü** > **-mbüngü**). Ele mesmo não é output de qualquer processo fonológico e parece já ter se ‘lexicalizado’ enquanto tal, no contexto restrito das nominalizações agentivas. Resta ainda tentar uma análise diacrônica e

comparativa para identificarmos cognatos e origens históricas. O sentido de **-mbüngü** parece ser o de uma espécie de operador que identifica o membro atual de um conjunto de Agentes potenciais pelo fato de serem *in potentia* ‘fazedores de algo’. Vejamos alguns exemplos:

597. tis-iku-tse-ga-tinhi-mbüngü ekise-i
12-tinta-VBLZ-CONT-AGNR-REF D3DIST-COP
 “aquele é quem está nos pintando”

598. egitsü ahehi-nhi-mbüngü-ha ekise-i
kwarup filmar-AGNR-REF-AFF D3DIST-COP
 “aquele é quem filmou o kwarup”

599. ande-ha ingi-ni-mbüngü gele
lá-AFF ver-AGNR-REF
 “aqui está aquele que viu (testemunha)”

O entendimento de **-mbüngü** se torna mais claro se olharmos para os exemplos abaixo (601):

600. taho h-ige-i k-ike-tinhi
faca AFF-DDIST-COP 3GEN-cortar-AGNR
 “esta é faca que corta (alguma coisa)” (nominalização de Agente)

601. taho h-ige-i k-ike-tinhi-mbüngü (especifica o Agente)
faca AFF-DDIST-COP 3GEN-cortar-AGNR-RFR
 “esta é a faca que nos cortou”

602. taho k-ike-tinhi-pe ige-i (especifica um Agente que não existe mais)
faca 3GEN-cortar-AGNR-pe DDIST-COP
 “esta é a faca velha que nos cortou”

A nominalização agentiva estabelece a potencialidade de **taho** “faca” como um instrumento que ‘corta’, que tem propriedade de ‘ser cortador’; em (601) o morfema – **mbüngü** identifica o ‘cortador’ atual em um conjunto de ‘cortadores’.

4.1.3.5 Os prefixos de Pessoa nas nominalizações de Argumento Externo e de Argumento Interno

Nesta e na seção anterior, apresentamos as nominalizações do argumento interno verbal (S, O) e do argumento externo verbal (A), respectivamente. Vimos que a grade argumental (argumento interno) tem que ser saturada por nominais plenos independentes ou prefixados. Queremos, agora, mostrar o contraste entre essas nominalizações, considerando também o contraste entre as formas prefixadas ANA e GEN e o fato fundamental da base da nominalização não-agentiva ou de argumento interno ser a forma participial do verbo:

603. t-ongiN-ti-nhü
ANA-esconder-PTP- PATNR
 “o escondido (‘segredo’)” (O)

603b k- ongiN-tinhi
GEN-esconder-AGNR
 “o escondedor” (A)

Nos exemplos 603 e 603b, temos as nominalizações de argumento interno e externo respectivamente; a ocorrência dos prefixos **t-** e **k-**, com função de argumento interno do verbo, se deve ao fato do primeiro ser parte do Participípio **tongindi** (escondido), base da nominalização não-agentiva.

- 604. giti h-ege-i k-ahi-ne-tinhi**
sol AFF-DDIST-COP GEN-secar- VBLZ-TRZ-AGNR
 “o sol é aquele que faz secar (algo)” (A)

- 604b ipa; h-ege-i t_i-ahi-nhü**
lagoa AFF-D-COP ANA-secar-VBLZ-PTP- PATNR
 “esta é a lagoa que foi secada” (O)

Nos exemplos (604) e (604b), o verbo **ahi** ‘secar’ transitivo têm nominalizados seus argumentos externo e interno, respectivamente, observando que, em (604) o Agente **giti** (sol) está explícito, enquanto em (604b), como já sabemos, **ipa** (lagoa) já não é argumento interno, mas está coindexado com a forma anafórica **t-** do Particípio:

- 605. k-ipügelu-ki-nhi**
GEN-fazer tremer-VBLZ-TRZ-AGNR
 “o que faz tremer” (pode ser medo, frio, felicidade, doença) (A)

- 606b t-ipügelu-ki-si-nhü**
ANA-fazer tremer-VBLZ-TRZ-PTP- PATNR
 “o que pode sofrer a ação de tremer” (pessoa) (O)

Nos exemplos (606) e (606b) o verbo **ipügeluki** ‘fazer tremer’ transitivizado têm nominalizados seus argumentos externo e interno respectivamente. Observando que, em (606) o Objeto não especificado está na forma prefixada ao verbo (**k-**), em (606b) a forma **t-** ocupa o slot de argumento interno mas é parte da formação do Particípio.

Os exemplos abaixo (607-609) constituem evidência adicional da nossa análise. Trata-se de ‘relativas’ realizadas através de nominalizações. A agramaticalidade de (607) se deve a uma tentativa de criar coreferência entre o ‘sujeito’ da oração principal e o ‘sujeito’ da subordinada; o verbo transitivo nominalizado, porém, só pode ter como seu argumento um Objeto (Paciente), já que o Agente é argumento externo e não entra no

lugar argumental da palavra verbal. A forma pronominal genérica vêm desempenhar este papel. Em (608) e (609) as nominalizações de Agente e de Objeto, respectivamente, estão coindexada corretamente com os argumentos da oração principal.

- 607. *kangamuke_i akiti-ngo-ha kagutaha hüge-hegü-i t_i-iN-nhi h-ege-i**
criança gosta-SUBS-AFF jabuti flecha asa-COP ANA-chupar-VBLZ-AGNR AFF-D-COP
 “a criança gosta de caju, ele é chupador (de caju)/ a criança que é chupadora é aquele que gosta de caju”
- 608. kangamuke_i akiti-ngo-ha kagutaha hüge hegü-i kuk-in-nhi_i h-ekise-i**
criança gosta-SUBS-AFF jabuti flecha asa-COP ANA-chupar-VBLZ-AGNR AFF-D3DIST -COP
 “a criança gosta de caju, ele é chupador (de caju)/ a criança que é chupadora é aquele que gosta de caju”
- 609. kangamuke akiti-ngo-ha kagutaha hüge-hegü-i t_i-in-si-nhü h-ege-i**
criança gosta-SUBS-AFF jabuti flecha asa-COP ANA-chupar-VBLZ-PTP-PATNR AFF-D-COP
 “a criança é aquele que gosta de caju, que é chupável (chupado)”

4.1.3.5 Síntese

Apresentamos os traços e as estruturas envolvidos nos principais processos nominalizadores (**-ne**, nomes de “Eventos”; **-nhü**, nominalização de Argumento Interno (S/O); **-ni**, nominalização de Argumento Externo; **-toho**, Nominalizador Instrumental/Locativo). Indicamos o local de concatenação e a seleção de determinados radicais, bem como apontamos para as distintas leituras de seus *outputs*. Gostaríamos, agora, de oferecer uma síntese através da exemplificação das possibilidades de nominalização a partir de uma única raiz:

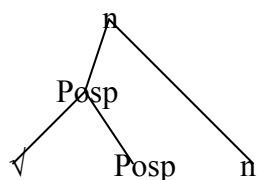
NMLZG – evento	PATR – S/O	AGNR - A	INSTNR – objeto/lugar
iponge “furação”	tiponhü furado/a	kiponi furador/a	ipogoho furador
ongidene enterro	tongindinhü segredo	kongindinhi escondedor	kotongindoho lugar para esconder/ túmulo
angene dança	tanginhü dançarino		angoho lugar para dançar/objeto feito para dançar(jenipapo)
atahehinhe aula	tahehisinhüpe escrita	ahehinhi filmador	atahehitsoho caderno, caneta

4.1.3.6 Derivando Nomes com –ngo

A nominalização ‘Substantivizadora’, muito produtiva, é o resultado da sufixação do morfema nominalizador **–ngo** (SUBS) a radicais de Posposições, Advérbios e Verbos no Participípio. Ela não se submete à organização das Classes Morfológicas.

Não incluímos nesta Tese uma parte dedicada aos Advérbios e Posposições, mas para fins de descrição das nominalizações com o morfema **–ngo**, forneceremos uma lista de Advérbios e Posposições que participam desse processo.

- (i) A nominalização de Posposição pode ser representada pela estrutura abaixo:



Em Kuikuro, existe um grande número de posposições; escolhemos algumas delas para ilustrar a nominalização que aqui nos interessa:

Locativo:

ata “dentro de algo côncavo”

610. kanga tüi-ke tuku ata
peixe colocar-IMP cesto POSP
 “coloque o peixe dentro do tuku!”

611. ata-toho-ngo
POSP-INSTNR-SUBS
 “tipo de cesto” (aquilo que serve para colocar coisas dentro)

612. u-ata-toho-ngo-gu ata
POSP-INSTNR-SUBS-REL dentro
 “dentro do meu cesto”

Comitativo: **ake**

613. bola agi-tagü u-heke u-ato ake
bola jogar-CONT 1-ERG 1-amigo COM
 “eu estou jogando bola com o(s) meu(s) amigo(s)”

614. ake-ngo (>akongo)
COM-SUBS
 “que está com”

615. tü-hi-tsü ako-ngo tsünaha ekise-i
3RFL-esposa-REL com-SUBS EV 3DDIST-COP
 “aquele é quem está junto com a sua própria esposa”

Benefactivo: **inha**

616. embuta tu-nügü i-heke t-umu-gu-inha
remédio dar-PNCT 3-ERG RFL-filho-REL-BEN
 “ele deu remédio para seu próprio filho”

- 617. u-inha-ngo**
1-BEN-SUBS
 “o que é para mim, minha comida”

- 618. e-inha-ngo kaha ige-i**
2-BEN-SUBS EVD DDIST-COP
 “aquilo é o teu alimento?”

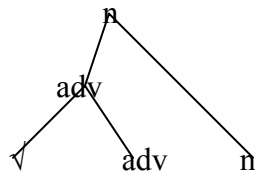
O nome derivado **inhango** é produtivo com modificadores de nomes:

- 619. k-inhango-kito**
12-alimento-OCUP
 “aquele que busca comida para nós dois”

hoko-ngo⁴⁵ - “em torno de/ocupado com”
em torno-SUBS

- 620. tü-ng-iki-nhu-tu hoko-ngo-ha ekise-i**
ANA-MO-beiju-NMLZ-VBLZ em torno-SUBS-AFF D3DIST-COP
 “ela é quem está ocupada em fazer beiju”

(ii) O morfema **-ngo** nominaliza Advérbios; representamos abaixo a estrutura da nominalização:



Alguns exemplos:

ahitso "simultaneamente"

- 621. katuga indi-lü imbe ahitso**
mangaba cair-PUNCT pequi simultaneamente
 “o pequi cai na mesma época da mangaba”

⁴⁵ Segundo Franchetto (2007), a posposição *hoko* é cognato de formas geneticamente relacionadas em outras línguas karib. A proto-forma seria **poko*, ‘a propósito de/ concernente/ em torno de’ (Meira & Franchetto 2005). *Hoko* não mais existe em Kuikuro como posposição, mas apenas na forma derivada nominalizada *hokongo*. A posposição que marca o Agente – *heke* – é também reflexo da proto-forma **poko*.

621b u-ahitso-ngo ege-i*1-simultaneamente-SUBS 2-COP*

“você tem a minha idade”

koko “noite”

622. ige koko h-ege-i u-agune-ti-lü*DPROX noite AFF-DDIST-COP 1-pesadelo-VBLZ-PNCT*

“esta noite eu tive pesadelo”

623. koko-ngo-ha atsiji alu-i inhalü-ha igoti alu-i*noite-SUBS-AFF morcego voar-COP NEG-AFF dia voar-COP*

“noturno, o morcego voa, ele não voa de dia”

ami “outro dia/outra vez”

624. ami u-te-lü-ingo Ahukugi-na*outra vez 1-ir-PNCT-FUT Ahukugi-AL*

“outra vez eu irei para Ahukugi”

625. ami-ngo-pe ata u-te-lü-ingo Ahukugi-na*outra vez-SUBS-ex dentro 1-ir-PNCT-FUT Ahukugi-AL*

“na próxima oportunidade eu irei para Ahukugi”

amingope ata = dentro do que foi outra vez

ingila “madrugada, cedo”

626. ingila-ngo “antepassado, aquele que é do começo/passado”*madrugada-SUBS***627. ingila-ngo-ha akago-i***madrugada-SUBS-AFF D3DIST-COP*

“aqueles são os antepassados”

E ainda, acrescentando sufixo de Negação:

628. aküngi-ngo-hüngü*muito-SUBS-NEG*

“pouco”

629. haki-ngo-hüngü ekugu
longe-SUBS-NEG verdadeiro
 “perto mesmo”

630. kotsi-ngo-hüngü
forte-SUBS-NEG
 “fraco”

(iii) O morfema **-ngo** nominaliza Numerais:

O Numeral cardinal, em Kuikuro, parece ser um Nome primitivo quando funciona como quantificador. Quando nominalizado com o morfema **-ngo**, se torna Numeral ordinal:

tatakegeni

“quatro” (Numeral cardinal)

631. tatakegeni kakaga
quatro galinha
 “quatro galinhas”

632. tatakegeni-ngo
quatro-SUBS
 “quarto” (Numeral ordinal)

633. is-atakegeni-ngo-gu ehugu
3-quatro-SUBS-REL mesmo
 “a quarta dele, canoa”

(iii) O nominalizador **-ngo** forma nomes, também, a partir de radical verbal no participípio:

634. tü-akaN-tu-i (**>tüakandi**)
ANA-sentar-VBLZ-PTP
 “sentado”

635. kangamuke leha tü-akaN-tu-i akaN-toho kae (**> tüakandi akandoho kae**)
criança CMPL ANA-sentar-VBLZ-PTP sentar-INSTNR
 “a criança já sentou no banco”

- 636. tü-akandi-ngo uge-i**
ANA sentar-PTP-SUBS 1D -COP
 “eu sou a que está sentada”
- 637. tü-gaho**
ANA-deitado
 “deitado”
- 638. Xavante üngü-nga-lü tü-gaho**
Xavante dormir-HAB-PNCT ANA-deitado
 “Os Xavantes dormem deitados (no chão)”
- 639. i tü-gaho-ngo ege-i**
pauANA-deitar-SUBS DPROX-COP
 “este pau está deitado no chão”

O termo **tügahongo** é usado para indicar uma fase do crescimento da criança, quando ela ainda está engatinhando:

- 640. kangamuke tü-gaho-ngo**
criança ANA-deitar-SUBS
 “a criança ainda que está engatinhando”

4.1.4 Alguns Modificadores de Nomes

Para completarmos esta nossa descrição dos Nomes, apresentamos algumas formas que acompanham exclusivamente nominais, adicionando informações sobre os mesmos. Desse conjunto temos: **bama**, **-ke** e **-kito**.

- (i) **bama** acresce aos argumentos das nominalizações, que o precedem, uma qualidade de “ter competência em X”, “tem habilidade em fazer X”, “capaz de fazer X”, sendo X o significado do radical nominal. Para ele escolhemos a glosa CCH

(Competência, Capacidade, Habilidade). Este tipo de construção é mais comum em frases de resposta, enfatizando a capacidade em questão.

bama com nominalizações de argumento interno (S, O):

constatação:

- 641. kotsingo h-ekise-i itoto-i**
forte AFF- D3DIST -COP homem-COP
 “aquele homem é forte”

resposta afirmativa:

- 642. ehe t-ikindi-nhü bama**
sim ANA-lutar-VBLZ-PTP-PATNR CCH
 “sim, ele é um ótimo lutador”

Com nominalizações agentivas:

O primeiro interlocutor diz:

- 643. Magia hekite ekugu u-aki-ha-lü**
Maria bem verdadeiro I-contar-VBLZ-PNCT
 “Magia sabe mesmo contar/explicar para mim”

O segundo confirma:

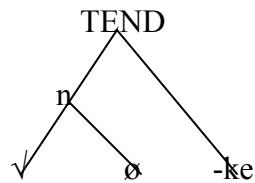
- 644. ~e k-inguhe-ni bama**
sim GEN-ensinar-VBLZ-AGNR CCH
 “sim ela é uma excelente professora”

Mais alguns exemplos:

- 645. computador uhu-tinhi bama ege**
computador saber-VBLZ-AGNR CCH 2D
 “você é um grande conhecedor de computador”

- 646. pügato konkgi-ni bama itão-i**
prato lavar-AGNR CCH mulher-COP
 “a mulher é uma especialista em lavar pratos”

(ii) O sufixo **-ke** (TEND, tendência) tem significado de “aquele que faz sempre X (que gosta de X)”, “aquele que tem tendência a fazer X, inclinação para fazer X” sendo X o significado do radical nominal. O sufixo **-ke** seleciona radicais nominais ‘primitivos’, nominalização genérica e nominalização agentiva. Segundo um de nossos consultores indígenas, fala-se assim de pessoas que “já nasceram com um problema”, “problema” configurado como uma condição permanente:



Com Nomes primitivos:

- 647. hitse-ke**
peido-TEND
 “que sempre peida, peidão”
- 648. itão-ke**
mulher-TEND
 “que gosta de mulher, mulherengo”
- 649. itoto-ke**
homem-TEND
 “que gosta de homem”
- 650. akinha-ke**
estória-TEND
 “que gosta de contar estórias”

Com nominalização genérica:

- 651. itige-ne-ke-ha ekise-i**
sorrir-NMLZG-TEND-AFF 3DDIST-COP
 “ele é quem gosta de rir”

652. **ange-ne-ke-ha ekise-i**
dançarr-NMLZG-TEND-AFF D3DIST -COP
 “ele é quem gosta de dançar”

653. **a~uge-ne-ke-ha ekise-i**
mentir-NMLZG-TEND-AFF D3DIST -COP
 “ele é quem gosta de mentir”

Em (654), a nominalização com **–nhü** seria o termo usado para o estado normal de uma pessoa que mente, diferente do ‘aumentativo’ com que o morfema **–ke** colora os radicais:

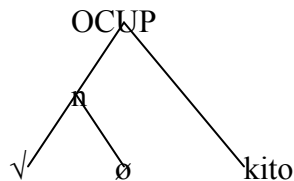
654. **t-a~ugi-nhü**
ANA-mentir-VBLZ-PTP-PATNR
 “aquele que mente”

A essas formas podem ser adicionados os sufixos de ‘Tempo’ **–pe** (ex) e **–ingo** (FUT):

655. **itige-ne-ke-pe-ha ese-i**
sorrir-NMLZG-TEND-ex-AFF D3DIST-COP
 “ele era quem gostava de sorrir”

656. **itige-ne-ke-ingo-ha ese-i**
sorrir-NMLZG-TEND-FUT-AFF D3DIST-COP
 “ele será quem gosta de sorrir (sorridente)”

iii) O sufixo **–kito** (OCUP) deriva nomes de ocupação a partir de um radical nominal. O morfema seleciona radicais nominais primitivos.



indugu-kito*pagamento com comida-OCUP*

“carregador de comida” (pessoa responsável em levar a comida, para o centro da aldeia, para as pessoas que participaram de uma atividade coletiva)

657. uhaku indugu-kito te-tagü-ko*uhaku pagamento-OCUP ir-CONT-PL*

“os que carregam a comida-pagamento do levantamento do poste central da casa estão indo”

658. ilumbe-kito te-lü leha ilümbe-kito*cinza-OCUP ir-PNCT COMP cinza-OCUP*

“a pessoa responsável pelas cinzas foi, o responsável pelas cinzas”

659. tü-inha-ngo-kito*ANA-alimento-SUB-OCUP*

“o que busca sua própria comida”

660. kanga-kito*peixe-OCUP*

“a pessoa que busca peixe”

661. konige i-kito-ko heke i hehi-tsi-lü embuta-i*ontem pau-OCUP-PL ERG pau descascar-VBLZ-PNCT remédio-COP*

“ontem as que buscam lenha foram tirar casca de árvore para fazer remédio”

4.1.5 Síntese

Nessa seção vimos que, os Nomes, assim como os Verbos, têm morfemas categorizadores fonologicamente explícitos e nulos. Existe um conjunto expressivo de morfemas nominalizadores dos quais resultam Nomes derivados. Também vimos que cada morfema nominalizador tem suas restrições de seleção de radicais verbais. Assim como nos Verbos, a flexão Relacional (ou de Posse) se organiza em Classes Morfológicas, sendo mais um aspecto que aproxima a palavra nominal flexionada à palavra verbal flexionada. Os morfemas modificadores de Nome são formas, sufixais ou

não, que, na relação com o Nome, não provocam mudança de categoria, mas apenas alteram, adicionam mais um traço ao significado do Nome. Nos resta, nos limites desta Tese, abordar o que chamamos de morfologia de Tempo.

CAPÍTULO V

MORFOLOGIA DE TEMPO

Vimos que em Kuikuro o Tempo (*Tense*) não se instala na palavra verbal, se não de maneira quase inferencial, residual, sendo dominado por distinções aspectuais. Referências e relações de Tempo se expressam por advérbios, dêiticos, partículas epistêmicas (Franchetto, in press a). Existem, todavia, dois sufixos que dificilmente escapam de uma interpretação temporal, um projetando, aparentemente, para o ‘passado’, outro para o ‘futuro’.

O sufixo **-pe** ocorre tão somente em nomes e em verbos no Aspecto Pontual, não tanto porque pela sua instantaneidade é o que mais se confunde com uma ‘coisa’, um evento-coisa, um quase-nome, como, sobretudo, porque é no Aspecto Pontual que um ‘verbo’ pode ocorrer como argumento. Glosamos **-pe** como “ex”, uma síntese de sentidos do tipo “o que foi parte integrante e funcional de um todo, e não o é mais, dele tendo se destacado, separado”, não só no passado, mas também pelo fato de não ter mais funcionalidade, não mais ter existência plena. Encontramos **-pe** nas narrativas, onde denota estado ou evento passado com relação ao momento da enunciação do narrador. O **-pe**, como dissemos, ocorre com verbos flexionados no Aspecto Pontual quando em posição de argumento do verbo principal, como argumento sentencial.

O outro sufixo que poderíamos interpretar como tendo traços de Tempo é o morfema **-ingo** que marca o futuro. Franchetto (1986 e 2002) afirma que existe uma importante diferença entre eles: **-pe** só pode ocorrer com Nomes; **-ingo** ocorre tanto com Nomes quanto com Verbos.

Para entendermos **–pe** e **–ingo**, passamos agora a descrever o comportamento de cada um deles, com seus ambientes de ocorrência e restrições.

5.1 O sufixo **–pe**: Tempo Passado ?

5.1.1 **–pe** nos Nomes

Procuramos dados e análises para outras línguas Karib⁴⁶ no que concerne Tempo nominal, já que em todas elas há algo de Passado nominal. Em Ikpeng (Pacheco, 1997), Tiriyo (Meira, 1999), Hixkaryâna (Derbyshire, 1985) e Ingarikó (Cruz, 2005), o Nome apresenta morfemas bastante produtivos com semântica de Tempo, principalmente com valor de passado. Tais morfemas, desconsiderando as diferenças na interpretação semântica por parte dos pesquisadores, são glosados como morfemas de Tempo no Nome.

Em Ingarikó, em dados oferecidos por Cruz (2005: 142-176), o sufixo **-ʔpĩ** é definido como Passado na sequência **/-rĩ-ʔpĩ /** indicando ‘posse passada’ em Nomes e como Passado (propriamente dito, simples) em Verbos.

No Nome: (ex 08, pg 142)

i-kanwa-rĩ-ʔpĩ
3-canoa-POS-PAS
 “ex-canoa dele”

i-taʔta-i-rĩ-ʔpĩ (ex 61, pg 176)
3-faca-POS-PAS
 “ex-faca dele”

⁴⁶ Arara-Ikpeng localiza-se ao Sul da Amazônia; Tiriyo, Hixkaryana e Ingarikó no norte da Amazônia.

No Verbo: (ex 09, pg 143)

ugẽ uya ẽy-ene-ʔpĩ

1:PN ERG 2-ver-PAS

“eu vi você”

Para o Ikpeng, Pacheco (2001: 91-92), define como Passado nominal ou devalorativo um grupo de sufixos {-pa-nom-pĩn} que indicam que um nominal antes possuído é no momento não possuído (a glosa PN é abreviação de ‘passado nominal’):

(ex. 117):

a- ĩ-woy-n-pa-non-pĩn “minha ex-camisa”
 1-camisa-POS-?-?-PN

b- ĩ-maŋku-ø-wa-non-pĩn “meu ex-brinquedo”
 1-brinquedo-POS-?-?-PN

c- ĩ-muye-ø-wa-non-pĩn “minha ex-mulher”
 1-mulher-POS-?-?-PN

Pacheco identifica **pe-** como ‘existencial’ que ocorre com a negação **-wa**, uma negação de predicado nominal:

(ex. 121, pg 94):

b- gw-erem pe-wa “não é nosso chefe”
 1+2-chefe EXT-NEG

(ex. 122):

e- ĩ-muye- wĩn-pe “eu não tenho esposa”
 1-mulher PN-EXT

- (189) mara-ron pepîn wayaka eperu wanî-‘pî
 pouco-NOMLZR NEG wayaka fruta ser-PAST
 “tinha muitas (não poucas) frutas wayaka”
- (190) kura’ yapurî-nen pepî uurî
 cachimbo usar-S:NOMLZR NEG 1:PRO
 “eu não sou aquele que usa cachimbo”

Derbyshire (1985: 201) é autor de uma gramática descritiva do Hixkaryana. Nesta língua, há um conjunto de morfemas com sentido de Tempo passado nominal: -thɪɪɪ (-txhɪɪ), -tho (-txho), -nhɪɪɪ (-nho):

1. rokanawa-tho – minha antiga canoa
2. ɪkanawa-thɪɪɪ - canoa antiga dele
3. owotɪ-thɪɪɪ - aquilo que foi a sua comida
4. ɪhetxe-nhɪɪɪ - sua antiga esposa

Observe-se que algumas das formas sufixais de Tempo nominal em Hixkaryana são evidentes cognatos dos sufixos de Aspecto Pontual (HIX -nhɪɪɪ > KK -nügü) e Perfeito (HIX -thɪɪɪ > KK -tühügü) em Kuikuro.

Chegamos ao Kuikuro, onde o morfema **–pe** ocorre:

- (i) Numa relação genitiva, **–pe** tem o sentido de algo destacado do ‘possuidor’:

- 662. i-hi-tsü-pe**
 3-esposa-REL-ex
 “ex-esposa dele” (separada ou falecida)

663. u-taho-gu-pe
1-faca-REL-ex
 “minha ex-faca”

664. u-kanga-gü-pe
1-peixe-REL-ex
 “o meu peixe (morto), que está sendo cozinhado ou comido”

665. ahiti a-gü-pe
urucum semente-REL-ex
 “semente da planta de urucum” (retirada e separada do fruto)

(ii) Relacionado diretamente ao nome, faz referência a uma parte do todo ou a um referente não mais existente:

666. kanga-pe
peixe-ex
 “espinha de peixe”

667. taho-pe
faca-ex
 cabo de uma faca (ou alguma parte da faca)

668. itseke-pe uñke inde
espírito-ex PASS aqui
 “aqui antigamente era o lugar do espírito”

Os dois exemplos a seguir mostram a relação entre o significado do **–pe** e a semântica do verbo da oração.

669. u-ingü tu-ndagü u-heke e-inha
1-roupa dar-CONT 1-ERG 2-BEN
 “eu estou emprestando minha roupa para você”

- 670. u-ingü-pe tu-ndagü u-heke e-inha**
1-roupa-ex dar-CONT 1-ERG 2-BEN
 “eu estou dando minha roupa para você”

No exemplo 669 o objeto **ingü** “roupa” sem o sufixo **–pe** dá a idéia que o possuidor não se desfez da roupa, é um empréstimo; no exemplo 670 o objeto **ingü** “roupa” está sufixado com o morfema **–pe** dando a idéia que o possuidor se desfez de sua roupa, que já não lhe pertence mais.

Diferentemente da língua Tiriyo (Meira, 1999: 160-162), o morfema **–pe**, cognato de *–npë* em Tiriyo, não exprime um valor depreciativo. Em Kuikuro, para obter um sentido depreciativo, o nome entra numa relação de “posse” com outro nome com significado depreciativo (671) ou constrói formas nominalizadas com sufixos de negação (672):

(Tiriyo)
maja “faca” **maja-npë** “faca velha, sem valor”

(Kuikuro)

- 671. taho husu-su**
faca velha-REL
 “faca velha”

- 672. taho tü-i-ki-mbüngü**
faca ANA-dente-INST-NEG
 “faca, aquela sem dente” (faca que não presta, não corta mais)

- 673. taho t-ike-tinhi-hüngü**
faca ANA-cortar-AGNR-NEG
 “faca, aquela que não é mais a cortadora”

(iii) **–pe**, sufixado a nomes primitivos ou derivados, se articula à semântica e ao aspecto do verbo principal bem como, e principalmente, ao momento da enunciação para expressar relações temporais complexas:

674. u-ingü geputu-gu-pe ti-tsagü u-heke

1-roupa sujeira-REL-ex tirar-CONT 1-ERG

“eu estou tirando sujeira da minha roupa”

675. atanga he-gote-ha e-heke telo-pe ha-nümi-ingo leha u-heke

flauta quebrar-ADVBL-AFF 2-ERG outra-ex fazer-PNCT-FUT 1-ERG

“quando você quebrar a flauta eu farei outra”

676. konige leha aile-ne-pe e-tsimbüki-lü

ontem CMPL festa-NMLZG-ex 3-acabar-PNCT

“ontem a festa acabou”

677. kangamuke itaN-(t)oho-pe leha t-etsuhe-ti

criança brincar- INSTNR-ex CMPL ANA-quebrar-PTP

“o brinquedo da criança quebrou”

O semântica do morfema **–pe** se estende a construções em português :

678. kindoto-pe-ha angi kindoto-pe kapiaun-pe

campeão de luta-ex-AFF EVD campeão de luta-ex- campeão-ex

“alí ficava o ex-campeão de luta”

(iv) Nas narrativas é comum o uso do sufixo **–pe** com a idéia de passado a partir da perspectiva do narrador e do tempo da sua enunciação:

Trecho da narrativa “A origem do arco-íris” (linha 136):

679. itseke iku-gu kuati leha tü-nho-pe agi-lü i-heke

bicho lagoa-REL dentroAL CMPL ANA-esposo-ex jogar-PNCT 3-ERG

“ela jogou o esposo dentro da lagoa dos bichos-espíritos”

Trecho de uma narrativa autobiográfica (“Nahu”, linha 024):

- 680. aiha engiho leha apa-ju-pe apüngun leha**
pronto, muito tempo CMPL pai-REL-ex morrer-PNCT CMPL
 “muito tempo depois, meu pai morreu”

(v) Encontramos **–pe** com pronomes dêiticos:

- 681. ige-pe-ha**
DPROX-ex-AFF
 “foi isto”

- 682. ege-hungu-pe taka uãke uge**
DDIST-NEG-ex EV PASS ID
 “eu era assim”

- 683. ese-pe kae akatsange u-e-nhü-mi-ngo e-itigi-nhi**
D-ex LOC mesmo 1-vir-VBLZ-?-FUT 2-buscar-VBLZ-AGNR
 “depois desse (mostrando o dedo indicador que indica o número 4), eu virei, o buscador de você”

Trecho da narrativa (Hitakinalu, linha 312):

- 684. üngele-pe h-ekise-i ongiN-tinhi**
ANA-ex AFF- D3DIST -COP enterrar-AGNR
 “foi ele aquele que a enterrou”

(vi) Com nominalização de Advérbio:

- 685. ami-ngo-pe ata u-te-lü-ingo Ahukugi-na**
outra vez-SUBS-ex dentro 1-ir-VBLZ-PNCT-FUT Ahukugi-ALL
 “na próxima oportunidade eu irei para Ahukugi”

5.1.2 **–pe com Argumentos sentenciais**

O sufixo **–pe** pode ocorrer com Argumentos sentenciais, quando verbos transitivos e intransitivos se encontram na posição de argumento de um outro verbo; neste caso, a flexão só pode ser de Aspecto Pontual, como mostra a agramaticalidade de (688), em que o argumento sentencial está no Aspecto Continuativo (**–tagü**):

686. **u-tsaku-lü-pe ike-tühügü leha u-heke**
1-correr-PNCT-ex cortar-PRF CMPL 1-ERG
 “eu já parei de correr (definitivamente)”(lit.: eu já cortei o meu correr)”
687. **u-teninhü-ki-ngu-pe ike-tagü leha u-heke**
1-fumar-INST-VBLZ-PNCT-ex cortar-CONT CMPL 1-ERG
 “eu estou parando de fumar (lit. eu estou cortando o meu fumar)”
688. ***u-tsaku-tagü-pe ike-tühügü leha u-heke**
1-correr-CONT-ex cortar-PRFC CMPL 1-ERG
689. **t-etsimbüki leha i-heke tahaku ha-nügü-pe**
ANA-acabar CMPL 3-ERG arco fazer-PNCT-ex
 “ele já acabou, o fazer do arco”
690. **tahaku-gu ha-nügü-pe etsimbüki-lü leha inha-ni**
arco-REL fazer-PNCT-ex acabar-PNCT CMPL BEN-PL
 “eles acabaram de fazer o arco (lit. o fazer do arco acabou para eles)”

5.2 Um lugar no Passado

Há um Passado Locativo expresso pelo morfema **-püa ~ -mbüa** sufixado a nomes e verbos, denotando um lugar que não existe mais, um lugar que já foi possuído, um ex-lugar. Observe-se os exemplos abaixo:

691. **u-üngü-mbüa**
1-casa-ex
 “minha ex-casa” (casa em que você morou, ou o local onde era construída sua casa)
692. **u-üngü-pe**
1-casa-ex
 “minha ex-casa” (casa que não existe mais)
693. **u-tuhi-püa**
1-roça-ex
 “minha ex-roça”

694. u-ima-püa*1-caminho-ex*

“meu ex-caminho” (por onde eu passei)

Nos exemplos (691) e (692) contrastam **-püa** e **-pe**, respectivamente. O primeiro é uma negação de lugar e o outro uma negação de objeto. É interessante observar que os Nomes sufixados com **-püa**, para formar o “passado”, não são flexionados com morfema Relacional (REL) e o morfema **-püa** sufixa-se diretamente à raiz.

-püa ~ **-mbüa** pode se sufixar a verbos, mas, diferentemente de **-pe**, ocorre com verbos sem flexão aspectual:

695. u-ünggü-püa*1-dormir-VBLZ-ex*

“o lugar onde eu dormi”

696. u-enkgü-püa*1-aportar-VBLZ-ex*

“o lugar onde eu aportei”

697. konige u-hanga-nkgi-kügü u-enkgu-püa gele u-etene-gü heke*ontem 1-esquecer-VBLZ-PNCT 1-aportar-exLOC ainda 1-remo-REL ERG*

“ontem esqueci o meu remo onde aportei”

Quando o Nome não denota lugar, a construção se torna agramatical:

698. *taho-püa*faca-ex*

“ex-faca”

-taho só pode receber o morfema **-pe**:

699. taho-pe*faca-ex*

“ex-faca”

5.3 O sufixo –ingo: Tempo Futuro?

O Tempo futuro nos Verbos, em Kuikuro, é marcado pelo sufixo de última posição **–ingo**, que vem após o Aspecto Continuativo ou Pontual e depois do sufixo ‘plural’(**–ko**), se ele está presente. Ele vem diretamente no radical, quando sufixado a um Nome⁴⁷.

O morfema **–ingo**, glossado como FUT, não tem cognatos nas línguas karib, de acordo com a tabela comparativa para formas de Tempo, Aspecto e Modo (TAM) de Gildea (1998:101-103). Em geral, aliás, os poucos marcadores de Tempo atestados nas outras línguas da família, assim glosados ou intepretados, desapareceram em Kuikuro.

O sufixo de Futuro **–ingo** se diferencia de **–pe** por sufixar-se tanto a nomes quanto a verbos:

Com Nomes, o sufixo **–ingo** vem logo após o marcador de Relação (Posse):

- 700. i-hi-tsü-ingo**
3-esposa-REL-FUT
 “futura esposa dele”

- 701. u-agisu-gu-ingo h-ege-i**
1-bolsa-REL-FUT AFF-DDIST-COP
 “eu terei aquela bolsa”

Com verbos, o sufixo **–ingo** vem logo após a flexão de Aspecto Pontual ou Continuativo:

- 702. koetsi kajü ahehi-jü-ingo u-heke**
amanhã macaco fotografar-PNCT-FUT 1-ERG
 “amanhã eu vou fotografar o macaco”
- 703. u-ükgü-lü-ingo t-ita-ho-nga**
1-dormir-PNCT-FUT RFL-rede-sobre-para
 “eu dormirei na rede”

⁴⁷ Ver seção sobre Tempo no Sintagma Nominal (cap 5)

- 704. u-ki-lü-ingo e-heke**
1-dizer-PNCT-FUT 2-ERG
 “eu direi a você”
- 705. egea akatsange eki-tagü-ingo, anhü, egea akatsange eki-tagü-ingo**
assim mesmo falar-CONT-FUT filho assim mesmo falar-CONT-FUT
 “assim você estará falando, meu filho, assim você estará falando”
- 706. tipaki u-naka-ngu-ndagü-ingo uindzase**
sempre 1-banhar-VBLZ-CONT-FUT sozinha
 “eu sempre me banharei sozinha”

Neste breve Capítulo final, descrevemos uma morfologia de Tempo no sintagma nominal realizada pelos morfemas **–pe**, **–püa** ~ **–mbüa** que chamamos de “Passado”, e pelo morfema **–ingo**, que chamamos de “Futuro”. Insistimos em manter a ‘tradução’ temporal para **–pe**, mas a glosa “ex” é sugestiva de algo que não é realmente ‘temporal’. Diante dos fatos e da sua interpretação podemos afirmar que existe, morfologicamente, um modificador do Nome, que indica na verdade uma negação de existência atual, como percebido nos dados Ikpeng por Pacheco bem como nos dados Tiriyó e Macuxi, mais do que qualquer idéia de anterioridade ou de posterioridade com relação a algum evento de referência. Caracterizar **–pe** como Tempo nominal (ou como um Modo Irrealis) pode ser, então, uma operação equivocada. Para **–ingo**, Tempo futuro não é tanto uma negação de existência – o que ainda não é – mas, talvez, uma virtualidade de existência, o que poderá ser. Tudo isso remete a uma discussão que nos é impossível desenvolver agora, inclusive por ser ainda muito incipiente, mas tudo isso também remete a uma confirmação de que Tempo, não somente em Kuikuro, é uma categoria de entendimento ou de conhecimento que, se existe como tal, se esconde atrás de outros conceitos, sendo, como já foi dito,

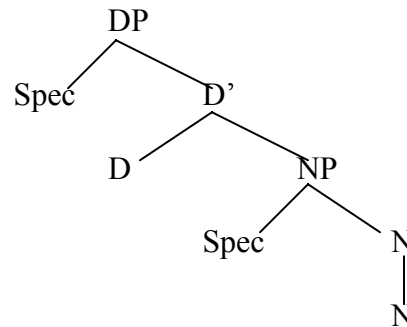
residual. E Tempo, afinal, só há no Aspecto Continuativo, tempo absoluto, não relativo, tempo como processo, fluxo, extensão.

Independentemente da nossa interpretação do Tempo nominal como, basicamente, negação de existência (atual) ou virtualidade de existência, procuramos, a seguir, uma análise formal das estruturas em que essas morfemas aparecem.

Abney (1982) trata a categoria funcional Sintagma Determinante (DP) como uma categoria máxima projetada por uma Classe de elementos determinantes e núcleos de um sintagma Nominal, ou seja, o Sintagma Determinante é a projeção máxima do núcleo lexical Nome.

Na seção (4.1), mostramos o grande paralelismo entre sintagmas nominais e verbais em Kuikuro, mostrando evidências de que Nomes, assim como Verbos, projetam categorias funcionais. A Hipótese do DP, proposta por Abney (1982), diz que os elementos funcionais ocupam uma mesma posição estrutural uniforme tanto no sistema nominal quanto no verbal. Podemos pensar que, em Kuikuro, o elemento desambiguador entre um sintagma verbal e um sintagma nominal é a projeção máxima ao qual o sintagma se encontra ligado. Segundo Abney, se um sintagma de Tempo estiver dominado pelo núcleo Complementizador, o objeto lingüístico construído pode ser uma sentença; se este sintagma for dominado por um núcleo Determinante, o objeto lingüístico é um Nome.

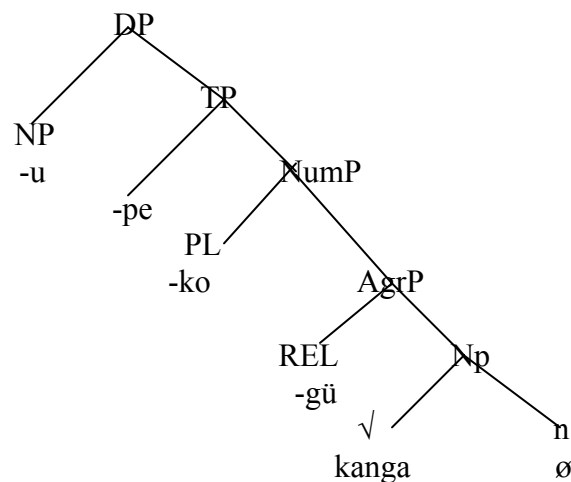
Abney propõe um núcleo Determinante onde é ancorado o conjunto dos especificadores encontrados no sintagma nominal.



Postulamos, que na estrutura sintática do Nome em Kuikuro podem ser adicionados núcleos funcionais, como Tempo (TP), Número (NumP), Aspecto (AspP), e Relacional (RelP ou AgrP), acima do nP, de modo a dar conta da rica morfologia flexional nominal.

- 707. angini-ko kangamuke-ko tsügütse t-ügünüN-ta-ti-nhü-i (tügünundatinhüi)**
algumas-PL crianças-PL somente ANA-doente-CONT-PTP-PATNR-COP
 “algumas crianças estão doentes”

Observamos a flexão de Número nos Nomes (**angini-ko kangamuke-ko**) e que o Nome derivado (nominalização de argumento interno) **t-ügünundatinhüi** mantém a estrutura de Aspecto Continuativo (-tagü > -ⁿdagü), do verbo derivado. Podemos ter a seguinte estrutura arbórea para os Sintagmas Nominais:



- 708. u-kanga-gü-ko-pe**
1-peixe-REL-PL-ex
 “meus peixes”

5.4 Síntese

No capítulo 4, vimos que em Kuikuro existe um claro paralelismo entre sintagmas nominais e sintagmas verbais. A estrutura de um nome ‘possuído’, flexionado, é a relação entre um núcleo (‘possuído’) e o seu argumento (‘possuidor’); a estrutura de um sintagma verbal é também a relação entre um núcleo (verbo flexionado) e um argumento (interno, Tema). A grande semelhança morfológica das flexões nominal e verbal é outro aspecto que sobressai, sobretudo dos Nomes derivados, que mantêm a categoria funcional Aspecto ativa. Assim, o Nome, em Kuikuro, apresenta projeções funcionais que se encontram também nas orações verbais. Postular camadas funcionais como: Tempo (TP), Número (NumP), Aspecto (AspP), e Relacional (RelP ou AgrP), acima do nP, é exigência da própria morfologia flexional nominal.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender o processo de geração de Nomes e Verbos em Kuikuro foi o principal objetivo desta Tese. No Capítulo 3 seção 3.1, discutimos a natureza e estrutura da Palavra Verbal, que em Kuikuro é o resultado de operações sintáticas e não uma categoria pré-sintática associada a itens lexicais, conforme a proposta da Morfologia Distribuída. A Palavra Verbal assume sua função quando realizada em configurações sintáticas, uma vez combinados dois primitivos sintáticos, Raízes e Categorizadores Verbais. Assim, um radical verbal consistiria de $\sqrt{R(N)}$ +morfema verbalizador, podendo o verbalizador ser fonologicamente nulo ou realizado explicitamente. Vimos que todo verbalizador fonologicamente explícito concatena-se com um Nome, podendo esse Nome concatena-se tanto a verbalizadores transitivos quanto a verbalizadores intransitivos. O jogo dos Nomes com diferentes verbalizadores tem conseqüências interessantes nos processos de Nominalização apresentados no capítulo 4. Como resultado da nossa pesquisa, identificamos dez morfemas verbalizadores em Kuikuro, sendo que quatro deles formam verbos intransitivos e seis formam verbos transitivos, cada um com seus traços formais, fonológicos e semânticos.

Na seção 3.2 do capítulo 3, confirmamos a existência das Classes Morfológicas, e apresentamos as novas descobertas empíricas que nos permitiram aprofundar, ampliar e, sobretudo, redesenhar o ‘jogo das Classes’. Nesta seção descrevemos a flexão de Aspecto e de Modo em Kuikuro e vimos como Classes Morfológicas explicitamente ordenadas organizam os processos de flexão aspectual (Aspectos Pontual, Continuativo e Perfeito) e de Modo (Modos Interativos ou Performativos, como Imperativo, Hortativo, Intencional).

Identificamos o condicionamento morfológico da alomorfia, uma vez esclarecido o papel dos condicionamentos fonológicos. Vimos como há uma distinção máxima de cinco Classes Morfológicas na flexão de Aspecto Pontual e como a diferenciação entre Classes para outros Aspectos e na flexão de Modo recorta subconjuntos possíveis das cinco Classes. Esse jogo é mais um indício de alomorfia condicionada pelo seu ambiente de inserção.

Ainda na seção 3.2 do capítulo 3, afirmamos que o traço de Classe Morfológica, é definido na derivação, ou seja, no momento em que o verbalizador se junta à uma Raiz. Essa assunção é confirmada quando observamos que determinados verbalizadores podem alternar as Classes sem mudar o seus traços. Em seguida, na seção 3.4, revisitamos o tema da mudança de valência. Identificamos mais um morfema transitivizador, a forma **le**, que ocorre com um conjunto muito específico de radicais verbais intransitivos, resultados de N(ome)+verbalizador **hege**. Os outros sufixos transitivizadores, **ne** e **ki**, ocorrem de acordo com suas exigências semânticas e em distribuição complementar. Sobre a detransitivização, apresentamos uma proposta de condicionamento fonológico, sugerida por Elsa Gómez-Imbert, para a surpreendente alomorfia do prefixo detransitivizador, que pode ser analisado como sendo formado por uma vogal, que carrega os traços de pessoa, e pela consoante **-t-**, que carrega o traço reflexivo.

Na seção 3.5, resgatamos a análise do Particípio (com a estrutura **tü-/ t- Verbo - i/-ti/-si/-acento**) - forma Aspectual identificada por Franchetto (1986) - descrevendo a sua morfologia e a sua organização nas Classes Morfológicas. Esta forma é marcada pela presença de uma Flexão Aspectual de Particípio Passado, sendo que a posição de argumento interno é preenchida por uma única forma prefixal, glosada por nós como

‘pessoa anafórica (ANA)’: **t(tü)-**. Para tratarmos do Particípio, adotamos a análise que Embick (2001) desenvolveu para as estruturas de participios resultativos em Inglês, as quais denotam, exatamente, um estado resultante de um evento anterior. O autor propõe um núcleo de Aspecto [$Asp_{R(esultativo)}$], com traços de ‘resultatividade’ e de ‘estatividade’, que se junta à um vP. A forma participial em Kuikuro apresentaria, então, um morfema PTP logo acima do vP, dando uma leitura resultativa ao evento verbal.

No capítulo 4 adentramos nos processos geradores de Nomes. Os Nomes em Kuikuro podem ser classificados nos seguintes grupos maiores: (i) nomes ‘primitivos’, ou seja, aqueles formados por uma raiz concatenada ao seu categorizador fonologicamente nulo e que nomeiam entidades do mundo; (ii) nomes derivados, que expressam processo/evento ou resultado, formados a partir de um radical verbal ao qual se acrescentam sufixos nominalizadores (ou deverbalizadores); (iii) nomes derivados, que nomeiam entidades, formados a partir de radical nominal, de sintagma posposicional, de advérbios.

Os Nomes primitivos recebem flexão nominal, tradicionalmente chamada de sufixação de marcas de posse ou de relação ou dependência; para esta Flexão temos um conjunto de formas alomórficas que competem para a inserção em um único morfema abstrato que carrega o traço de ‘Posse’ ou ‘Relação’ [REL]. Esses sufixos são distribuídos em Classes Morfológicas Flexionais nominais, não sendo possível definir condicionamentos semânticos ou fonológicos, exatamente como acontece com as Classes Flexionais Morfológicas verbais.

Os Nomes derivados ou recategorizados são resultados de nominalizações a partir da junção de um morfema funcional **n** a um radical verbal. Diferentemente dos nomes

primitivos, são formados a partir de um verbo pelo processo de sufixação de categorizador com fonologia explícita. Identificamos, até o momento, cinco morfemas nominalizadores que selecionam radicais nominais ou radicais verbais, produzindo nomes derivados com diferentes significados: **-ne** forma nomes de “Evento”; **-nhü** forma Nominalização de Argumento Interno (S/O); **-tinhi**, **-nhi** e **-ni** formam Nominalização de Argumento Externo (A); o Nominalizador Instrumental/Locativo **-toho** seleciona radicais verbais ou radicais nominais; o nominalizador **-ngo** seleciona Posposições e Advérbios para formar Nomes. Os nomes derivados se comportam sintaticamente como nomes primitivos, ocorrendo nos mesmos contextos morfossintáticos, podendo ocupar a função de argumento de qualquer núcleo.

A descrição de Morfologia de Tempo nos levou a concluir que os próprios dados kuikuro nos levam a propor uma estrutura nominal, onde acima do sintagma nominal podem ser adicionados núcleos funcionais, como Tempo (TP), Número (NumP), Aspecto (AspP), e Relacional (RelP ou AgrP), de modo a dar conta da rica morfologia flexional nominal.

Ainda temos muito a fazer e a dizer sobre a morfologia kuikuro. Uma futura gramática, completa, exaustiva, dessa língua, com suas variantes dialetais, e um dicionário, do qual mostramos apenas umas entradas a título de ilustração, poderão coroar a parceria, ensaiada nesta Tese, entre pesquisadores, seniores e juniores, Índios e Brancos.

7 BIBLIOGRAFIA

BRUNO, A. Carla. **Waimiri Atroari Grammar: Some Phonological, Morphological, and Syntactic Aspects**. PhD Thesis: The University of Arizona, 2003.

ABBOTT, M. Macushi. D.C. Derbyshire & G.K. Pullum (eds). **Handbook of Amazonian Languages**, vol 3. New York: Mouton de Gruyter 1993.

ALEXIADOU, Artemis. **Functional Structure in Nominals. Nominalization and Ergativity**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

ANDERSON, Stephen R. **Typological distinctions in word formation**. Tymothy Shoop (org.), Language typology and syntactic description, Volume III, Grammatical categories and lexicon. New York: Cambridge University Press, 1987 (02-56).

_____. **A-Morphous Morphology**. Cambridge: Cambridge University Press. 1992.

_____. **Morphology by itself**. Ms., SUNY, Stony Brook. 1992.

ARONOFF, M. **Word Formation in Generative Grammar**. MIT Press, Cambridge. 1976.

_____. **Morphology by Itself: Stems and Inflectional Classes**. MIT Press, Cambridge. 1994.

ARAD, Maia. **On “Little v”**. in **Papers on Morphology and Syntax**. Cycle One. edited by Karlos Arregi, Benjamin Bruening, Cornelia Krause, and Vivian Lin. Cambridge, MITWPL 1999.

BASSO, E. B. **A Musical View of the Universe**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1985.

- _____. **In Favour of Deceit**. Tucson: The University of Arizona Press, 1987.
- _____. **The Last Cannibal: A South American Oral History**. Austin: The University of Texas Press, 1995.
- BAKER, Mark C. **Lexical Categories: verbs, nouns, and adjectives**. University Press, Cambridge. 2003.
- BEARD, R. **Lexeme-morpheme base morphology**. Ms., Bucknell University. 1991.
- BENVENISTE, Émile. **Estrutura das relações de pessoa no verbo**. In Problemas de lingüística geral. São Paulo: Nacional, EDUSP, 1976. p. 247-259.
- CARLIN, Eithne B. **Patterns of language, patterns of thought: The Cariban Languages**. In: CARLIN, Eithne B. e (Org). **Atlas of the Languages of Suriname**. Netherlands: KITLV Press, p. 47-82, 2002.
- _____. **Sentence focus and theticity in Trio**. Paper presented at Colloque sur La Grammaire des Langue Caribes, CNRS (CELIA), IRD. Paris (França), 5-9 de dezembro de 2005.
- CAMPETELA, C. **Análise do sistema de marcação de caso nas orações independentes da língua Ikpeng**. Dissertação de Mestrado. Campinas. UNICAMP. 1997.
- CHOMSKY, N. **Remarks on Nominalization**. **Readings in Transformational Grammar**. by R. A. Jacobs & P. S. Rosenbaum, p. 184-221. Waltham, Mass.: Ginn 1970.
- CHOMSKY, Noam. **A Minimalist program for Linguistic Theory**. MIT Occasional Papers in Linguistics, 1, 1993.
- _____. **The Minimalist Program**. MIT Press, Cambridge, MA. 1995
- CRUZ, Maria Odileiz S. **Fonologia e Gramática Ingarikó Ka?pon – Brasil**. Orientador: Dr W.L.M. Weltzels. Vrije Universiteit Amsterdam. Doutorado. 463p, 2005.

DERBYSHIRE, D.C. **Comparative Survey of morphology and syntax in brazilian arawakan**. In Derbyshire, D.C. & G. Pullum (eds) *Handbook of Amazonian Languages*, vol. 1. New York; Mouton de Gruyter, p. 24-63, 1986.

DIXON, R. M. W. & Aikhenvald A. **Word. A cross-linguistic typology**. Cambridge: Cambridge University Press. 2002.

DUBINSKY, S. and Simango. **Passive and Stative in Chichewa: Evidence for Modular Distinctions in Grammar**. *language* 72.4: 749-781, 1996.

EMBICK, David. **Voice morphology and its interfaces with Syntax**. PhD Dissertation. University of Pennsylvania. 1997.

_____. **Primitives and Vocabulary Insertion**. In: CURSO DE MORFOLOGIA DO (EVELIN) – ESCOLA DE VERÃO DE LINGÜÍSTICA FORMAL DA AMÉRICA DO SUL, Campinas-SP. Texto2. 2004.

_____. **Features, syntax, and categories in the Latin perfect**. *Linguistics Inquiry* 31, 185-230. 2000.

_____. **Participial structures and participial assymetries**. Ms. MIT. 2000b

_____ & Halle, M. **On the status of stems in morphological theory**. University of Pennsylvania and MIT. Ms 2004.

FRANCHETTO, B. **Falar Kuikúro. Estudo etnolinguístico de um grupo karíbe do Alto Xingu**. Yonne de Freitas Leite. Rio de Janeiro: Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Museu Nacional, UFRJ, 1986.

_____. **Forma e significado na poética oral Kuikúro**. In: *Amerindia* 14, September. Laboratoire d'Ethnolinguistique, CNRS, Paris. 1989

_____. **Ergativity and Nominativity in Kuikúro and Other Carib Languages**. In: *Amazonian Linguistics. Studies in Lowland South American Languages*. D.Payne (org), University of Texas Press, Austin, p. 407-428. 1990.

_____. **A ergatividade kuikúro (karib): algumas propostas de análise**. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas. UNICAMP/IEL v 18, p. 57-78 1990a.

-
- . **A ergatividade nas línguas karib: uma hipótese explicativa.**
Anais do V Encontro Nacional da ANPOLL, Recife, 25-27 de julho, pp. 256-264 1990b.
-
- . **O aparecimento dos caraíbas: para uma história kuikúro e alto-xinguana.** In: História dos Índios no Brasil. Manuela C.da Cunha (org.). Companhia das Letras, FAPESP, SMC, São Paulo. p. 339-356. 1992.
-
- . **A celebração da história nos discursos cerimoniais kuikúro (Alto Xingu).** In: Amazônia Etnologia e História Indígena. Eduardo Viveiros de Castro e Manuela Carneiro da Cunha (orgs.). NHII/USP, FAPESP, São Paulo. p. 95-116. 1993.
-
- . **A Ergatividade Kuikúro (Karibe): Algumas Propostas de Análise.**
In: Cadernos de Estudos Linguísticos 18. IEL/UNICAMP. p. 57-78. Campinas, jan/jun 1990.
-
- . **Processos Fonológicos em Kuikúro: uma Visão Auto-Segmental.** In: Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras. Leo Wetzels (org). Editora UFRJ, Rio de Janeiro. p. 53-84. 1995.
-
- . **As línguas Ergativas e a Teoria da Gramática.** In: ATAS DO I CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA (ABRALIN), Salvador, ABRALIN-FINEP-UFBA . p. 220-226. 1996.
-
- & SANTOS, M. **Estruturas argumentais em Kuikuro (Karib do Alto Xingu).** Ana Suely A. C. Cabral & A. Rodrigues (orgs), Estudos sobre Línguas Indígenas I (GTLI Niterói). Belém: UFPA, p. 101-115, 2001.
-
- . **Línguas e História no Alto Xingu.** In Os Povos do Alto Xingu: História e Cultura. Bruna Franchetto e Michael Heckenberger orgs. Rio de Janeiro: Editora UFRJ 2001. p. 111-156.
-
- & SANTOS, M. **Construção de bases de dados lexicais: O Projeto Kuikuro e o Programa DOBES.** Ana Suely A. C. Cabral & A. Rodrigues (orgs), Línguas Indígenas Brasileiras Fonologia, Gramática e História. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL. Belém: Ed. Universitária, 2002. tomo III. p. 22-36.
-
- . **Kuikuro: uma língua ergativa no ramo meridional da família karib (Alto Xingu). Ergatividade na Amazônia I.** Centre d'études des langues indigènes d'Amérique (CNRS, IRD), Laboratório de Línguas Indígenas (Unb), 2002. p. 15-44.

-
- & SANTOS, Mara. **Natureza dos argumentos e mudança de valência a partir de uma classificação (semântica) dos 'verbos' Kuikuro.** Ergatividade na Amazônia II. Centre d'études des langues indigènes d'Amérique (CNRS, IRD), Laboratório de Línguas Indígenas (Unb), 2003. p. 101- 154.
-
- . **Coreferentiality in Kuikuro (Southern Carib, Brazil)'ergativité en Amazonie** - Ergatividade na Amazônia III. Centre d'études des langues indigènes d'Amérique (CNRS, IRD), Laboratório de Línguas Indígenas (Unb), 2004. p. 121-138.
-
- L'autre du même: parallélisme et grammaire dans l'art verbal des récits kuikuro (caribe du haut Xingu, Brésil.** AMERINDIA 28 (Langues caribes), 2003. p. 213-248.
-
- . **TAM and Verbal Inflection in Kuikuro (Alto Xingu, Brazil).** Paper presented at Colloque sur La Grammaire des Langue Caribes, CNRS (CELIA), IRD. Paris (França), 5-9 de dezembro de 2005.
-
- . **Are Kuikuro Roots Lexical Categories?** In: Ximena Lois and Valentina Vapnarski (eds), *Lexical Categories and Root Classes in Amerindian Languages*. Bern: Peter Lang. 2006. P. 33-68. 2006.
- GILDEA, Spike. **Simple and Relative Clauses in Panare.** A Thesis University of Oregon 1989.
-
- . **On Reconstructing Grammar. Comparative Cariban Morphosyntax.** Oxford: Oxford University Press 1998.
- GOLDSMITH, J. **The Handbook of Phonological Theory.** Blackwell, 1996.
- HALE, K. & J. KEYSER. **On Argument Structure And The Lexical Expression Of Syntactic Relations.** Em K. Hale And J. Keyser (Eds.), *The View From Building 20: Essays In Linguistics In Honor Of Sylvain Bromberger*. The MIT Press, Cambridge 1993.
-
- . **On The Syntactic Projection Of Predicate Argument Structure.** Ms. Department Of Linguistics, MIT, Cambridge 1998.
-
- . **Conflation.** Ms. Department Of Linguistics, MIT, Cambridge 1999.

HALLE, M. & A. MARANTZ. **Distributed morphology and the pieces of inflection.** The View from Building 20, edited by K. Hale & S. J. Keyser, p. 111-176. Cambridge, Mass.: MIT Press. 1993.

. **Dsitributed Morphology.** Glot International. v. 4, Issue 4, 1999.

HARLEY, Heidi AND ROLF Noyer. **Licensing in the Non-Lexicalist Lexicon: Nominalizations, Vocabulary Items and the Encyclopedia.** Papers from the UPenn/MIT Roundtable on Argument Structure and Aspect. MIT Working Papers in Linguistics v. 32. pg.119-138, ed by Heidi Harley. MITWPL 1998.

HARRIS, James 1999. **Nasal Depalatalization no, Morphological Well-Formedness sí: the Structure of Spanish Word.** MIT Working Papers in Linguistics 33, 47-32

HECKENBERGER, Michael. **War and Peace in the Shadow of Empire. Sociopolitical Change in the Upper Xingu of Southeastern Amazonia, A.D. 1400-2000.** Ann Arbor, 1996. Tese de Doutorado (Ph.D.), University of Pittsburgh.

Estrutura, história e transformação: a cultura xinguana na *longue durée*, 1000-2000 d. C. In Os Povos do Alto Xingu: História e Cultura. Bruna Franchetto e Michael Heckenberger orgs. Rio de Janeiro: Editora UFRJ 2001. p. 21-62.

JENSEN, J. **Morphology: Word structure in generative grammar.** Amsterdam: John Benjamins. 1990.

KOEHN, E. & S. Koehn . **Apalaí.** D.C. Derbyshire & G.K. Pullum (eds), Handbook of Amazonian Languages, vol 1. New York: Mouton 1986.

LEMLE, Miriam. **Sufixos em verbos: onde estão e o que fazem.** Texto impresso, Dep. de Lingüística, UFRJ. Rio de Janeiro 2002.

LIEBER, R. **Deconstructing morphology.** Chicago: University of Chicago Press. 1992.

MAIA, Marcus, BRUNA Franchetto, YONNE De Freitas Leite, MARÍLIA Facó Soares & MÁRCIA Damaso Vieira. **“Comparação de Aspectos da Gramática em Línguas Indígenas Brasileiras”**. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v.. 14 n.2, p. 349-376, 1998.

MARANTZ, A. **On the Nature of Grammatical Relations**. MA: MIT Press. 1984.

_____. **No scape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon**, in A.Dimitriadis, L. Siegel et al., eds. University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics, vol. 1.2, Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium, pp. 201-225. 1997.

_____. **Morphology as Syntax: Paradigms and the Ineffable, the Incomprehensible and the Unconstructable**, handout. 1999.

_____. **“Cat” as Phrasal Idiom: Consequences of late insertion in Distributed Morphology**. Ms MIT. Draft December 1996.

_____. **Words**. Ms. MIT 2001.

_____. **Objects Out of the Lexicon: Objects as Events**. Ms MIT. 2005

MARVIN, Tatjana. **Topics in the Stress and Syntax of Words**. PhD Thesis. MIT. 2002.

MEIRA, S. **A Grammar of Tiriyo**. Orientador: Dr. Spike Gildea. PhD Thesis, Houston: Rice University 1999. 816p.

_____. **Word class systems in Cariban Languages**.ms.2002.

_____ & Franchetto, Bruna. **The Southern Cariban Languages and the Cariban Family**. *International Journal of American Linguistics*, vol 71, n. 2. Chicago: Chicago University Press. 2005. pp. 127-190. 2005.

MIGUEL, E. de & Marina Fernández L. **El Operador Aspectual Se**. Revista Espanhola de Lingüística v. 30. pg. 13-43. 1998.

PACHECO, Frantomé Bezerra. **Aspectos da Gramática Ikpeng (Karib)**. Orientador: Dr^a Lucy Seki. Campinas: Universidade Estadual de Campinas/Curso Mestrado em Lingüística. 1997. 146p.

_____, Frantomé Bezerra. **Morfossintaxe do verbo Ikpeng (Karib)**. Orientador: Dr^a Lucy Seki. Campinas: Universidade Estadual de Campinas/Curso Doutorado em Lingüística. 2001. 270p.

REINHART, T. **Apresentação no Colóquio do Departamento de Linguística do MIT**. 1996 Ms.

RICARDO, Beto & Fany Ricardo. **Povos Indígenas no Brasil: 2000-2005**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006.

SANTOS, G.M.F. dos. **Morfologia Kuikuro: as categorias ‘nome’ e ‘verbo’ e os processos de transitivização e intransitivização**. Orientador: Dr^a Bruna Franchetto. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Curso Mestrado em Lingüística. 2002.

_____. **Raízes homófonas em Kuikuro** - XVII Congresso da ABRALIN – Brasília, 17-19 de fevereiro de 2005.

_____. **The Inflectional Morphological Classes in the Kuikuro Language (Alto Xingu, Brazil)**. Paper presented at Colloque sur La Grammaire des Langue Caribes, CNRS (CELIA), IRD. Paris (França), 5-9 de dezembro de 2005.

SPENCER AND ZWICKY. **The Handbook of Morphology**. by Andrew Spencer and Arnold M. Zwicky. Massachusetts: Blackwell Publishers,. 2001.

STEINEN, K.von den. **O rio Xingu**. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1888. n. 4, p. 189-212.

STEINEN, K.von den. **Entre os aborígenes do Brasil Central**. Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, 1940 (Separata).

VIEIRA, M. Damaso. **A Natureza Transitiva das Sentenças Possessivas em Mbyá-Guarani** . Des noes et des verbes en tupi-guarani: état de la question. F. Queixalós (resp.) p. 67-86. LINCOM EUROPA, 2001.

WASOW, T. **Transformations and the Lexicon**. In P. Culicover, T. Wasow, and A. 1977.